



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIANA STEINER GUSMÃO

**AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA:
UM ESTUDO TIPOLÓGICO**

Londrina
2022

MARIANA STEINER GUSMÃO

**AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA:
UM ESTUDO TIPOLOGICO**

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Gusmão, Mariana Steiner .

As galerias comerciais de Curitiba: um estudo tipológico / Mariana Steiner Gusmão. - Londrina, 2022.
210 f. : il.

Orientador: Juliana Harumi Suzuki.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Tecnologia e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Curitiba-Arquitetura - Tese. 2. Tipologia - Tese. 3. Análise Gráfica - Tese. I. Suzuki, Juliana Harumi. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Tecnologia e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU 711/72

MARIANA STEINER GUSMÃO

**AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA:
UM ESTUDO TIPOLOGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof. Dra. Juliana Harumi Suzuki
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rovenir Bertola Duarte
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Márcio Cotrim Cunha
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Londrina, 28 de junho de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Juliana, por ter aceitado sair da sua zona de conforto para que essa pesquisa tivesse mais o meu perfil.

Ao meu namorado e sócio André, por todo amor e companheirismo.

Aos meus pais Beatriz e Bráulio, e à minha irmã Gabi, pelo carinho e apoio de sempre.

Sou grata aos professores e aos colegas do PPU UEL/UEM, que me acompanharam nessa trajetória acadêmica atípica em tempos de pandemia.

A todos aqueles que me auxiliaram no acesso a materiais importantes para esta pesquisa.

Às minhas amigas Leticia, Gabriela e Thallita, por tudo que compartilhamos a respeito da experiência de fazer mestrado.

RESUMO

GUSMÃO, Mariana Steiner. **As galerias comerciais de Curitiba**: um estudo tipológico. 2022. 209 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia e Urbanismo, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

Este trabalho abordou o conjunto de 25 galerias comerciais da área central de Curitiba com o objetivo principal de oferecer subsídios de referencial projetual. As galerias adotam um duplo papel na morfologia urbana: numa relação dialética, o artefato edificado e a cidade são condicionados e determinados um pelo outro. Portanto, a estratégia utilizada nesta pesquisa é a de analisar a manifestação do tipo galeria comercial na capital paranaense através de duas escalas de leitura complementares. A dimensão arquitetônica-formal foi elaborada a partir de uma análise gráfica e sistêmica de precedentes. Já a dimensão urbano-histórica serve como embasamento e contraponto para a primeira leitura, a partir da investigação das condições de existência do tipo na cidade. Logo, esta pesquisa trabalha com a ideia de “série tipológica” em que a ordem temporal é importante, pois através de análises comparativas de casos concretos e particulares observa-se como o tipo foi sendo articulado ao longo do tempo em Curitiba. Como resultado, formou-se um catálogo de soluções previamente experimentadas. E ainda, concluiu-se que tipo se adaptou às condições urbanas e/ou projetuais particulares de cada galeria. Por fim, observou-se pontos de inflexão de aumento de complexidade das soluções, num processo de transformação que acompanhou o crescimento e desenvolvimento da cidade, a alteração do imaginário urbano, as mudanças das interações socioespaciais, e as diferentes atuações dos agentes produtores do espaço.

Palavras-chave: Galeria Comercial; Curitiba- Arquitetura; Tipologia; Análise Gráfica.

ABSTRACT

GUSMÃO, Mariana Steiner. **Curitiba's arcades**: a typological study. 2022. 209 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia e Urbanismo, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

The main goal of this dissertation is to offer precedent design ideas by analyzing the set of 25 arcades in Curitiba's central area. The arcades play a double role in the urban morphology: through a dialectical relationship, the built artifact and the city are conditioned and determined by each other. Therefore, the strategy used in this research is to examine the arcade type's manifestation at the capital of Paraná through two complementary inquiry scales. On the one hand, the architectural-formal dimension was elaborated based on a graphic and systemic analysis of precedents. On the other hand, the urban-historical dimension serves as basis and counterpoint for the previous scale, by investigating the type's conditions of existence in the city. Thereby, this research works with the idea of a "typological series" in which the temporal order is important, because through comparative analyses of concrete and particular cases it was observed changes in the type's articulation throughout time Curitiba. As a result, a catalog of previously experienced solutions was developed. Furthermore, it was concluded that the type was adapted to urban and/or design particularities of each arcade. Inflection points of increasing complexity could be found in the solutions, a transformation process that followed the city growth and development, the urban imaginary shift, the social-spatial interactions changes, and the space-producing agents' different approaches.

Key-words: Arcades; Curitiba- Architecture; Typology; Graphic Analysis.

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1- Representações das relações recíprocas entre os três mundos	18
Desenho 2- Representação esquemática da obrigação de ocupação mínima de lojas no interior das galerias.	100
Desenho 3- Representação esquemática das dimensões mínimas das passagens determinadas pela legislação local.....	101
Desenho 4- Representação esquemática das dimensões mínimas estabelecidas por Alexander et al. (1977).....	102
Desenho 5- Análise individual: Galeria Lustoza	105
Desenho 6- Análise individual: Edifício Asa	107
Desenho 7 Análise individual: Galeria Andrade	109
Desenho 8- Análise individual: Edifício Villanova	111
Desenho 9- Análise individual: Galeria Minerva	113
Desenho 10- Análise individual: Galeria Tobias de Macedo	115
Desenho 11- Análise individual: Edifício Vila Rica	117
Desenho 12- Análise individual: Edifício Tijucas	119
Desenho 13- Análise individual: Galeria Ritz.....	121
Desenho 14- Análise individual: Galeria Mário Romani	123
Desenho 15- Análise individual: Galeria Júlio Moreira	125
Desenho 16- Análise individual: Executive Center Everest.....	127
Desenho 17- Análise individual: Galeria Suíssa.....	129
Desenho 18- Análise individual: Edifício Júlio Manfredini Júnior.....	131
Desenho 19- Análise individual: Omar Square.....	133
Desenho 20- Análise individual: Galeria General Osório	135
Desenho 21- Análise individual: Rua 24 Horas	137
Desenho 22- Análise individual: Shopping Metropolitan	139
Desenho 23- Análise individual: Gallery Executive Center.....	141
Desenho 24- Análise individual: Galeria Pinheiro Lima	143
Desenho 25- Análise individual: Arcadas de São Francisco	145
Desenho 26- Análise individual: Galeria Glaser	147
Desenho 27- Análise individual: Galeria Central Park.....	149
Desenho 28- Análise individual: Galeria Guimarães & Cia	151
Desenho 29- Análise individual: Travessa David Olympio Carneiro.....	153

Desenho 30- Implantação: linha do tempo	156
Desenho 31- Inserção: linha do tempo.....	160
Desenho 32- Circulação: linha do tempo	164
Desenho 33- Programa: linha do tempo.....	168
Desenho 34- Geometria: linha do tempo.....	174
Desenho 35- Dimensão: linha do tempo	177
Desenho 36- Síntese da análise arquitetônica-formal: destaque para os pontos de inflexões.....	182

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Condição de conforto ambiental ao longo do ano nas capitais brasileiras retratadas por esta pesquisa.....	34
Figura 2- Vista aérea do conjunto de edificações estudado e seu entorno urbano ...	38
Figura 3- Vista aérea: Galeria Lustoza	45
Figura 4- Vista aérea: Edifício Asa	46
Figura 5- Vista aérea: Galeria Andrade.....	51
Figura 6- Vista aérea: Edifício Villanova.....	52
Figura 7- Vista aérea: Galeria Minerva.....	53
Figura 8- Vista aérea: Galeria Tobias de Macedo.....	54
Figura 9- Vista aérea: Edifício Vila Rica	59
Figura 10- Vista aérea: Edifício Tijucas.....	60
Figura 11- Vista aérea: Galeria Ritz	61
Figura 12- Vista aérea: Galeria Mário Romani	62
Figura 13- Vista aérea: Galeria Júlio Moreira	63
Figura 14- Vista aérea: Executive Center Everest.....	64
Figura 15- Vista aérea: Galeria Suíssa	69
Figura 16- Vista aérea: Edifício Júlio Manfredini Júnior	70
Figura 17- Vista aérea: Omar Square	71
Figura 18- Vista aérea: Galeria General Osório	72
Figura 19- Vista aérea: Rua 24 Horas.....	77
Figura 20- Vista aérea: Shopping Metropolitan	78
Figura 21- Vista aérea: Gallery Executive Center	79
Figura 22- Vista aérea: Galeria Pinheiro Lima.....	80
Figura 23- Vista aérea: Arcadas de São Francisco	81
Figura 24- Vista aérea: Galeria Glaser.....	84
Figura 25- Vista aérea: Galeria Central Park.....	85
Figura 26- Vista aérea: Galeria Guimarães & Cia	89
Figura 27- Vista aérea: Galeria Guimarães & Cia	90
Figura 28- Vista aérea: Travessa David Olympio Carneiro	91
Figura 29- Vista aérea: Travessa David Olympio Carneiro	92
Figura 30- Compilação de fotografias: Galeria Lustoza	104
Figura 31- Compilação de fotografias: Edifício Asa.....	106

Figura 32- Compilação de fotografias: Galeria Andrade	108
Figura 33- Compilação de fotografias: Edifício Villanova	110
Figura 34- Compilação de fotografias: Galeria Minerva	112
Figura 35- Compilação de fotografias: Galeria Tobias de Macedo.....	114
Figura 36- Compilação de fotografias: Edifício Vila Rica.....	116
Figura 37- Compilação de fotografias: Edifício Tijuca	118
Figura 38-Compilação de fotografias: Galeria Ritz.....	120
Figura 39- Compilação de fotografias: Galeria Mário Romani.....	122
Figura 40- Compilação de fotografias: Galeria Júlio Moreira	124
Figura 41- Compilação de fotografias: Executive Center Everest	126
Figura 42- Compilação de fotografias: Galeria Suíça.....	128
Figura 43- Compilação de fotografias: Edifício Júlio Manfredini Júnior	130
Figura 44- Compilação de fotografias: Omar Square	132
Figura 45- Compilação de fotografias: Galeria General Osório.....	134
Figura 46- Compilação de fotografias: Rua 24 Horas	136
Figura 47- - Compilação de fotografias: Shopping Metropolitan.....	138
Figura 48- Compilação de fotografias: Gallery Executive Center	140
Figura 49- Compilação de fotografias: Galeria Pinheiro Lima	142
Figura 50- Compilação de fotografias: Arcadas de São Francisco.....	144
Figura 51- Compilação de fotografias: Galeria Glaser	146
Figura 52- Compilação de fotografias: Galeria Central Park.....	148
Figura 53- Compilação de fotografias: Galeria Guimarães & Cia.....	150
Figura 54- Compilação de fotografias: Travessa David Olympio Carneiro.....	152
Figura 55- Calendário 2020: medidas sanitárias de combate à pandemia da COVID- 19 relacionadas às galerias comerciais.....	207
Figura 56- Calendário 2021: medidas sanitárias de combate à pandemia da COVID- 19 relacionadas às galerias comerciais.....	208

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Taxa de urbanização brasileira: porcentagem da população da área urbana em relação à população total.	30
Gráfico 2- Crescimento populacional ao longo das décadas das capitais brasileiras retratadas por esta pesquisa.	32
Gráfico 3- Cronologia por ano de inauguração de cada galeria	37
Gráfico 4- As conexões entre os espaços públicos e as galerias curitibanas. A legenda de cores é a mesma do mapa anterior.	94
Gráfico 5- Conexões entre os espaços públicos através das galerias comerciais	95
Gráfico 6- Linha do tempo: síntese leitura urbana-histórica	96
Gráfico 7- Implantação: matriz de variabilidade	155
Gráfico 8- Implantação: matriz de frequência.....	155
Gráfico 9- Implantação: linha do tempo.....	156
Gráfico 10- Inserção: matriz de variabilidade	159
Gráfico 11- Inserção: matriz de frequência	159
Gráfico 12- Inserção: linha do tempo	160
Gráfico 13- Circulação: matriz de variabilidade	163
Gráfico 14- Circulação: matriz de frequência	163
Gráfico 15- Circulação: linha do tempo	164
Gráfico 16- Programa: matrizes de variabilidade	167
Gráfico 17- Programa: matrizes de frequência.....	167
Gráfico 18- Programa: linha do tempo	168
Gráfico 19- Interface: linha do tempo	170
Gráfico 20- Geometria: matriz de variabilidade	173
Gráfico 21- Geometria: matriz de frequência.....	173
Gráfico 22- Geometria: linha do tempo	174
Gráfico 23- Dimensão: linha do tempo	177

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização de Curitiba em relação ao Paraná, e do estado em relação ao Brasil	19
Mapa 2- Recorte de pesquisa: localização na cidade, zoneamento e bairros	35
Mapa 3- As 25 galerias comerciais de Curitiba retratadas por esta dissertação	37
Mapa 4- Intervenções urbanas e construção de galeria: 1921 a 1940	39
Mapa 5- Intervenções urbanas: 1941-1950	41
Mapa 6- Legislação: 1941-1950	42
Mapa 7- Intervenções urbanas: 1951-1960	43
Mapa 8- Galerias comerciais: 1951-1960	44
Mapa 9- Legislação: 1951-1960	47
Mapa 10- Intervenções urbanas: 1961-1970	48
Mapa 11- Legislação: 1961-1970	49
Mapa 12- Galerias comerciais: 1961-1970	50
Mapa 13- Intervenções urbanas: 1971-1980	56
Mapa 14- Legislação: 1971-1980	56
Mapa 15- Galerias comerciais: 1971-1980	58
Mapa 16- Intervenções urbanas: 1981-1990	66
Mapa 17- Legislação: 1981-1990	67
Mapa 18- Galerias comerciais: 1981-1990	68
Mapa 19- Intervenções urbanas: 1991-2000	73
Mapa 20- Legislação: 1991-2000	75
Mapa 21- Galerias comerciais: 1991-2000	76
Mapa 22- Intervenções urbanas: 2001-2010	82
Mapa 23- Galerias comerciais: 2001-2010	83
Mapa 24- Intervenções urbanas: 2011-2022	86
Mapa 25- Legislação: 2011-2022	87
Mapa 26- Galerias comerciais: 2011-2022	88
Mapa 27- Galerias comerciais como parte do sistema viário	93
Mapa 28- Morfologia urbana do recorte de pesquisa, em destaque para as galerias comerciais	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Ficha técnica: Galeria Lustoza	45
Quadro 2- Ficha técnica: Edifício Asa	46
Quadro 3- Ficha técnica: Galeria Andrade	50
Quadro 4- Ficha técnica: Edifício Villanova	52
Quadro 5- Ficha técnica: Galeria Minerva	53
Quadro 6- Ficha técnica: Galeria Tobias de Macedo	54
Quadro 7- Ficha técnica: Edifício Vila Rica	59
Quadro 8- Ficha técnica: Edifício Tijucas	60
Quadro 9- Ficha técnica: Galeria Ritz	61
Quadro 10- Ficha técnica: Galeria Mário Romani	62
Quadro 11- Ficha técnica: Galeria Júlio Moreira	63
Quadro 12- Ficha técnica: Executive Center Everest.....	64
Quadro 13- Ficha técnica: Galeria Suíssa.....	69
Quadro 14- Ficha técnica: Edifício Júlio Manfredini Júnior.....	70
Quadro 15- Ficha técnica: Omar Square.....	71
Quadro 16- Ficha técnica: Galeria General Osório	72
Quadro 17- Ficha técnica: Rua 24 Horas	77
Quadro 18- Ficha técnica: Shopping Metropolitan	78
Quadro 19- Ficha técnica: Gallery Executive Center.....	79
Quadro 20- Ficha técnica: Galeria Pinheiro Lima.....	80
Quadro 21- Ficha técnica: Arcadas de São Francisco	81
Quadro 22- Ficha técnica: Galeria Glaser	84
Quadro 23- Ficha técnica: Galeria Central Park.....	85
Quadro 24- Ficha técnica: Galeria Guimarães & Cia	89
Quadro 25- Ficha técnica: Travessa David Olympio Carneiro.....	91
Quadro 10- Síntese: Galeria Lustoza	105
Quadro 11- Síntese: Edifício Asa	107
Quadro 12- Síntese: Galeria Andrade	109
Quadro 13- Síntese: Edifício Villanova.....	111
Quadro 14- Síntese: Galeria Minerva	113
Quadro 15- Síntese: Galeria Tobias de Macedo	115
Quadro 16- Síntese: Edifício Vila Rica	117

Quadro 17- Síntese: Edifício Tijuca	119
Quadro 18- Síntese: Galeria Ritz	121
Quadro 19- Síntese: Galeria Mário Romani	123
Quadro 20- Síntese: Júlio Moreira	125
Quadro 21- Síntese: Executive Center Everest	127
Quadro 22- Síntese: Galeria Suíça	129
Quadro 23- Síntese: : Edifício Júlio Manfredini Júnior	131
Quadro 24- Síntese: Omar Square	133
Quadro 25- Síntese- Galeria General Osório	135
Quadro 26- Síntese: Rua 24 Horas	137
Quadro 27- Síntese: Shopping Metropolitan	139
Quadro 28- Síntese: Gallery Executive Center	141
Quadro 29- Síntese: Galeria Pinheiro Lima	143
Quadro 30- Síntese: Arcadas de São Francisco	145
Quadro 31- Síntese: Galeria Glaser	147
Quadro 32- Síntese: Galeria Central Park	149
Quadro 33- Síntese: Galeria Guimarães & Cia	151
Quadro 34- Síntese: Travessa David Olympio Carneiro	153

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	FORMULAÇÃO DA PESQUISA	18
1.2	APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS	21
1.3	PERCURSO DA DISSERTAÇÃO	25
2	A DIMENSÃO URBANO-HISTÓRICA	27
2.1	DE PARIS PARA CURITIBA	27
2.2	A CURITIBA DAS GALERIAS COMERCIAIS	35
3	A DIMENSÃO ARQUITETÔNICA-FORMAL	97
3.1	O INSTRUMENTO DE ANÁLISE.....	97
3.1.1	Implantação	98
3.1.2	Inserção	98
3.1.3	Circulação	99
3.1.4	Programa	99
3.1.5	Interface	100
3.1.6	Geometria	100
3.1.7	Dimensão	101
3.2	AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA: ANÁLISES INDIVIDUAIS	103
3.2.1	Galeria Lustoza	104
3.2.2	Edifício Asa	106
3.2.3	Galeria Andrade	108
3.2.4	Edifício Villanova.....	110
3.2.5	Galeria Minerva.....	112
3.2.6	Galeria Tobias de Macedo	114
3.2.7	Edifício Vila Rica	116
3.2.8	Edifício Tijucas.....	118
3.2.9	Galeria Ritz	120
3.2.10	Galeria Mário Romani	122
3.2.11	Galeria Júlio Moreira	124
3.2.12	Executive Center Everest.....	126

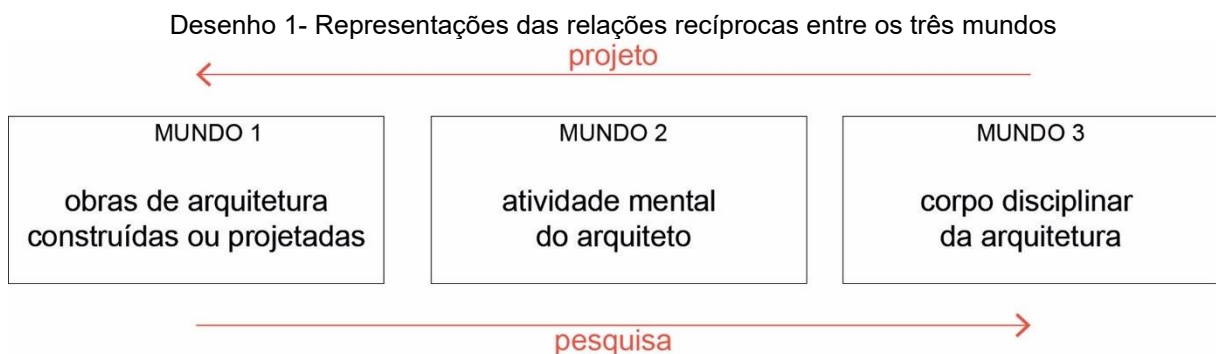
3.2.13	Galeria Suíssa	128
3.2.14	Edifício Júlio Manfredini Júnior	130
3.2.15	Omar Square	132
3.2.16	Galeria General Osório	134
3.2.17	Rua 24 Horas	136
3.2.18	Shopping Metropolitan	138
3.2.19	Gallery Executive Center	140
3.2.20	Galeria Pinheiro Lima.....	142
3.2.21	Arcadas de São Francisco	144
3.2.22	Galeria Glaser	146
3.2.23	Galeria Central Park.....	148
3.2.24	Galeria Guimarães & Cia	150
3.2.25	Travessa David Olympio Carneiro	152
3.3	AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA: ANÁLISES COMPARATIVAS	154
3.3.1	Implantação	154
3.3.2	Inserção	158
3.3.3	Circulação	161
3.3.4	Programa	165
3.3.5	Interface	169
3.3.6	Geometria	171
3.3.7	Dimensão.....	175
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	184
	APÊNDICE - AS GALERIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19	205

1 INTRODUÇÃO

1.1 FORMULAÇÃO DA PESQUISA

A melhor maneira encontrada para iniciar esta dissertação foi de adotar apenas neste trecho inicial um tom mais pessoal, pois a concepção desta pesquisa é concomitante e resultado de um momento de reflexão acerca dos rumos da minha vida profissional. Ao menos por enquanto, entendo que a minha realização depende do constante perambular entre dois universos: o acadêmico e o da prática projetual. Estar nesse interstício inconscientemente conduziu tanto a definição do método quanto do objeto desta pesquisa.

Para Martí Aris (1993), as obras e os projetos são tanto objetos de estudo quanto finalidades operativas dos arquitetos. Há um processo contínuo de realimentação e conexão entre as atividades de analisar e de projetar, já que elas caminham em sentidos opostos entre os três mundos da epistemologia de Karl R. Popper. O primeiro mundo é constituído pelas obras construídas ou projetadas, produtos concretos e singulares da atividade arquitetônica. A segunda instância é formada pela atividade mental individual e subjetiva de cada arquiteto. Por fim, o terceiro mundo é composto pelo campo disciplinar da arquitetura: conceitos, problemas, desenvolvimentos lógicos, teorias e proposições. A análise projetual percorre os mundos no sentido crescente de 1 a 3. Já o processo de projeto transita pelo caminho inverso (MARTÍ ARIS; 1993) (Desenho 1).

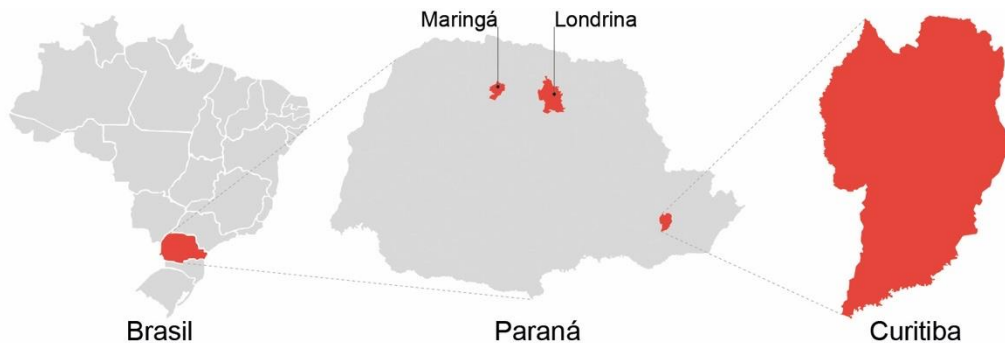


Fonte: Adaptado de Martí Aris (1993)

Para Lawson (2015, p. 266) “projetar é um processo altamente pessoal e multidimensional”. Portanto, mesmo transitando no sentido oposto, aqui o ato de pesquisar projeto também assumiu tais características.

Apesar desta dissertação ser apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo do Programa Associado de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual de Maringá, esta pesquisa aborda a capital do estado do Paraná, Curitiba. Não sou curitibana de nascença, porém Curitiba é onde morei a maior parte da minha vida (Mapa 1).

Mapa 1- Localização de Curitiba em relação ao Paraná, e do estado em relação ao Brasil



Fonte: Autora (2022)

O Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná que abriga o curso de Arquitetura e Urbanismo onde eu cursei a minha graduação fica afastado da área central de Curitiba. Assim, a minha intensa vivência do centro da cidade a partir da perspectiva da arquitetura e do urbanismo só aconteceu depois de formada, quando em 2018 estabeleci meu escritório no Edifício Asa ao lado da Praça Osório. Desde então comecei a perceber o quanto eram interessantes as galerias comerciais do centro: esses espaços de passagens cobertos, de uso público em propriedade, que são edifícios e cidade ao mesmo tempo, e bastante convenientes para os pedestres que querem cortar caminho e fugir da chuva e/ou do frio de Curitiba. Portanto, as obras arquitetônicas analisadas nesta dissertação são as galerias comerciais da área central da capital paranaense.

As galerias comerciais existem em diversos países nas mais variadas formas e dimensões, conforme as condicionantes locais. Elas se integram ao espaço público da rua, estabelecem uma dicotomia entre espaços externos públicos e internos privados e criam uma nova e ativa rede de circulação urbana (HERTZBERGER, 2006). Elas surgiram em Paris no final do século XVIII como consequência de um contexto político e socioeconômico favorável, da estrutura do tecido urbano parisiense e da evolução das tecnologias construtivas (VARGAS, 2018).

No Brasil, o contexto socioeconômico favorável para o aparecimento das galerias comerciais foi bastante posterior à experiência europeia (VARGAS, 2018). As primeiras galerias surgiram na década de 1930 em São Paulo, na região do Centro Novo (CASTRO; POSSE, 2017). Porém, diferentemente das galerias parisienses, as paulistanas não eram tão suntuosas, por se encontrarem na maioria das vezes nos térreos de edifícios multifuncionais de vários pavimentos (COSTA, 2016). A partir de São Paulo, as galerias comerciais começaram a se disseminar nas áreas centrais de grandes cidades brasileiras (CASTRO; POSSE, 2017).

Em Curitiba, o princípio da construção das galerias comerciais no centro da cidade foi consequência do processo de investimento em infraestrutura urbana a partir de 1920 e da verticalização na década de 1930. O primeiro edifício com galeria foi construído em 1940. Essa solução arquitetônica parece ter sido redescoberta nos anos de 1950, quando as galerias começaram a proliferar pela área central da cidade. (CASTRO; POSSE, 2017).

Hertzberger (2006) defende o estudo de galerias comerciais como um rico referencial arquitetônico, pois elas nos revelam a acessibilidade gradual e a divisão suave entre a esfera pública e a privada, demonstrando assim como os espaços arquitetônicos e urbanos podem ser mais democráticos. Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é oferecer subsídios de referencial projetual. Numa escala local, a pesquisa sobre as galerias comerciais é relevante em razão do incentivo vigente para a construção dessas na área central da capital paranaense, decorrente do Decreto Nº 15824/2021.

Entendendo que o caso de Curitiba não é isolado dentro do nosso país, tem-se como objetivo secundário contribuir para uma leitura nacional sobre a manifestação das galerias comerciais no Brasil. Agregando-se aos estudos já realizados em outras cidades brasileiras: em São Paulo por Vargas (1998; 2018), Aleixo (2005) e Costa (2016); no Rio de Janeiro por Horta e Kós (2013); em Juiz de Fora por Carvalho (2006), Braida (2011) e Dias (2017); em Florianópolis por Texeira et al. (2015); em Porto Alegre por Cabral (2000); e em Pelotas por Perez (2009).

As questões que nortearam esta pesquisa são as seguintes:

- a) Quais são as variações da manifestação do tipo galeria comercial em Curitiba?
- b) Quais são as forças, os princípios condutores que moldaram tais variações?

- c) A espacialidade das galerias curitibanas se modificou ao longo do tempo?
- d) As exigências da legislação local foram extremamente determinantes para as configurações formais das galerias curitibanas?

Como hipótese, supõe-se que apesar do predomínio em Curitiba da galeria comercial como embasamento de edifícios multifuncionais, acredita-se que o tipo foi utilizado como solução arquitetônica e urbana em situações diversas. Portanto, entende-se que as ramificações e as variações do tipo foram se transformando ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças de valores econômico-sociais, às motivações de seu uso e aos fenômenos urbanos pertinentes às galerias. Presume-se que isso só foi possível porque o conjunto de galerias comerciais em Curitiba é considerado como um dos elementos que caracterizam a morfologia do centro da cidade, por isso há o interesse na preservação dos objetos já existentes e o incentivo para a construção de novos.

1.2 APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS

As galerias comerciais adotam um duplo papel na morfologia urbana: numa relação dialética, o artefato edificado e a cidade são condicionados e determinados um pelo outro. A todo momento elas atuam como o elemento morfológico mínimo, o edifício. Entretanto, quando abertas também podem ser consideradas enquanto vias por promovem uma nova rede de mobilidade que se sobrepõe aos traçados urbanos originais (BRAIDA, 2011; GEIST, 1985; LAMAS, 2017) .

A fim de se atingir os objetivos propostos e considerando a natureza do objeto de estudo, a estratégia utilizada nesta pesquisa é a de analisar o conjunto das galerias curitibanas através de duas escalas de leitura: arquitetônica-formal e urbano-histórica.

Tal qual os trabalhos de Clark e Pause (2013) e Jacoby (2016), a leitura arquitetônica-formal nesta pesquisa foi elaborada a partir de uma análise gráfica e sistêmica de precedentes, e assim formou-se um catálogo de soluções previamente experimentadas.

Em Clark e Pause (2013), o objetivo principal da análise é o de investigar as características espaciais e formais de uma série de edifícios, para identificar o partido de cada projeto, e comparar as semelhanças e diferenças entre eles. Os desenhos elaborados são específicos para cada questão estudada e estipulados a partir de

bases comuns estabelecidas *a priori*, ou seja, desenvolvidos a partir de um “diagrama padrão” (MATA BOTELLA, 2002).

Mata Botella (2002) denomina esse instrumento como “desenho de análise sistemática”, que é um produto gráfico pensado e elaborado para transmitir as relações consideradas essenciais de uma edificação, ou seja, as características da estrutura formal. O desenho analítico se distancia da representação do objeto arquitetônico, e através da abstração da realidade visa um maior entendimento dela. A autora ainda afirma que esse instrumento é um processo cognitivo composto por diversas operações gráficas conceituais como: agrupar, adicionar, codificar, comparar, entre outros.

A obra de Jacoby (2016) claramente foi baseada em Clark e Pause (2013). O instrumento adotado por Jacoby (2016) é denominado como “diagrama tipológico”, cujos objetivos são de limitar as possíveis manifestações de uma ideia sem restringir uma finita representação formal e de investigar a espacialidade e as ideias formativas. O diagrama tipológico vai além da classificação e categorização no âmbito organizacional-formal ou funcional, ele é uma estrutura de conceituação, de análise e de raciocínio da forma arquitetônica. A elaboração desse diagrama provém de um processo de interpretação, abstração e sintetização que busca evidenciar os pontos de interesse de investigação (JACOBY, 2016).

Enquanto os edifícios pesquisados por Clark e Pause (2013) variam em funções e estilos, Jacoby (2016) selecionou os casos de acordo com conceitos como modularidade e horizontalidade versus verticalidade. Contudo, o objetivo desta dissertação não é de uma natureza abrangente como as desses autores, mas o de uma análise tipológica através do desenho de um conjunto específico de edifícios.

Com uma evidente função didática, a análise tipológica reúne distintos objetos arquitetônicos em uma só lógica, ou seja, estuda-se edificações análogas que possuam uma mesma “estrutura básica”, características constantes e relevantes capazes de agrupá-los (MAHFUZ, 1984; MARTÍN HERNÁNDEZ, 1985; ĐOKIĆ, 2009).

Apesar de não haver uma clara definição sobre o que é tipo, realizou-se um exame bibliográfico acerca das diversas conceituações, pois considerou-se pertinente para compreender a abordagem tipológica como uma ferramenta de pesquisa em arquitetura. A partir da leitura de Argan (1963), Colquhoun (1967), Vidler (1976), Moneo (1978), Bandini (1984), Mahfuz (1984), Martín Hernández (1984), Martí Arís

(1993), Rossi (1984), Kipnis (2006), Nesbitt (2006), Barth (2007), Lee e Jacoby (2011), Jacoby (2015 a, 2015 b, 2016) e Pai (2015) destacou-se alguns pontos comuns e relevantes.

O primeiro é que o tipo está relacionado a um princípio geral abstrato, um conceito nítido que descreve uma estrutura formal básica que relaciona um conjunto de edificações. O segundo é que, além de ser uma maneira de classificação e de estudo de precedentes, o tipo também é uma importante ferramenta de projeto, de comunicação e de análise. O terceiro ponto é que a atividade projetual não parte apenas de uma dedução científica, ela envolve uma intenção estética que, além de surgir da intuição do projetista, parte do acúmulo de conhecimento de soluções previamente experimentadas. E o quarto é que, apesar de se relacionar a exemplos do passado, a abordagem tipológica não é limitante, ela pode ser o ponto de partida para o desenvolvimento de um projeto.

Difícilmente um edifício reproduz apenas um tipo, geralmente ele é formado pela sobreposição de diversas estruturas formais. O estudo tipológico trabalha agrupamentos de exemplos arquitetônicos de diversas coordenadas espaço-temporais que manifestam múltiplos desenvolvimentos de um ponto em comum de referência (MARTÍ ARIS; 1993).

Mahfuz (1984) apresentou duas maneiras de estudos tipológicos. A primeira é classificação de tipos formais, chamada de tipologia independente, que caracteriza a arquitetura como fenômeno autônomo e estuda as constantes formais em geral na análise de plantas e pode desvincular a transmissão de repertório de um tema específico. A segunda é a classificação de tipos funcionais, chamada de tipologia aplicada, que estuda a arquitetura como fenômeno urbano, investiga a relação entre edifício e forma urbana num sentido dialético e busca transmitir o repertório vinculado a temas reais, mostrar a metamorfose de um tipo através da comparação de casos concretos. Ou seja, para Mahfuz (1984) não apenas a planta é examinada, mas também outros aspectos como volumetria, geometria, elementos secundários, relações com o contexto e dados históricos, o que possibilita uma ideia aproximada sobre as causas concomitantes, os atritos, as condicionantes e as sinergias entre os vários tipos.

A análise tipológica parte de processos de subtração e redução. Tais processos são consequência de decisões subjetivas, entretanto são verificáveis pela realidade (MARTÍN HERNÁNDEZ, 1984).

A subtração delimita a abrangência do estudo, que a partir de uma classificação prévia separam-se os objetos que serão comparados entre si (MARTÍN HERNÁNDEZ, 1984). Portanto, o conceito que contempla os exemplos concretos.

A partir da leitura de Alexander et al. (1977)¹, identificou-se que o *pattern* número 101 *building throughfare*, corresponde às galerias comerciais. Na tipologia independente o enunciado do tipo que abrange as galerias comerciais pode ser considerado algo como: “rua-interna”, “edifício-rua” ou “edifício-passagem”.

Entretanto, as galerias comerciais estão intimamente relacionadas ao contexto urbano onde estão inseridas, logo a abordagem tipológica aplicada é a mais adequada para esta pesquisa. E ainda, partindo da premissa de que todos os edifícios têm alguma função e suas configurações espaciais podem ser determinadas pelas possibilidades de uso, para esta dissertação considera-se como tipo galeria comercial o seguinte conceito: **edificação com passagem interna que concede acesso a ambientes privados, geralmente de natureza comercial, e que conecta ao menos dois espaços públicos**. Ou ainda, **uma força organizadora sobretudo do comércio de varejo que mimetiza a morfologia das vias urbanas e de uso público em propriedade privada** (ALEXANDER et al., 1977; CASTRO; POSSE, 2017; GEIST, 1985; HERTZBERGER, 2006; JACOBY, 2016; MARTÍ ARÍS, 1993; VARGAS, 2018).

Já o procedimento de redução visa identificar e definir quais são características principais que agrupam os edifícios estudados (MAHFUZ, 1984; MARTÍN HERNÁNDEZ, 1985; ĐOKIĆ, 2009). As constâncias foram determinadas a partir da revisão de literatura a respeito das galerias comerciais, em especial de Vargas (2018), Geist (1985), Hertzberger (2006) e Alexander et al. (1977).

Enquanto a análise tipológica visa construir o conhecimento da arquitetura através daquilo que permanece semelhante num conjunto de edifícios, a história apresenta os processos de mudança. À vista disso, a tipologia e a história expressam aspectos complementares (MARTÍ ARIS; 1993).

Nesta dissertação, a leitura urbano-histórica serve como embasamento e contraponto para a leitura arquitetônica-formal, a partir da investigação das condições

¹ O livro “A Pattern Language” de Alexander et al. (1977), cujo título na versão em português é “A Linguagem de Padrões”, propõe sintetizar os conceitos básicos da arquitetura e do urbanismo com o objetivo de fornecer uma ferramenta facilitadora das comunicações entre todas as partes relacionadas ao processo de projeto. Cabe ressaltar que o sentido de *pattern* usado pelos autores está associado às inúmeras variáveis que norteiam os projetos de arquitetura e urbanismo, portanto alguns pesquisadores preferem usar “parâmetros projetuais” para traduzir o termo (ALEXANDER et al., 1977, 2013; PEIXE; TAVARES, 2018).

de existência do tipo na cidade. Logo, esta pesquisa trabalha com a ideia de “série tipológica” em que a ordem temporal é importante, pois através de análises comparativas de casos concretos e particulares observa-se como o tipo foi sendo articulado ao longo do tempo em Curitiba (MARTÍ ARIS; 1993).

A definição do recorte geográfico e a da quantidade de estudos de caso desta dissertação teve como ponto de partida o mapeamento informal realizado por Abdalla (2015) sobre as galerias comerciais no centro de Curitiba, publicado no jornal local Gazeta do Povo. Concomitante realizou-se um levantamento de campo e uma revisão bibliográfica exploratória. Apesar de haver poucas referências que tratam especificamente do tema em Curitiba, identificou-se que o trabalho de Castro e Posse (2017) é o que melhor aborda as galerias, mesmo que de maneira secundária. Elas também são abordadas superficialmente pelo livro de Gnoato (2009) e pela dissertação de Peterlini (2012).

Determinou-se o número de 25 objetos de análise para esta pesquisa. Conforme o enunciado descrito anteriormente, foram selecionadas apenas as galerias que conectam ao menos dois sítios públicos, portanto as que funcionam também como atalho para os pedestres. E também as que ainda estão ativas, pela ausência de outros estudos sobre o tema conclui-se que a investigação *in situ* seria estritamente necessária.

A fim de entender quais são as forças indutoras da forma, foram examinadas as legislações municipais específicas que tratam dos padrões de construção das galerias. Bem como os marcos jurídicos e as intervenções urbanas que produziram condições para a adoção, a proliferação e a permanência do tipo no centro da cidade, em conjunto com uma leitura cartográfica da região pesquisada. Portanto, o desenho também foi utilizado como ferramenta de análise..

1.3 PERCURSO DA DISSERTAÇÃO

Apesar de apresentarem aspectos complementares a respeito do conjunto de galerias comerciais de Curitiba, as duas escalas de leitura desta pesquisa foram abordadas em capítulos separados. Acredita-se que desta forma há uma maior clareza da narrativa, que foi organizada num arco que partiu do geral para o específico, e por fim voltou-se ao conjunto. A próxima seção, o capítulo 2, foi dedicada à exploração das forças urbanas e históricas relacionadas às galerias comerciais.

Iniciou-se com um breve panorama da manifestação do tipo galeria comercial, desde o prelúdio em Paris até a capital paranaense. Em seguida, aproximou-se a lente de exame e investigou-se os principais marcos urbanos relacionados à ocorrência do tipo na área central de Curitiba. O capítulo 3 foi dedicado à dimensão arquitetônica-formal das galerias comerciais curitibanas. Ele é introduzido pela estruturação do instrumento de avaliação, que é composto por diferentes categorias de análise, cada uma dedicada a uma particularidade do tipo, algum princípio condutor da forma. Em seguida, o instrumento foi aplicado individualmente para cada uma das 25 galerias. A partir dos dados coletados nesta primeira instância de análise, realizou-se avaliações comparativas no âmbito das categorias pré-estabelecidas. O quarto e último capítulo é dedicado às considerações finais, em que foram sobrepostos os resultados das duas escalas de estudo.

2 A DIMENSÃO URBANO-HISTÓRICA

2.1 DE PARIS PARA CURITIBA

Para Moneo (1978), o momento de desenvolvimento mais intenso da arquitetura é quando há a criação de um novo tipo, ou seja, de uma nova relação formal. A partir desse raciocínio, pode-se afirmar que o período entre o final do século XVIII e praticamente todo o século XIX foi de intenso desenvolvimento para a arquitetura, já que surgiram diversos tipos arquitetônicos. Um deles, o principal do século XIX para Benjamin (1999), é o tipo galeria comercial.

O contexto socioeconômico, político e urbano parisiense do final do século XVIII era o cenário ideal para o nascimento das galerias comerciais. Paris começou a se modernizar a partir de um tecido urbano ainda com características medievais como falta de calçadas e alta densidade (VARGAS, 2018). Para Alexander et al. (1977), esta última particularidade é um dos problemas urbanos solucionado a partir do padrão relacionado ao tipo galeria comercial “*building thoroughfare*”, traduzido na edição em português como “rua-interna” (ALEXANDER et al., 2013).

Lamas (2017) afirmou que, ao serem interceptados pelas galerias comerciais, os quarteirões de Paris começaram a se tornar áreas mais penetráveis e de interiores complexos. Geist (1985) e Vargas (2018) seguiram uma linha semelhante de pensamento, afirmando que esse tipo arquitetônico é revolucionário ao abrir e monetizar o interior ocioso e de solos baratos de quarteirões, indo de encontro aos interesses do crescente mercado imobiliário da época.

Esse processo urbano, em conjunto com a evolução da tecnologia de vidro e ferro na construção civil, moldou o padrão arquitetônico desse novo tipo, bem como os novos valores e novas necessidades da burguesia emergente (GEIST, 1985; VARGAS, 2018).

Segundo Hertzberger (2006) e Geist (1985), as galerias comerciais floresceram por conta da demanda por áreas exclusivas para pedestres, já que eram passagens protegidas das intempéries e do intenso tráfego de veículos, dedicadas ao passeio e ao comércio. O desconforto térmico de climas frios também é considerado para Alexander et al. (1977) uma motivação para a adoção do parâmetro projetual “rua-interna”.

Para Geist (1985), as galerias comerciais se beneficiavam de suas localizações. As áreas centrais das cidades onde a vida pública era mais intensa e concentravam as atividades comerciais eram os locais mais adequados para este tipo arquitetônico. Quanto mais vastos e proporcionais eram esses centros, mais adequados eles eram para as galerias. Distritos comerciais lineares não eram interessantes, pois através das galerias, os transeuntes eram conduzidos para fora da principal área de fluxo de pessoas.

Para o autor, outra característica importante para este tipo era o funcionamento como artéria de tráfego. As duas ou mais entradas funcionavam como atalhos para os pedestres ao conectarem espaços públicos do tecido urbano, idealmente duas ruas movimentadas de distritos comerciais.

Essa característica de passagem, de rota de atalho, confere às galerias, pelo menos por um período do dia, a noção de um espaço público de propriedade privada. Esse tipo arquitetônico é, portanto, caracterizado como um espaço do movimento, de transição suave e gradual entre a esfera pública e privada, o que proporciona uma sensação de ambiguidade espacial (GEIST, 1985; HERTZBERGER, 2006).

Além de atuarem como espaços de passagem e uma forma de organização do comércio de varejo, as galerias também funcionam como um sistema de acesso aos pavimentos superiores de suas edificações, que podem ser compostos por escritórios, oficinas, habitações ou outras lojas (GEIST, 1985).

O sucesso das galerias estava relacionado à diversidade de visitantes, e as mudanças e sobreposições de uso ao longo do dia: o comprador, o boêmio, o *boulevardier*² e o *flâneur*³ (GEIST, 1985).

O arco temporal do florescimento até o declínio do tipo na Europa vai da Revolução Industrial até a Primeira Guerra Mundial (GEIST, 1985). Vargas (2018) organiza em quatro estágios a história das galerias comerciais europeias. O primeiro momento é o de “inovação” (1796-1820). O segundo estágio foi o de “crescimento e expansão” (1820-1860): quando impulsionado pela iniciativa privada, o tipo galeria

² Figura elegante que frequentava os lugares mais sofisticados da Paris do século XIX e via o passeio como oportunidade de exibição própria (GEIST, 1985; BOULEVARDIER, s/d).

³ Personagem da poesia de Baudelaire caracterizado como errante, vadio, caminhante e observador. Ele foi apropriado por Walter Benjamin em seus escritos sobre a modernização de Paris. Para Benjamin, o *flâneur* é o arquétipo da experiência moderna parisiense do século XIX. (SATURNINO, 2012; BENJAMIN, 1999)

comercial passou a ser difundido para as principais cidades europeias da época e assim inaugura-se um fenômeno urbano ainda inédito, a vida noturna.

No terceiro estágio, denominado de “consolidação e monumentalidade” (1860-1880), quando a esfera pública começou a participar dos investimentos da construção das galerias com o interesse de promover uma atmosfera cosmopolita nos centros urbanos. As galerias assumiram grandes proporções, tanto na largura quanto no pé-direito, uma escala mais parecida com ruas do que corredores (VARGAS, 2018).

O quarto e último estágio é chamado de “descaracterização e declínio” (a partir de 1880). A monumentalidade das galerias culminou na descaracterização do tipo, perdendo a natureza de locais de passagens e assumindo o formato de grandes espaços multifuncionais. Novos valores, costumes e regulamentações ganharam força nos centros urbanos europeus, o que resultou no declínio de construção de galerias. O consumo assumiu papel principal, enquanto a qualidade ambiental foi colocada em segundo plano. Para Vargas, nessa fase a configuração do tipo passou a se encaminhar para aquela que é a principal força de organização comercial do século XX, os *shopping centers* (VARGAS, 2018).

O enfraquecimento da adoção das galerias comerciais como estrutura formal também pode ser relacionado ao fortalecimento do âmbito privado sobre o público que dominou grande parte do século XX. Segundo a leitura de Michael Dennis, este movimento é consequência do desenvolvimento do tipo *french hôtel* durante os séculos XVI e XIX. Essa dinâmica foi fortalecida pelas teorias funcionalistas do movimento moderno (COTRIM; LARA; GUERRA, 2019). Curiosamente, para Lamas (2017), é justamente o desenvolvimento das galerias comerciais que anuncia a evolução urbana do século XX: o fim da quadra urbana como elemento impenetrável resulta na morfologia da cidade moderna composta por edifícios isolados pelo território.

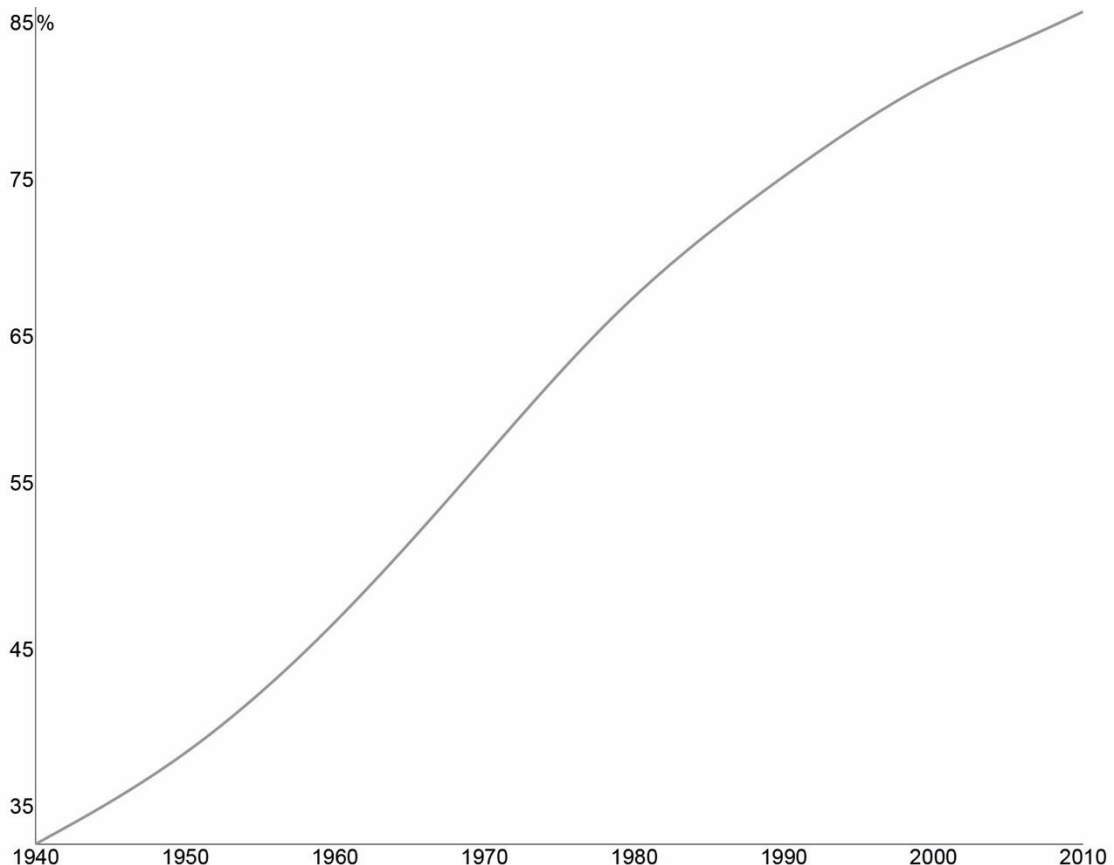
Para pesquisadores como Steven Holl, as críticas às falhas do urbanismo moderno culminam no retorno da prevalência do público sobre o privado, através do florescimento de edifícios híbridos a partir da década de 1970. Esses edifícios de grandes dimensões são complexos e densos por abrigarem e sobreporem diversas funções (COTRIM; LARA; GUERRA, 2019).

Contudo, na América Latina e, portanto, no Brasil, a prevalência do reino do privado durante o século XX não aconteceu. No subcontinente foram experimentadas e desenvolvidas diversas soluções relacionadas aos edifícios híbridos nos de uso misto

principalmente entre as décadas de 1940 e 1970. Entre essas soluções, está o uso das galerias comerciais como dispositivo de circulação e articulação de usos. (COTRIM; LARA; GUERRA, 2019; COTRIM, 2020).

Neste mesmo período de meados do século XX, as cidades latino-americanas passaram por um processo acelerado e crescente de urbanização. Em 50 anos, a taxa de urbanização brasileira atingiu níveis que outros lugares levaram 100 anos para atingir, em especial durante as décadas de 1960 e 1970. De país majoritariamente rural em 1950, com a população urbana correspondendo a 36,1%, o Brasil em 1980 já estava na faixa de nações urbanas com 67,6% de seus habitantes vivendo em cidades (CASTELLS,1973; LIMA, 2009) (Gráfico 1).

Gráfico 1- Taxa de urbanização brasileira: percentagem da população da área urbana em relação à população total.



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE, Censo Demográfico 1940-2010.

Na década de 1970 a taxa de urbanização da América Latina já era quase equivalente à da Europa, enquanto a taxa de metropolização era superior. Pesquisadores europeus consideravam esses dados intrigantes, já que eles entendiam que o crescimento das cidades era desproporcional aos níveis de industrialização local. Esse pensamento parte do modelo histórico dos países

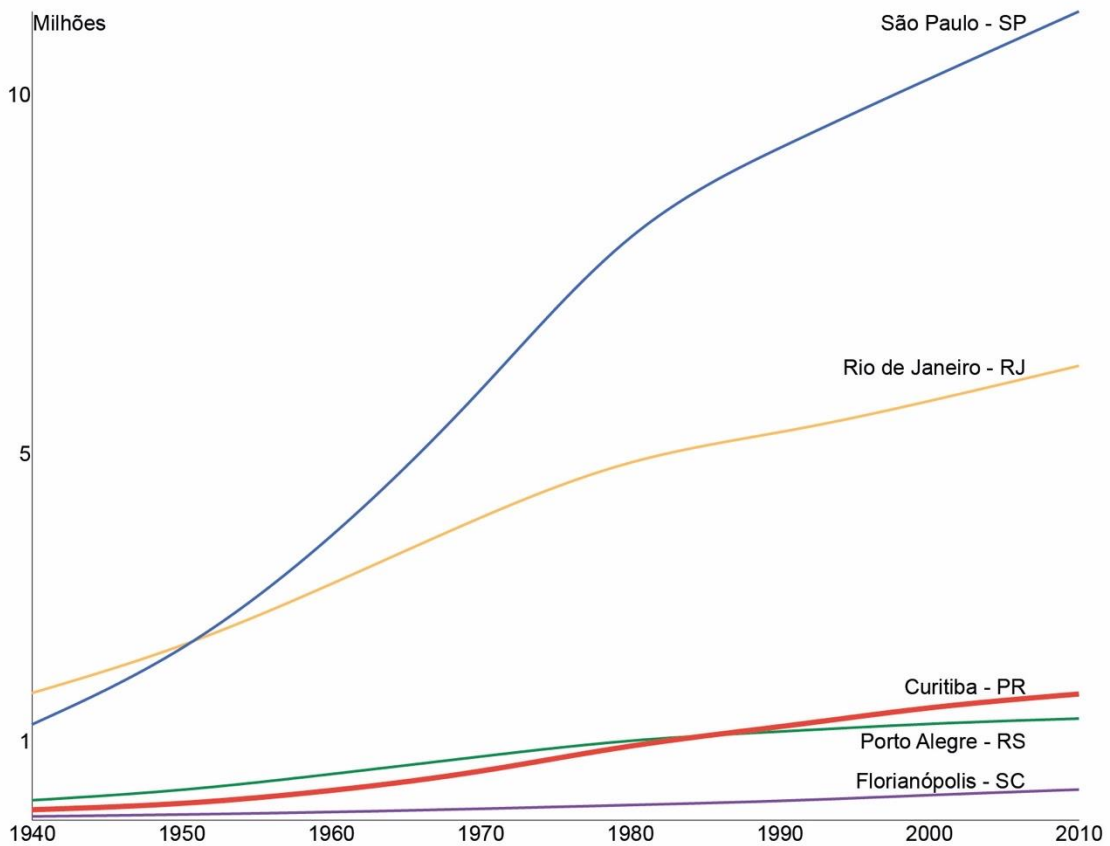
capitalistas dominantes para explicar as relações entre as forças produtivas e organizacionais do espaço urbano latino-americano (CASTELLS, 1973; DE CASTRO, 2020).

Entretanto, as cidades latino-americanas que possuem especificidades que são consequência de processos históricos distintos, de uma outra modernidade. Diferentemente de outros locais, na América Latina o veloz desenvolvimento urbano não ocorreu relacionado à expansão industrial local, mas sim associado ao setor terciário. Uma outra característica é a concentração de população em grandes regiões metropolitanas, provocada pela intensa transição demográfica (CASTELLS, 1973).

No Brasil, esse fenômeno atingiu principalmente as capitais estaduais (Gráfico 2). No caso do território paranaense, Curitiba passou a ser o principal polo de urbanização do estado do Paraná após a crise da agricultura cafeeira da década de 1970 (LIMA, 2009; NOGUEIRA, 2019).

O inchaço populacional e a expressiva visibilidade política advinda das ações de embelezamento urbano provocaram a modernização e a verticalização das áreas centrais de diversas capitais brasileiras. Este foi o contexto socioeconômico favorável à adoção do tipo galeria comercial no Brasil (CASTRO; POSSE, 2017; LIMA, 2009; VARGAS, 2018).

Gráfico 2- Crescimento populacional ao longo das décadas das capitais brasileiras retratadas por esta pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE, Censo Demográfico 1940-2010.

Para Vargas (2018), no Brasil o tipo adotou um novo enfoque e um outro formato, ambos distantes do significado e do esplendor das galerias europeias do século XIX. Assim, a autora diferencia as duas manifestações em diferentes termos: “arcadas” como aquelas do século XIX, termo mais próximo da língua inglesa *arcade*, e “galerias comerciais” como o tipo brasileiro, mais especificamente na cidade de São Paulo (COSTA, 2016; CASTRO; POSSE, 2017; VARGAS, 2018).

A partir da década de 1930, na região do Centro Novo em São Paulo, o tipo de galeria comercial passou a se popularizar, como fruto do interesse do mercado imobiliário em maximizar e de monetizar o solo urbano (CASTRO; POSSE, 2017; VARGAS, 2018).

Desde o período colonial, já eram consolidados nas cidades brasileiras os edifícios de uso misto, com lojas e/ou serviços no térreo e unidades habitacionais nos pavimentos acima. A grande novidade advinda do processo de verticalização se deu na escala das edificações e na maneira de ocupação do lote: vários andares de moradias e conjuntos comerciais, com galerias térreas que distribuem o fluxo aos

demais pavimentos e configuram uma passagem que liga pelo menos duas ruas, com lojas voltadas para seus interiores (CASTRO; POSSE, 2017; VARGAS, 2018).

A partir da experiência em São Paulo, as galerias comerciais começaram a se disseminar por outras capitais brasileiras, como o Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (CASTRO; POSSE, 2017; VARGAS, 2018).

Assim como aconteceu na capital paranaense, em São Paulo, a adoção do tipo se intensificou a partir da década de 1950, período em que as galerias se tornaram polos culturais da elite boêmia paulistana. Em 1957, promulgou-se uma legislação municipal que obrigava a construção de galerias nos térreos de edificações em lotes de certas vias. Essa legislação é consequência da mentalidade elitizada dos políticos e urbanistas da época. Portanto, para Vargas (2018), muitas das galerias paulistas foram construídas por conta da exigência legal, sem grandes preocupações com os aspectos comerciais (CASTRO; POSSE, 2017; VARGAS, 2018).

No Rio de Janeiro, o uso do tipo galerias comerciais se concentrou na região de Copacabana no embasamento de edifícios de uso misto, também principalmente a partir da década de 1950 (HORTA; KÓS, 2013). Horta e Kós (2013) destacam a contradição do urbanismo carioca nesse período: por um lado, os ideais de setorização e segregação funcional da Carta de Atenas defendidos por acadêmicos; por outro, as necessidades imediatas de construção de novos edifícios em regiões já consolidadas da cidade, em que se usou do artifício do uso misto e, assim, das galerias.

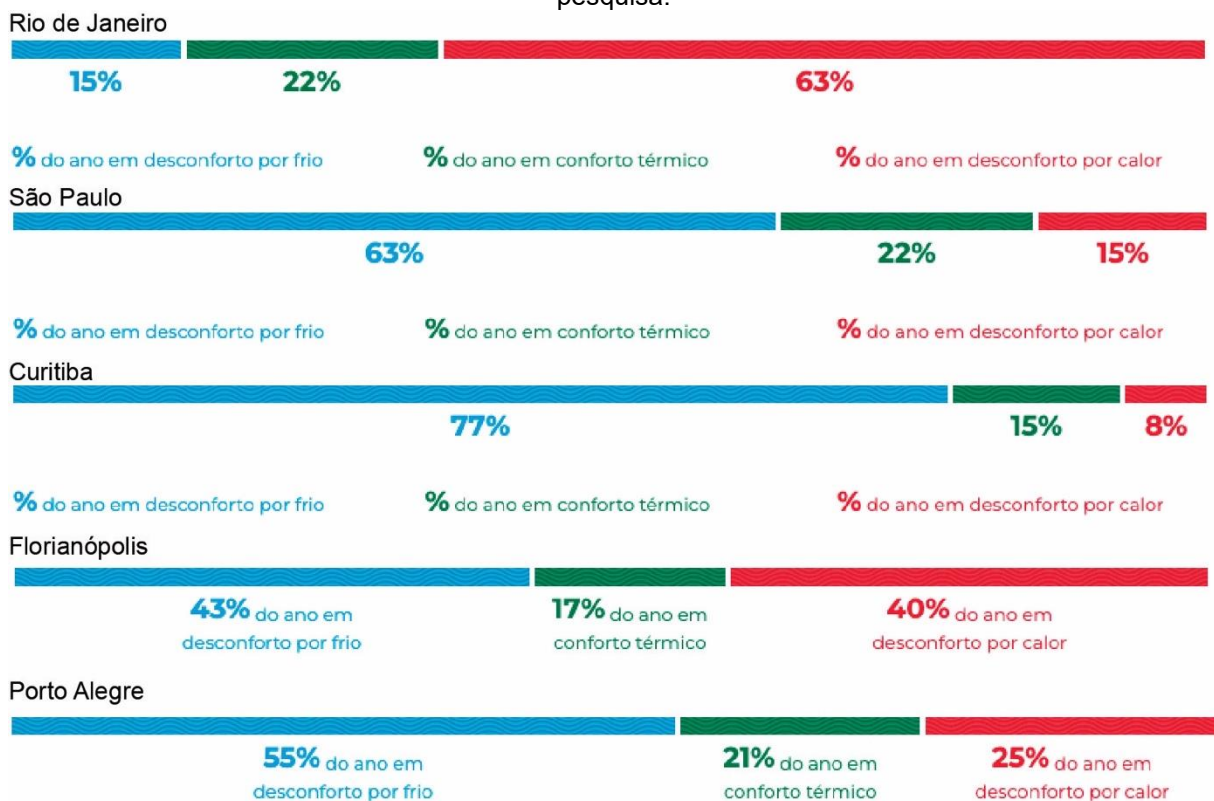
Em Porto Alegre, tal como em São Paulo e em Curitiba, as primeiras galerias foram construídas de maneira esparsa no centro da cidade e sem qualquer restrição da legislação municipal, portanto fruto da iniciativa privada. A partir da década de 1960, o tipo passou também a ser usado em bairros de alto poder aquisitivo periféricos ao centro como o Independência e o Moinhos de Ventos. O Plano Diretor de Porto Alegre de 1979 ofereceu incentivo para a construção das galerias comerciais no embasamento de edificações na área central e nos bairros do seu entorno (CABRAL, 2000).

Já em Florianópolis, as primeiras galerias comerciais internas a edificações ocorreram de maneira tardia em relação às outras cidades apresentadas, somente a partir da década de 1970. Entretanto, essa década é a que agrega o maior número de galerias construídas em Curitiba, o que indica que elas ainda eram consideradas interessantes para a iniciativa privada como forma de maximizar os solos

remanescentes das áreas centrais das cidades brasileiras. (TEIXEIRA, L. E. F. [et al.], 2015).

É evidente que no Brasil a adoção do tipo está mais relacionada ao problema de alta densidade urbana como apontado por Alexander et al. (1977), já que o país não é caracterizado pela presença marcante de baixas temperaturas em que inibe a circulação de pessoas ao ar livre, embora Curitiba seja a capital mais fria do país. Mesmo sendo a capital estadual mais ao sul do Brasil, Porto Alegre possui um clima semelhante ao de São Paulo. Em contrapartida, a capital paranaense possui particularidades geográficas que resultam em um clima úmido e de considerável amplitude térmica diária e sazonal, em que os verões são frescos e os invernos gelados (FRITZSONS; MANTORANI; WREGGE, 2017; SILVA; BIONDI, 2014). Este dado pode ser considerado como uma das motivações para a proliferação e a permanência das galerias comerciais no centro da cidade (Figura 1).

Figura 1- Condição de conforto ambiental ao longo do ano nas capitais brasileiras retratadas por esta pesquisa.



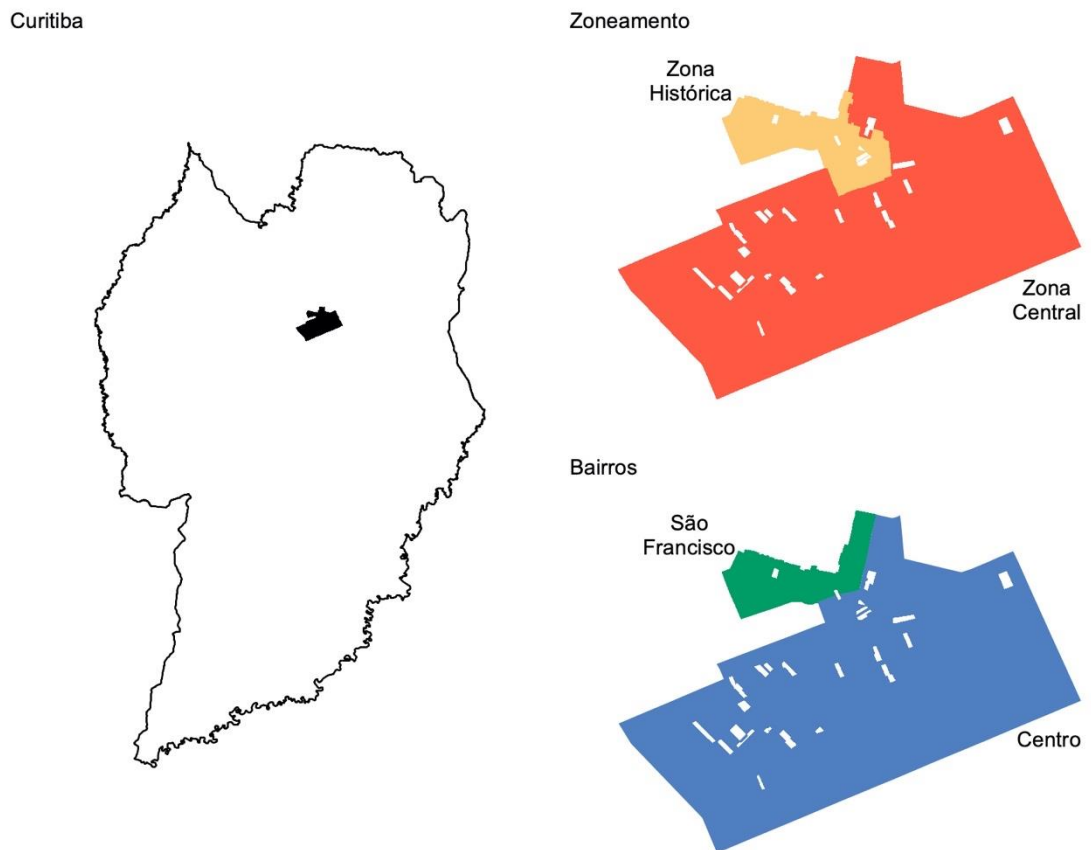
Fonte: adaptado de ProjetEEE (2022)

2.2 A CURITIBA DAS GALERIAS COMERCIAIS

As 25 galerias na área central de Curitiba se concentram em duas zonas do atual zoneamento, Lei Nº 15511/2019: a Zona Central e a Zona Histórica. Esse recorte abrange dois bairros da cidade: Centro e São Francisco.

Enquanto a Zona Central abriga 20 galerias, as outras 5 estão localizadas na Zona Histórica. Em relações aos bairros, uma das galerias está no limiar entre eles, 23 dos objetos de estudo estão inseridos no Centro, e já no São Francisco apenas uma delas (Mapa 2).

Mapa 2- Recorte de pesquisa: localização na cidade, zoneamento e bairros



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (2019) e IPPUC (2021)

Verificou-se que a construção do tipo na cidade aconteceu de maneira relativamente contínua ao longo das décadas, a partir dos anos de 1950 até os dias atuais.

Assim, o conjunto de edificações estudadas e o seu entorno urbano são abordados a partir de uma leitura histórica longitudinal. Nesta pesquisa, o critério adotado para determinar o marco temporal de cada galeria foi de quando ela foi inaugurada, ou seja, passou a funcionar como passagem. Isso significa que em alguns casos as galerias são fruto de reformas, reciclagens e ampliações de edificações previamente construídas. Ao longo da narrativa inicia-se uma aproximação à escala arquitetônica, que será abordada no próximo capítulo.

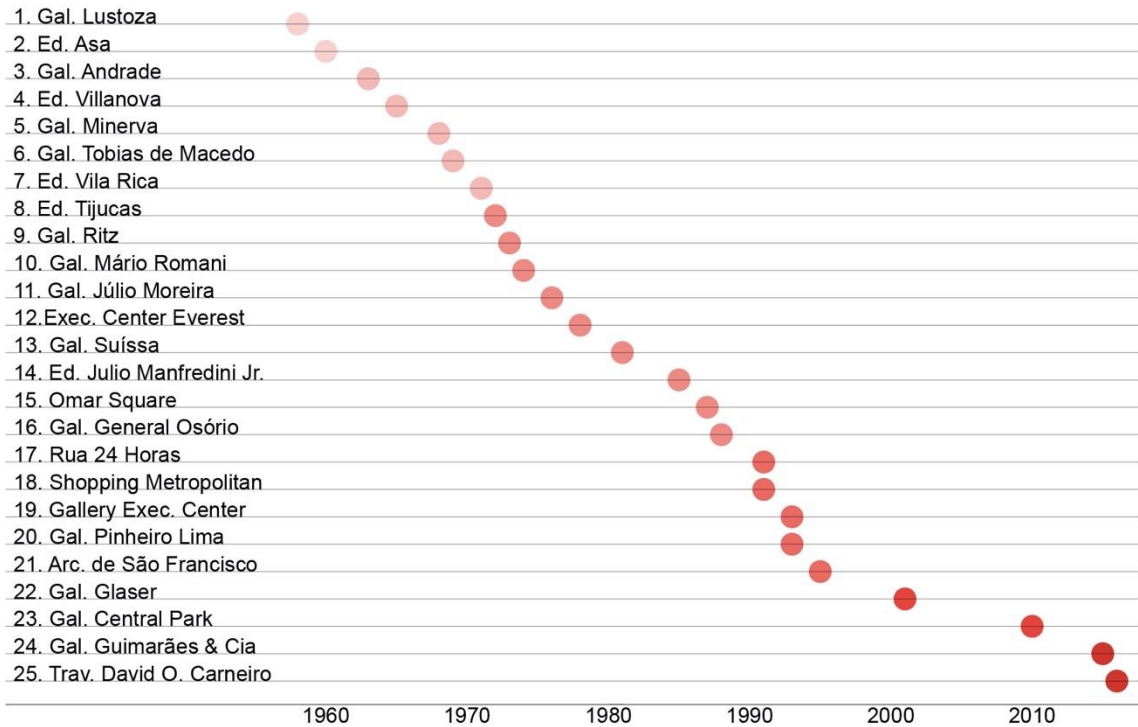
Como síntese dos dados levantados e apoio para a narrativa, produziu-se uma série de mapas que ilustram e localizam os acontecimentos urbanos. Por motivos de objetividade e clareza, nos produtos cartográficos são destacados apenas os eventos ocorridos do entorno imediato do conjunto de edifícios estudados, ou seja, aqueles intimamente relacionados às condições de existência das galerias comerciais (Mapa 3, Gráfico 3 e Figura 2)

Mapa 3- As 25 galerias comerciais de Curitiba retratadas por esta dissertação



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Gráfico 3- Cronologia por ano de inauguração de cada galeria



Fonte: Autora (2022)

Figura 2- Vista aérea do conjunto de edificações estudado e seu entorno urbano



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

A década de 1920 foi de grande prosperidade econômica e cultural para o estado do Paraná, decorrente do ciclo da erva mate e da exploração madeireira. Assim, a partir da década de 1930, começou-se a investir na infraestrutura urbana da área central da capital do estado. Nesse momento, o investimento era concentrado no desenvolvimento do sistema viário e acabou por resultar numa renovação dos apuros formais, dos padrões construtivos, e dos tipos e programas arquitetônicos. Portanto, ocorreu um processo de demolição de diversas edificações para o alargamento de vias já existentes ou para a implantação de novas e também para a construção de edifícios condizentes com os ideais da época. Assim, o centro de Curitiba passou então a se verticalizar (CASTRO; POSSE, 2017).

Na praça Tiradentes, marco zero da cidade e centro econômico da época, foi construída, em 1940, a galeria do Edifício Nossa Senhora da Luz, a primeira da cidade, que, assim como em São Paulo, também se encontrava no embasamento da edificação multifuncional (CASTRO; POSSE, 2017). Essa galeria não será analisada por esta pesquisa por estar inativa atualmente (Mapa 5).

Mapa 4- Intervenções urbanas e construção de galeria: 1921 a 1940



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Castro & Posse (2017) e IPPUC (2021)

Em 1941, o Decreto-lei Nº 9/41 estabeleceu que ao longo das ruas consideradas principais da região central da cidade as edificações deveriam ter ao menos três pavimentos, com o intuito de “assegurar a estética e o embelezamento da cidade e o melhor aproveitamento dos terrenos mais valorizados”.

Apesar de estar centrado na figura do automobilista, o Plano de Avenidas de Agache, concluído em 1943, também foi relevante para a proliferação do tipo galeria comercial. Esse plano propunha orientar o tráfego de veículos e descongestionar o centro, conseqüentemente, a ideia de abertura e alargamento de vias foi reforçada, mantendo o processo de desapropriação de lotes e permitindo a construção de novos edifícios. Também tinha-se como objetivo orientar a organização do zoneamento: as avenidas perimetrais formavam anéis concêntricos ao redor do centro, conectados por avenidas radiais e atravessados pela avenida diametral. Esse conjunto de avenidas delimitariam as zonas e os centros funcionais. Para o urbanista, os principais núcleos comerciais do centro da cidade eram a Praça Tiradentes e a Rua XV de Novembro, concentrando parte de seus esforços em propostas de remodelações desses espaços (PLANO DE URBANIZAÇÃO DE CURITIBA, 1943; DUDEQUE, 2010; GNOATO, 2009) (Mapa 6 e Mapa 7).

Mapa 5- Intervenções urbanas: 1941-1950



.....Projetadas

—Executadas

Abertura de rua

MB R. Cel. Menna Barreto
AS Al. Augusto Stellfeld

CC R. Dr. Carlos de Carvalho

MG R. Pref. Moreira Garcez

FT R. Francisco Torres
TL Trav. da Lapa

Alargamento de rua

XV R. XV de Novembro

MF Av. Mal. Floriano Peixoto

BS R. Br. Serro Azul

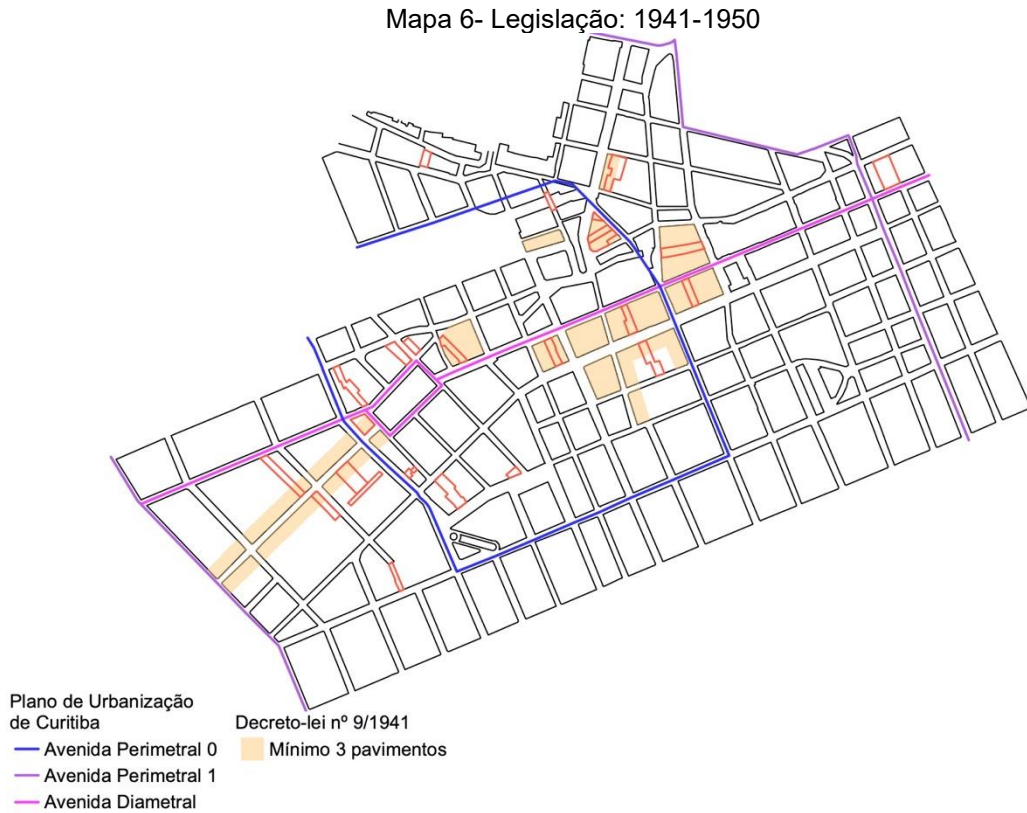
TM Trav. Tobias de Macedo

VL R. Voluntários da Pátria

Revitalização

PT Pç. Tiradentes

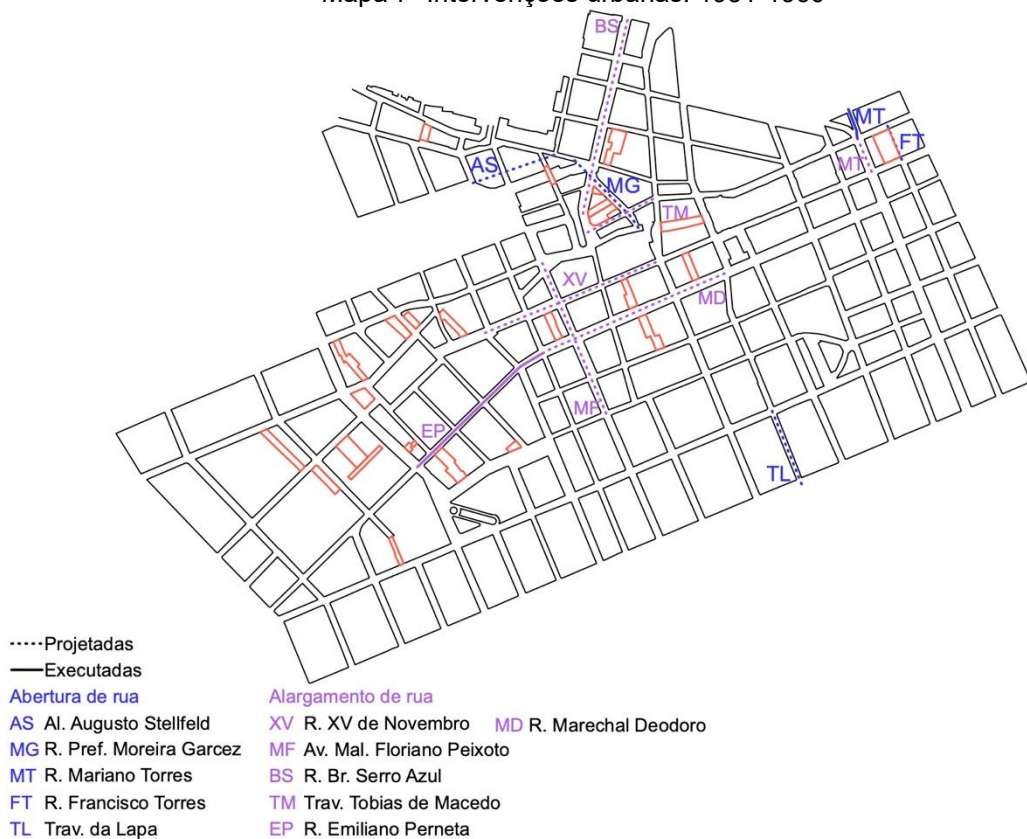
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Castro & Posse (2017), Carollo (2002), Curitiba (1948) IPPUC (2021) e Rosaneli et al. (2016)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1941, 1943) e IPPUC (2021)

Entre 1951 e 1960, a área central verticalizada se consolidou como área de concentração de comércio e serviços. Este período também foi marcado por intervenções urbanas de abertura e prolongamento de vias, principalmente àquelas relacionadas à implantação do Plano Agache (Mapa 7).

Mapa 7- Intervenções urbanas: 1951-1960

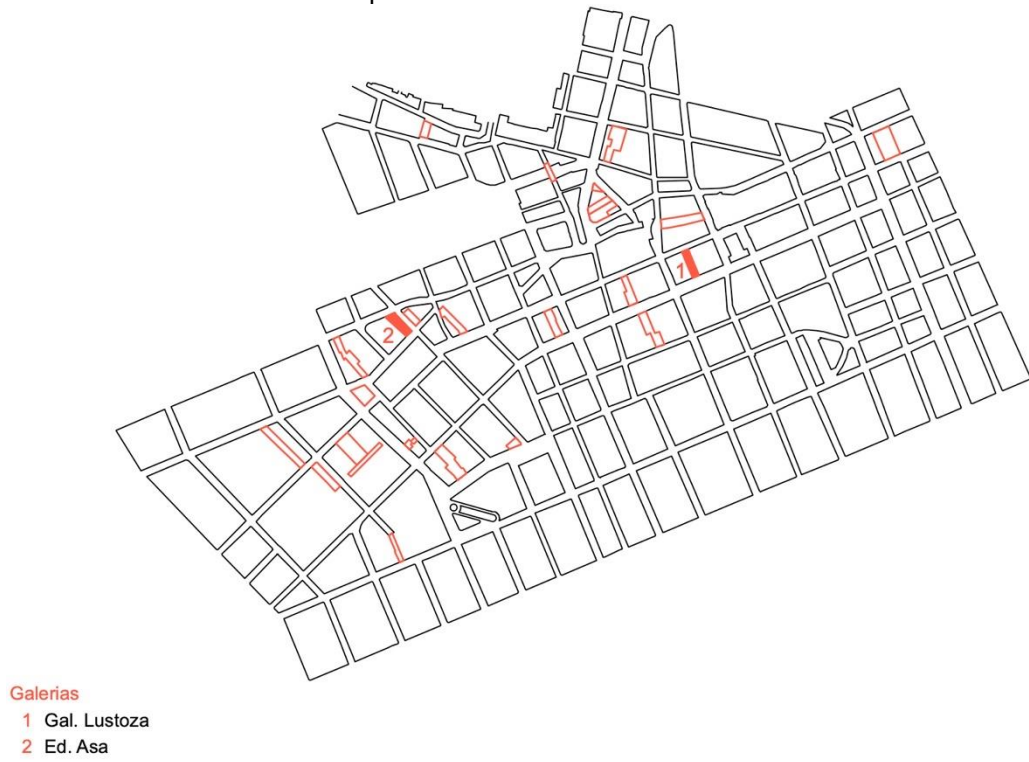


Fonte: Elaborado pela autora a partir de Castro & Posse (2017), Carollo (2002), Curitiba (1948) e IPPUC (2021)

Mesmo com a disponibilidade de lotes por conta da demolição de diversas edificações advindas das intervenções viárias e da obrigatoriedade de verticalização, para o mercado imobiliário, havia uma necessidade de otimizar o uso do solo disponível. Logo, a utilização das galerias surgiu como forma de potencializar comercialmente o centro (CASTRO; POSSE, 2017).

Os empreendimentos com galeria lançados nessa década foram os edifícios de uso misto Lustoza e Asa, que logo induziram outros incorporadores imobiliários a adotarem o mesmo tipo edifício (CASTRO; POSSE, 2017). Ambas edificações se beneficiaram dos alargamentos das vias Rua XV de Novembro e Rua Voluntários da Pátria, respectivamente (Mapa 8, Quadro 1, Figura 3 e Figura 4).

Mapa 8- Galerias comerciais: 1951-1960



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

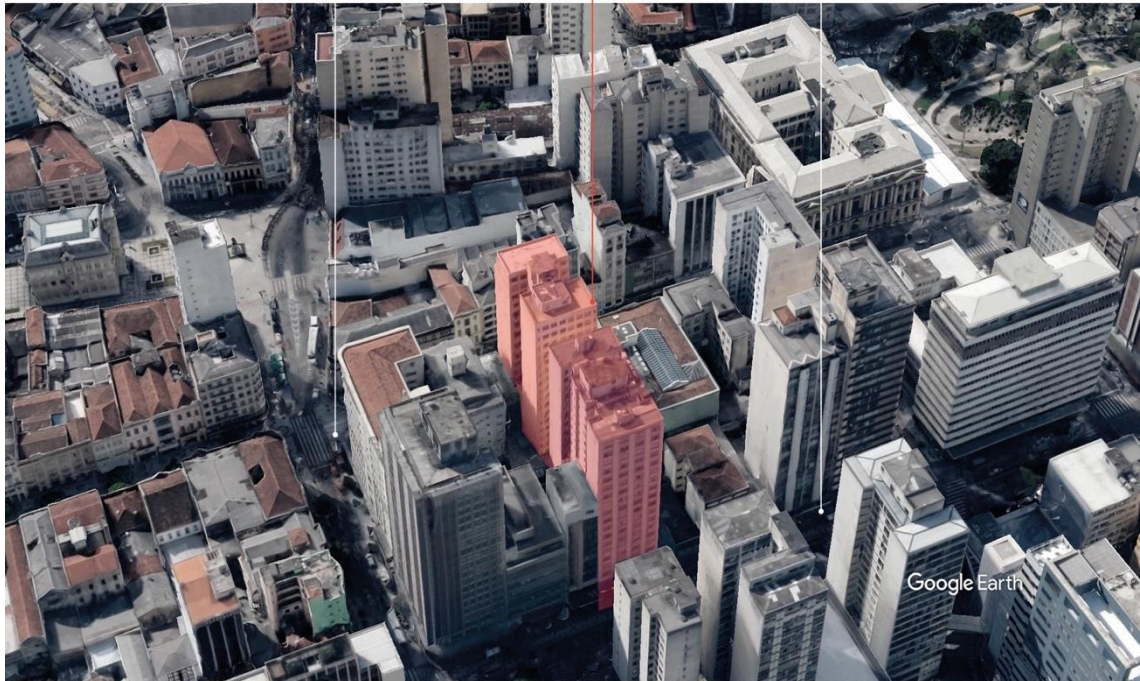
Quadro 1- Ficha técnica: Galeria Lustoza

Construção	1953-1958
Projeto	1950
Autoria	J.F. Mercer
Localização	R. XV de Novembro, 556 R. Mal. Deodoro, 441
Iniciativa	Privada
Observações	Conecta dois edifícios: Lustoza (escritórios) e Taunay (residencial). Edifício Lustoza é bem tombado.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0047.0352.00-2, Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária 01.1.0047.0162.00-9, Castro & Posse (2017)

Fonte: Autora (2022)

Figura 3- Vista aérea: Galeria Lustoza

R. XV de Novembro 1 Gal. Lustoza R. Mal. Deodoro



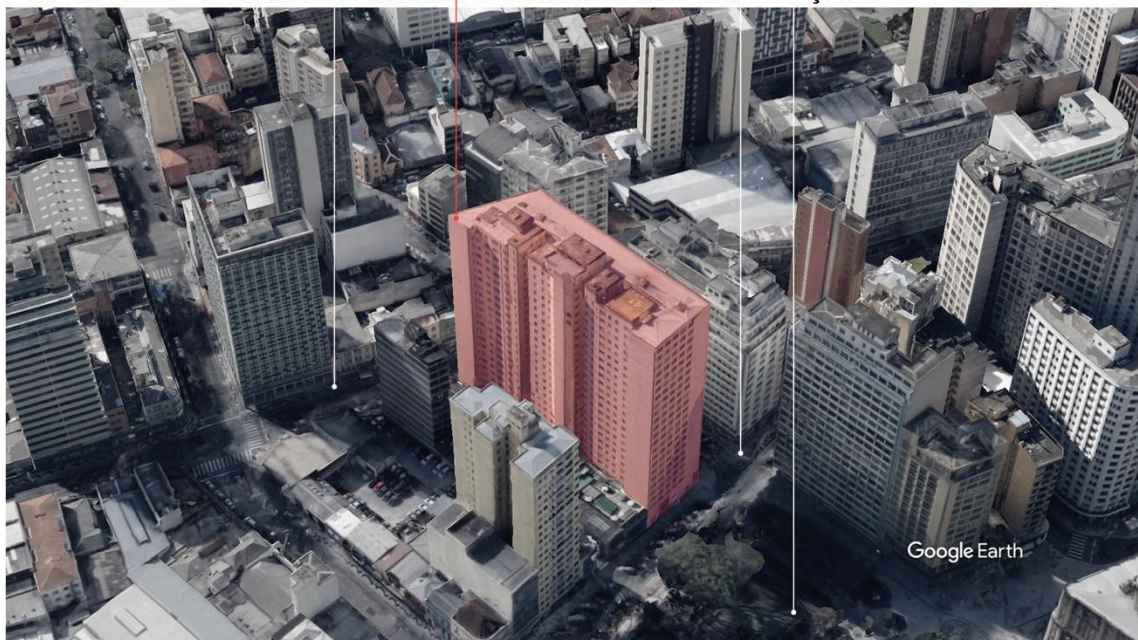
Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 2- Ficha técnica: Edifício Asa

Construção	1958-1960
Projeto	1950
Autoria	J Aranha S.A
Localização	Pç. General Osório, 495 R. Voluntários da Pátria, 475 Al. Dr. Carlos de Carvalho, 111
Iniciativa	Privada
Observações	Entorno de bem tombado.
Dados	Aranha S/A, (s/d), Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0044.0180.00-5, Castro & Posse (2017), Exata Construções Elétricas (1998), Percicotti (1999)

Fonte: Autora (2022)

Figura 4- Vista aérea: Edifício Asa
Al. Dr. Carlos de Carvalho 2 Ed. Asa R. Voluntários da Pátria Pç. Osório



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

A legislação municipal de aprovação dos projetos de galerias no centro de Curitiba foi decretada após ao aparecimento desse tipo arquitetônico na cidade, advindo do Código de Posturas e Obras do Município de Curitiba de 1953, Lei Nº 699/53, consequência do Plano Agache. O Código era bastante rigoroso em suas exigências construtivas (GNOATO, 2009). Entretanto, a respeito do tipo estudado, essa lei era superficial - não apresentava uma definição clara do que se considerava galeria, e nem indicações de dimensionamentos, por exemplo.

Outra legislação deste período relacionada às galerias é a Lei Nº 714/53 que decretou quais vias do centro de Curitiba eram consideradas comerciais, e portanto as edificações deveriam ser construídas a partir do alinhamento predial, sem recuos

frontais. Um entorno comercial e a noção continuidade espacial com o ambiente urbano são duas características extremamente favoráveis para o flunar pelas galerias (GEIST, 1985; ALEXANDER et al., 1977) (Mapa 9).

Mapa 9- Legislação: 1951-1960



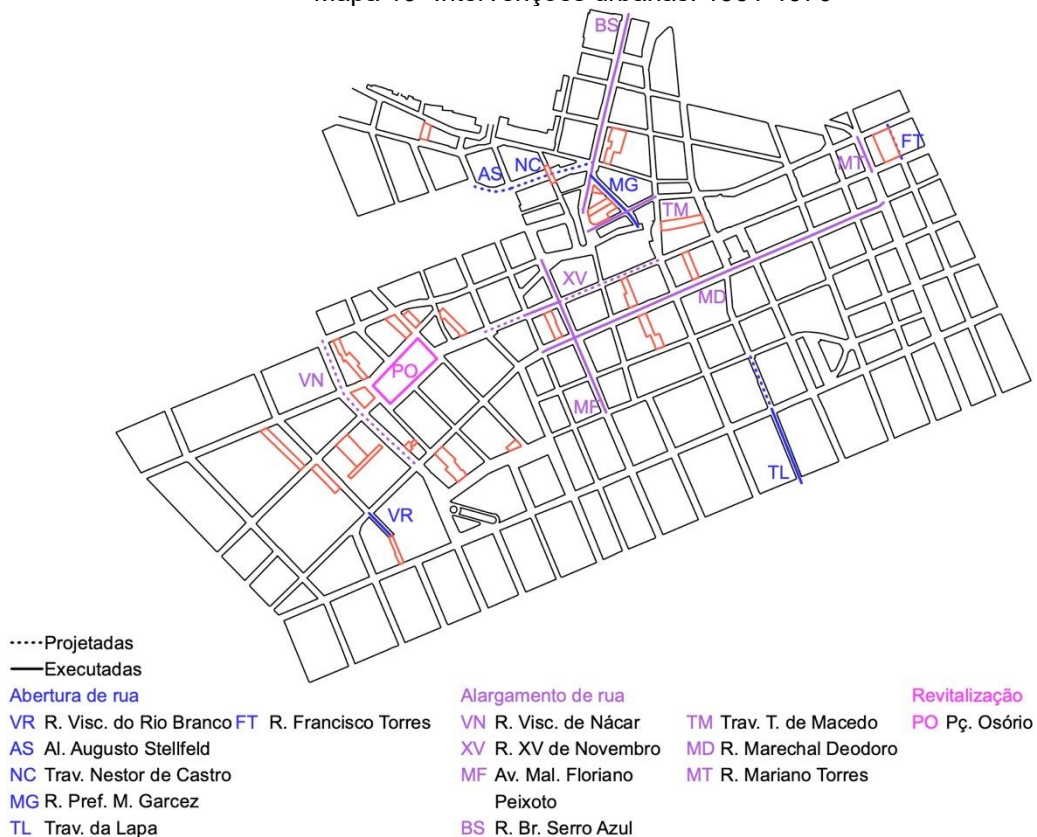
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1953) e IPPUC (2021)

A primeira lei específica que regulamentação da construção de galerias foi a Lei Nº 2197/1962. Além de regular aspectos da atividade comercial, ela também especificava os materiais a serem utilizados nos pisos e paredes, bem como os dimensionamentos mínimos da testada do edifício. E ainda determinou a galeria de passagem deveria ter pelo menos quatro metros de largura por também quatro metros de altura. Quatro situações foram apresentadas de acordo com a natureza da galeria de ser acesso ou não a lojas, e se está localizada no meio do edifício ou na lateral. Essa lei também obrigava a presença de instalações sanitárias públicas para os ambos os sexos independentes das que eventualmente existiriam nas lojas.

Em 1965, a Lei Nº 2741/1965 alterou alguns artigos da lei de 1962: retirou-se a obrigatoriedade da construção de instalações sanitárias públicas e diminuiu-se o tamanho mínimo da testada do edifício para galerias que se desenvolvem no meio da edificação.

Também em 1965 foi quando se desenvolveu o Plano Wilhelm-IPPUC. Uma das causas da elaboração deste plano foi o debate crítico em relação ao alargamento da Rua Marechal Deodoro previsto pelo Plano de Avenidas de Agache, fomentado por arquitetos vinculados ao recém-criado curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. Logo, a prefeitura a convocou uma concorrência para a elaboração de um novo plano urbanístico para Curitiba, vencida pela equipe liderada pelo arquiteto paulista Jorge Wilhelm. O plano vencedor tinha como uma das principais propostas a criação de um órgão municipal para gerir a sua própria implementação, o atualmente denominado Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba- IPPUC (GNOATO, 2009) (Mapa 10).

Mapa 10- Intervenções urbanas: 1961-1970



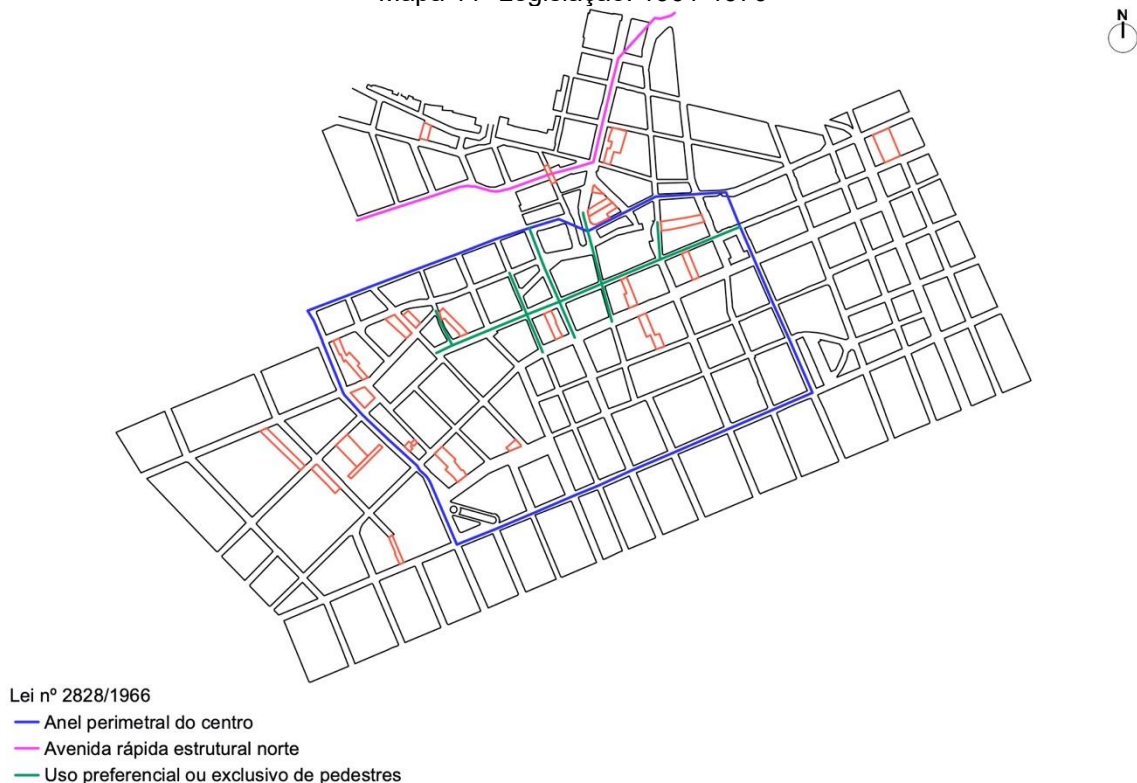
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Benvenuti (2017), Castro & Posse (2017), Carollo (2002), Curitiba (1962,1966), IPPUC (1971, 2021) e Sato (2012)

A partir do Plano Wilhelm-IPPUC, em 1966 foi aprovado o Plano Diretor de Curitiba, advindo da Lei N° 2828/1966. Diferentemente do Plano Agache em que o crescimento da cidade aconteceria de maneira centrípeta a partir do centro como foco estático, para o Plano de 1966 a ordenação do crescimento urbano de Curitiba deveria ser linear conduzido por eixos estruturais que diluiriam a noção de centralidade. A realidade de meados dos anos de 1960 também era outra, a população urbana

curitibana havia aumentado significativamente. O destino da cidade passou a ser estruturado sobre um tripé conceitual: uso do solo, sistema viário e transporte público (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010; GNOATO, 2009).

A área central passou a ser considerado como um espaço de lazer e convivência, servido de áreas de uso preferencial ou exclusivo para pedestres, e cujo caráter histórico-tradicional deveria ser preservado. O Plano de Avenidas de Agache não resolveu o problema de congestionamento do trânsito. Portanto, com o intuito de isolar o centro do transporte pesado de veículos, apropriou-se da ideia da Avenida Perimetral 0 de Agache para criar um anel viário de tráfego lento que circunda a área (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010; GNOATO, 2009) (Mapa 11).

Mapa 11- Legislação: 1961-1970



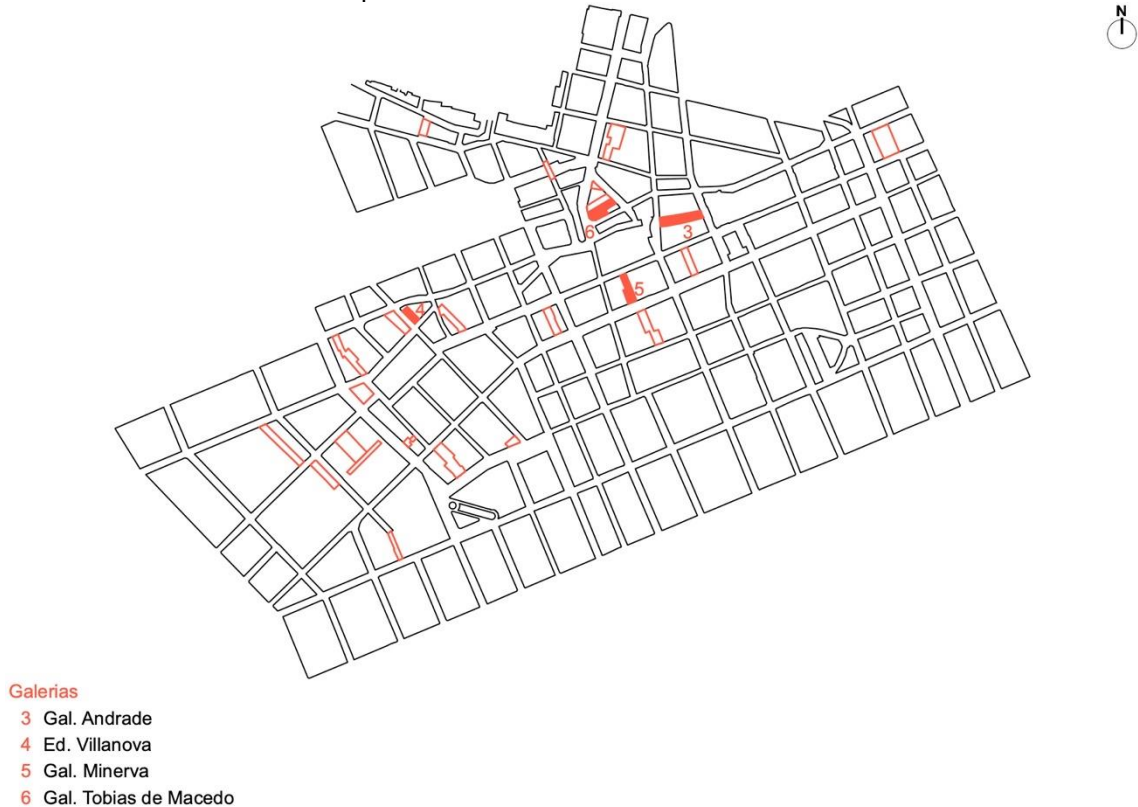
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1966) e IPPUC (2021)

Entre 1961 e 1970, foram construídas quatro galerias comerciais (Mapa 12). A Galeria Andrade serve um total de seis edificações residenciais. Entende-se que sua construção é fruto da colaboração de dois escritórios de arquitetura, e seus respectivos clientes. Na leitura dos projetos submetidos à aprovação da Prefeitura Municipal de Curitiba, especula-se que originalmente previa-se que Galeria Andrade agregaria apenas três edifícios, num formato de carregamento simples. E que

posteriormente, os responsáveis e/ou os projetistas do lote ao lado perceberam a oportunidade de conectar mais três edificações à mesma passagem, transformando ela em carregamento duplo. Apesar da construção dos seis edifícios ter se arrastado até 1972, o trecho inicial da Galeria Andrade foi finalizado ainda na década de 1961. Portanto, já atuava como rota de atalho (Quadro 3, Figura 5).

O Edifício Villanova foi construído na Rua Voluntários da Pátria em frente ao Edifício Asa (Quadro 4, Figura 6). A Galeria Minerva foi a primeira da cidade que não atua como embasamento de um edifício vertical (Quadro 5, Figura 7). A construção da Galeria Tobias de Macedo só foi possível graças ao alargamento da travessa homônima, e da abertura da Rua Prefeito João Moreira Garcez (Quadro 6, Figura 8).

Mapa 12- Galerias comerciais: 1961-1970



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Quadro 3- Ficha técnica: Galeria Andrade

Construção	1963-1972
Projeto	1958-1964
Autoria	Farid Surugi (Ed. Joaquim Andrade, Ed. Cláudia e Ed. Dona Sinhá)

	Técnica de Mari S.A (Ed. Astor, Ed. Ajax e Ed. Ana)
Localização	R.Riachuelo, 90 R. Pres.Faria, 149
Iniciativa	Privada
Observações	Conecta seis edifícios residenciais: Ed. Joaquim Andrade, Ed. Cláudia, Ed. Dona Sinhá, Ed. Astor, Ed. Ajax, Ed. Ana Entorno de bem tombado.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0336.00-4, Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0337.00-7, Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0062.00-2 Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0072.00-6, Alvará de construção Nº 17435B, Alvará de construção Nº 27944A, Alvará de construção Nº 18166B, Alvará de construção Nº 17200B, Alvará de construção Nº 35871A, Alvará de construção Nº 35906A

Fonte: Autora (2022)

Figura 5- Vista aérea: Galeria Andrade



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 4- Ficha técnica: Edifício Villanova

Construção	1965
Projeto	1958
Autoria	Irmãos Thá
Localização	R. Voluntários da Pátria, 442 R. Candido Lopes, 352
Iniciativa	Privada
Observações	Entorno de bem tombado.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0033.0208.00-0, Castro & Posse (2017)

Fonte: Autora (2022)

Figura 6- Vista aérea: Edifício Villanova

R. Cândido Lopes 4 Ed. Villanova R. Voluntários da Pátria



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 5- Ficha técnica: Galeria Minerva

Construção	1968
Projeto	1966
Autoria	Técnica de Mari S.A.
Localização	R. Mal. Deodoro, 261 R. XV de Novembro, 388
Iniciativa	Privada
Observações	Bem tombado.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0048.0194.00-8, Alvará de construção N° 38791A

Fonte: Autora (2022)

Figura 7- Vista aérea: Galeria Minerva

R. Mal. Deodoro 5 Gal. Minerva R. XV de Novembro



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 6- Ficha técnica: Galeria Tobias de Macedo

Construção	1969
Projeto	1966
Autoria	Técnica de Mari S.A.
Localização	R. Pref. João Moreira Garcez, 81 Trav. Tobias de Macedo, 37 Pç. Tiradentes, 70
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0086.00-7, Alvará de construção N° 18744B

Fonte: Autora (2022)

Figura 8- Vista aérea: Galeria Tobias de Macedo

Pç. Tiradentes 6 Gal. Tobias de Macedo R. Pref. Moreira Garcez Trav. Tobias de Macedo



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Do ano de 1971 a 1980, o centro de Curitiba foi marcado por extensas e emblemáticas mudanças de infraestrutura urbana, conduzidas pelas diretrizes do Plano Diretor de 1966 (Mapa 13 e Mapa 14).

O sistema de transporte coletivo possuía como principal função a de integrar o centro com as regiões mais habitadas da cidade, o que conduziu a implantação de uma linha de transporte rápido primeiramente no eixo Norte-Sul. Mais tarde, outras linhas associadas aos demais eixos estruturais foram executadas (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010; URBS, s.d.).

Parte deste sistema era composto por linhas de ônibus expressos, que são caracterizadas pela alta frequência e velocidade, logo necessitam de pistas exclusivas de circulação. Portanto, ao longo da implantação da nova organização de mobilidade coletiva, as vias integrantes da rede passaram a serem restritas ou conterem canelas

exclusivas para o transporte dos ônibus expressos, de acordo com as suas respectivas larguras (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010; URBS, s.d.).

As praças já existentes na área central foram apropriadas para a instalação de terminais e paradas de ônibus, sendo a Praça Rui Barbosa a que abriga o maior número de linhas. Com isso, esses espaços públicos foram descaracterizados, e as atividades de ponto de encontro e lazer foram inibidas (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010; URBS, s.d.).

O principal marco do fenômeno de pedestrianização do centro foi o início do calçamento da Rua XV de Novembro em 1972. As obras do primeiro trecho resultaram de uma manobra ousada por parte da prefeitura de execução rápida e fora do horário comercial, uma vez que os comerciantes locais eram contra o fechamento da rua para o tráfego de veículos motorizado. Entretanto a intervenção foi bem-sucedida, assim o calçadão foi expandido conectando a praça Osório até a praça Santos Andrade, e sua paisagem urbana foi tombada a nível estadual em 1974. Ao longo dos anos seguinte, o processo de pedestrianização se estendeu para outras vias da áreas centrais, inclusive para o centro histórico (DUDEQUE, 2010; NOGUEIRA, 2019).

É interessante notar que aparentemente complementares, o transporte coletivo por meio de ônibus expressos é conflituooso com a mobilidade peatonal, uma vez que a velocidade dos veículos coíbem a circulação de pedestres ao longo de vias de passagem, provocando a degradação urbana e a diminuição das trocas comerciais. Provavelmente ainda nesta época o poder público já estava ciente desta incompatibilidade, tanto que foram feitas intervenções na Praça Generoso Marques com o objetivo de “humanizar” o local (CASTRO; SANTOS, 2021; DUDEQUE, 2010).

Para a implantação do anel viário de tráfego lento, foi necessária a execução do alargamento da Travessa Nestor de Castro. Isso acabou por fracionar o centro histórico, segregando a Praça Tiradentes do Largo Coronel Enéas, mais conhecido como Largo da Ordem, e também a demolição de diversas edificações históricas da Rua José Bonifácio. Mais tarde o corpo técnico da prefeitura concluiu que essa manobra foi um erro e passou a ser mais rígido na preservação do patrimônio da cidade. Criou-se o então denominado Setor Histórico, que para além da dimensão histórica, passou a abrigar preferencialmente as atividades de cultura, lazer e turismo (CURITIBA, 1972; DUDEQUE, 2010).

Mapa 13- Intervenções urbanas: 1971-1980



.....Projetadas
 — Executadas

Abertura de rua

MB R. Cel. Menna Barreto Monclaro

AS Al. Augusto Stellfeld

NC Trav. Nestor de Castro

TL Trav. da Lapa

FT R. Francisco Torres

Alargamento de rua

VN R. Visc. de Nácar

Revitalização

PO Pç. Osório

Calçada

XV R. XV de Novembro

LV Av. Luiz Xavier

VP R. Voluntários da Pátria

AG R. Sen. Alencar

Guimarães

JB R. José Bonifácio

Transporte público

RB Pç. Rui Barbosa

PI R. Pedro Ivo

GM Pç. Generoso Marques

RI R. Riachuelo

BR R. Br. do Rio Branco

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Benvenuti (2016), Castro & Posse (2017), Dudeque (2010), IPPUC (1971, 1973, 2008, 2020, 2021), Santos & Castro (2021) e URBS (s.d.)

Mapa

14- Legislação: 1971-1980

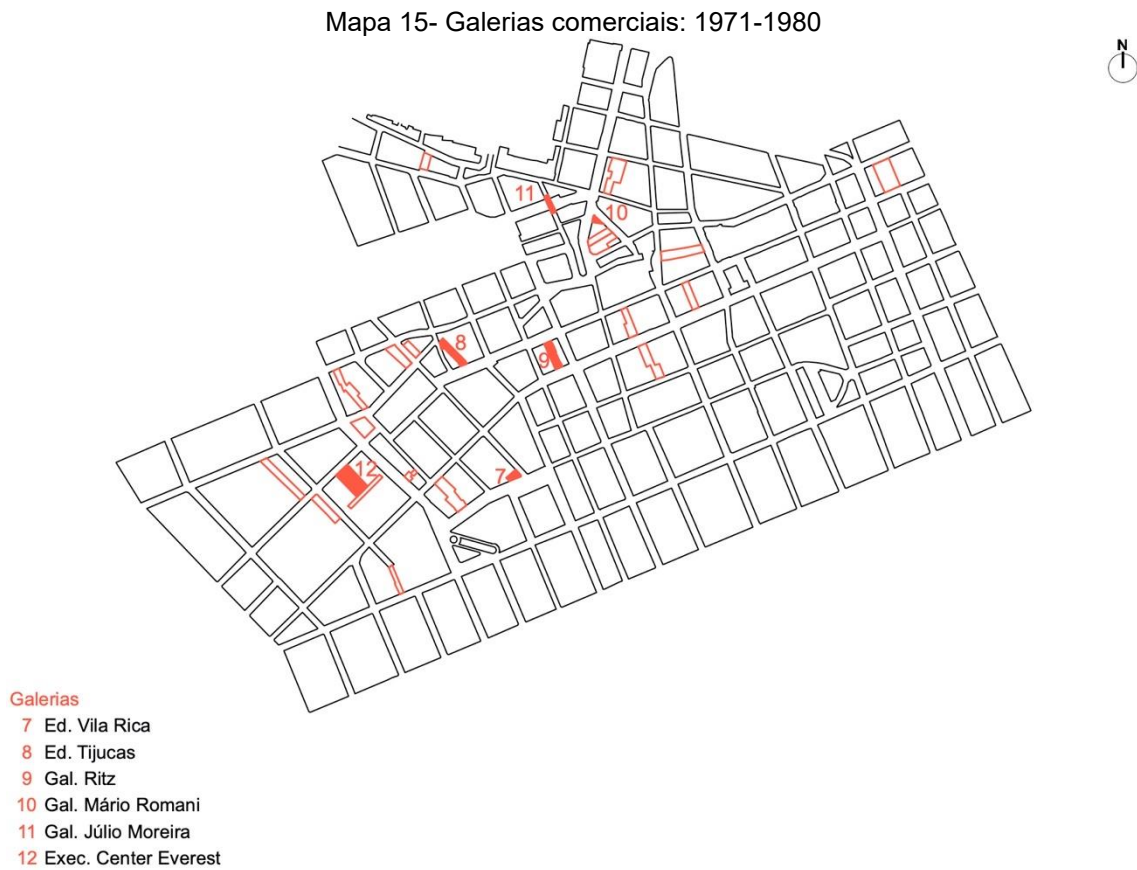


Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1972, 1975) e IPPUC (1972, 1975, 2021)

Entretanto, esse processo acabou por conduzir à construção da primeira galeria em Curitiba realizada pelo poder público em 1976, a peculiar Galeria Júlio Moreira. Com a intenção de reconectar a Praça Tiradentes com o restante do conjunto histórico, a galeria é uma passagem de pedestres subterrânea, ocorrendo abaixo da Travessa Nestor de Castro (Quadro 11, Figura 13). Quando construída, ela abrigava lojas, porém, desde sua revitalização em 2008 nela funciona o Espaço Cultural Galeria Júlio Moreira formado pelo o Teatro Universitário de Curitiba (TUC), pelo Clube de Xadrez Erbo Stenzel e Galeria de Arte Urbana (DUDEQUE, 2010; ESPAÇO CULTURAL GALERIA JÚLIO MOREIRA, [s/d]; PETERLINI, 2012; MENEZES, 2016).

Outras cinco galerias foram construídas neste período (Mapa 15). Duas delas associadas ao recém construído calçadão Rua XV de Novembro-Avenida Luiz Xavier: Edifício Tijucas e Galeria Ritz (Quadro 8, Figura 10, Quadro 9, Figura 11). O Edifício Vila Rica foi construído às margens de uma via onde os ônibus expressos circulam, a Rua Pedro Ivo (Quadro 7, Figura 9). A Galeria Mário Romani foi construída no encontro da recém aberta Rua Prefeito João Moreira Garcez com a há pouco alargada Ru Barão do Serro Azul (Quadro 10, Figura 12). Outra galeria desta época é a Executive Everest Center, que atualmente está conectada à Rua 24 Horas, construída

quase 20 anos depois. Entretanto, em seu projeto original foi considerada a conexão com o prolongamento projetado da Rua Coronel Menna Barreto Monclaro (Quadro 12, Figura 14).



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Quadro 7- Ficha técnica: Edifício Vila Rica

Construção	1971
Projeto	1967
Autoria	O.P. Oliveira B. Fontanive A. Krasinski
Localização	R. Voluntários da Pátria, 11 R. Pedro Ivo, 73
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0036.0266.00-0, Alvará de construção N° 41775A

Fonte: Autora (2022)

Figura 9- Vista aérea: Edifício Vila Rica
R. Pedro Ivo 7 Ed. Vila Rica R. Voluntários da Pátria



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

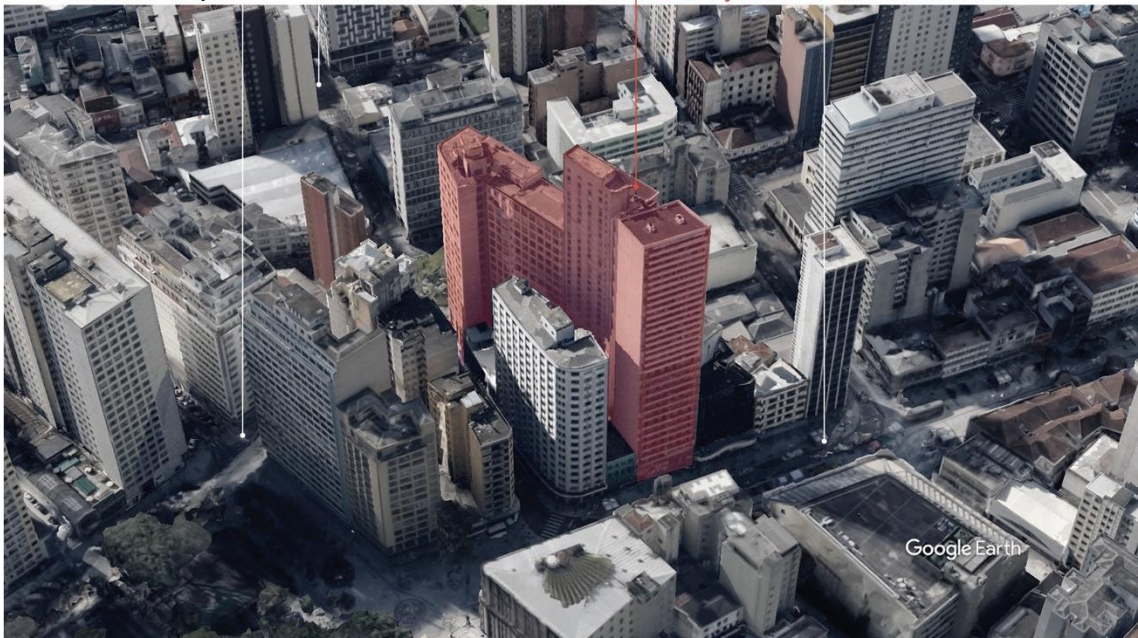
Quadro 8- Ficha técnica: Edifício Tijuca

Construção	1960-1972
Projeto	1953-1969
Autoria	Paulo Augusto Wendler Construtora Excelsior LTDA
Localização	Av. Luiz Xavier, 68 R. Des. Ermelino de Leão, 80 R. Cândido Lopes, 289
Iniciativa	Privada
Observações	Bem tombado
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0024.0012.00-1, Alvará de construção: 19817 A Alvará de construção: 19557 B Castro & Posse (2017)

Fonte: Autora (2022)

Figura 10- Vista aérea: Edifício Tijuca

R. Cândido Lopes R. Des. Ermelino de Leão 8 Ed. Tijuca Av. Luiz Xavier



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 9- Ficha técnica: Galeria Ritz

Construção	1973
Projeto	1966
Autoria	Lubomir Ficinski Roberto Gandolfi
Localização	R. Mal. Deodoro, 51 R. XV de Novembro, 168
Iniciativa	Privada
Observações	Bem tombado
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0006.0056.00-1, Alvará de construção N° 39205A

Fonte: Autora (2022)

Figura 11- Vista aérea: Galeria Ritz
R. XV de Novembro 9 Gal. Ritz R. Mal. Deodoro



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 10- Ficha técnica: Galeria Mário Romani

Construção	1974
Projeto	1972
Autoria	Alfred Willer, José Sanchotene, Oscar Müller
Localização	R. Pref. Moreira Garcez, 171 R. Br. Do Serro Azul, 70
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0034.00-7, Alvará de construção Nº 51960A

Fonte: Autora (2022)

Figura 12- Vista aérea: Galeria Mário Romani
R. Pref. Moreira Garcez 10 Gal. Mário Romani R. Br. do Serro Azul



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 11- Ficha técnica: Galeria Júlio Moreira

Construção	1976
Projeto	1973
Autoria	Júlio Pechmann, Alberto Celi
Localização	R. José Bonifácio, s.n. Sob Trav. Nestor de Castro
Iniciativa	Pública
Observações	Uso original: comercial. Uso atual: cultural.
Dados	Pechmann (1973 a , 1973 b, 1974)

Fonte: Autora (2022)

Figura 13- Vista aérea: Galeria Júlio Moreira
Trav. Nestor de Castro 11 Gal. Julio Moreira R. José Bonifácio



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 12- Ficha técnica: Executive Center Everest

Construção	1978
Projeto	1975
Autoria	Luiz forte Netto, Orlando Busarello, Dilva S. Bussarello
Localização	R. Com. Araújo, 143 R. do Comércio 24 Horas, 90
Iniciativa	Privada
Observações	Atualmente conectada à Rua 24 Horas. Originalmente ao projeto de prolongamento da Rua Cel. Menna Barreto Monclaro
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0059.0184.00-8, Alvará de construção N° 57654A

Fonte: Autora (2022)

Figura 14- Vista aérea: Executive Center Everest



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

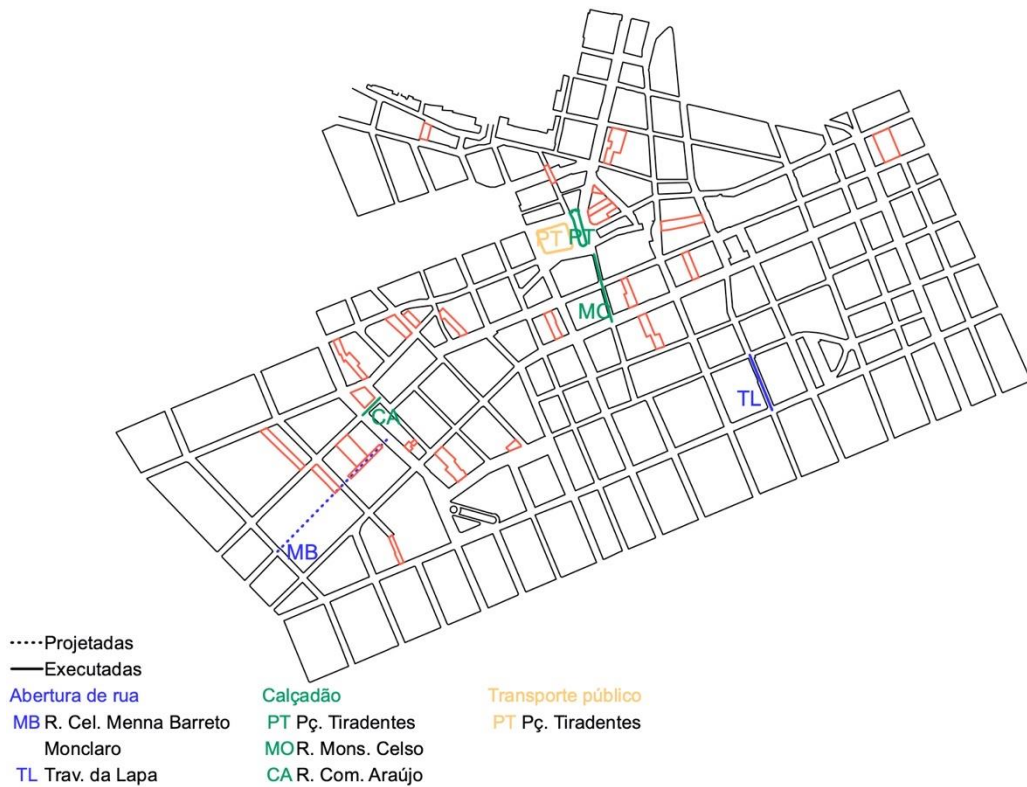
A partir de 1981 até 1990, continuou-se o processo de consolidação do Plano Diretor de 1966. Com o desenvolvimento linear da cidade, este foi o primeiro período do recorte temporal pesquisado em que houve um decréscimo habitacional do Centro. Mesmo com o ainda aumento expressivo de emissão alvarás comerciais pelo bairro, numa escala global a atividade comercial passou a ser diluída pelos eixos estruturais que passaram a compor sub-centros. (CASTRO; SANTOS, 2021; NOGUEIRA, 2019).

Desde meados da década de 1960, as atividades sociais em Curitiba passaram a migrar gradativamente para os ambientes da esfera privada. Entretanto, esse movimento foi intensificado na década de 1980 com o surgimento dos *shoppings centers*. (DUDEQUE, 2010).

A transferência e a diluição da vida comunitária tanto para as estruturais quanto para os *shoppings centers* culminaram no esvaziamento das ruas e praças do centro da cidade (DUDEQUE, 2010).

As intervenções urbanas no recorte geográfico estudado foram menos expressivas e mais pontuais em relação aos períodos anteriores. Indicativo de que nessa época os esforços de desenvolvimento da cidade foram concentrados fora da área central (CASTRO; SANTOS, 2021; NOGUEIRA, 2019) (Mapa 16).

Mapa 16- Intervenções urbanas: 1981-1990




Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (1982, 1998, 2008, 2020, 2021), Peterlini (2012) e Rosaneli et al (2016)

Em termos legislativos, levantou-se apenas um documento deste período que se relaciona à construção das galerias comerciais. Uma das diretrizes do Plano Diretor de 1966 era da possibilidade da utilização de miolo de quadra como área de lazer. O decreto Nº 161 de 1982 suprime essa diretriz para determinadas quadras urbanas, no mapa a seguir estão destacadas aquelas onde há galerias comerciais atualmente construídas (Mapa 17).

Mapa 17- Legislação: 1981-1990



Decreto nº 161/1982

 Suprime miolo de quadra

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1982) e IPPUC (2021)

Durante o intervalo temporal de 1981 e 1990, foram abertas quatro galerias, sendo três delas advindas de processos de reciclagem e/ou ampliação de edificações já existentes (Mapa 18). A Galeria Suíssa é fruto da reforma de uma antiga loja (Quadro 13, Figura 15). O Omar Square engloba um casarão histórico que já abrigou a Universidade Federal do Paraná (LYRA; PARCHEN; LA PASTINA FILHO, 2006) (Quadro 15, Figura 17). Pode-se considerar que a Galeria General Osório foi construída em duas fases: a primeira etapa já foi projetada aos moldes de galeria, apesar de não configurar inicialmente uma rota de passagem (Quadro 16, Figura 18). Localizada numa nova construção, a galeria do Edifício Júlio Manfredini Junior é bastante interessante por conformar uma continuação da Rua Visconde do Rio Branco (Quadro 14, Figura 16).

Mapa 18- Galerias comerciais: 1981-1990



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Quadro 13- Ficha técnica: Galeria Suíssa

Construção	1981
Projeto	1980
Autoria	Roberto Martins de Albuquerque
Localização	R. Mal. Deodoro, 262 R. José Loureiro, 343
Iniciativa	Privada
Observações	Reciclagem de edificação de 1972.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.1.0059.0192.00-4, Alvará de construção N° 28909B

Fonte: Autora (2022)

Figura 15- Vista aérea: Galeria Suíssa
R. José Loureiro 13 Gal. Suíssa R. Mal. Deodoro



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 14- Ficha técnica: Edifício Júlio Manfredini Júnior

Construção	1985
Projeto	1984
Autoria	Bráulio Carollo, Luis Salvador Gnoato
Localização	R. Dr. Pedrosa, 140 R. Visc. Do Rio Branco, 1837
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0061.0576.02-0, Alvará de construção Nº 32210 B

Fonte: Autora (2022)

Figura 16- Vista aérea: Edifício Júlio Manfredini Júnior
R. Dr. Pedrosa 14 Ed. Júlio Manfredini Jr. R. Visc. do Rio Branco



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 15- Ficha técnica: Omar Square

Construção	1987
Projeto	1986
Autoria	Zenon Segundo de Braga Pesch, Ricardo José Machado Pereira
Localização	Av. Vicente Machado, 285 R. Com. Araújo, 268
Iniciativa	Privada
Observações	Reciclagem de edificação tombada do século XIX e ampliação
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0070.0210.01-5, Alvará de construção Nº 35333 B

Fonte: Autora (2022)

Figura 17- Vista aérea: Omar Square



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 16- Ficha técnica: Galeria General Osório

Construção	1964 (fase 1) 1988 (fase 2)
Projeto	1964-1980
Autoria	Luyr Isfer (fase 1), Carlos Demeterco (fase 2)
Localização	Pç. Osório, 333 Al. Dr. Carlos de Carvalho, 269
Iniciativa	Privada
Observações	Reciclagem e ampliação de edificação.
Dados	Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0051.0262.00-8, Consulta para fins de construção-Inscrição imobiliária: 01.0.0051.0030.00-6, Alvará de construção N° 35653A Alvará de construção N° 68599A

Fonte: Autora (2022)

Figura 18- Vista aérea: Galeria General Osório



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

A partir da década de 1970, o poder público passou a enxergar o urbanismo aplicado em Curitiba como uma forma de diferenciar a cidade dos outros centros urbanos brasileiros, tanto para os moradores, quanto para a atração de novos habitantes e turistas. Até hoje, o turismo pregado pelo poder público em Curitiba é essencialmente urbanístico. Assim, a partir da década de 1990 começou-se a realizar obras de revitalização a área central, bem como instalações de equipamentos públicos voltados ao lazer em diversas áreas da cidade (GARCÍA, s/d; IRAZÁBAL, 2013; BENVENUTTI, 2017).

Como parte do programa Revivendo Curitiba, em 1997 os passeios da Rua Comendador Araújo foram revitalizados (IPPUC, 1997). Em 1994 foi implantada a primeira linha de ônibus de turismo, percorrendo os novos e os já existentes pontos

turísticos da cidade (Mapa 19). As galerias Rua 24 Horas e Arcadas de São Francisco são dois exemplos desses equipamentos de iniciativa pública para a atração turística. (GARCÍA, s/d; IRAZÁBAL, 2013; BENVENUTTI, 2017; SOBRE A RUA 24 HORAS, [2011], URBS, s/d).

Mapa 19- Intervenções urbanas: 1991-2000



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (1993, 1997, 1998, 1999, 2021), Santos & Castro (2021), Rosaneli et al (2016), URBS (s.d.) e Zaruch (2019)

Para a elaboração da Rua 24 Horas, os técnicos do IPPUC aproveitaram a área projetada para o prolongamento da Rua Coronel Menna Barreto Monclaro. Os dos estudos iniciais eram bastante ousados: alguns desenhos consideravam que a galeria iria ocupar as três quadras da rua em questão, outros que a circulação de veículos seria subterrânea. A construção implantada é bem mais modesta do que originalmente prevista e ocupa apenas uma quadra, sem passagem alguma para carros. Apesar do nome, desde 2007 a galeria é fechada no período noturno (IPPUC, 1984, 1989, 1990, 1991; SOBRE A RUA 24 HORAS, [2011]) (Quadro 17, Figura 19).

As Arcadas de São Francisco acontece sob uma arquibancada que forma um anfiteatro ao ar livre. O “cenário” do palco é as Ruínas de São Francisco, um dos

elementos arquitetônicos da tombada Praça João Cândido (FONSECA, 2019) (Quadro 21, Figura 23).

Durante esta década, há uma nova queda populacional no Centro, entretanto o aumento dos alvarás comerciais permanece constante em relação ao período anteriormente retratado. Neste momento, Curitiba começou a se tornar uma das cidades brasileiras com a maior de frota de veículos motorizados individuais em relação ao número de habitantes (DUDEQUE, 2010; NOGUEIRA, 2019). A evidente diminuição da área de abrangência do anel central de tráfego lento em 1996 pode ser entendida como uma tentativa de absorção do grande volume automóveis em circulação (CURITIBA, 1996).

Em 1991, foi deliberado o primeiro decreto de incentivo construtivo para galerias comerciais no embasamento de edifícios na Zona Central, o Decreto Nº 50/1991, com justificativa de se ampliar as áreas de uso público para pedestres. Pode-se considerar o decreto como consequência de dois fenômenos urbanos anteriormente abordados: a pedestrianização e o *city marketing*. O incentivo considerava como áreas não computáveis aquelas relacionadas às galerias que apresentavam características específicas:

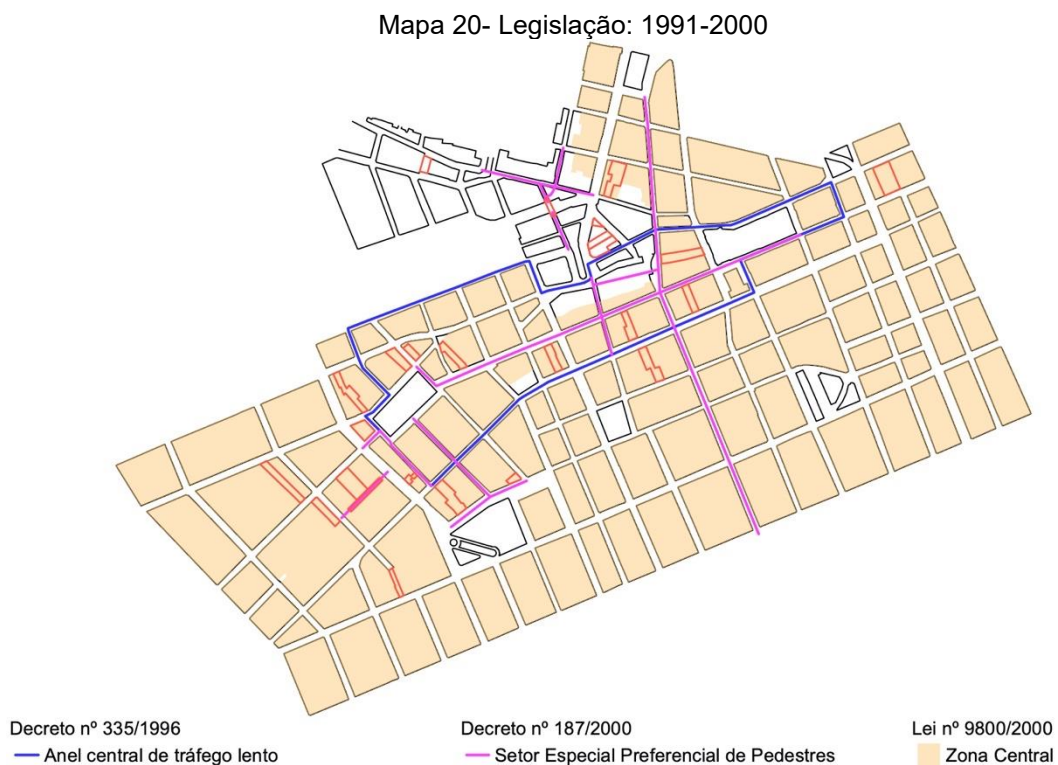
- Localizadas no térreo com acesso transversal a rua;
- Desenvolvimento longitudinal de no mínimo dois terços da profundidade do lote;
- Lojas acessadas pela galeria;
- Dimensões internas mínimas de 2,80 m de pé-direito, e largura livre equivalente a 1/20 (um vinte avos) do seu comprimento, sendo o mínimo 4,00 m.

Em 1995, adveio um novo decreto, Nº 1137/1995, que apenas alterou os cálculos para o incentivo construtivo. Neste mesmo ano, há grandes mudanças nas linhas de transporte expresso: os ônibus passam a serem biarticulados por conta do aumento da demanda, e as paradas são substituídas por estações-tubo que facilitam o embarque e desembarque. Com isso, na área central o trajeto do eixo Norte-Sul é realocado das ruas Riachuelo e Barão do Rio Branco para as vias mais largas e suas paralelas: Travessa da Lapa e a Rua Presidente Faria (CASTRO, SANTOS; 2021).

Em 2000 é estabelecido a maior reformulação das diretrizes de crescimento da cidade desde 1966, com a Lei Nº 9800/2000. Neste mesmo ano novamente foi decretado de incentivo construtivo para galerias, o Decreto Nº 184/2000. As

mudanças em relação ao documento anterior também são sobre os cálculos para o incentivo construtivo. Esse novo decreto ainda incorpora a obrigação de que as lojas devem ocupar no mínimo dois terços da extensão da galeria, a área restante pode abrigar áreas de hall ou de acesso aos pavimentos superiores.

Ainda no ano 2000, com o Decreto N° 187/2000 estabelece-se o Setor Especial Preferencial de Pedestres que “compreende os terrenos com testada para as vias públicas bloqueadas total ou parcialmente ao tráfego de veículos”. Mais uma vez há uma tentativa de reforçar o entendimento do centro como espaço para os pedestres (Mapa 20).



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (1996, 2000 b, 2000 c) e IPPUC (2021)

Além das galerias públicas já citadas, neste período também foram inauguradas outras três (Mapa 21). Enquanto o Shopping Metropolitan (Quadro 18, Figura 20) e a Gallery Executive Center (Quadro 19, Figura 21) são novas construções que possivelmente são consequência dos incentivos construtivos, a Galeria Pinheiro Lima (Quadro 20, Figura 22) é fruto da reforma e conexão de duas edificações previamente construídas.

Mapa 21- Galerias comerciais: 1991-2000



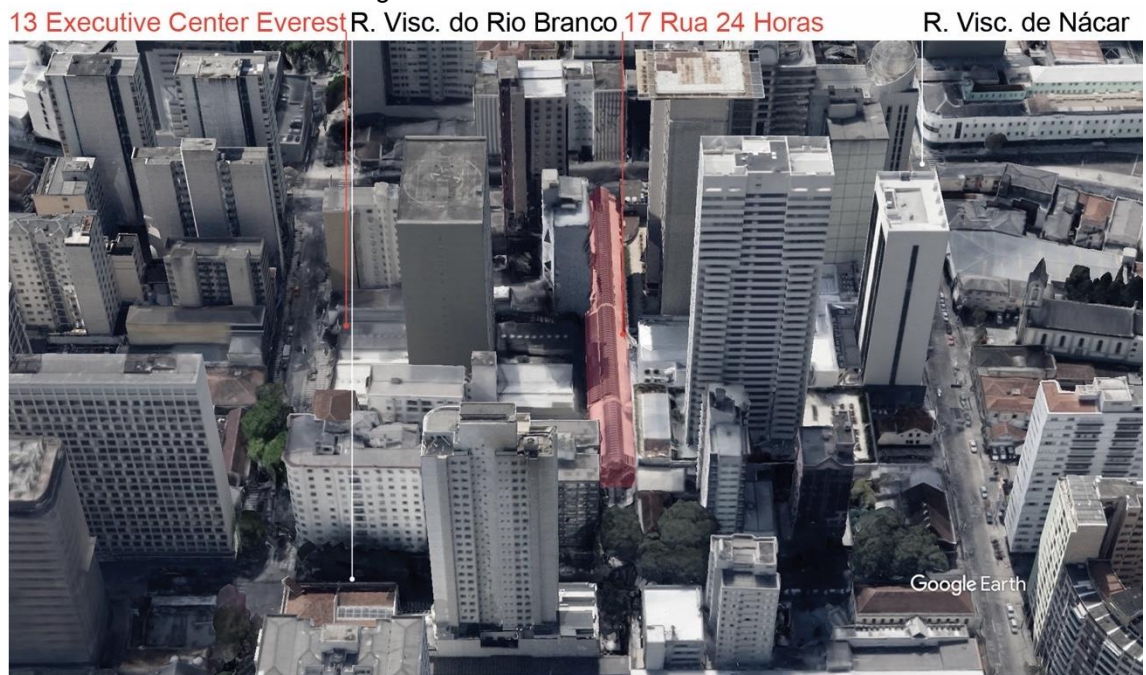
Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Quadro 17- Ficha técnica: Rua 24 Horas

Construção	1991
Projeto	1984-1991
Autoria	IPPUC
Localização	R. Visc. de Nácar, s/n R. Visc. do Rio Branco, s/n
Iniciativa	Pública
Observações	Aproveita o projeto da rua Cel. Menna Barreto Monclaro. Unidade de interesse de preservação.
Dados	IPPUC ([s/d], 1984, 1989,1990,1991) SOBRE A RUA 24 HORAS [S. I.] [2011]

Fonte: Autora (2022)

Figura 19- Vista aérea: Rua 24 Horas



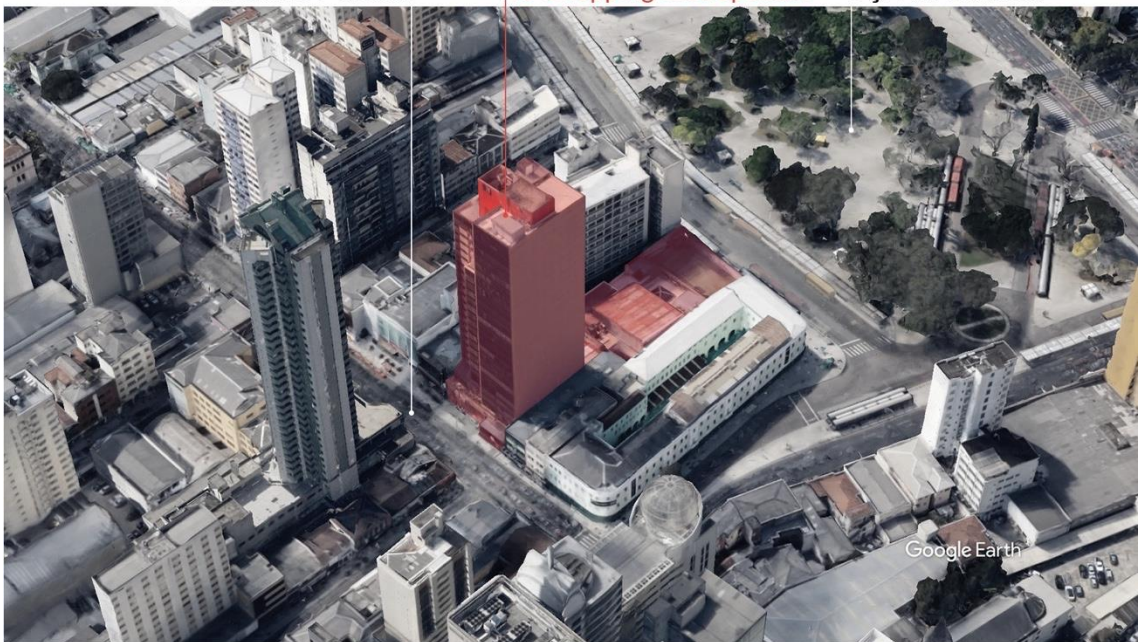
Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 18- Ficha técnica: Shopping Metropolitan

Construção	1991
Projeto	1986
Autoria	Flávio Appel Schiavon, Manuel Marcos Baggio Pereira
Localização	Pç. Rui Barbosa, 765 R. Emiliano Pernetá, 297
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.0.0047.0068.02-0 Alvará de construção N° 87351A

Fonte: Autora (2022)

Figura 20- Vista aérea: Shopping Metropolitan
R. Emiliano Pernetá 18 Shopping Metropolitan Pç. Rui Barbosa



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

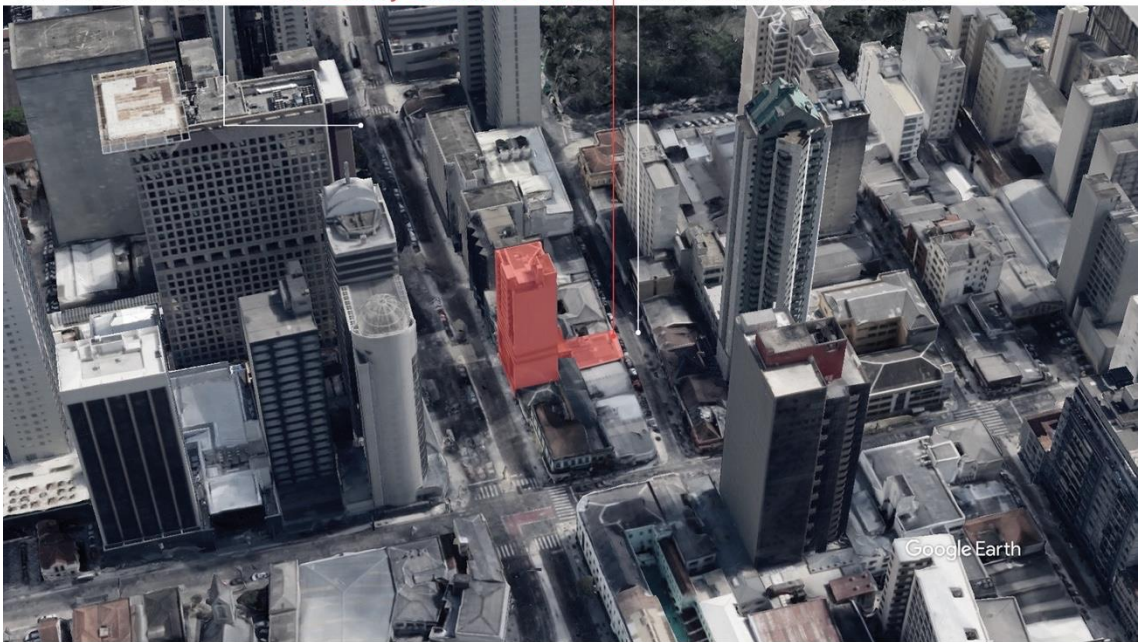
Quadro 19- Ficha técnica: Gallery Executive Center

Construção	1993
Projeto	1989
Autoria	Mauro Cesar Grande Moreira
Localização	R. Visc. de Nácar, 1505 Trav. Jesuíno Marcondes, 128
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.0.0053.0182.01-0 Alvará de construção N° 38193 B

Fonte: Autora (2022)

Figura 21- Vista aérea: Gallery Executive Center

R. Visc. de Nácar 19 Gallery Executive Center Trav. Jesuíno Marcondes



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 20- Ficha técnica: Galeria Pinheiro Lima

Construção	1993
Projeto	1992
Autoria	José Maria de Pedrosa Junior
Localização	Pç. Tiradentes, 106 R. Pref. Moreira Garcez, 101
Iniciativa	Privada
Observações	Reciclagem e conexão de dois edifícios de 1968: um residencial e outro cultural, o Cine Glória.
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0066.00-2 Alvará de construção N° 401461 B

Fonte: Autora (2022)

Figura 22- Vista aérea: Galeria Pinheiro Lima
R. Pref. Moreira Garcez 20 Gal. Pinheiro Lima Pç. Tiradentes



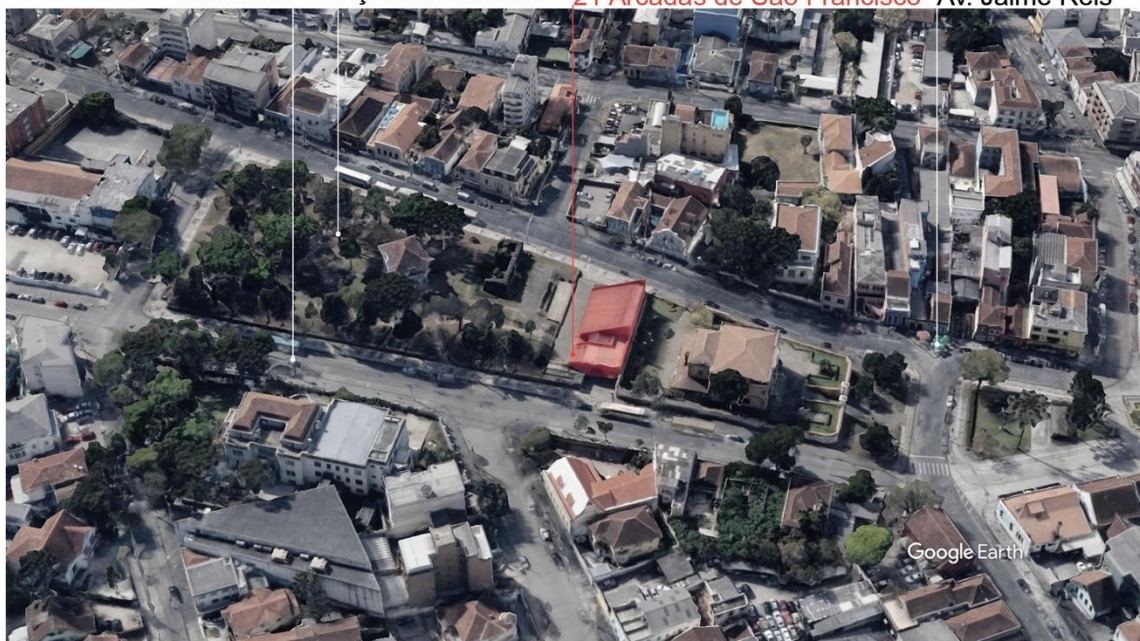
Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 21- Ficha técnica: Arcadas de São Francisco

Construção	1995
Projeto	1993-1994
Autoria	IPPUC
Localização	Av. Jaime Reis, 107 R. Kellers, 290
Iniciativa	Pública
Observações	Cobertura com uso cultural: arquibancada para teatro aberto das Ruínas de São Francisco.
Dados	Fonseca (2019) IPPUC (1993, 1994)

Fonte: Autora (2022)

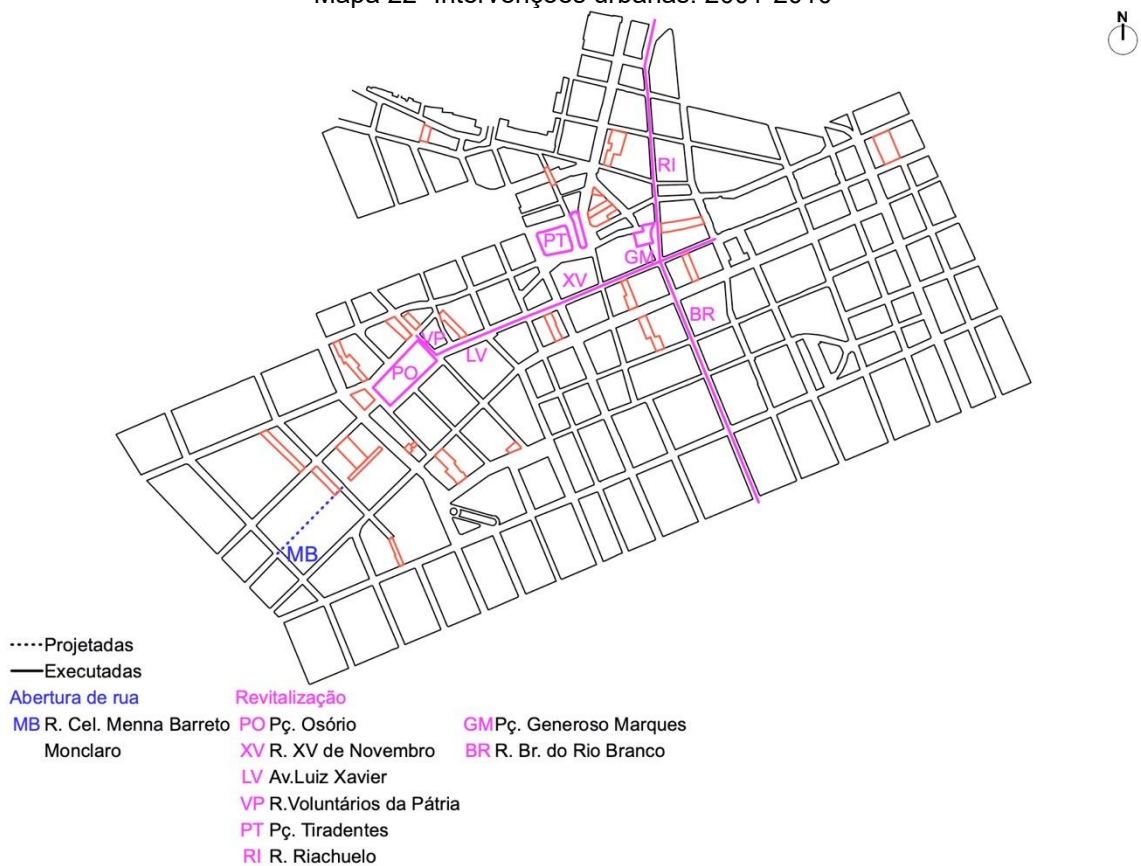
Figura 23- Vista aérea: Arcadas de São Francisco
R. Kellers Pç. João Cândido 21 Arcadas de São Francisco Av. Jaime Reis



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

As obras de revitalização da área central se prolongam para a década seguinte, de 2001 a 2010. Neste período elas são principalmente motivadas pela ideia de preservação do patrimônio arquitetônico e urbano. Termina-se a primeira intervenção no calçadão da Rua XV de Novembro desde sua consolidação na década de 1970. Também como parte do programa Revivendo Curitiba, as obras foram concentradas na troca de mobiliário urbano, melhoria da pavimentação e modernização das redes infraestrutura (NOGUEIRA, 2019). A partir da Lei Nº 9800/2000 o eixo Barão do Rio Branco-Riachuelo passa a integrar o Setor Especial Histórico, passa por melhorias de qualificação do espaço de circulação dos pedestres (CASTRO; SANTOS, 2021) (Mapa 22).

Mapa 22- Intervenções urbanas: 2001-2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2020, 2021), Sato (2012), Weigert (2020)

Nesta década o bairro Centro apresenta uma taxa de crescimento populacional maior do a média da cidade, entretanto há um crescimento modesto da emissão de alvarás comerciais (NOGUEIRA, 2019).

De 2001 a 2010 duas galerias são inauguradas (Mapa 23). A Galeria Glaser (Quadro 22, Figura 24), tal qual o Omar Square, integra em seu projeto uma edificação histórica. Aquela também considerou o ainda previsto prolongamento da Rua Coronel Menna Barreto Monclaro. A Galeria Central Park (Quadro 23, Figura 25) é a única dentre as levantadas cujos lote e edifício ocupam uma quadra inteira.

Mapa 23- Galerias comerciais: 2001-2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

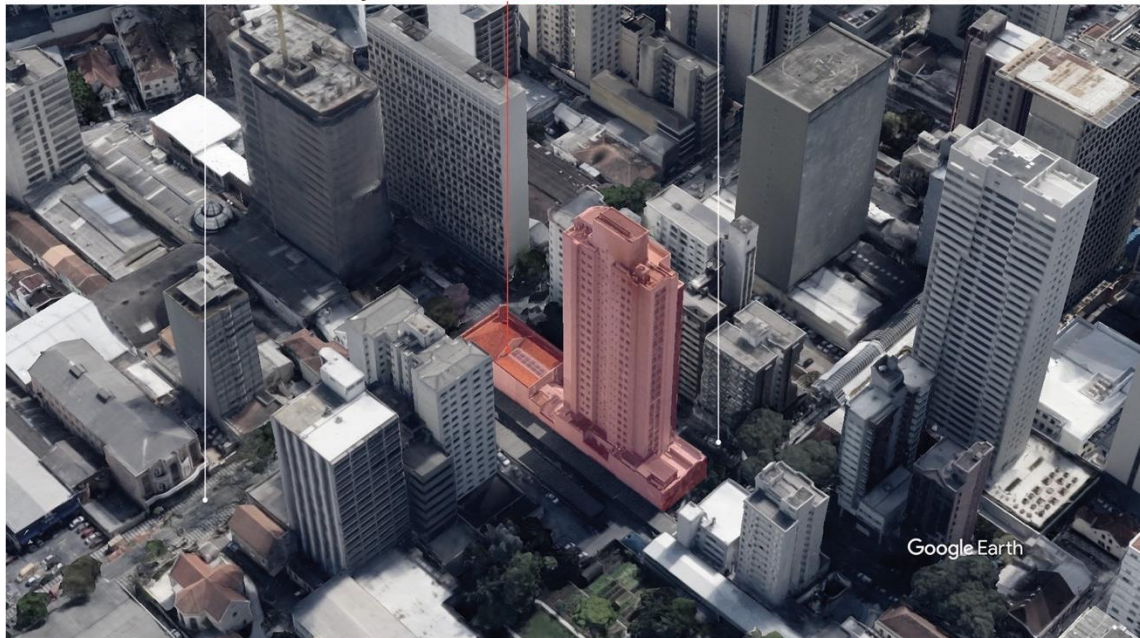
Quadro 22- Ficha técnica: Galeria Glaser

Construção	2001
Projeto	1998-1999
Autoria	Mirna Cortopassi Lobo, Eneida Kuchpil, Lisana Kátia Schmitz
Localização	R. Visc. do Rio Branco, 1630 R. Com. Araújo, 241
Iniciativa	Privada
Observações	Reciclagem de edificação de 1887 e ampliação. Entorno de bem tombado.
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.0.0071.0316.02-0 Alvará de construção N° 49391B GALERIA Glaser: conheça a história do comércio centenário (2018)

Fonte: Autora (2022)

Figura 24- Vista aérea: Galeria Glaser

R. Com. Araújo 22 Gal. Glaser R. Visc. do Rio Branco



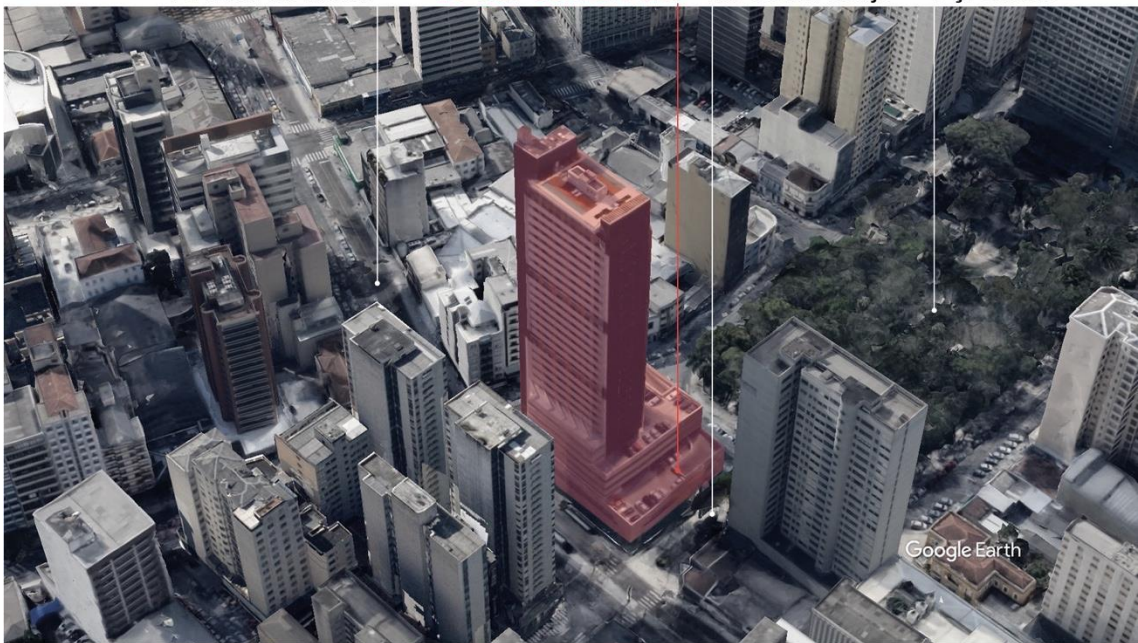
Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Quadro 23- Ficha técnica: Galeria Central Park

Construção	2010
Projeto	2008-2009
Autoria	Waldeny da Silva Fiuza, Manoel Dória P. G. Neto, José Vicente Lopes, Carlos Antonio Gaboardi, Heloisa D. Mandim, Marcia Yamamoto
Localização	Pç. Osório, 319 R. Visc. de Nácar, 1271 R. Com. Araújo, 24
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.0.0052.0118.00-8 Alvará de construção N° 284657

Fonte: Autora (2022)

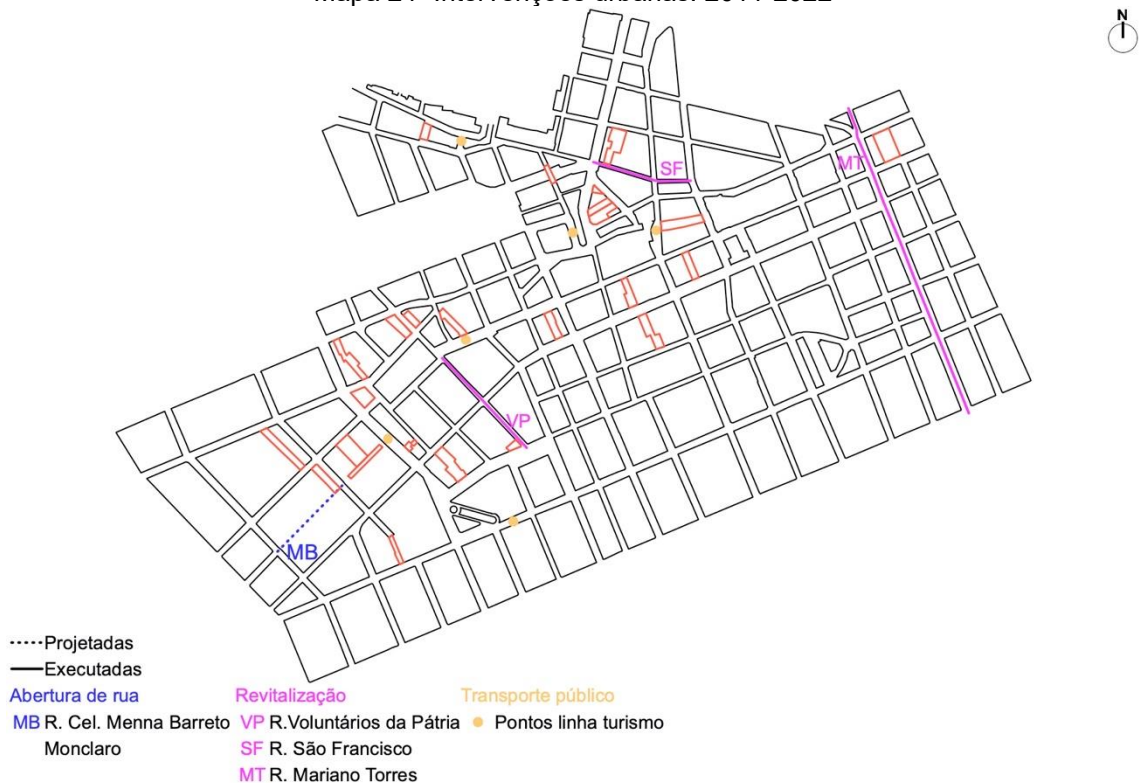
Figura 25- Vista aérea: Galeria Central Park

R. Visc. de Nácar **23 Gal. Central Park** R. Com. Araújo Pç. Osório

Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Os anos mais recentes ainda são caracterizados por obras de revitalização de vias, cujas motivações são as mesmas do período anterior: preservação do patrimônio, a atração da população para o centro e o incentivo ao deslocamento a pé. Em alguns destes casos, os investimentos foram fruto de uma parceria público-privada. A intervenção da Rua Voluntários da Pátria entre a Praça Osório e a Praça Rui Barbosa foi a primeira à concretizar as intenções do Plano Estratégico de Calçadas de 2014. Também foi observada que nos últimos 11 anos a linha de turismo foi ampliada. Atualmente há cinco paradas que estão localizados próximos às galerias comerciais (CURITIBA, 2015; IPPUC, 2020; CURITIBA TURISMO, s/d; WEIGERT, 2020) (Mapa 24).

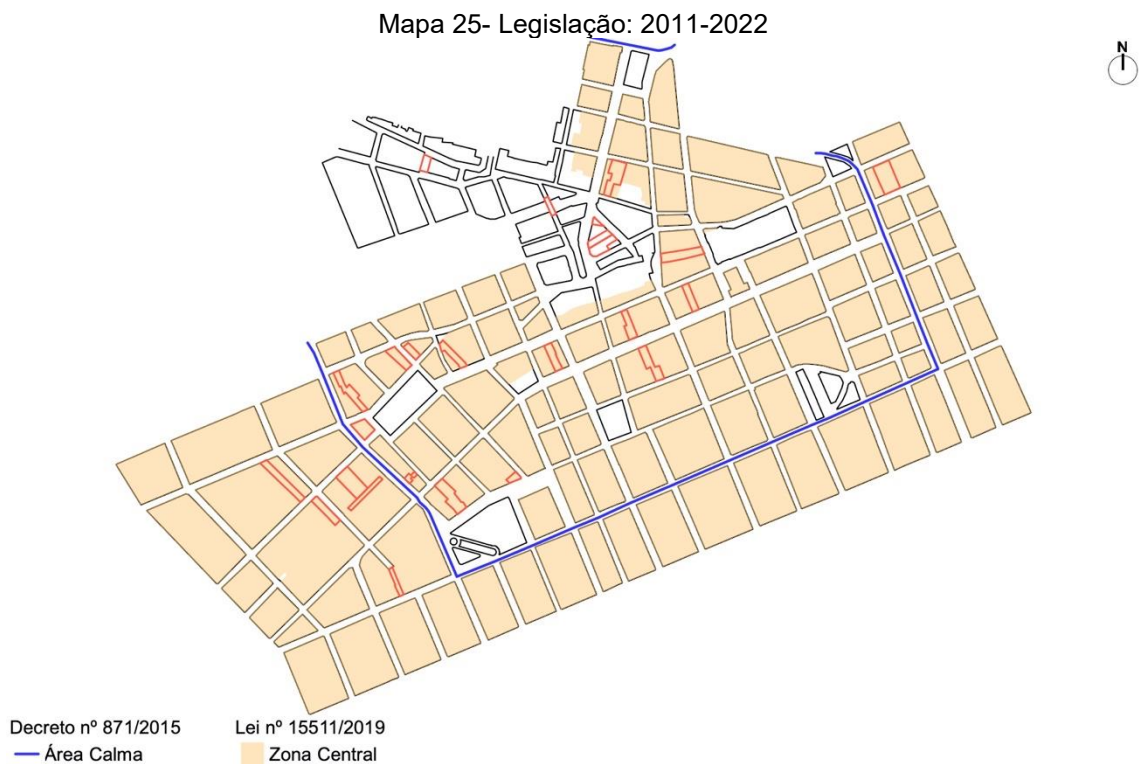
Mapa 24- Intervenções urbanas: 2011-2022



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (2015), Curitiba Turismo (s/d), IPPUC (2020,2021) e Weigert (2020)

As legislações mais recentes que deliberam sobre a construção de galerias comerciais no embasamento de edificações de uso misto na Zona Central da cidade são os decretos Nº 1004/2020 e Nº 15824/2021. Essas legislações possuem textos bastante similares e novamente os cálculos para o incentivo construtivo foram revistos. Determinou-se a obrigatoriedade das galerias de conectar dois logradouros públicos, diferentemente dos incentivos anteriores. Essa nova obrigatoriedade é consequência do Plano Diretor de Curitiba de 2015, que trouxe como novidade uma seção sobre a fruição pública em lotes privados (CURITIBA, 2015).

Também em 2015 foi estabelecida a Área Calma: trecho da região central onde a velocidade dos veículos motorizados é limitada a 40 km/h (IPPUC, 2020) (Mapa 25).



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Curitiba (2015, 2019) e IPPUC (2021)

As duas mais novas galerias de Curitiba são a Galeria Guimarães & Cia (Quadro 24, Figura 26, Figura 27) num trecho não pedestrianizado da Rua XV de Novembro, e a Travessa David Olympio Carneiro (Quadro 25, Figura 28, Figura 29) na recém revitalizada Rua São Francisco (Mapa 26).

Mapa 26- Galerias comerciais: 2011-2022



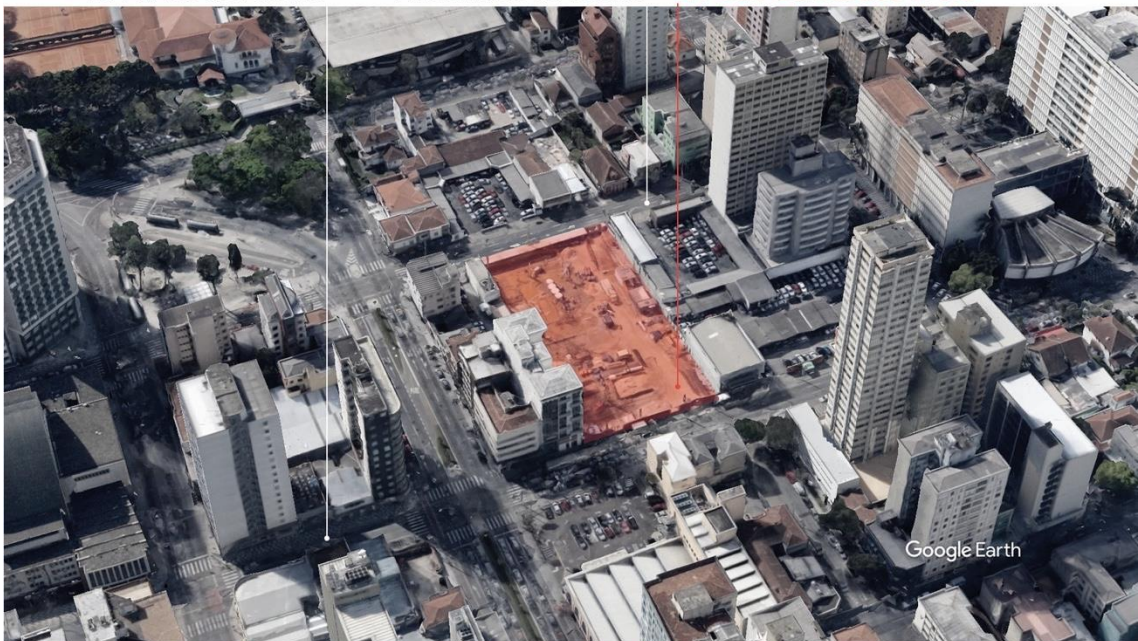
Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

Quadro 24- Ficha técnica: Galeria Guimarães & Cia

Construção	2015
Projeto	2010-2011
Autoria	Waldeny da Silva Fiuza, Manoel Dória P. G. Neto, José Vicente Lopes, Carlos Antonio Gaboardi, Heloisa D. Mandim, Marcia Yamamoto
Localização	R. XV de Novembro, 1155 R. Amintas de Barros, 240
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.1.0031.0198.00-2 Alvará de construção Nº 306380

Fonte: Autora (2022)

Figura 26- Vista aérea: Galeria Guimarães & Cia
R. XV de Novembro R. Amintas de Barros 24 Gal. Guimarães & Cia



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Figura 27- Vista aérea: Galeria Guimarães & Cia
24 Gal. Guimarães & Cia R. XV de Novembro



Fonte: Elaborado pela autora com base em flat.com.br (s.d.)

Quadro 25- Ficha técnica: Travessa David Olympio Carneiro

Construção	2016
Projeto	2012
Autoria	Waldeny da Silva Fiuza, Manoel Dória P. G. Neto, José Vicente Lopes, Carlos Antonio Gaboardi, Heloisa D. Mandim, Marcia Yamamoto
Localização	R. Treze de Maio, 439 R. São Francisco, 282
Iniciativa	Privada
Observações	
Dados	Consulta para fins de construção- Inscrição imobiliária: 01.1.0012.0246.00-1 Alvará de construção N° 314851

Fonte: Autora (2022)

Figura 28- Vista aérea: Travessa David Olympio Carneiro
25 Trav. David Olympio Carneiro R. Treze de Maio R. S. Francisco



Fonte: Elaborada pela autora com base em Google Earth (2012)

Figura 29- Vista aérea: Travessa David Olympio Carneiro
 25 Trav. David Olympio Carneiro R. S. Francisco

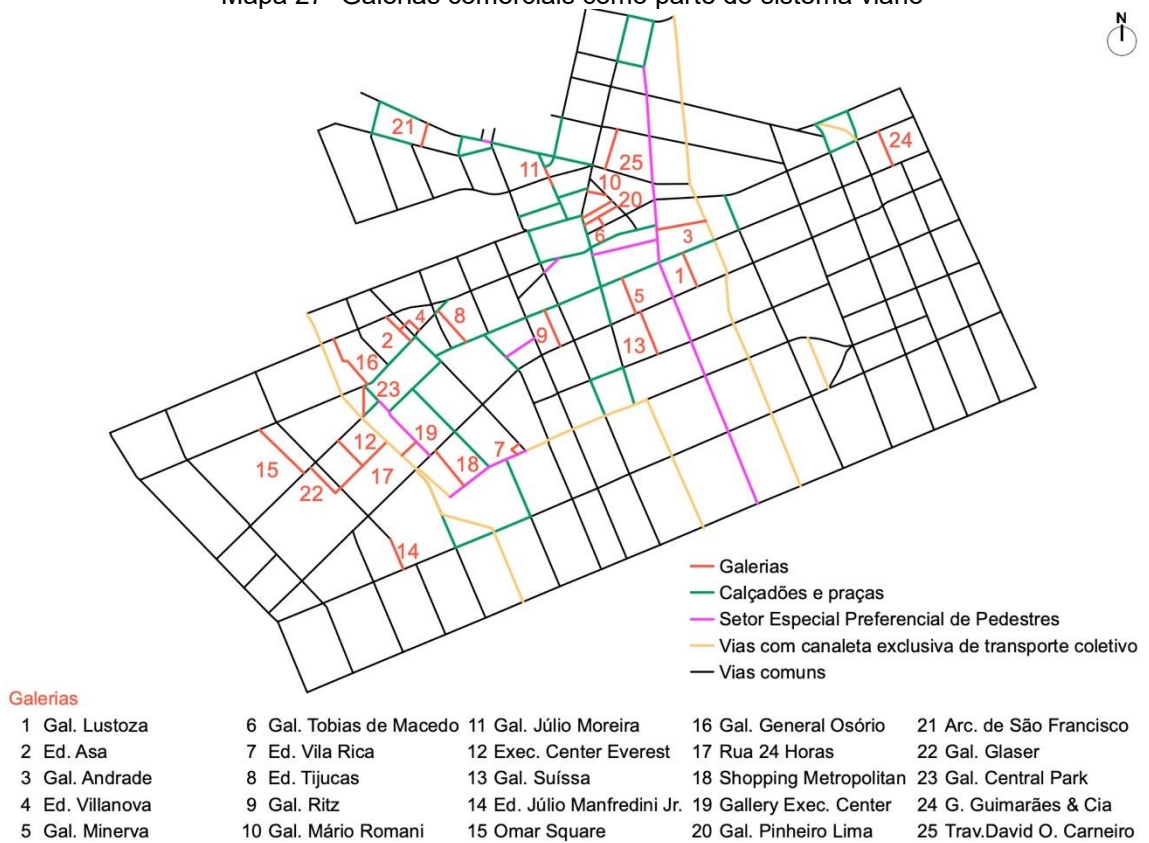


Fonte: Elaborado pela autora com base em Marcelo Araújo (2021)

As galerias comerciais quando abertas promovem uma nova rede de acessibilidade urbana peatonal que se sobrepõe aos traçados originais de vias e quarteirões. Observa-se que em Curitiba elas atuam como conexão de uma via a outra via, a uma praça, ou até mesmo a outra galeria. Assim, facilitam o tráfego entre dois ou três pontos. No caso da galeria do edifício Júlio Manfredini Junior, ela é a continuação de uma das ruas conectadas. Em conjunto, elas também podem criar um complexo de passagens que compete com o sistema viário, como o que acontece com a Rua 24 Horas, o Executive Center Everest, a Galeria Glaser e o Omar Square (BRAIDA, 2011; GEIST, 1985).

No mapa e no gráfico a seguir são complementares e exploram a ideia das galerias como parte do sistema viário. Os espaços públicos interligados foram classificados como calçadões e praças (tráfego exclusivo ou preferencial de pedestres), vias que fazem parte do Setor Especial Preferencial de pedestres, vias com canaleta exclusiva para o transporte coletivo, e via comum (tráfego de pedestres e veículos) (Mapa 27 e Gráfico 4).

Mapa 27- Galerias comerciais como parte do sistema viário



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2020, 2021)

Gráfico 4- As conexões entre os espaços públicos e as galerias curitubanas. A legenda de cores é a mesma do mapa anterior.

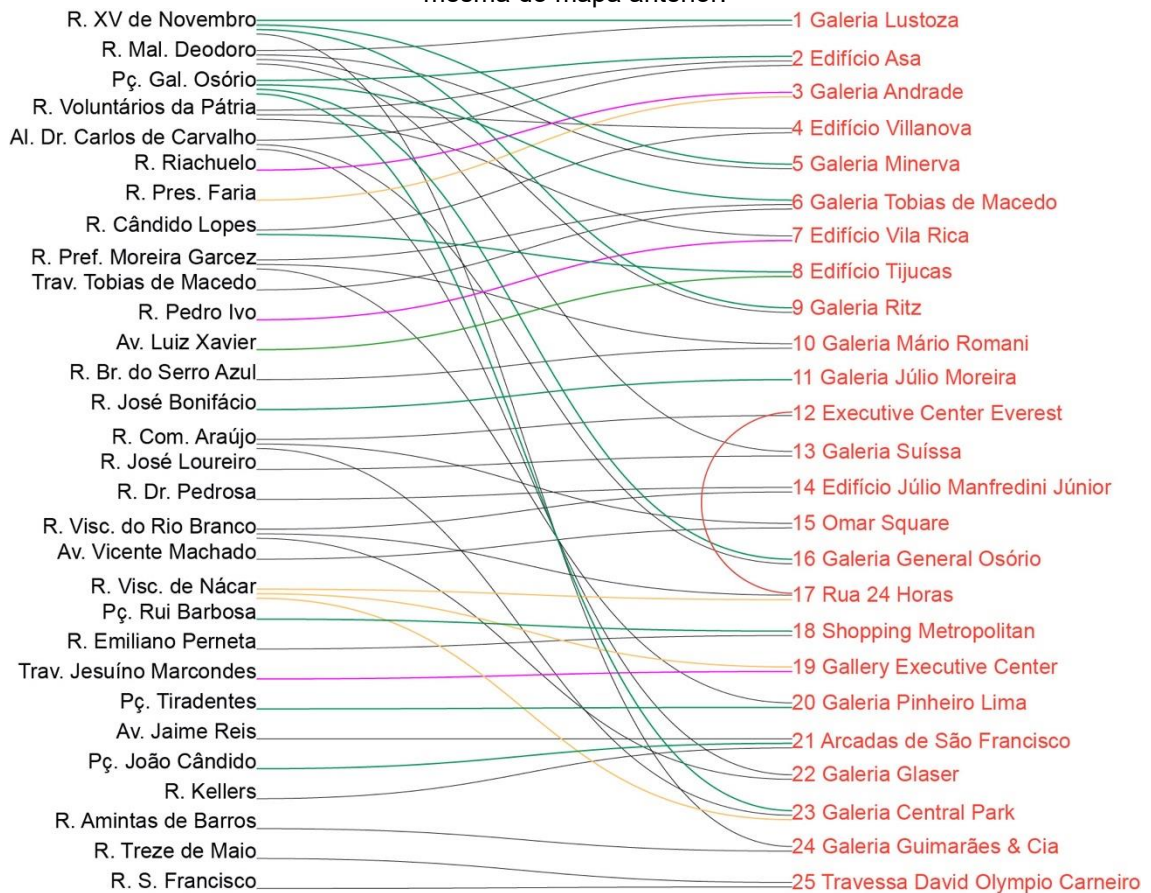
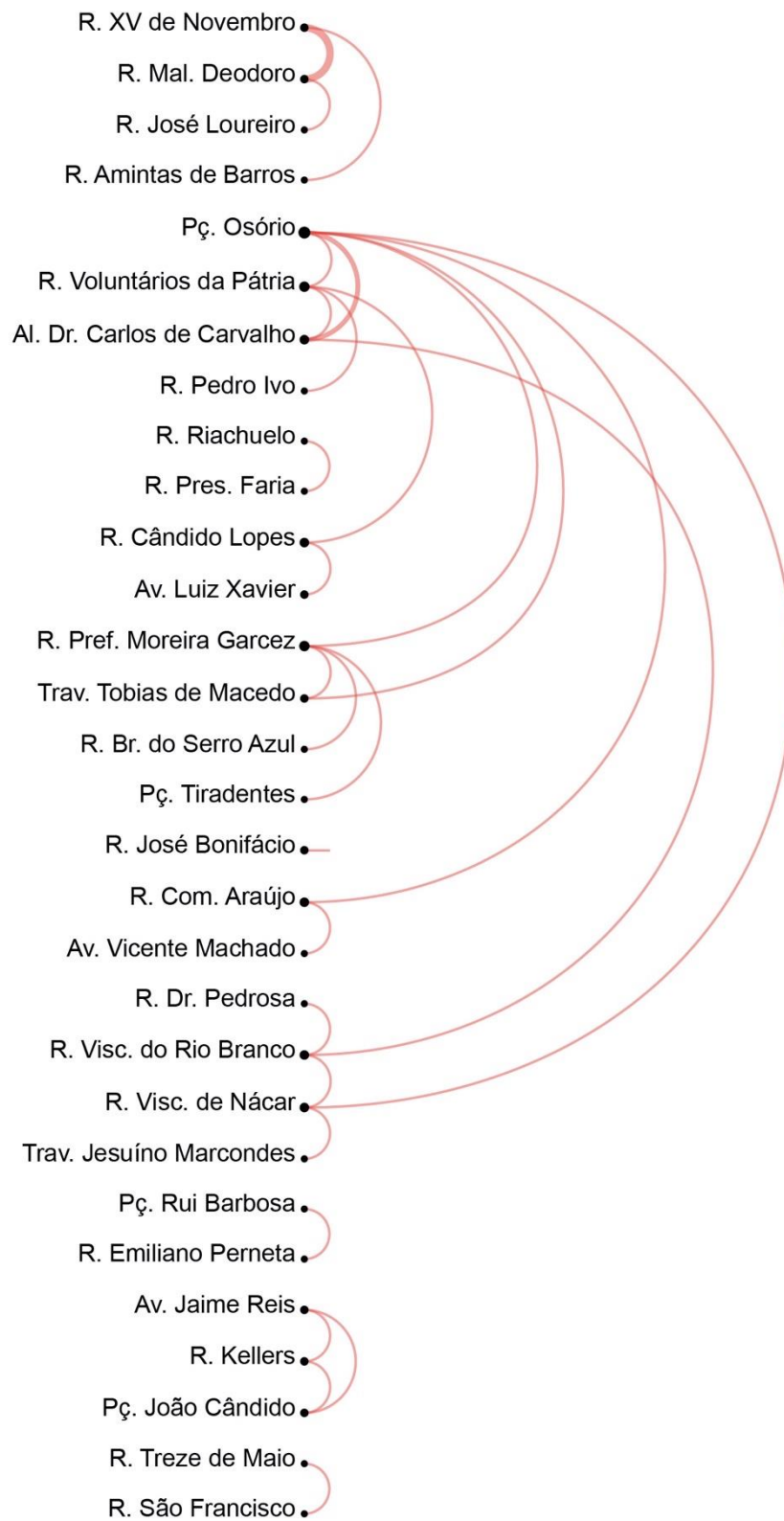


Gráfico 5- Conexões entre os espaços públicos através das galerias comerciais



Fonte: Autora (2022)

Como conclusão desta leitura urbana e histórica longitudinal entende-se que as galerias comerciais curitibanas se relacionam principalmente aos seguintes temas: os processos de modernização urbana e a relação com a dimensão histórica; o crescimento da cidade e a distribuição da população, as atividades comerciais e de lazer; a mobilidade urbana, em especial relativo ao deslocamento a pé; o *city marketing* e o significado da área central dentro do imaginário cultural curitibano; e as dinâmicas entre a esfera pública e a privada.

Observou-se que há dois principais agentes sociais produtores do espaço urbano que também atuaram na construção do conjunto de galerias estudadas: os promotores imobiliários e o Estado. Nota-se que o agenciador público ao longo do tempo adotou múltiplos papéis: como facilitador da atuação dos outros agentes ao investir em infraestrutura urbana, como determinador de marcos jurídicos, e como promotor imobiliário (CORRÊA, 2011) (Gráfico 6).



Fonte: Autora (2022)

3 A DIMENSÃO ARQUITETÔNICA-FORMAL

3.1 O INSTRUMENTO DE ANÁLISE

A análise da arquitetura através do desenho é fruto de um processo mental de reflexão da realidade através da ação. Este instrumento analítico é estruturado através de uma série de operações gráfica-cognitivas. As principais operações adotadas neste pesquisa foram: abstrair para identificar as características essenciais da estrutura formal abordada; segregar e ver seletivamente os princípios condutores da forma; tornar visível e adicionar representação dos dados relativos a estes princípios; e codificar as informações através de convenções gráficas pré-estabelecidas de hierarquia de linhas e de cores (JACOBY, 2016; LAWSON, 2015; MATA BOTELLA, 2002).

Na obra de Clark e Pause (2013), a análise dos edifícios selecionados foi dividida em 11 categorias: estrutura, iluminação natural, volumetria, planta para corte ou elevação, circulação e uso do espaço, parte e todo, repetição e singularidade, simetria e equilíbrio, geometria, adição e subtração e, por fim, hierarquia.

Já a obra de Jacoby (2016), os casos estudados foram comparados aos pares, e analisados através de nove categorias: volumetria, repetição e singularidade, organização estrutural, programa, circulação e uso do espaço, parte para o todo, ordem geométrica e partido. Entretanto, o autor vai além da análise do edifício e contempla também a avaliação do contexto de duas maneiras: planta de figura-fundo e orientação.

Esta pesquisa não possui uma natureza abrangente como as desses autores, portanto a estruturação das categorias de análise considera também a revisão bibliográfica a respeito das galerias comerciais tanto europeias quanto brasileiras, sendo Geist (1985) o principal contribuinte dentre os trabalhos analisados. E ainda, o livro de Alexander et al. (1977), pela natureza operacional dos *patterns* e pela correspondência conceitual com a ideia de tipo.

Geist (1985) identificou, analisou e catalogou cerca de 300 galerias construídas por todo o mundo, mas principalmente nas cidades europeias. Além de desenvolver uma pesquisa histórica, o autor organizou as suas observações a respeito das variações do tipo numa coletânea de desenhos esquemáticos organizados nas chamadas “listas tipológicas”. Em conjunto, as listas transmitem uma imagem precisa

das possibilidades formais do tipo, já que cada uma considera diferentes atributos das galerias.

Afim de desvendar a manifestação desta estrutura formal na cidade, o conjunto de galerias comerciais curitibanas foram dissecados através de sete categorias de análise. Essas categorias também podem ser consideradas como as condicionante fundamentais para a adoção deste tipo arquitetônico.

3.1.1 Implantação

A primeira categoria atua como ponte entre a escala urbana e a arquitetônica. Investigou-se as variações de posicionamentos e interseções das galerias em relação ao tecido urbano, em especial observando a posição do lote em relação à quadra urbana. Obviamente a condicionante primordial é o lote apresentar ao menos duas testadas para espaços públicos. Concomitantemente, examinou-se a diversidade de configurações de conexão aos outros elementos morfológicos da cidade: ruas, praças, e edifícios (GEIST, 1985; LAMAS, 2017).

3.1.2 Inserção

Tanto na manifestação europeia quanto na brasileira, as galerias comerciais podem estar contidas no embasamento de edifícios com usos comerciais ou diversos nos demais pavimentos (GEIST, 1985; VARGAS, 2018).

Enquanto as leis curitibanas de regulamentação de construção de galerias não especificam as suas disposições em relação aos edifícios onde estão inseridas, conforme visto no capítulo anterior, todos os incentivos construtivos locais consideram elas como embasamento de edificações verticais.

Portanto, entendendo que cada galeria pode ocupar parte de uma edificação ou toda ela, essa categoria examina a localização, a disposição e a composição das galerias comerciais curitibanas em relação aos edifícios onde elas estão inseridas (CLARK; PAUSE, 2012; JACOBY, 2016).

De maneira simplificada, Vargas (2018) identificou em São Paulo quatro modalidades de edificações com galerias:

Edifício conjunto: diversas funções agregadas num mesmo espaço edificado.

Edifício galeria: com lojas no térreo e caráter de rua que permite a circulação.

Edifício comercial: todos os pavimentos abrigam atividades comerciais e de serviços

Passagem: estreita galeria com lojas em um ou nos dois lados.

3.1.3 Circulação

O tipo galeria comercial é caracterizado como um espaço de transição e de movimentação de pessoas (GEIST, 1985; HERTZBERGER, 2006). Desse modo, essa categoria possui como objetivo destacar a dinâmica de circulação tanto interior das galerias quanto de conexões com o entorno urbano.

Analisa-se também os elementos físicos que contribuem para a sensação de continuidade com o ambiente urbano, já que a condição de atalho das galerias comerciais depende da ausência de obstáculos que impeçam o flunar. Assim, observa-se a localização e a quantidade dos acessos e a presença e o tratamento de desníveis (ALEXANDER et al, 1977).

3.1.4 Programa

Esta categoria de análise parte da premissa de que a hierarquia espacial de uma edificação pode ser definida pelas atividades ela abriga (GEIST, 1985; JACOBY, 2016; MARTÍ ARÍS, 1993).

Além de espaço de passagem, as galerias também atuam como organização do comércio de varejo e, em alguns casos, como parte do sistema de acesso aos pavimentos superiores de suas edificações (GEIST, 1985). Portanto, no tipo estudado, o arranjo espacial é causa e efeito da interdependência entre a atividade comercial e a de circulação. Essa avaliação desconsiderou os elementos de circulação vertical internos às unidades de lojas, por eles serem em geral restritos.

Assim como obstáculos físicos, certas interações sociais podem inibir os transeuntes de utilizarem as galerias, como um recepcionista ou um porteiro que questione o motivo da circulação no local, por exemplo (ALEXANDER et al, 2013). O anonimato da rua é uma característica importante para o sucesso da galeria (GEIST, 1985).

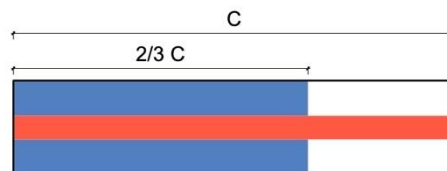
3.1.5 Interface

A passagem pode se tornar desabitada ao ser retirada do domínio público e pouco amigável se nada acontece ali. Para Alexander et al. (1977), o edifício-rua é identificado como atalho quando os usuários se sentem confortáveis para transitarem por ele, mesmo sem um propósito específico. Portanto, da mesma maneira que é desagradável caminhar rodeado por muros e empenas cegas, as interfaces ao longo das galerias devem ser dinâmicas e interativas. Isso pode transformar o pedestre casual em um ativo participante (ALEXANDER et al., 1977; GEIST, 1985).

Assim, este critério avaliou qual é a possibilidade da interação entre os passantes e as atividades que ocorrem ao longo das galerias em Curitiba, através da identificação do grau de permeabilidade visual das paredes que delimitam o espaço de circulação.

E ainda, as relações com as orientações legislativas. A partir do decreto Nº 50/1991, determinou-se que as lojas internas das galerias comerciais deveriam ser acessadas pela passagem. Do decreto Nº 184/2000 em diante, passou a ser obrigatório que ao menos dois terços da extensão da galeria de passagem seja ocupado por espaços de comércio de varejo (Desenho 2).

Desenho 2- Representação esquemática da obrigação de ocupação mínima de lojas no interior das galerias.



Decreto Nº 184/2000
Decreto Nº 1004/2020
Decreto Nº 15824/2021

Fonte: Autora (2022)

3.1.6 Geometria

Para Martí Aris (1993), os arquétipos arquitetônicos da cultura ocidental podem ser compreendidos pela tensão e pelo diálogo entre os conceitos de direcionalidade e centralidade, da dicotomia entre caminho e lugar.

Na Europa, as extensões internas das galerias reproduzem as fachadas das ruas comerciais, em geral formadas por colunatas simétricas e numa composição em

módulos equidistantes. Essa modulação, assim como em outros tipos arquitetônicos relacionados à ideia de direcionalidade, impõe um ritmo ao caminhar (GEIST, 1985; VARGAS, 2018).

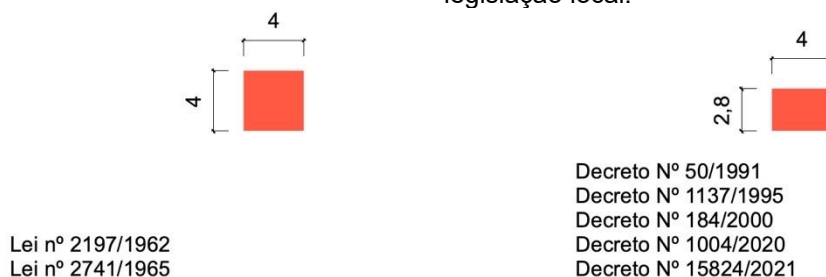
Cabral (2000) apontou duas configurações básicas das galerias porto-alegrenses que fazem analogia aos elementos urbanos: uma mais linear, numa organização espacial de rua-corredor, e outra desenvolvida ao redor de uma área central, numa configuração de praça. Essas duas configurações, em certos casos, são combinadas, formando outros esquemas espaciais (CABRAL, 2000).

Logo, essa categoria está centrada em identificar simetrias, repetições e relações formais que podem ser relativas à atividade do caminhar e à morfologia urbana.

3.1.7 Dimensão

A fim de verificar quão determinantes são as regras da legislação local, essa categoria avalia os dimensionamentos da seção transversal da passagem de cada objeto estudado. As medidas no sentido longitudinal das galerias não foram consideradas, pois elas são relativas aos comprimentos de lotes e quadras urbanas, portanto pouco influenciadas pelas determinações legais e pela atividade projetual (Desenho 3).

Desenho 3- Representação esquemática das dimensões mínimas das passagens determinadas pela legislação local.

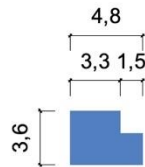


Fonte: Autora (2022)

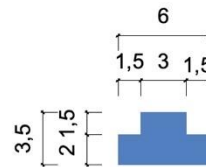
E ainda, se as medidas são condizentes ao fluxo de pessoas e a conectividade com a cidade, de acordo com os parâmetros determinados por Alexander et al. (1977). O edifício-rua é identificado como atalho quando os usuários se sentem confortáveis para transitarem por ele, mesmo sem um propósito específico. A noção de continuidade espacial com o ambiente urbano deve ser almejada e está relacionada ao dimensionamento da passagem (ALEXANDER et al., 1977).

Como as distâncias entre os indivíduos variam conforme as atividades sociais, as dimensões internas devem considerar tanto o trânsito quanto a permanência das pessoas. Os pesquisadores calcularam que a largura da passagem deve ser de pelo menos 3,30 m, que permite a circulação em dois sentidos de quatro pessoas no total. Quando se adiciona espaços de permanências e vitrines nas laterais, as medidas já sobem para 4,8 m para carregamento simples e para 6 m para duplo. A altura interna deve seguir as distâncias sociais horizontais, portanto é sugerido um pé-direito variado: mais alto no centro, entre 3,6 e 6 m, e mais baixo nas bordas, conforme a intenção do projetista (ALEXANDER et al., 1977, 1980) (Desenho 4).

Desenho 4- Representação esquemática das dimensões mínimas estabelecidas por Alexander et al. (1977)



Carregamento simples



Carregamento duplo

Fonte: Autora (2022)

3.2 AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA: ANÁLISES INDIVIDUAIS

Organizadas em ordem cronológica, as 25 galerias foram primeiramente examinadas individualmente pelas setes categorias abordadas anteriormente.

Partiu-se de uma leitura tridimensional da forma e do espaço, porém em cada categoria as galerias são representadas em desenhos bidimensionais reduzidos e simplificados, em que se retrata um aspecto do tipo (CLARK; PAUSE, 2012). Com o objetivo de deixar evidente o processo de sintetização e abstração inerente à produção gráfica, cada galeria é introduzida com o conjunto de fotos que colabora para o seu entendimento tridimensional.

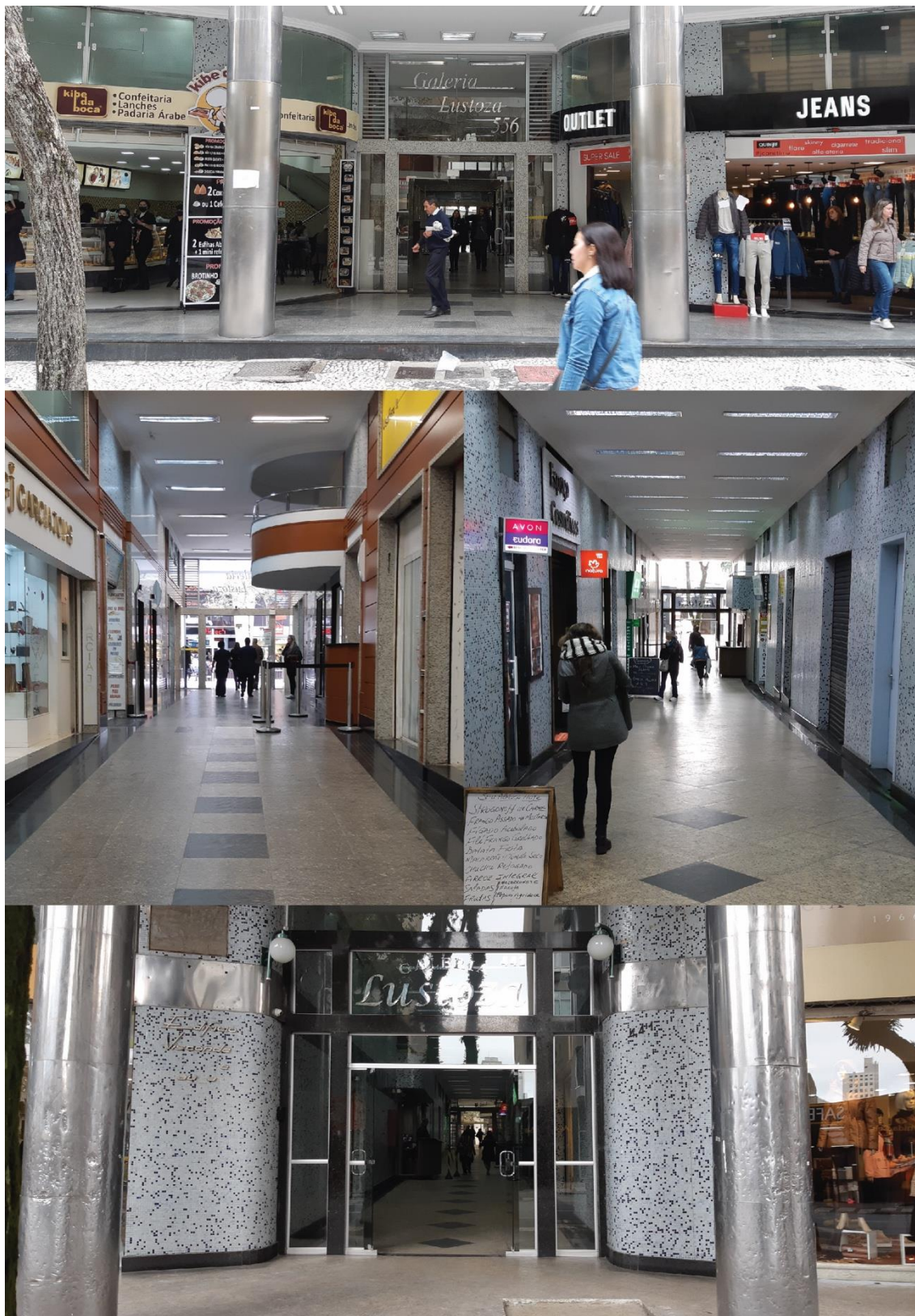
A elaboração dos desenhos de análise de cada galeria tem como principal base os projetos contidos nos acervos da prefeitura de Curitiba, tanto no Departamento de Controle de Edificações da Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU), quanto na biblioteca do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Os dados foram conferidos e complementados pelo levantamento de campo feito pela autora.

A fim de servirem como ferramenta comparativa, as representações analíticas seguem convenções gráficas pré-estabelecidas (JACOBY, 2016; CLARK; PAUSE, 2012). Todas as galerias foram desenhadas nas mesmas escalas, que apenas variam conforme os níveis de leitura de cada categoria. As ilustrações são simplificações esquemáticas das obras, em que os pontos estudo são destacados através de uma hierarquia de linhas e de cores.

Os dados levantados através da avaliação gráfica foram estruturados em quadros sínteses. Essas informações serviram de apoio para a elaboração das análises comparativas que serão demonstradas no próximo subcapítulo.

3.2.1 Galeria Lustoza

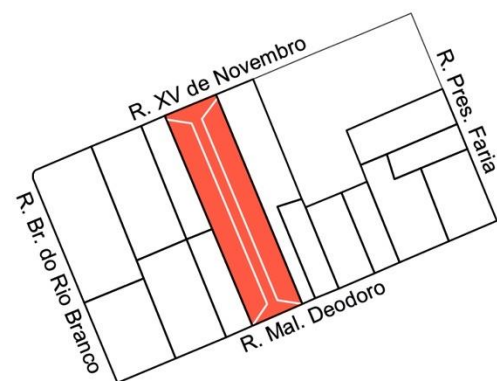
Figura 30- Compilação de fotografias: Galeria Lustoza



Fonte: Autora (2022)

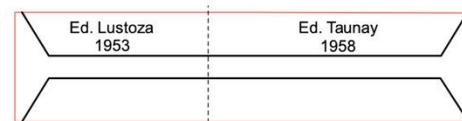
1. Implantação

Edifício



2. Inserção

Galeria



Planta



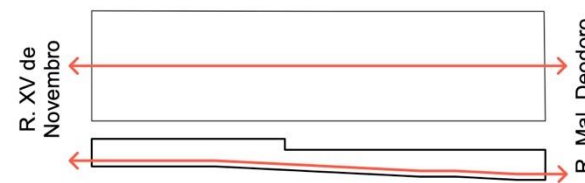
Corte longitudinal

Cortes transversais

Desenho 5- Análise individual: Galeria Lustoza

3. Circulação

Fluxo



4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



5. Interface

Ativa



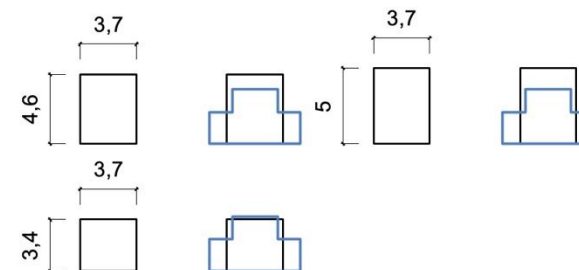
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 26- Síntese: Galeria Lustoza

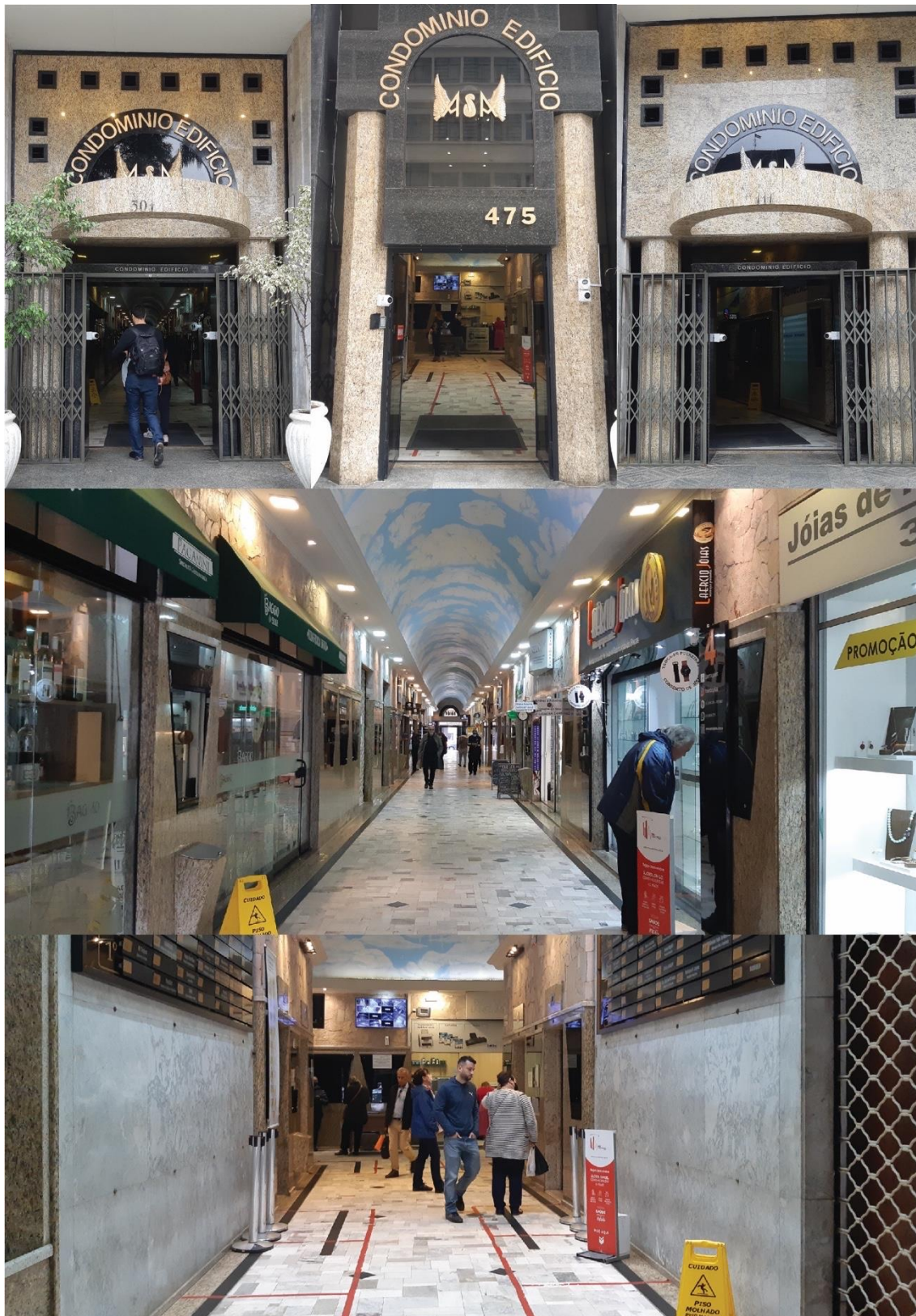
1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	83%
Ativa	44%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Não
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Não se aplica
Largura x altura	3,7 x 4,6 m 3,7 x 5 m 3,7 x 3,4 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.2 Edifício Asa

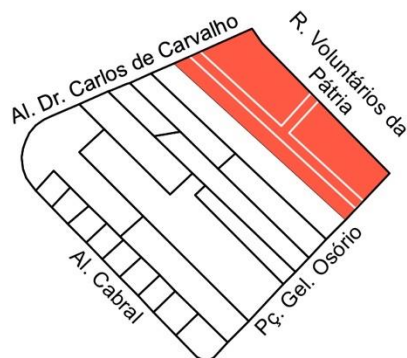
Figura 31- Compilação de fotografias: Edifício Asa



Fonte: Autora (2022)

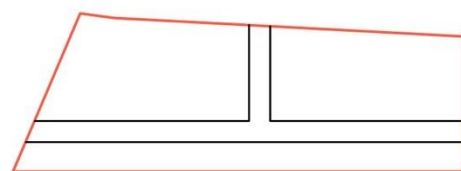
1. Implantação

Edifício

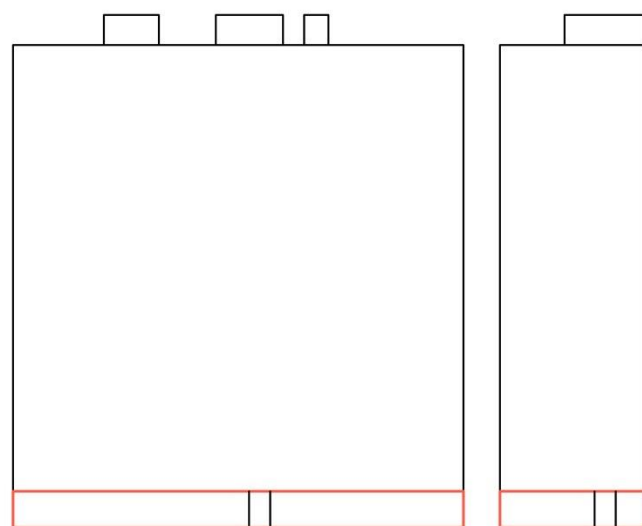


2. Inserção

Galeria



Planta



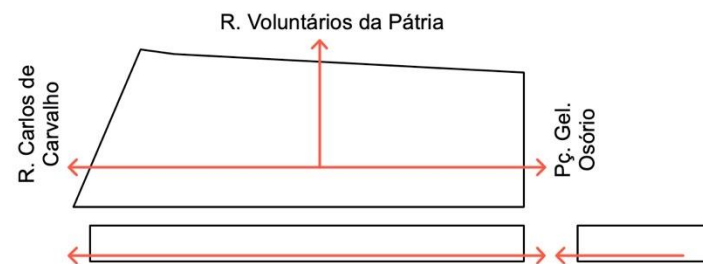
Corte longitudinal

Corte transversal

Desenho 6- Análise individual: Edifício Asa

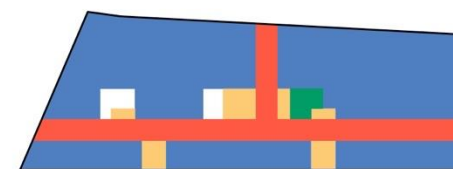
3. Circulação

Fluxo



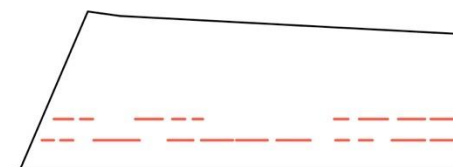
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



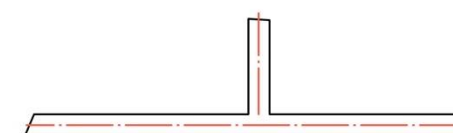
5. Interface

Ativa



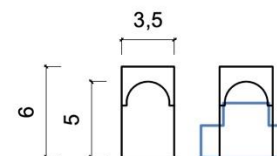
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 27- Síntese: Edifício Asa

1. Implantação	
Lote	Duas esquinas
Conexões	Três vias
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Em T
Em corte	Nível
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	86%
Ativa	51%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Não
Formato	Rua Em T
7. Dimensão	
Legislação	Não se aplica
Largura x altura	3,5 x 5m 3,5x 6 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.3 Galeria Andrade

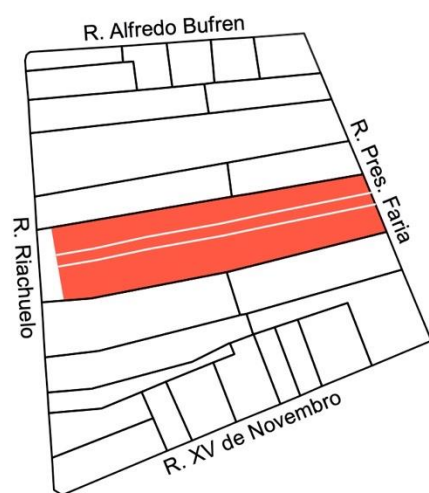
Figura 32- Compilação de fotografias: Galeria Andrade



Fonte: Autora (2022)

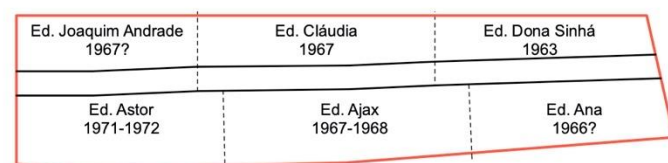
1. Implantação

Edifício

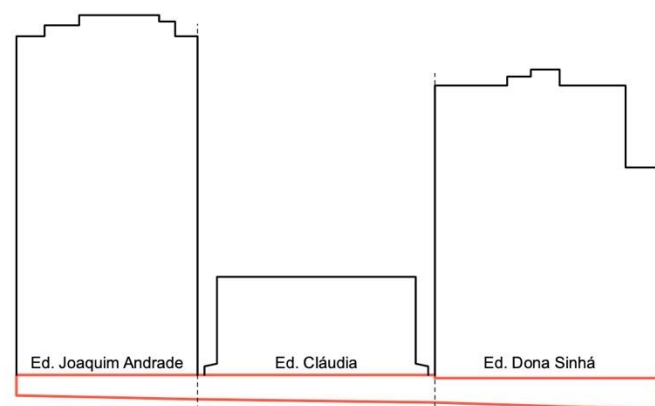


2. Inserção

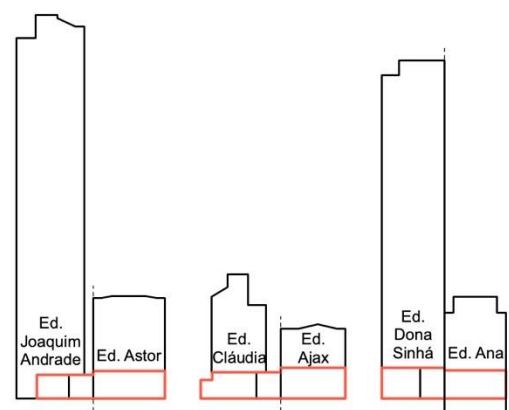
Galeria



Planta



Corte longitudinal



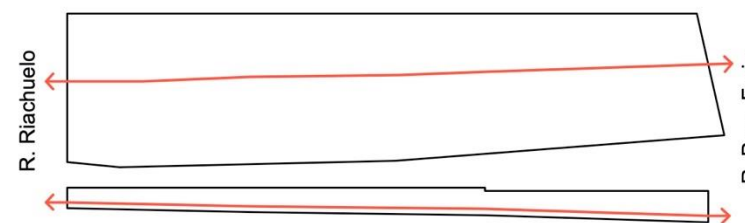
Cortes transversais



Desenho 7 Análise individual: Galeria Andrade

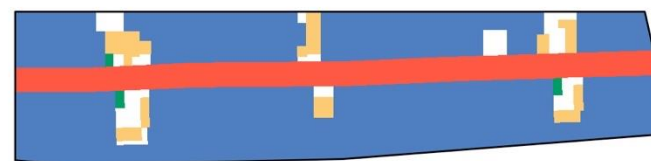
3. Circulação

Fluxo



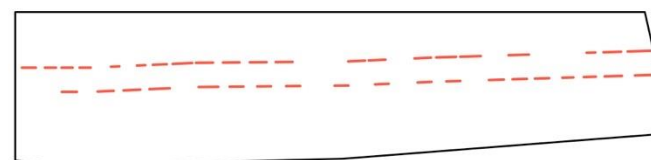
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



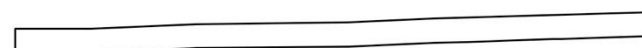
5. Interface

Ativa



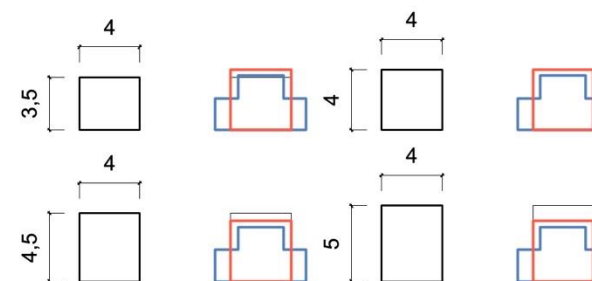
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 28- Síntese: Galeria Andrade

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e residencial
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	83%
Ativa	48%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962
Largura x altura	4 x 3,5 m 4 x 4 m 4 x 4,5 m 4 x 5 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.4 Edifício Villanova

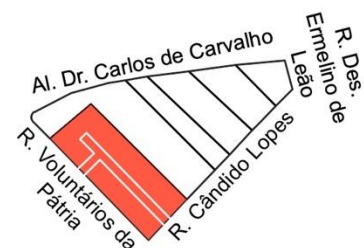
Figura 33- Compilação de fotografias: Edifício Villanova



Fonte: Autora (2022)

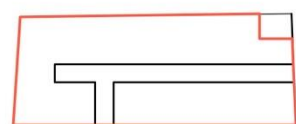
1. Implantação

Edifício

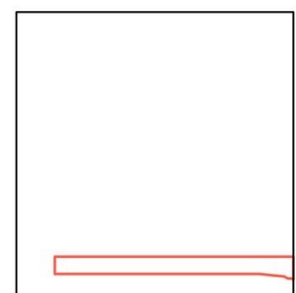


2. Inserção

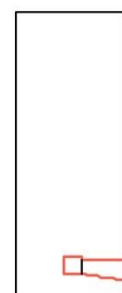
Galeria



Planta



Corte longitudinal

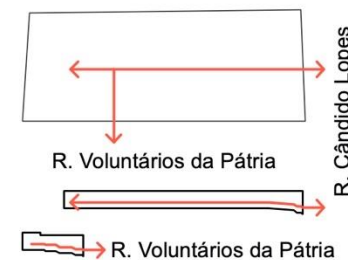


Corte transversal

Desenho 8- Análise individual: Edifício Villanova

3. Circulação

Fluxo



4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



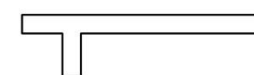
5. Interface

Ativa



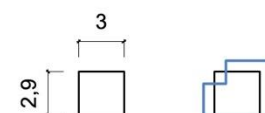
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 29- Síntese: Edifício Villanova

1. Implantação	
Lote	Uma esquina
Conexões	Vias perpendiculares
2. Inserção	
Relação edifício com desenvolvimento	Embasamento Um nível
Uso do edifício	Comercial e residencial
3. Circulação	
Em planta	Em T
Em corte	Desnível Misto
4. Programa	
Carregamento	Simplex
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	62%
Ativa	20%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Em T
7. Dimensão	
Legislação	Não se aplica
Largura x altura	3 x 2,9 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.5 Galeria Minerva

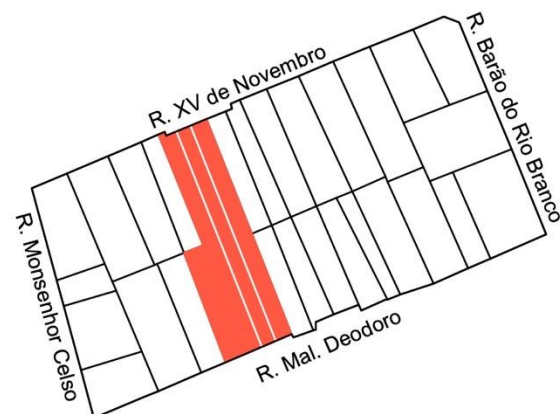
Figura 34- Compilação de fotografias: Galeria Minerva



Fonte: Autora (2022)

1. Implantação

Edifício



2. Inserção

Galeria



Planta



Corte longitudinal

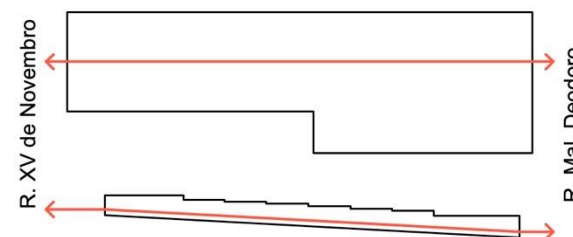


Corte transversal

Desenho 9- Análise individual: Galeria Minerva

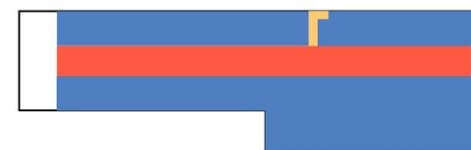
3. Circulação

Fluxo



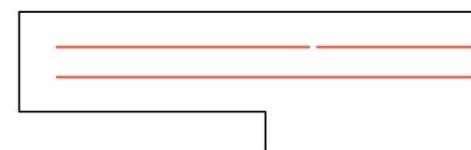
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



5. Interface

Ativa



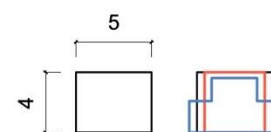
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 30- Síntese: Galeria Minerva

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Ocupação total
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	99%
Ativa	99%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	5 x 4 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.6 Galeria Tobias de Macedo

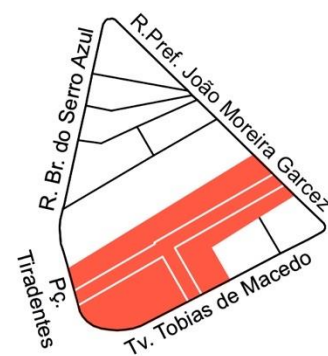
Figura 35- Compilação de fotografias: Galeria Tobias de Macedo



Fonte: Autora (2022)

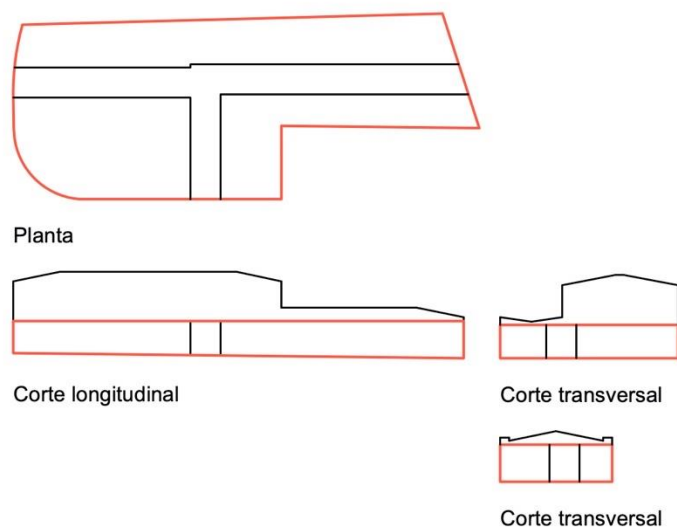
1. Implantação

Edifício



2. Inserção

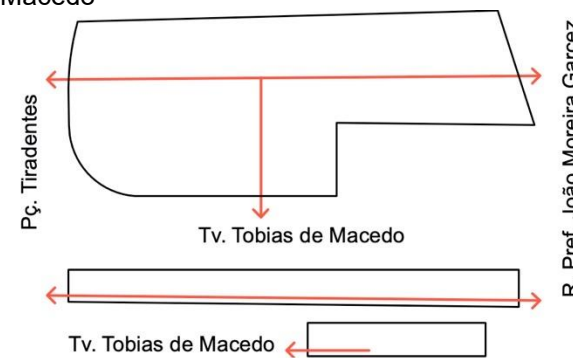
Galeria



Desenho 10- Análise individual: Galeria Tobias de Macedo

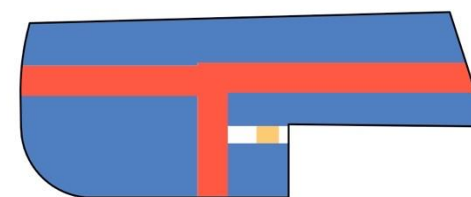
3. Circulação

Fluxo



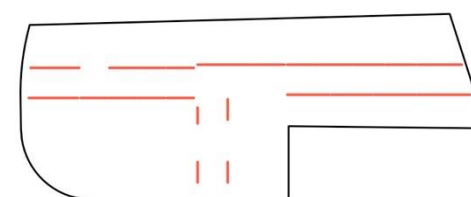
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



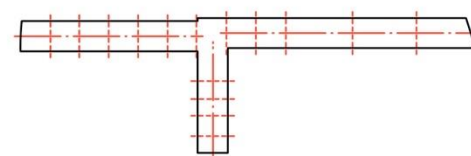
5. Interface

Ativa



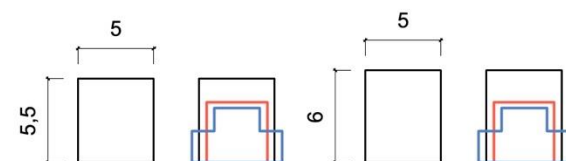
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 31- Síntese: Galeria Tobias de Macedo

1. Implantação	
Lote	Misto
Conexões	Três vias
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso	Comercial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Em T
Em corte	Nível
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	98%
Ativa	57%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Em T
7. Dimensão	
Legislação	Lei N° 2197/1962 Lei N° 2741/1965
Largura x altura	5 x 5,5 m 5 x 6 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.7 Edifício Vila Rica

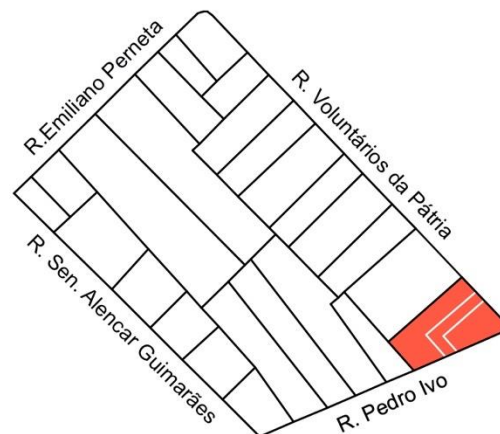
Figura 36- Compilação de fotografias: Edifício Vila Rica



Fonte: Autora (2022)

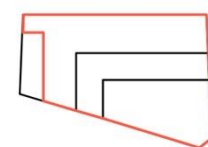
1. Implantação

■ Edifício

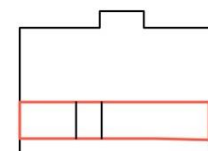


2. Inserção

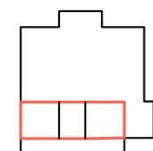
□ Galeria



Planta



Corte longitudinal

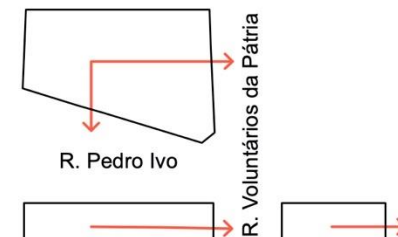


Corte transversal

Desenho 11- Análise individual: Edifício Vila Rica

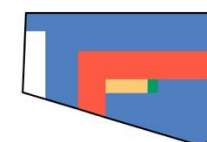
3. Circulação

→ Fluxo



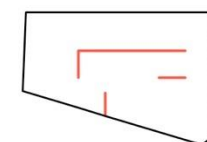
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



5. Interface

□ Ativa



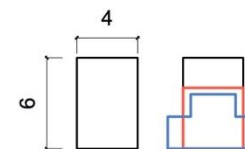
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 32- Síntese: Edifício Vila Rica

1. Implantação	
Lote	Uma esquina
Conexões	Duas vias perpendiculares
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e residencial
3. Circulação	
Em planta	Em L
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	80%
Ativa	54%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Em L
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4 x 6 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.8 Edifício Tijucas

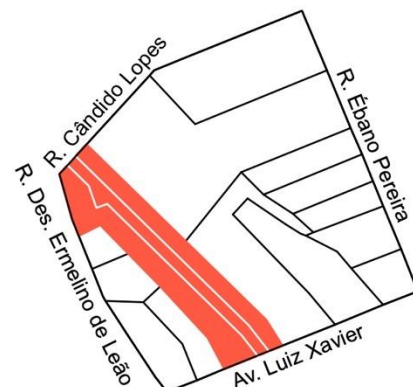
Figura 37- Compilação de fotografias: Edifício Tijucas



Fonte: Autora (2022)

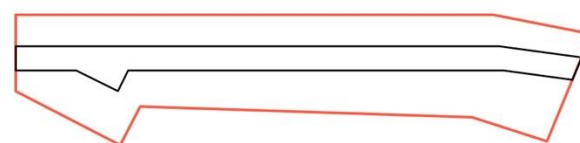
1. Implantação

■ Edifício

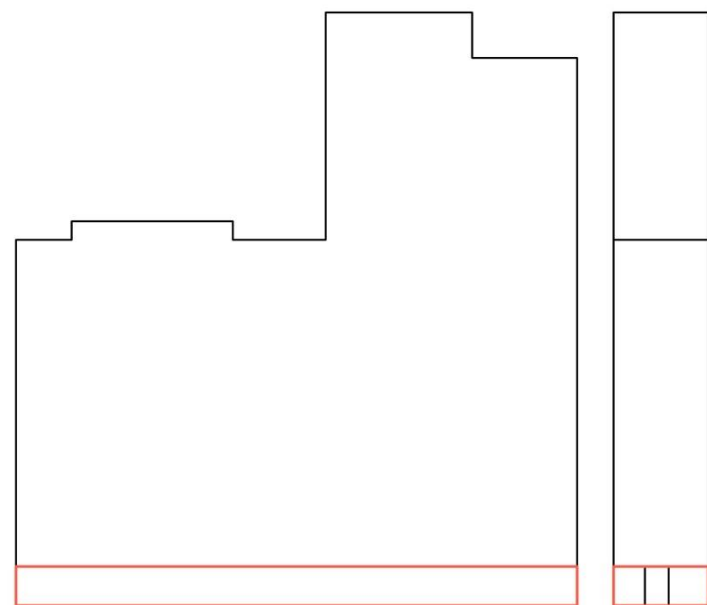


2. Inserção

□ Galeria



Planta



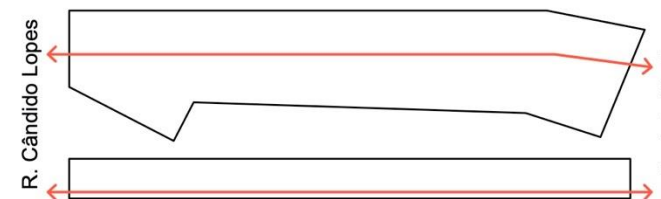
Corte longitudinal

Corte transversal

Desenho 12- Análise individual: Edifício Tijucas

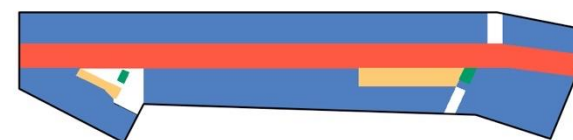
3. Circulação

→ Fluxo



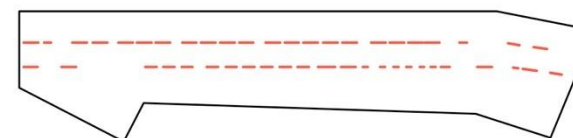
4. Programa

■ Passagem
■ Comércio
■ Circ. vertical
■ Portaria



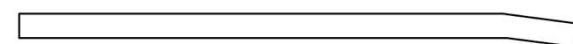
5. Interface

□ Ativa



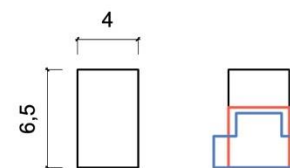
6. Geometria

□ Simetria
□ Modulação



7. Dimensão

□ Legislação
□ Alexander et al.



Quadro 33- Síntese: Edifício Tijucas

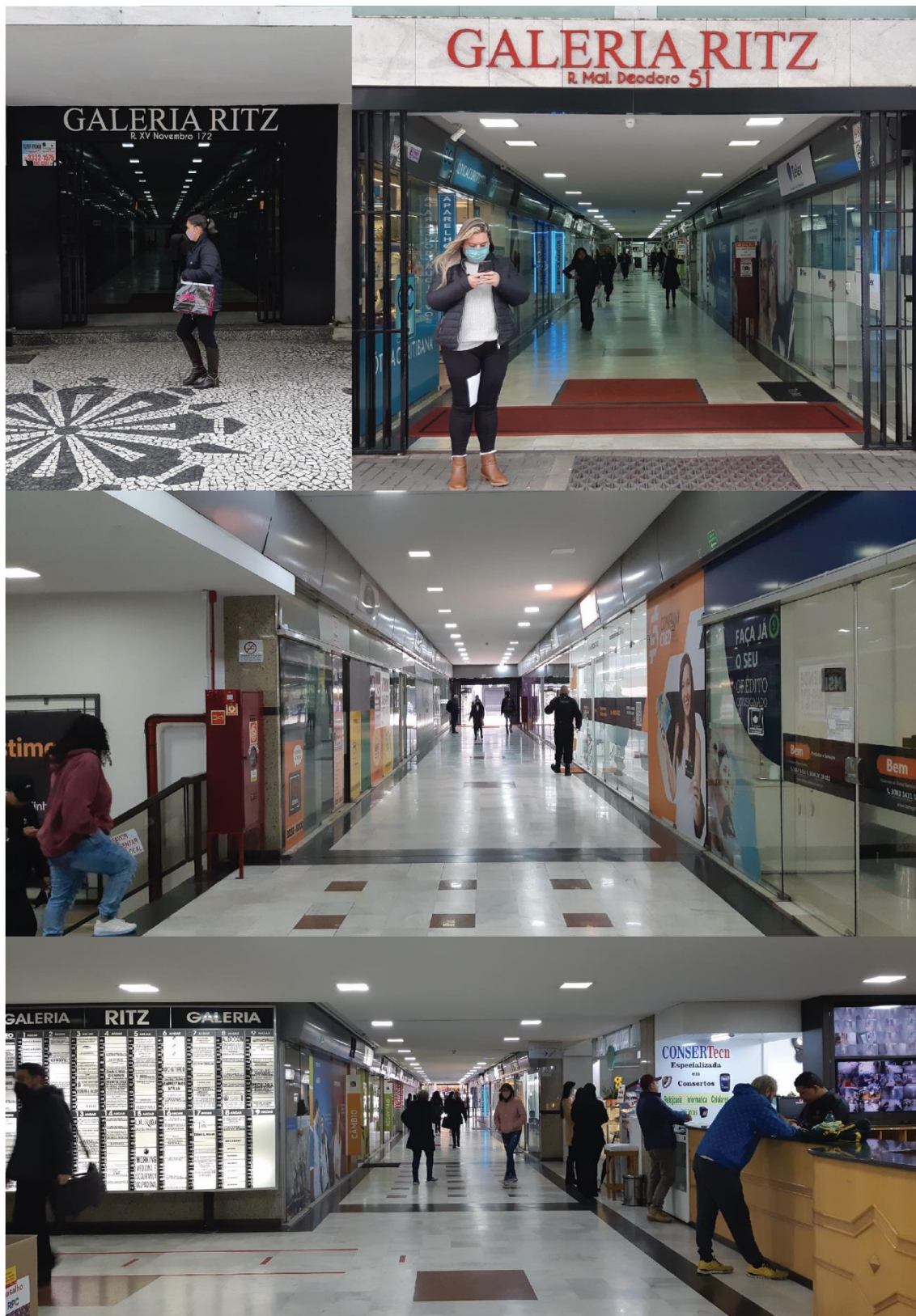
1. Implantação	
Lote	Misto
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Angular
Em corte	Nível
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	82%
Ativa	49%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4x 6,5 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.9 Galeria Ritz

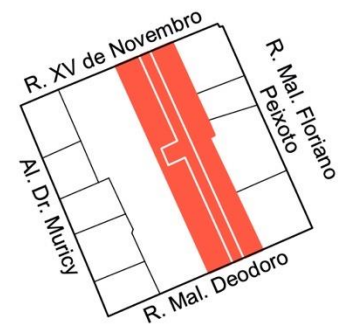
Figura 38-Compilação de fotografias: Galeria Ritz



Fonte: Autora (2022)

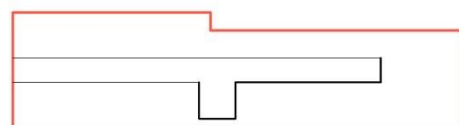
1. Implantação

Edifício

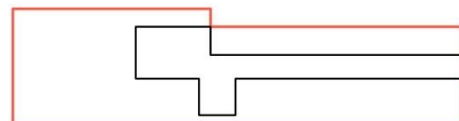


2. Inserção

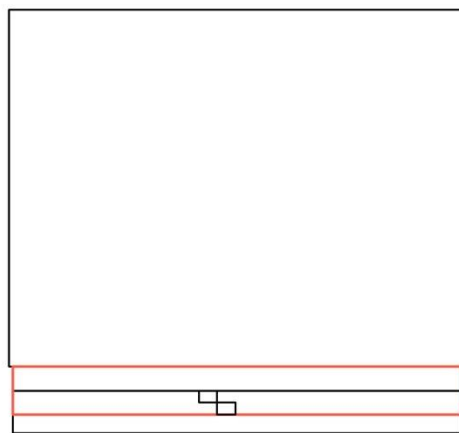
Galeria



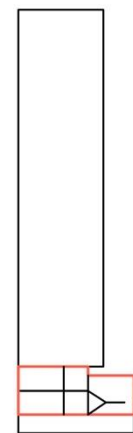
Planta superior



Planta inferior



Corte longitudinal

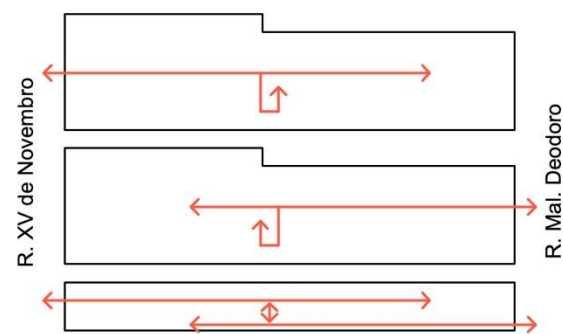


Corte transversal

Desenho 13- Análise individual: Galeria Ritz

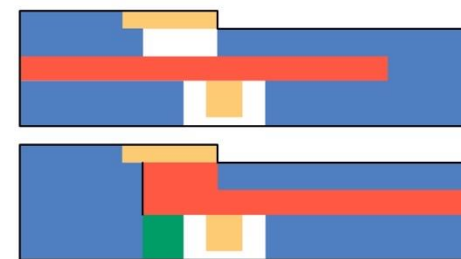
3. Circulação

Fluxo



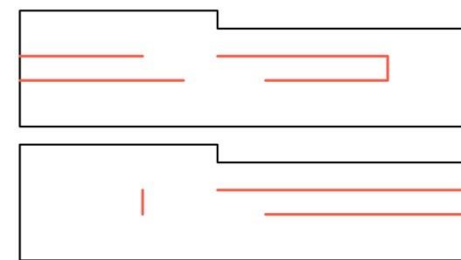
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



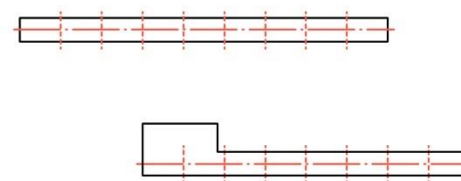
5. Interface

Ativa



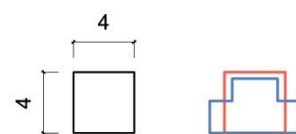
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Quadro 34- Síntese: Galeria Ritz

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação edifício com desenvolvimento	Embasamento Dois níveis
Uso do edifício	Comercial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Escada interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	96%
Ativa	73%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua- linear Rua e praça- em L
7. Dimensão	
Legislação	Lei N° 2197/1962 Lei N° 2741/1965
Largura x altura	4 x 4 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.10 Galeria Mário Romani

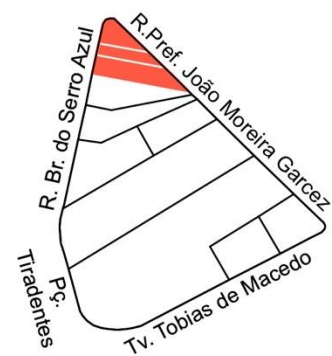
Figura 39- Compilação de fotografias: Galeria Mário Romani



Fonte: Autora (2022)

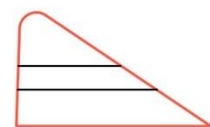
1. Implantação

Edifício



2. Inserção

Galeria



Planta



Corte longitudinal



Corte transversal

Desenho 14- Análise individual: Galeria Mário Romani
3. Circulação

Fluxo

4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria

5. Interface

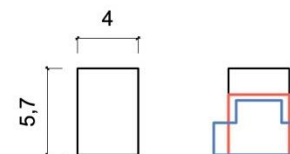
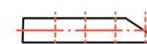
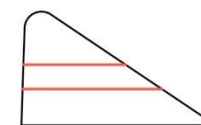
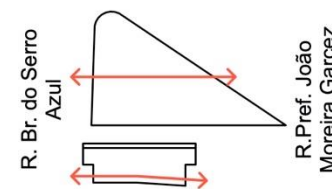
Ativa

6. Geometria

- Simetria
- Modulação

7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 35- Síntese: Galeria Mário Romani

1. Implantação	
Lote	Uma esquina
Conexões	Vias transversais
2. Inserção	
Relação com edifício	Ocupação total
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Não
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	100%
Ativa	100%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei N° 2197/1962 Lei N°2741/1965
Largura x altura	4 x 5,7 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.11 Galeria Júlio Moreira

Figura 40- Compilação de fotografias: Galeria Júlio Moreira

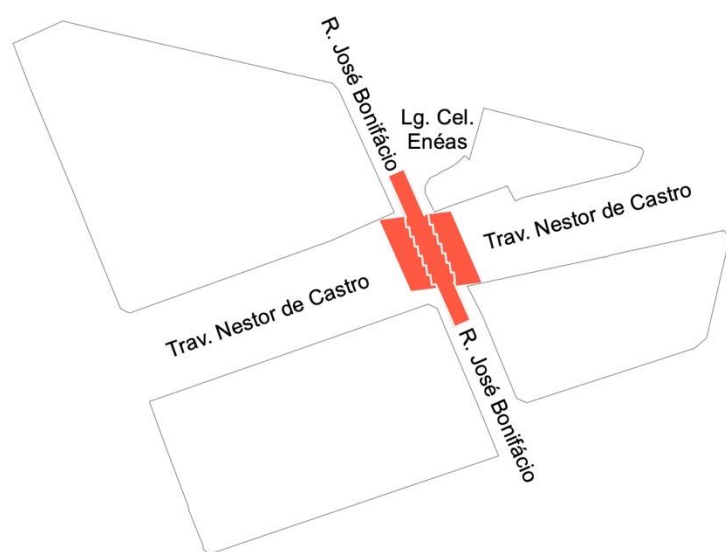


Fonte: Autora (2022)

Desenho 15- Análise individual: Galeria Júlio Moreira

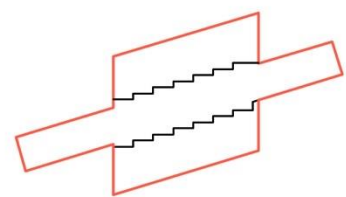
1. Implantação

Edifício



2. Inserção

Galeria



Planta



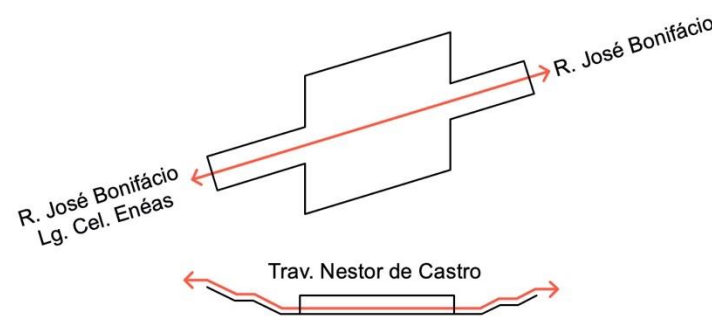
Corte longitudinal



Corte transversal

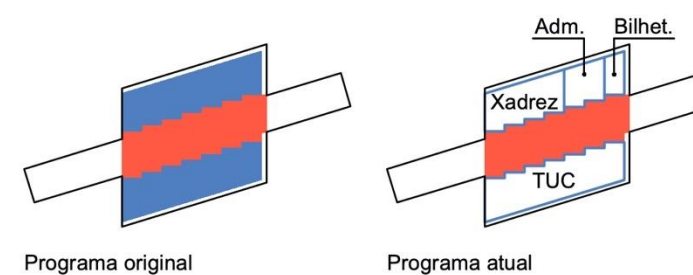
3. Circulação

Fluxo



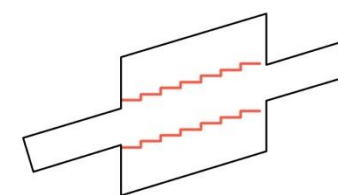
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



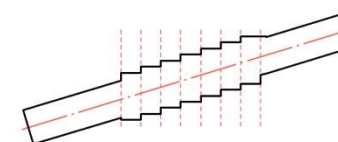
5. Interface

Ativa



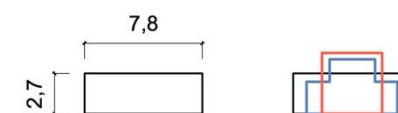
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

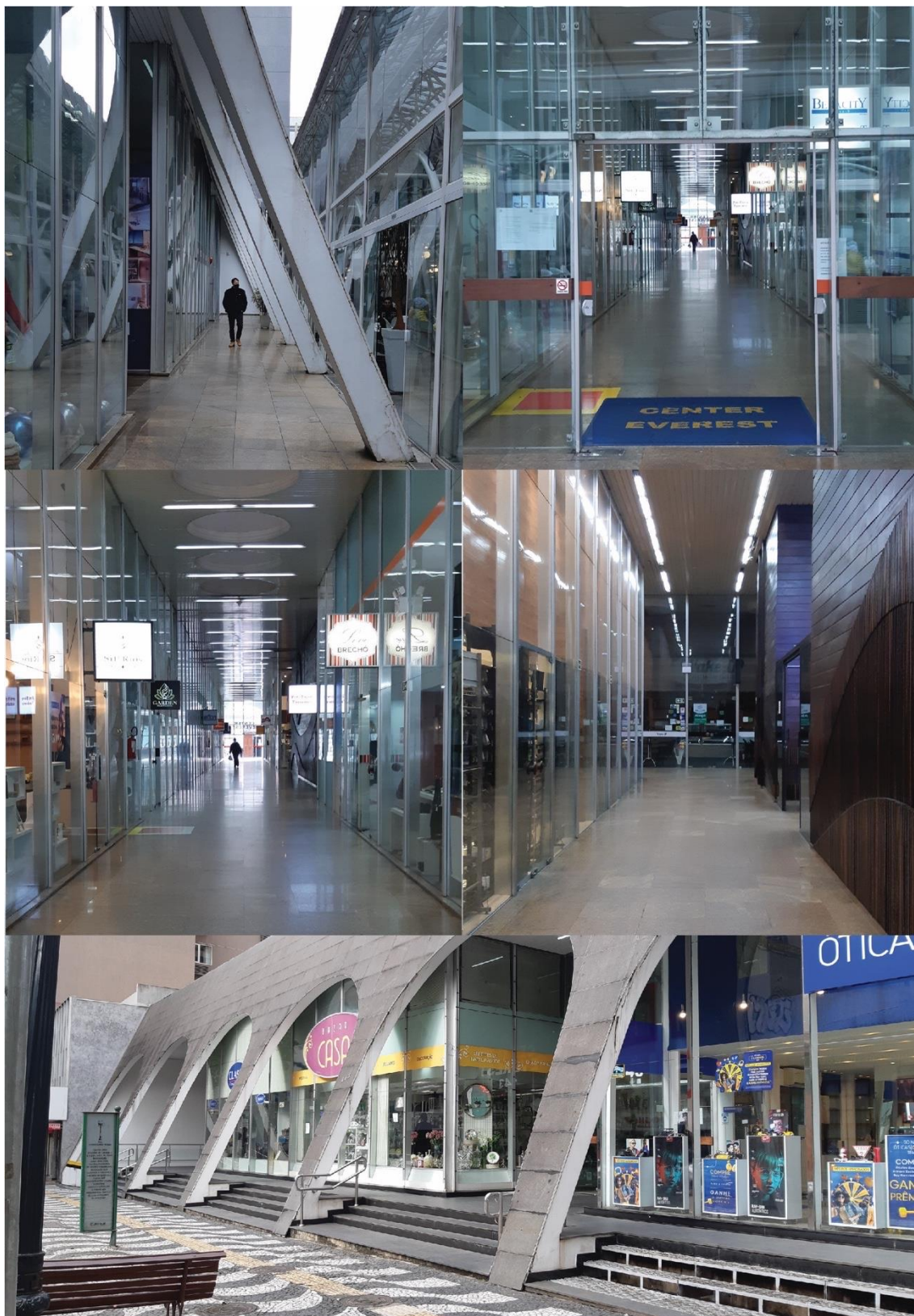
Quadro 36- Síntese: Júlio Moreira

1. Implantação	
Lote	Externo
Conexões	Vias coincidentes
2. Inserção	
Relação com edifício	Ocupação total
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Cultural
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Escada acesso
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Não
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	94%
Ativa	94%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	7,8 x 2,7 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.12 Executive Center Everest

Figura 41- Compilação de fotografias: Executive Center Everest



Fonte: Autora (2022)

Desenho 16- Análise individual: Executive Center Everest

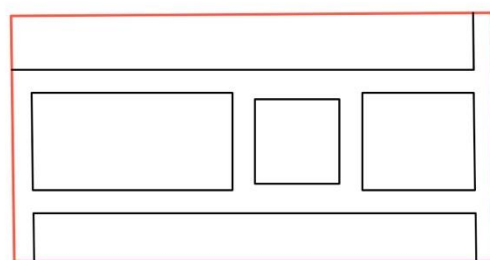
1. Implantação

Edifício

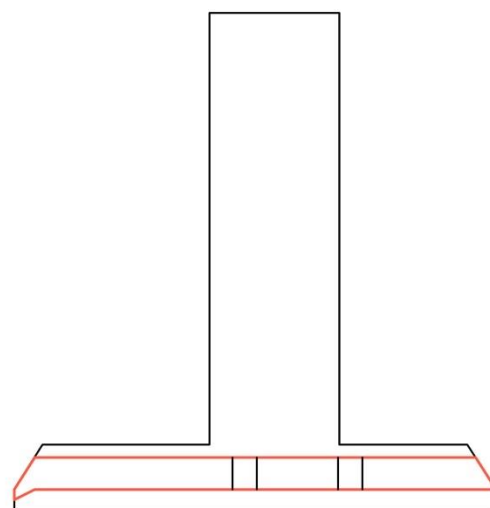


2. Inserção

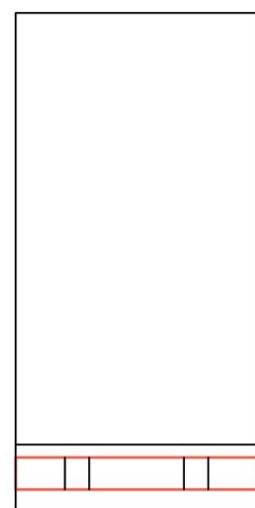
Galeria



Planta



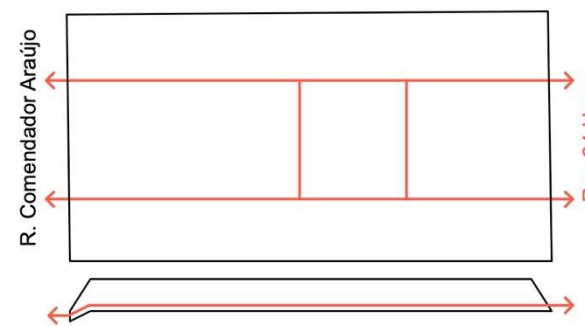
Corte longitudinal



Corte transversal

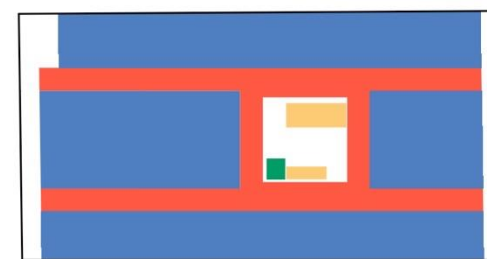
3. Circulação

Fluxo



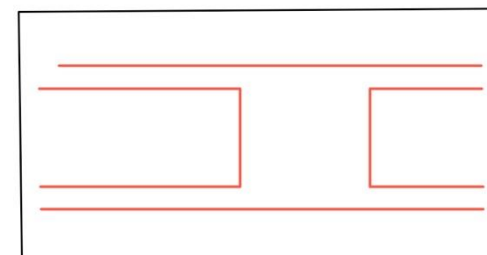
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



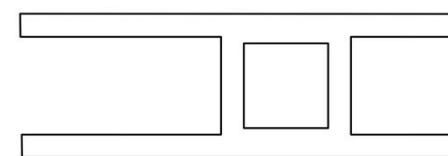
5. Interface

Ativa



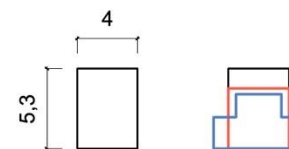
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 37- Síntese: Executive Center Everest

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Via e galeria paralelas
2. Inserção	
Relação edifício com	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Em H
Em corte	Desnível Escada no acesso
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	82%
Ativa	82%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Em H
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4 x 5,3

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.13 Galeria Suíssa

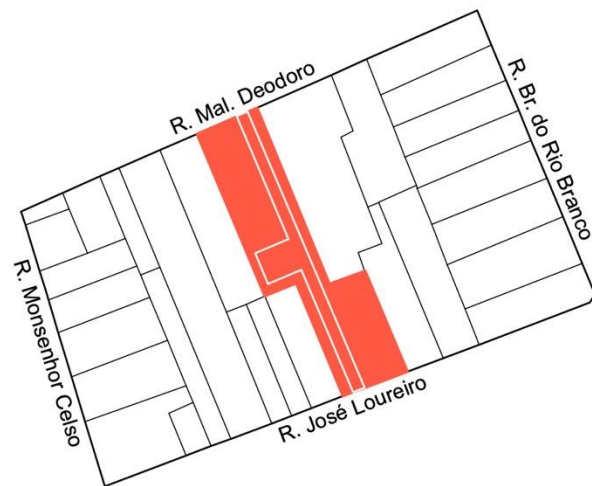
Figura 42- Compilação de fotografias: Galeria Suíssa



Fonte: Autora (2022)

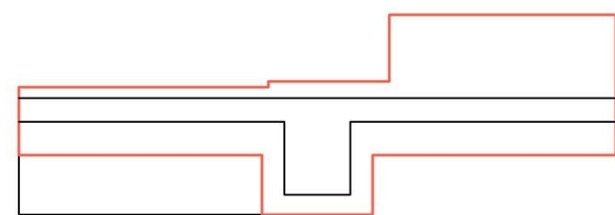
1. Implantação

Edifício

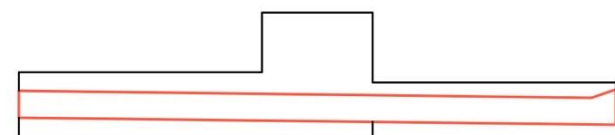


2. Inserção

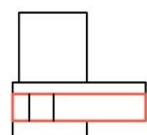
Galeria



Planta



Corte longitudinal

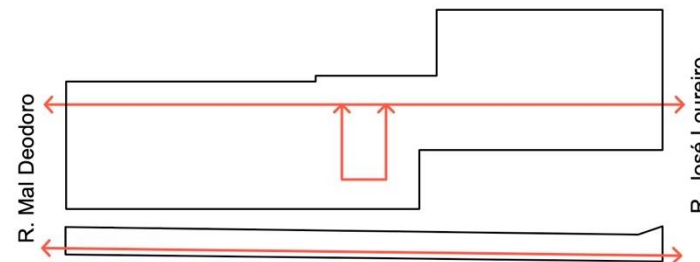


Corte transversal

Desenho 17- Análise individual: Galeria Suíça

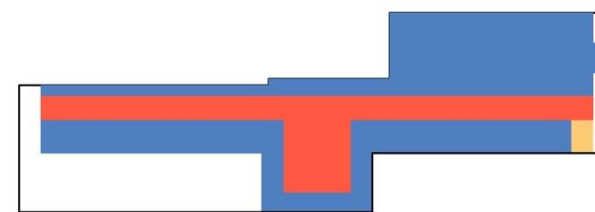
3. Circulação

Fluxo



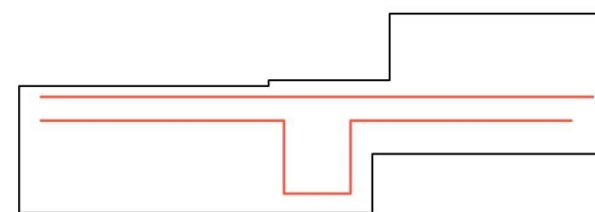
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



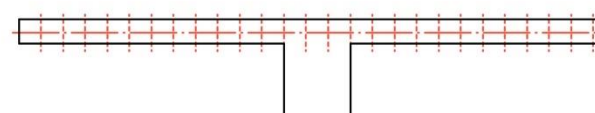
5. Interface

Ativa



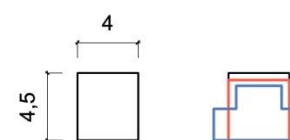
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 38- Síntese: Galeria Suíça

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial escritórios
3. Circulação	
Em planta	Linear e em U
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Desconectada
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	98%
Ativa	90%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua e praça Em T
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4 x 4,5 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.14 Edifício Júlio Manfredini Júnior

Figura 43- Compilação de fotografias: Edifício Júlio Manfredini Júnior



Fonte: Autora (2022)

Desenho 18- Análise individual: Edifício Júlio Manfredini Júnior

1. Implantação

Edifício

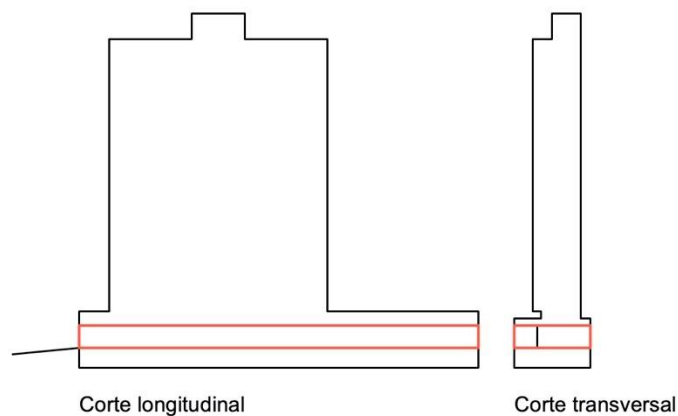


2. Inserção

Galeria



Planta

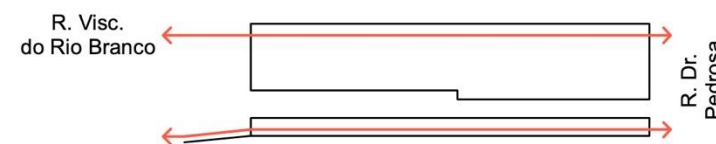


Corte longitudinal

Corte transversal

3. Circulação

Fluxo



4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



5. Interface

Ativa



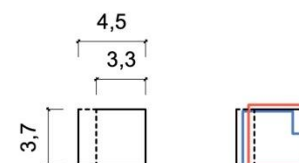
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 39- Síntese : Edifício Júlio Manfredini Júnior

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias perpendiculares
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e residencial
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa no acesso
4. Programa	
Carregamento	Simplex
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	72%
Ativa	72%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Sim
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4,5 x 3,7 m 3,3 x 3,7 m

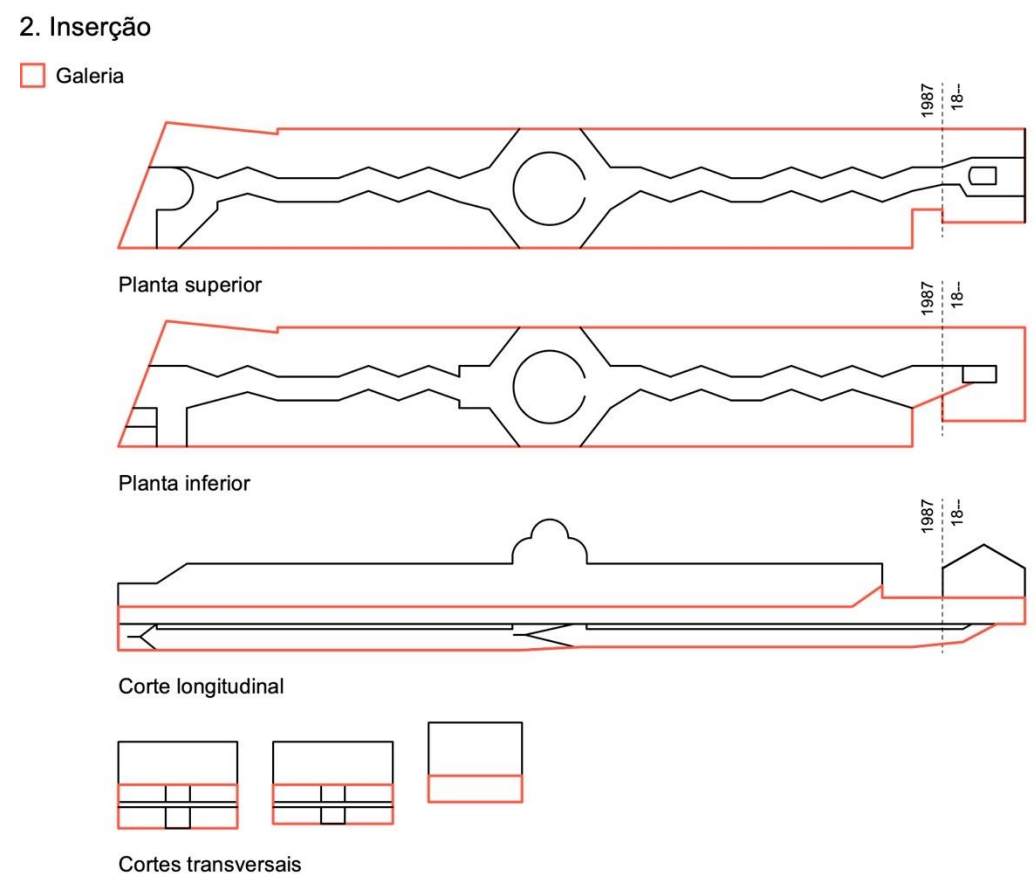
Fonte: Autora (2022)

3.2.15 Omar Square

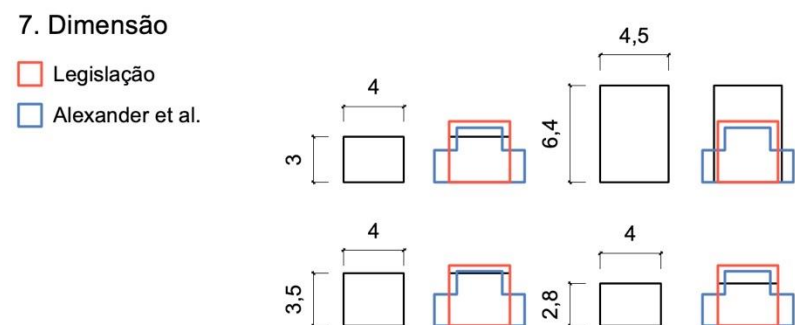
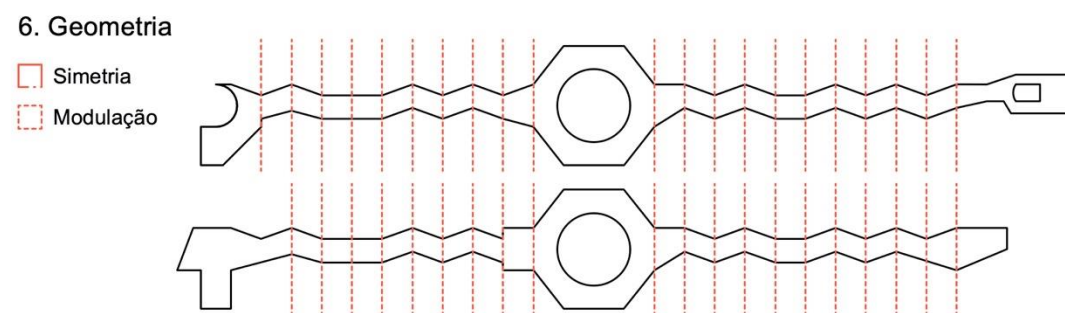
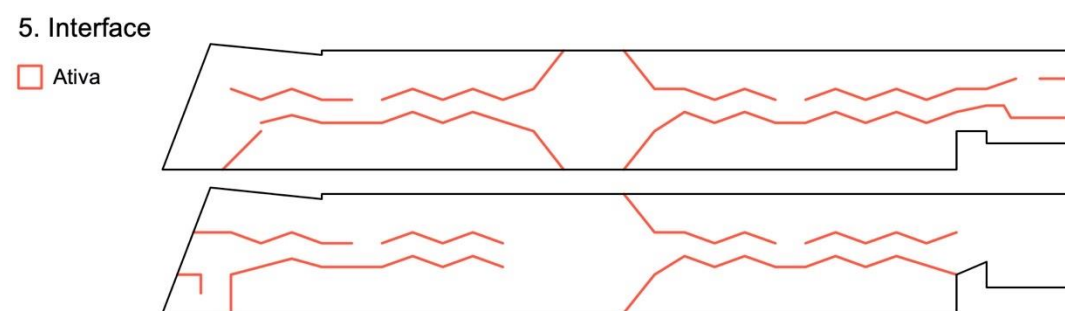
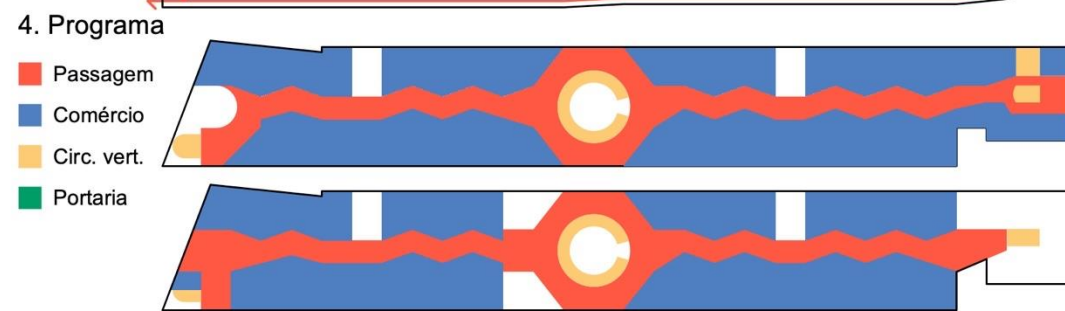
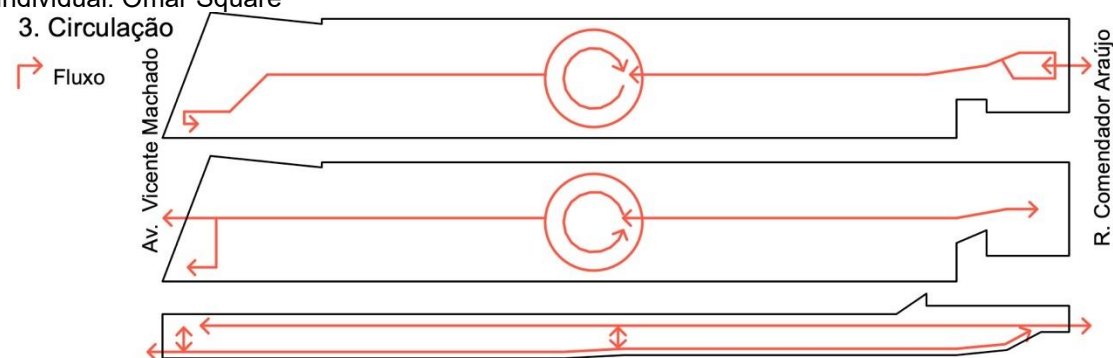
Figura 44- Compilação de fotografias: Omar Square



Fonte: Autora (2022)



Desenho 19- Análise individual: Omar Square



Quadro 40- Síntese: Omar Square

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação edifício com	Embasamento
Desenvolvimento	Dois níveis
Uso do edifício	Comercial
3. Circulação	
Em planta	Irregular
Em corte	Desnível Misto
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Sim
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	78%
Ativa	75%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Sim
Formato	Rua e praça Irregular
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4 x 3 m 4,5 x 6,4 m 4 x 3,5 m 4 x 2,8 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.16 Galeria General Osório

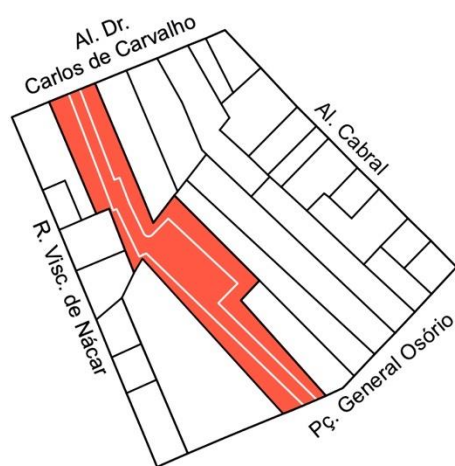
Figura 45- Compilação de fotografias: Galeria General Osório



Fonte: Autora (2022)

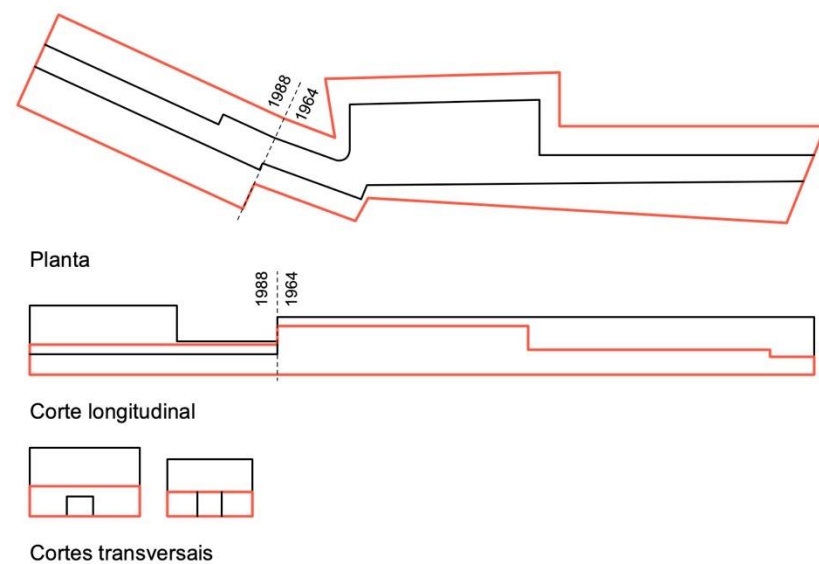
1. Implantação

■ Edifício



2. Inserção

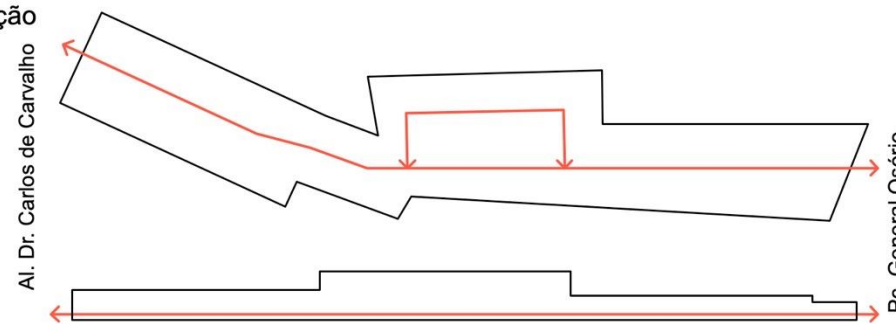
□ Galeria



Desenho 20- Análise individual: Galeria General Osório

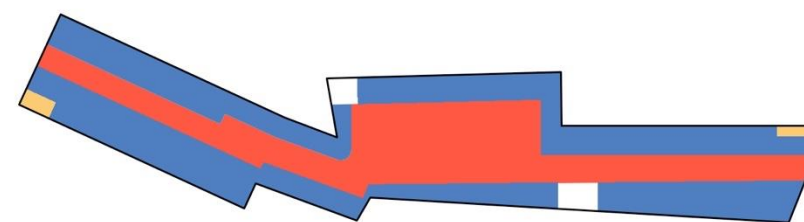
3. Circulação

→ Fluxo



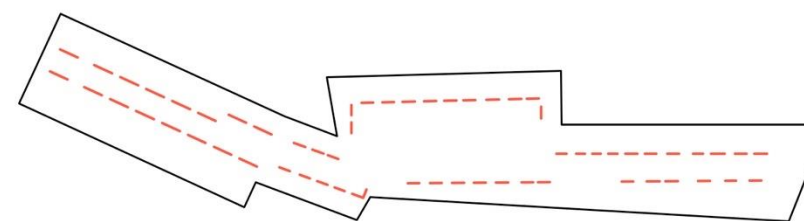
4. Programa

■ Passagem
■ Comércio
■ Circ. vertical
■ Portaria



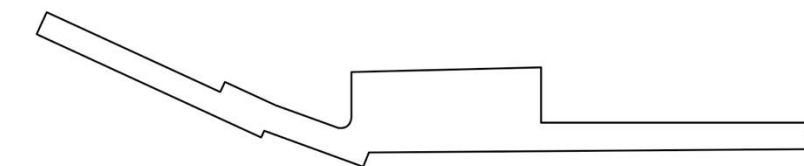
5. Interface

□ Ativa



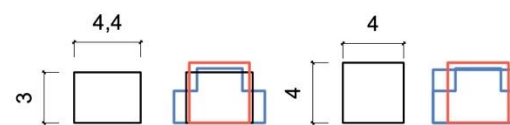
6. Geometria

□ Simetria
□ Modulação



7. Dimensão

□ Legislação
□ Alexander et al.



Quadro 41- Síntese- Galeria General Osório

1.Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2.Inserção	
Relação edifício com	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Angular e em U
Em corte	Nível
4.Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Desconectada
Portaria	Não
5.Interface	
Comercial	97%
Ativa	48%
6.Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua e praça Angular
7.Dimensão	
Legislação	Lei N° 2197/1962 Lei N° 2741/1965
Largura x altura	4,4 x 3 m 4 x 4 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.17 Rua 24 Horas

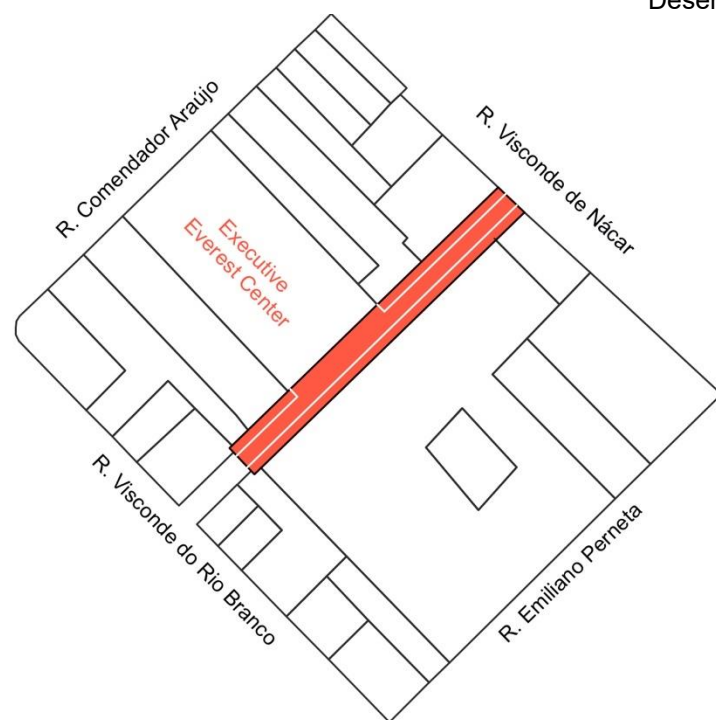
Figura 46- Compilação de fotografias: Rua 24 Horas



Fonte: Autora (2022)

1. Implantação

Edifício



2. Inserção

Galeria



Planta



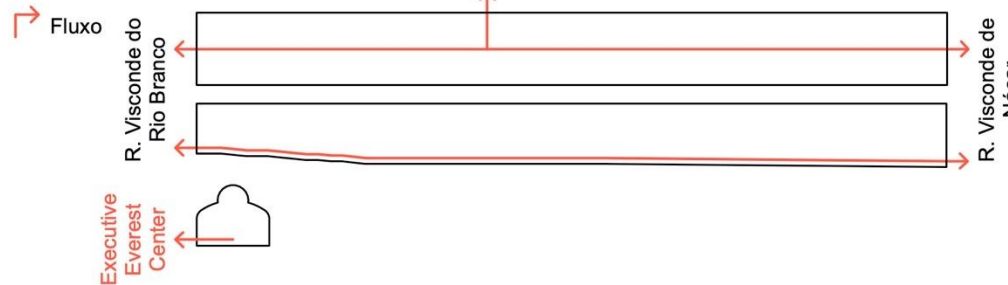
Corte longitudinal



Corte transversal

Desenho 21- Análise individual: Rua 24 Horas

3. Circulação



4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



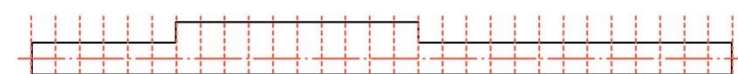
5. Interface

Ativa



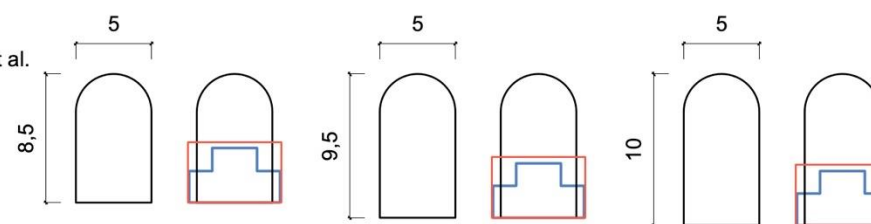
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 42- Síntese: Rua 24 Horas

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas e galeria
2. Inserção	
Relação com edifício	Ocupação total
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial
3. Circulação	
Em planta	Em T
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Não
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	96%
Ativa	96%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua e praça Em T
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	5 x 8,5 m 5 x 9,5 m 5 x 10 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.18 Shopping Metropolitan

Figura 47- - Compilação de fotografias: Shopping Metropolitan

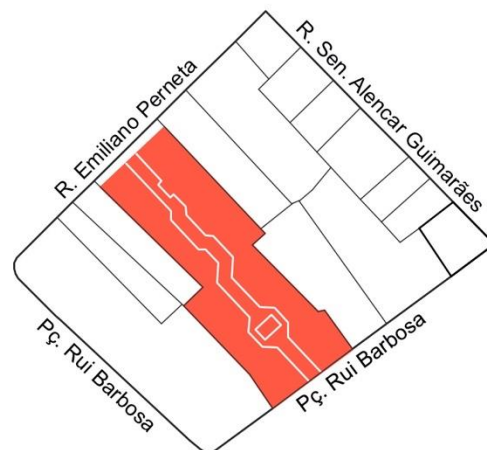


Fonte: Autora (2022)

Desenho 22- Análise individual: Shopping Metropolitan

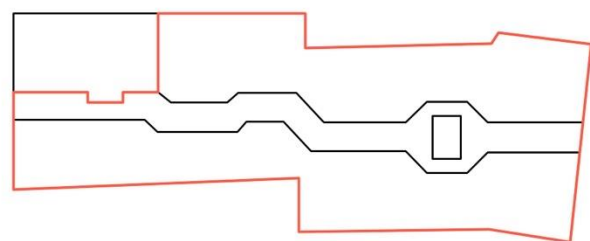
1. Implantação

Edifício

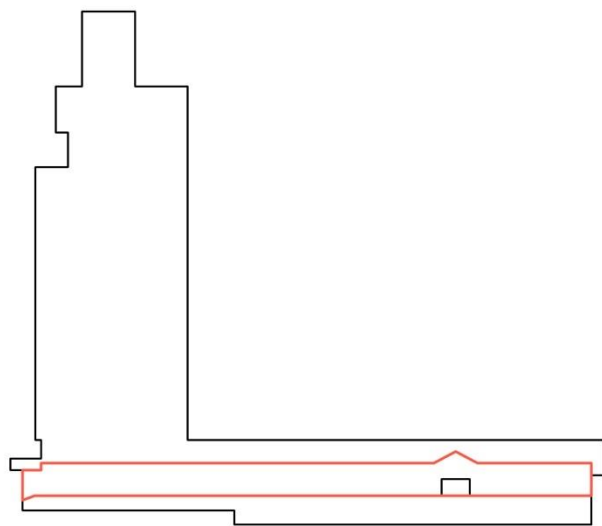


2. Inserção

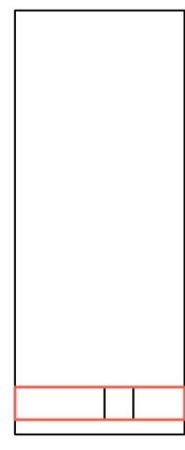
Galeria



Planta



Corte longitudinal

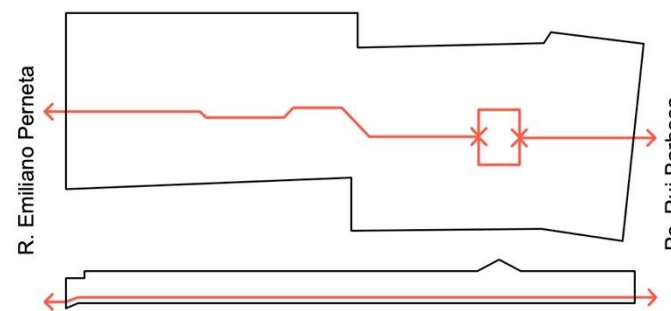


Cortes transversais



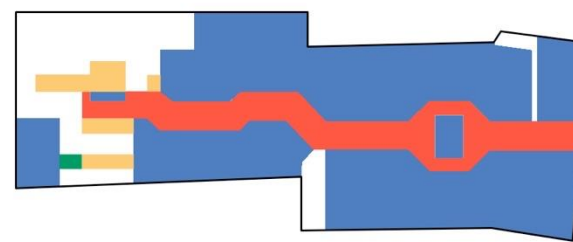
3. Circulação

Fluxo



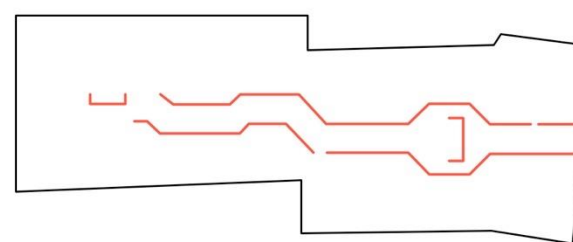
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



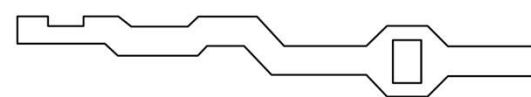
5. Interface

Ativa



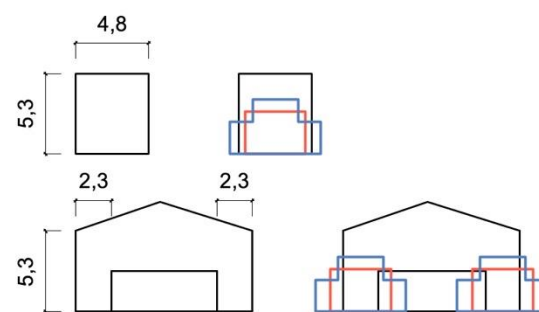
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 43- Síntese: Shopping Metropolitan

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Irregular
Em corte	Desnível Escada no acesso
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Desconectada
Portaria	Desconectada
5. Interface	
Comercial	82%
Ativa	77%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Irregular
7. Dimensão	
Legislação	Decreto N° 50/1991
Largura x altura	4,8 x 5,3 m 2,3 x 5,3 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.19 Gallery Executive Center

Figura 48- Compilação de fotografias: Gallery Executive Center

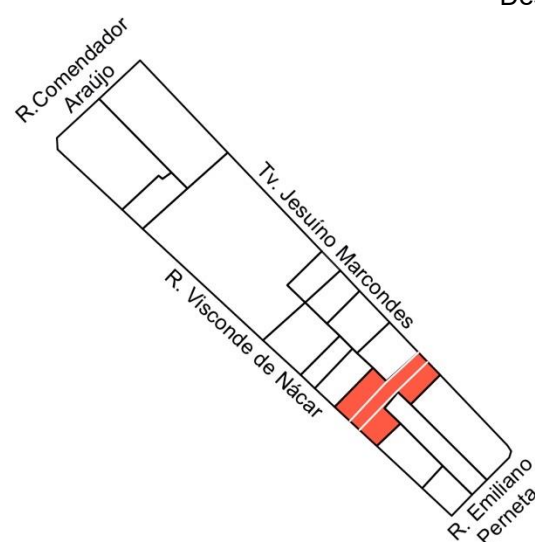


Fonte: Autora (2022)

Desenho 23- Análise individual: Gallery Executive Center
3. Circulação

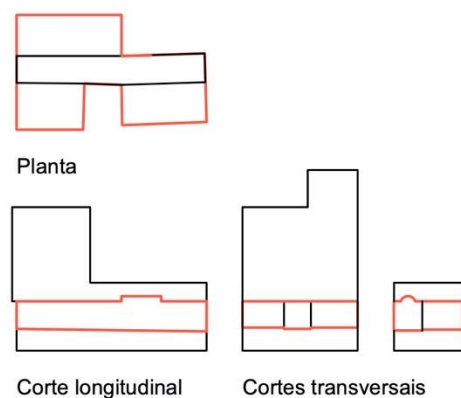
1. Implantação

Edifício



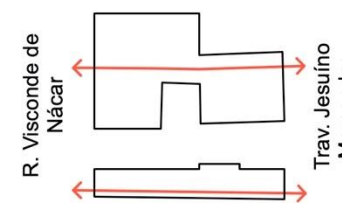
2. Inserção

Galeria



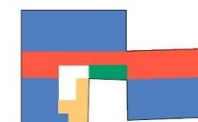
3. Circulação

Fluxo



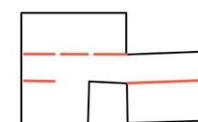
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



5. Interface

Ativa



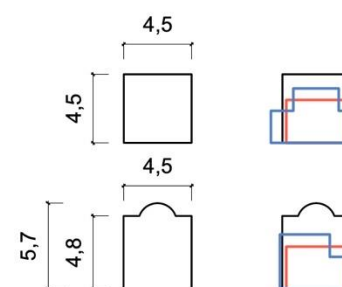
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.

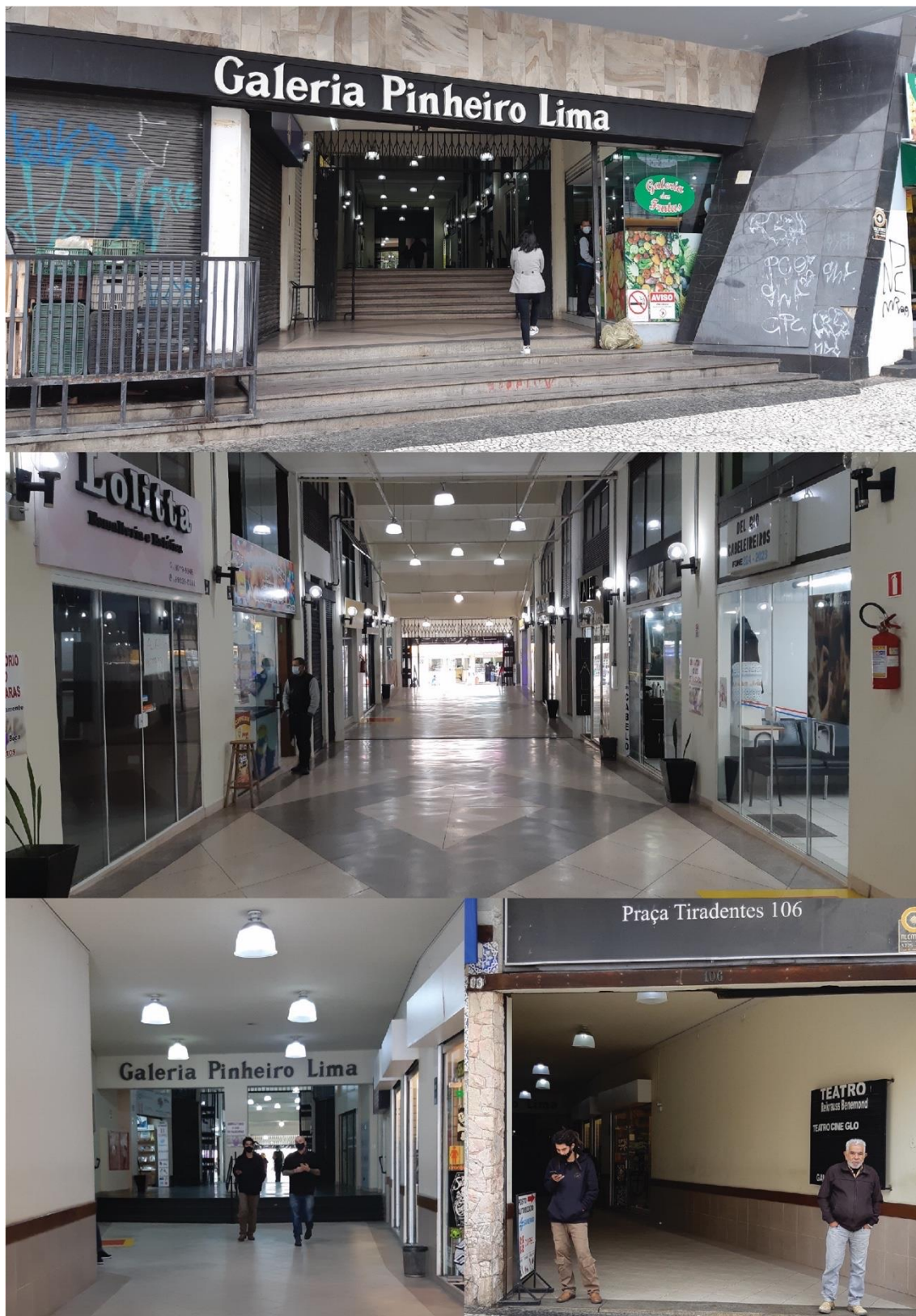


Quadro 44- Síntese: Gallery Executive Center

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação edifício com	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Rampa interna
4. Programa	
Carregamento	Misto
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	60%
Ativa	52%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Decreto N° 50/1991
Largura x altura	4,5 x 4,5 m 4,5 x 5,7 m 4,5 x 4,8m

3.2.20 Galeria Pinheiro Lima

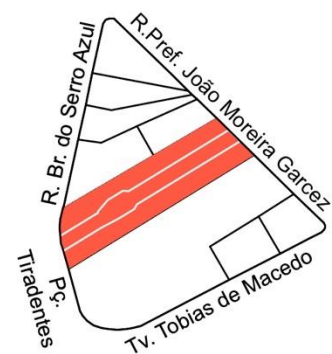
Figura 49- Compilação de fotografias: Galeria Pinheiro Lima



Fonte: Autora (2022)

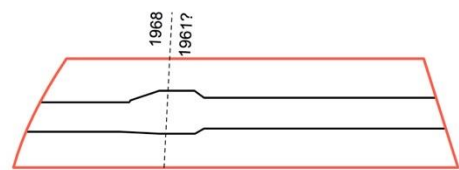
1. Implantação

■ Edifício

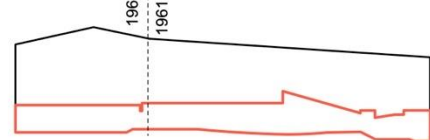


2. Inserção

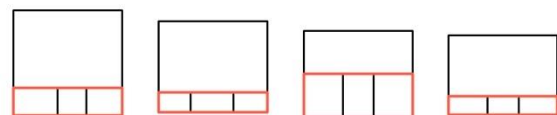
□ Galeria



Planta



Corte longitudinal

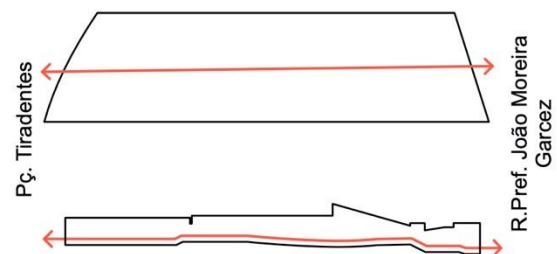


Cortes transversais

Desenho 24- Análise individual: Galeria Pinheiro Lima

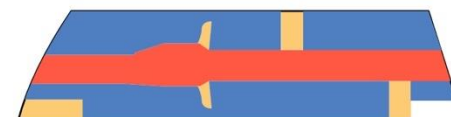
3. Circulação

→ Fluxo



4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



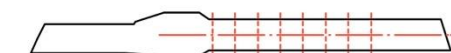
5. Interface

□ Ativa



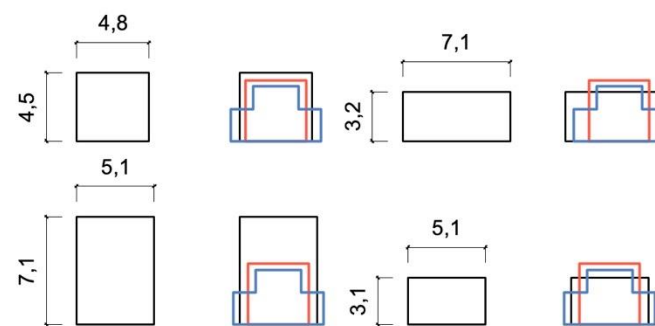
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

Quadro 45- Síntese: Galeria Pinheiro Lima

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e cultural
3. Circulação	
Em planta	Linear
Em corte	Desnível Misto
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Não
5. Interface	
Comercial	91%
Ativa	55%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua e praça Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4,8 x 4,5 m 7,1 x 3,2 m 5,1 x 7,1 m 5,1 x 3,1 m

Fonte: Autora (2022)

3.2.21 Arcadas de São Francisco

Figura 50- Compilação de fotografias: Arcadas de São Francisco

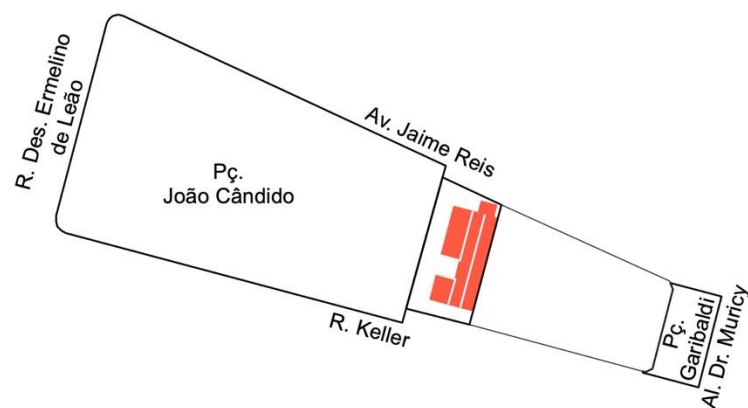


Fonte: Autora (2022)

Desenho 25- Análise individual: Arcadas de São Francisco

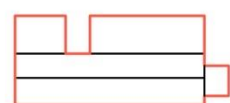
1. Implantação

Edifício

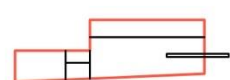


2. Inserção

Galeria



Planta



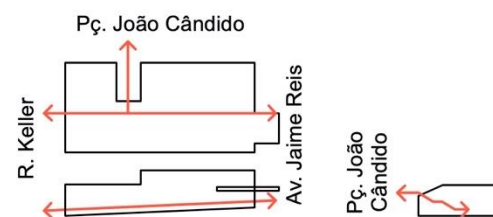
Corte longitudinal



Cortes transversais

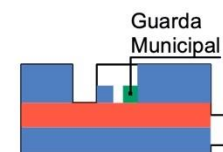
3. Circulação

Fluxo



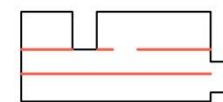
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



5. Interface

Ativa



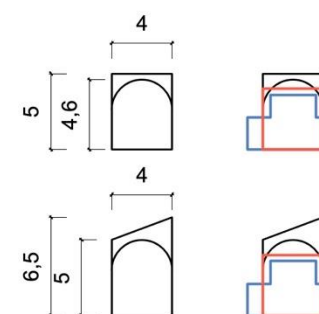
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.



Quadro 46- Síntese: Arcadas de São Francisco

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias e praça
2. Inserção	
Relação com edifício	Ocupação total
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial e cultural
3. Circulação	
Em planta	Em T
Em corte	Desnível Misto
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Não
Portaria	Conectada
5. Interface	
Comercial	93%
Ativa	93%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua Linear
7. Dimensão	
Legislação	Lei Nº 2197/1962 Lei Nº 2741/1965
Largura x altura	4 x 5 m 4 x 4,6 m 4 x 6,5 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.2.22 Galeria Glaser

Figura 51- Compilação de fotografias: Galeria Glaser

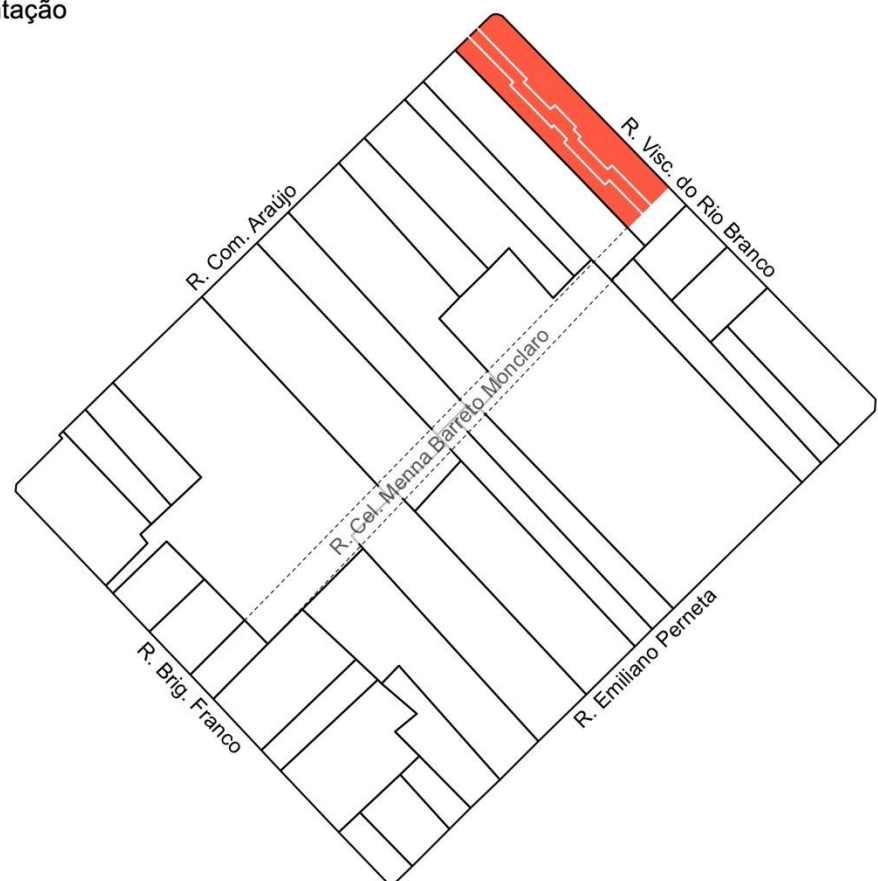


Fonte: Autora (2022)

Desenho 26- Análise individual: Galeria Glaser

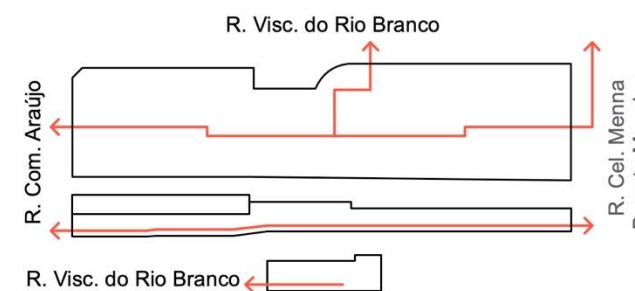
1. Implantação

Edifício



3. Circulação

Fluxo



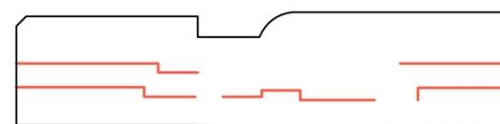
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



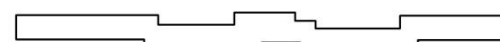
5. Interface

Ativa



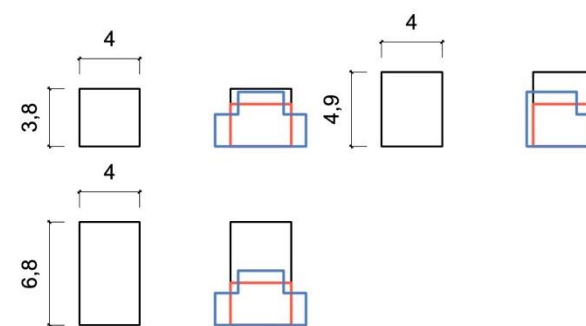
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



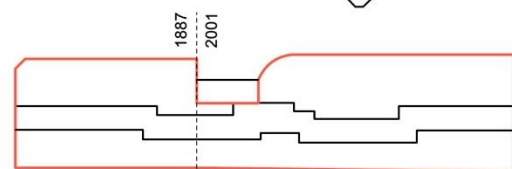
7. Dimensão

- Legislação
- Alexander et al.

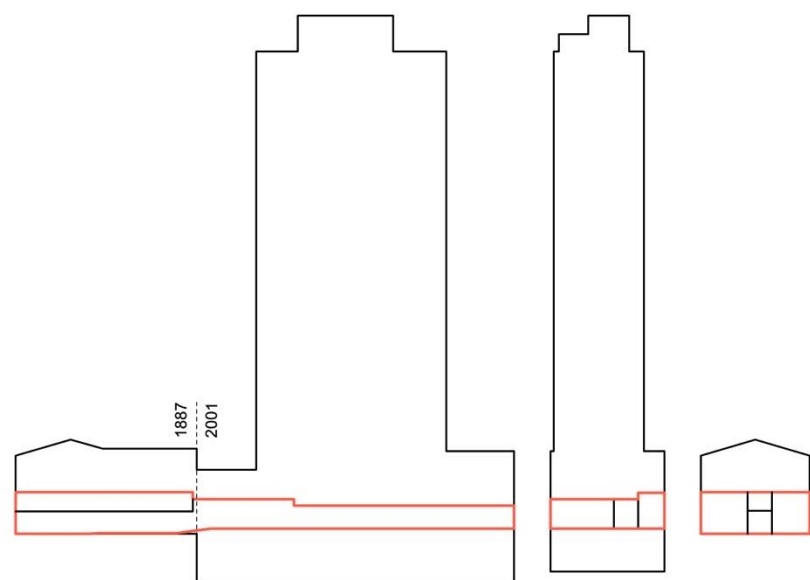


2. Inserção

Galeria



Planta



Corte longitudinal

Cortes transversais

Fonte: Autora (2022)

Quadro 47- Síntese: Galeria Glaser

1. Implantação		
Lote	Uma esquina	
Conexões	Duas vias perpendiculares	
2. Inserção		
Relação edifício	com	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível	
Uso do edifício	Comercial e escritórios	
3. Circulação		
Em planta	Em F	
Em corte	Desnível Rampa interna	
4. Programa		
Carregamento	Misto	
Circ. vertical	Conectada	
Portaria	Desconectada	
5. Interface		
Comercial	71%	
Ativa	71%	
6. Geometria		
Simetria	Não	
Modulação	Não	
Formato	Rua Irregular	
7. Dimensão		
Legislação	Decreto 1137/1995	Nº
Largura x altura	4 x 3,8 m 4 x 4,9 m 4 x 6,8 m	

Fonte: Autora (2022)

3.2.23 Galeria Central Park

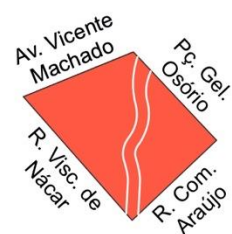
Figura 52- Compilação de fotografias: Galeria Central Park



Fonte: Autora (2022)

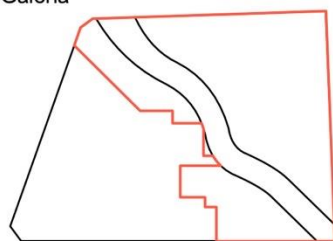
1. Implantação

Edifício

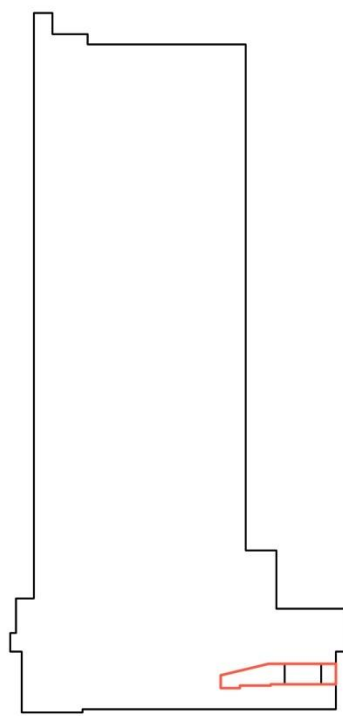


2. Inserção

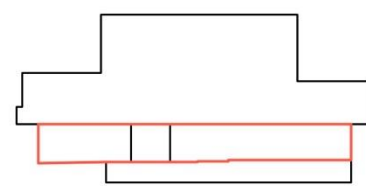
Galeria



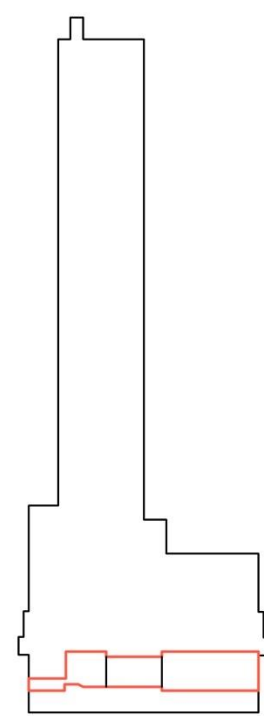
Planta



Corte longitudinal



Corte longitudinal

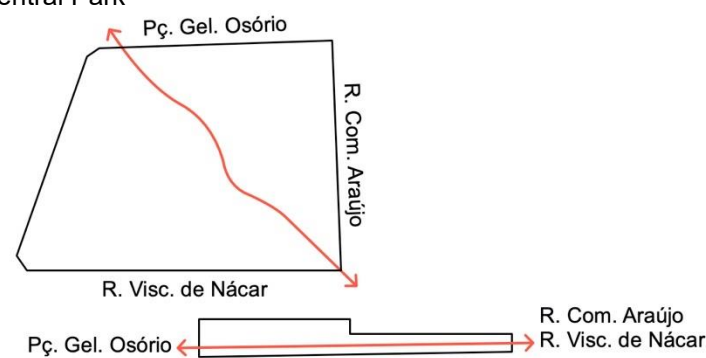


Corte transversal

Desenho 27- Análise individual: Galeria Central Park

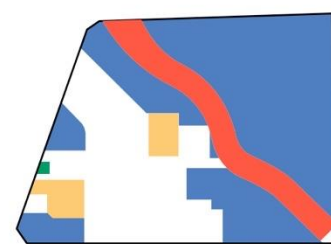
3. Circulação

Fluxo



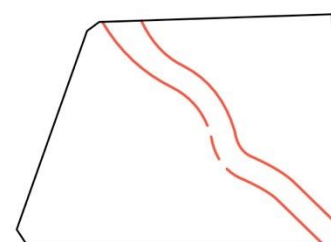
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



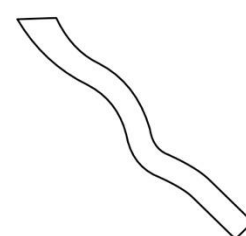
5. Interface

Ativa



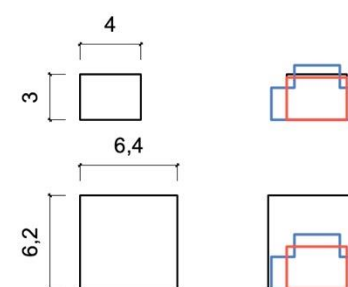
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Quadro 48- Síntese: Galeria Central Park

1. Implantação		
Lote	Toda a quadra	
Conexões	Três vias	
2. Inserção		
Relação edifício com	Embasamento	
Desenvolvimento	Um nível	
Uso	Comercial e residencial	
3. Circulação		
Em planta	Irregular	
Em corte	Desnível Rampa interna	
4. Programa		
Carregamento	Duplo	
Circ. vertical	Desconectada	
Portaria	Desconectada	
5. Interface		
Comercial	96%	
Ativa	96%	
6. Geometria		
Simetria	Não	
Modulação	Não	
Formato	Rua Irregular	
7. Dimensão		
Legislação	Decreto 184/2000	Nº
Largura x altura	4 x 3 m 6,4 x 6,2 m	

Fonte: Autora (2022)

3.2.24 Galeria Guimarães & Cia

Figura 53- Compilação de fotografias: Galeria Guimarães & Cia



Fonte: Autora (2022)

Quadro 49- Síntese: Galeria Guimarães & Cia

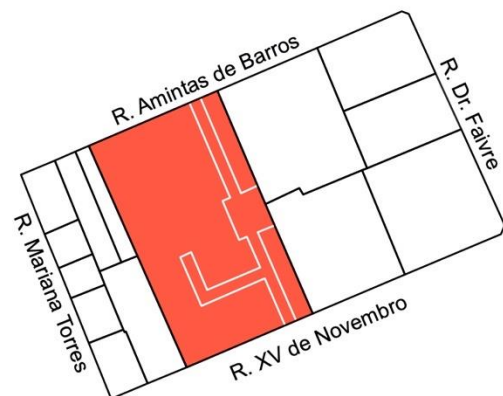
1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Em Y
Em corte	Nível
4. Programa	
Carregamento	Misto
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Desconectada
5. Interface	
Comercial	76%
Ativa	67%
6. Geometria	
Simetria	Sim
Modulação	Sim
Formato	Rua e praça Em T e L
7. Dimensão	
Legislação	Decreto 184/2000 N°
Largura x altura	4 x 6 m

Fonte: Autora (2022)

Desenho 28- Análise individual: Galeria Guimarães & Cia

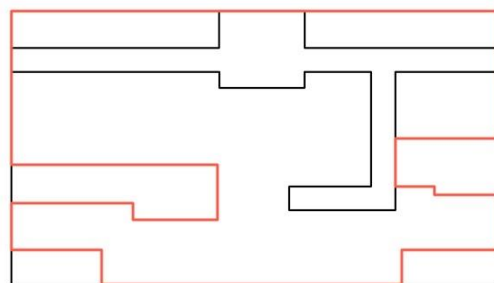
1. Implantação

Edifício

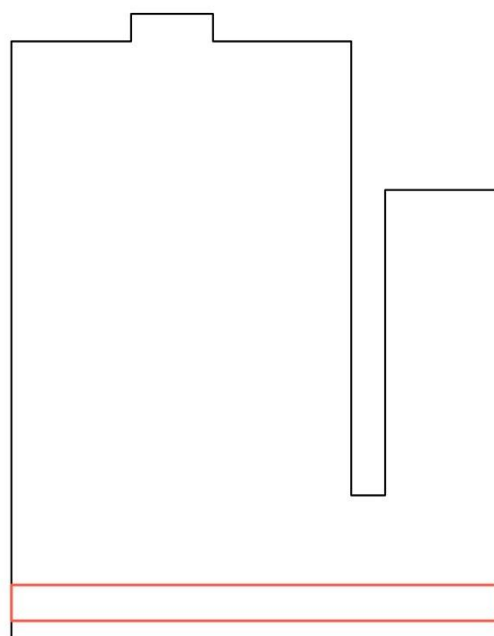


2. Inserção

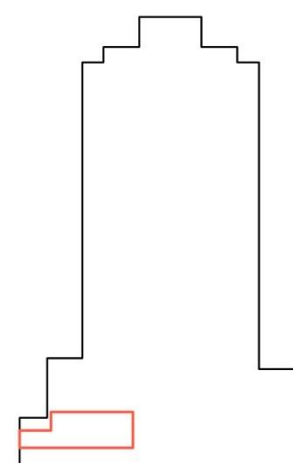
Galeria



Planta



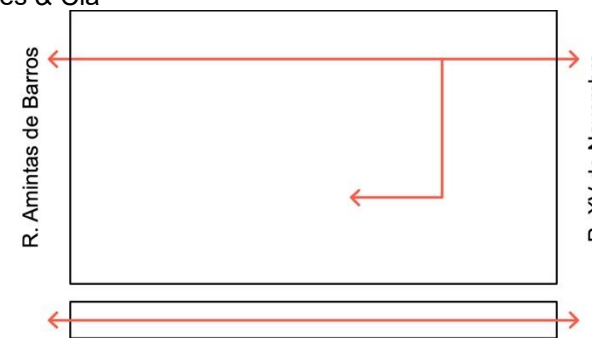
Corte longitudinal



Corte transversal

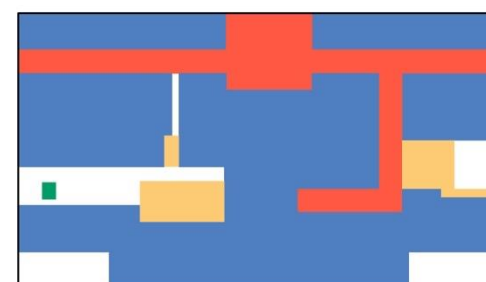
3. Circulação

Fluxo



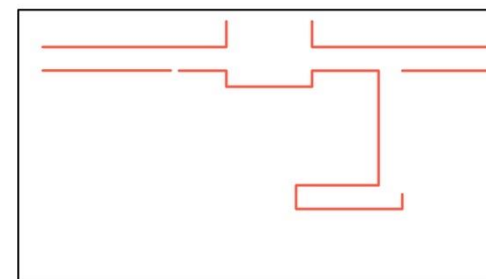
4. Programa

- Passagem
- Comércio
- Circ. vertical
- Portaria



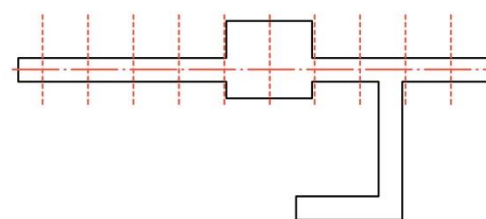
5. Interface

Ativa



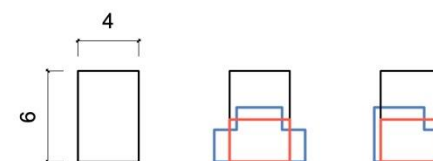
6. Geometria

- Simetria
- Modulação



7. Dimensão

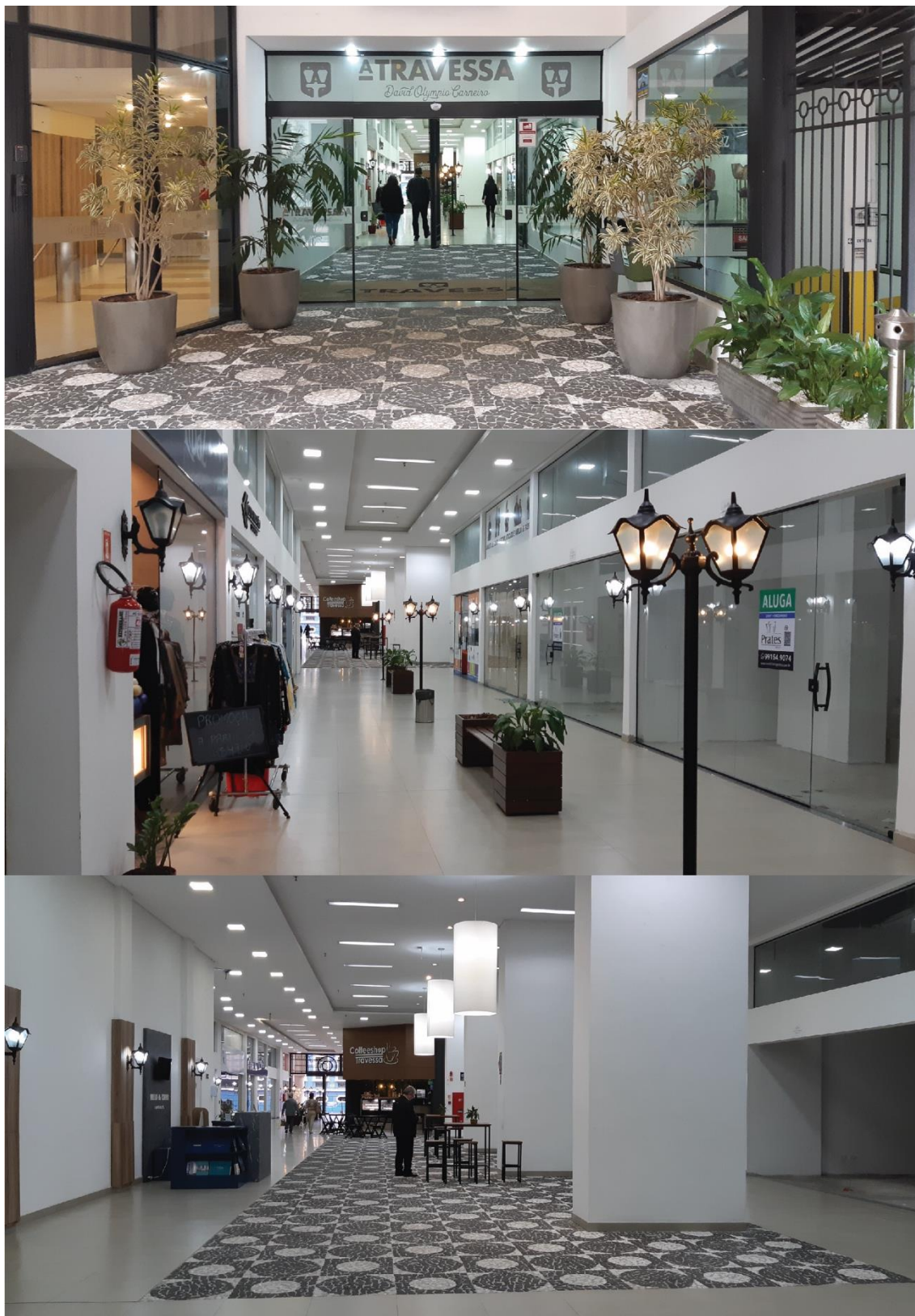
- Legislação
- Alexander et al.



Fonte: Autora (2022)

3.2.25 Travessa David Olympio Carneiro

Figura 54- Compilação de fotografias: Travessa David Olympio Carneiro

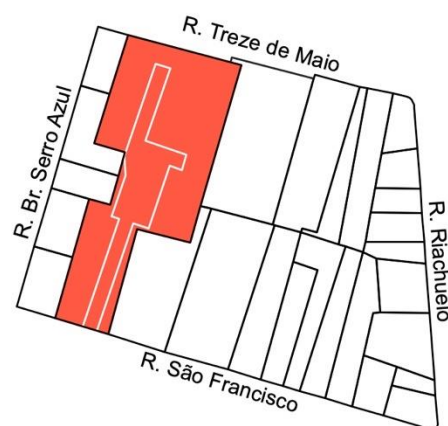


Fonte: Autora (2022)

Desenho 29- Análise individual: Travessa David Olympio Carneiro

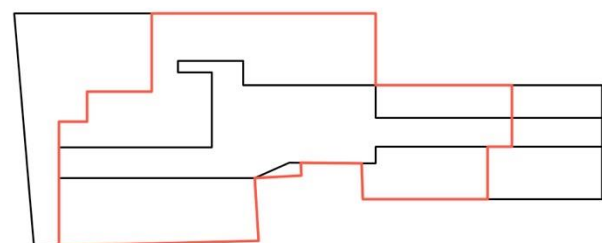
1. Implantação

Edifício

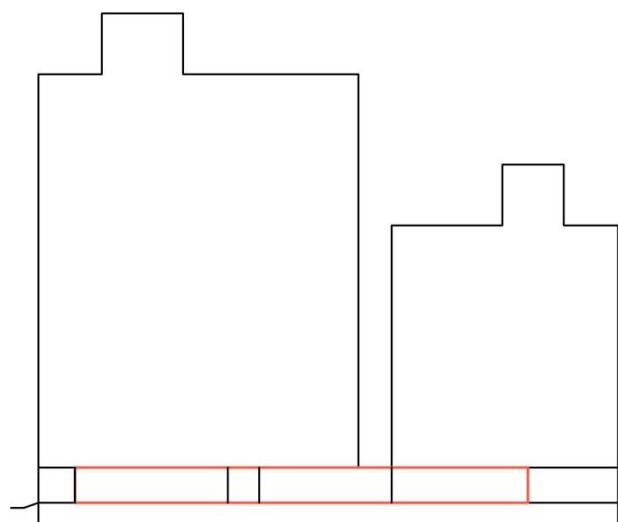


2. Inserção

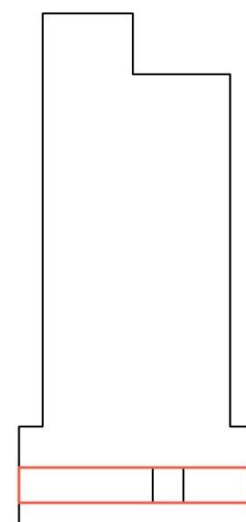
Galeria



Planta



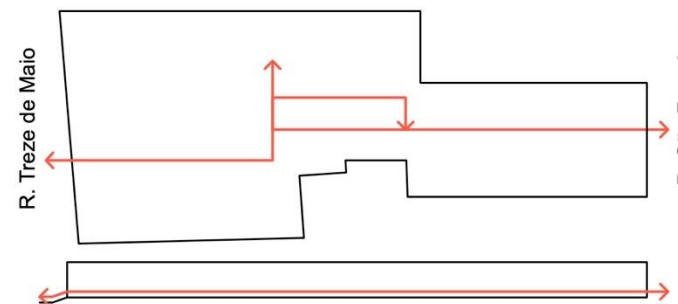
Corte longitudinal



Corte transversal

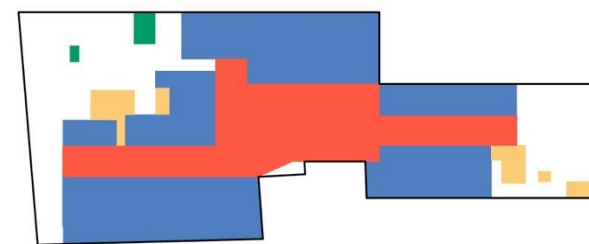
3. Circulação

Fluxo



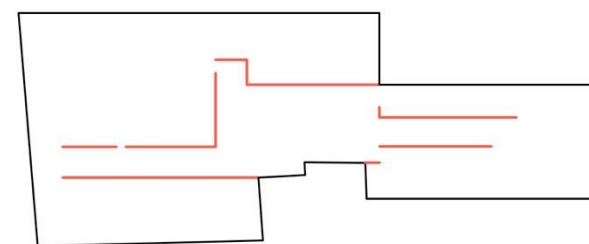
4. Programa

Passagem
Comércio
Circ. vertical
Portaria



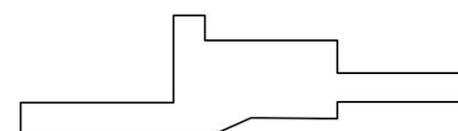
5. Interface

Ativa



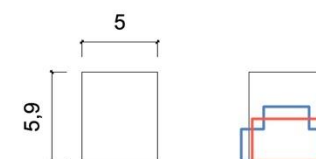
6. Geometria

Simetria
Modulação



7. Dimensão

Legislação
Alexander et al.



Quadro 50- Síntese: Travessa David Olympio Carneiro

1. Implantação	
Lote	Meio de quadra
Conexões	Duas vias paralelas
2. Inserção	
Relação com edifício	Embasamento
Desenvolvimento	Um nível
Uso do edifício	Comercial, residencial e escritórios
3. Circulação	
Em planta	Irregular
Em corte	Desnível Escada no acesso
4. Programa	
Carregamento	Duplo
Circ. vertical	Conectada
Portaria	Desconectada
5. Interface	
Comercial	86%
Ativa	81%
6. Geometria	
Simetria	Não
Modulação	Não
Formato	Rua e praça Irregular
7. Dimensão	
Legislação	Decreto 184/2000 Nº
Largura x altura	5 x 5,9 m

Fonte: Autora (2022)

Fonte: Autora (2022)

3.3 AS GALERIAS COMERCIAIS DE CURITIBA: ANÁLISES COMPARATIVAS

Esta segunda etapa de análise possui como finalidade evidenciar as relações de semelhanças e diferenças entre os objetos arquitetônicos avaliados, identificar as variações tipológicas e se é possível perceber um desenvolvimento formal cronológico. Os dados levantados em cada análise individual foram comparados através de gráficos e desenhos correspondentes a cada categoria de estudo (GEIS, 1985; JACOBY, 2016).

3.3.1 Implantação

O primeiro gráfico que demonstra a diversidade de implantação é uma matriz. Horizontalmente organizou-se a pluralidade de lote em relação ao tecido urbano: meio de quadra, uma esquina, duas esquinas, ocupação mista (meio de quadra e uma esquina), ocupação total, e localização externa aos quarteirões. No eixo vertical a matriz é dividida primeiramente em dois grandes grupos de acordo com o número de conexões com outros espaços de uso público: duas ou três. Em seguida detalhou-se a natureza desses espaços podendo ser via, galeria ou praça. Considerou-se a conexão à praça somente quando isso ocorreu diretamente para o seu interior. Ou seja, no caso das praças circundadas por ruas, foi considerado o vínculo a uma via. E por fim a geometria da ligação que varia conforme a localização dos espaços urbanos conectados e do lote.

Cruzando essas variantes, chegou-se ao número de 13 padrões de implantação identificadas no conjunto de galerias comerciais estudadas, cada um ilustrado esquematicamente (Gráfico 7).

A mesma estrutura de matriz é repetida para a identificação da frequência de exemplares por variação (Gráfico 8). Em seguida, arranjou-se as informações numa linha do tempo para permitir a identificação da existência de possíveis relações entre as variações e indicadores cronológicos (Desenho 30 e Gráfico 9).

Gráfico 7- Implantação: matriz de variabilidade

		Ocupação do lote em relação à quadra urbana					
		Meio	Uma Esquina	Duas esquinas	Mista	Total	Externa
Conexões		1	2	3	4	5	6
Duas	Vias paralelas A						
	Via e galeria paralelas B						
	Vias perpend. C						
	Vias transversais D						
	Vias coincidentes E						
Três	Duas vias F						
	Três vias G						
	Duas vias e galeria H						
	Duas vias e praça I						

Fonte: Autora (2022)

Gráfico 8- Implantação: matriz de frequência

		Ocupação do lote em relação à quadra urbana					
		Meio	Uma Esquina	Duas esquinas	Mista	Total	Externa
Conexões		1	2	3	4	5	6
Duas	Vias paralelas A	1,3,5,9, 13,15,16,18, 19,20,24,25			8		
	Via e galeria paralelas B	12					
	Vias perpend. C	14	4,7				
	Vias transversais D		10				
	Vias coincidentes E						11
Três	Duas vias F		22				
	Três vias G			2	6	23	
	Duas vias e galeria H	17					
	Duas vias e praça I	21					

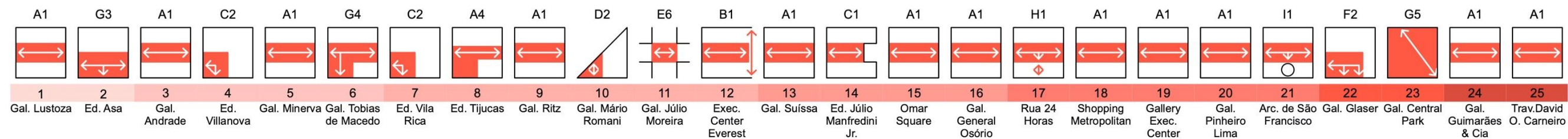
Frequência

Galerias

- | | | | | |
|-----------------|-------------------------|-----------------------------|--------------------------|----------------------------|
| 1 Gal. Lustoza | 6 Gal. Tobias de Macedo | 11 Gal. Júlio Moreira | 16 Gal. General Osório | 21 Arc. de São Francisco |
| 2 Ed. Asa | 7 Ed. Vila Rica | 12 Exec. Center Everest | 17 Rua 24 Horas | 22 Gal. Glaser |
| 3 Gal. Andrade | 8 Ed. Tijuca | 13 Gal. Suíssa | 18 Shopping Metropolitan | 23 Gal. Central Park |
| 4 Ed. Villanova | 9 Gal. Ritz | 14 Ed. Júlio Manfredini Jr. | 19 Gallery Exec. Center | 24 G. Guimarães & Cia |
| 5 Gal. Minerva | 10 Gal. Mário Romani | 15 Omar Square | 20 Gal. Pinheiro Lima | 25 Trav. David O. Carneiro |

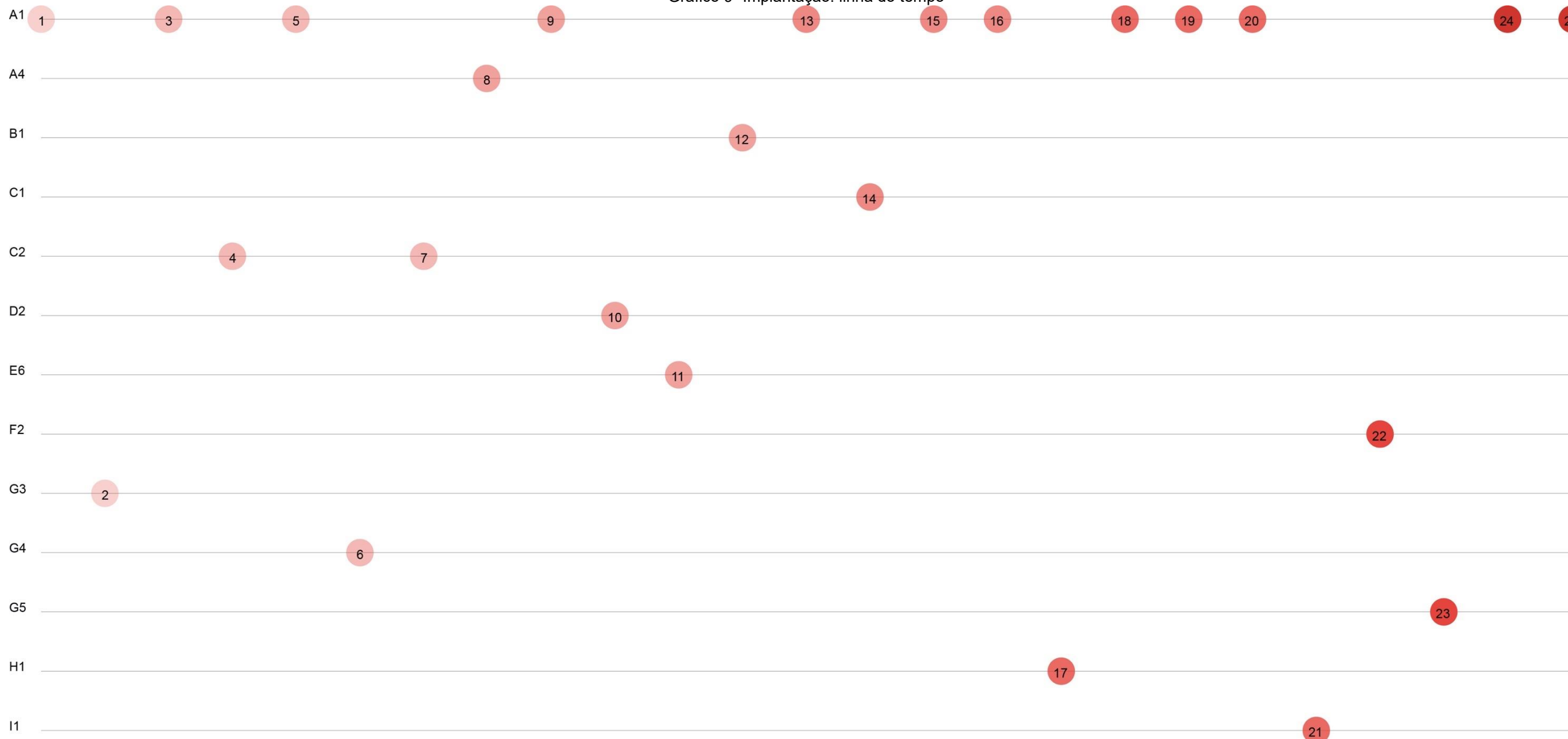
Fonte: Autora (2022)

Desenho 30- Implantação: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

Gráfico 9- Implantação: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

Representando um total de 12 exemplares, a variação A1 (duas vias paralelas e lote meio de quadra) é a que mais representa as galerias comerciais curitibanas. Esta variação é a menos complexa dentre as apresentadas, possivelmente a tradução mais direta do enunciado do tipo. Percebe-se que esse padrão de implantação permaneceu constante ao longo dos anos em Curitiba. Ela também é base para a maioria das demais variações, sendo modificada para melhor se adequar aos diversos contextos urbanos.

A não ser pela variação C2 (duas vias perpendiculares e lote de uma esquina) que abrange duas galerias, as demais categorizações são representadas por apenas um objeto arquitetônico. O padrão F2 (conexões entre duas vias paralelas e uma esquina) pode deixar de existir a partir do momento em que o prolongamento da Rua Coronel Menna Batista Monclaro for efetivado. Assim, a Galeria Glaser passará a ser englobada pela variação G3 (três vias e duas esquinas).

Os padrões B1 (via e galeria paralelas e lote meio de quadra) e H1 (duas vias paralelas e galeria e lote meio de quadra) acontecem juntos através do Executive Center Everest e da Rua 24 Horas.

É interessante notar que uma mesma quadra urbana concentra três galerias: Tobias de Macedo, Mário Romani e Pinheiro Lima. Entretanto, cada uma delas segue um diferente padrão de implantação: G4 (três vias e lote misto), D2 (duas vias transversais e lote com uma esquina e), e A1 respectivamente.

As variações de implantação são majoritariamente dependentes das condições físicas do lote. Porém, em alguns casos percebe-se que a maneira de conectar entre os espaços urbanos partiu de uma decisão projetual. Destaca-se os padrões A4 (duas vias paralelas e lote misto), G4 (três vias e lote misto) e G5 (três vias e lote ocupando toda a quadra urbana).

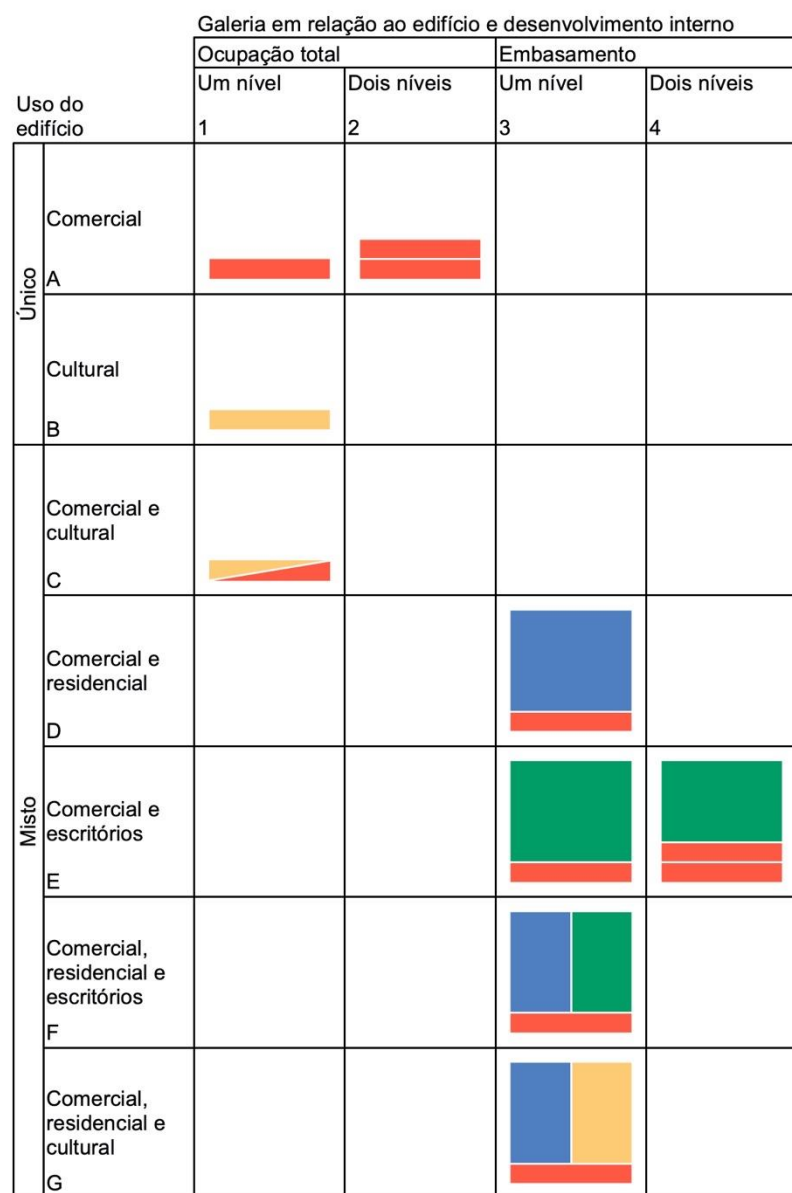
3.3.2 Inserção

Seguindo a mesma organização dos gráficos da categoria anterior, as matrizes de inserção são ordenadas horizontalmente em primeira instância pela relação da galeria comercial e o edifício onde ela está inserida: ocupação total ou embasamento. Em segunda instância pela quantidade de níveis que ela se desenvolve internamente: um ou dois. No sentido vertical estão acomodadas pluralidade de uso da edificação como um todo e os diferentes arranjos das seguintes atividades: comercial, residencial, de escritórios e cultural (Gráfico 10).

Como já era imaginado, a maioria das galerias estudadas atuam como embasamento de uma edificação, e assim como parte de um sistema de uso misto. As variações E3 e F3 são as mais representam os edifícios estudados, cada uma contando com seis indivíduos. Enquanto ambas abrigam usos comerciais e de escritórios, o padrão F3 ainda congrega moradias. Idealmente, quanto mais usos agregados à galeria, mais o edifício reflete as dinâmicas urbanas em miniatura, e assim ela se torna indispensável para a cidade (GEIST, 1985). A variação D3 de uso comercial e residencial retrata um total de cinco exemplares (Gráfico 11). Na análise cronológica, percebe-se que estes três principais padrões apresentam uma certa regularidade com o passar do tempo.

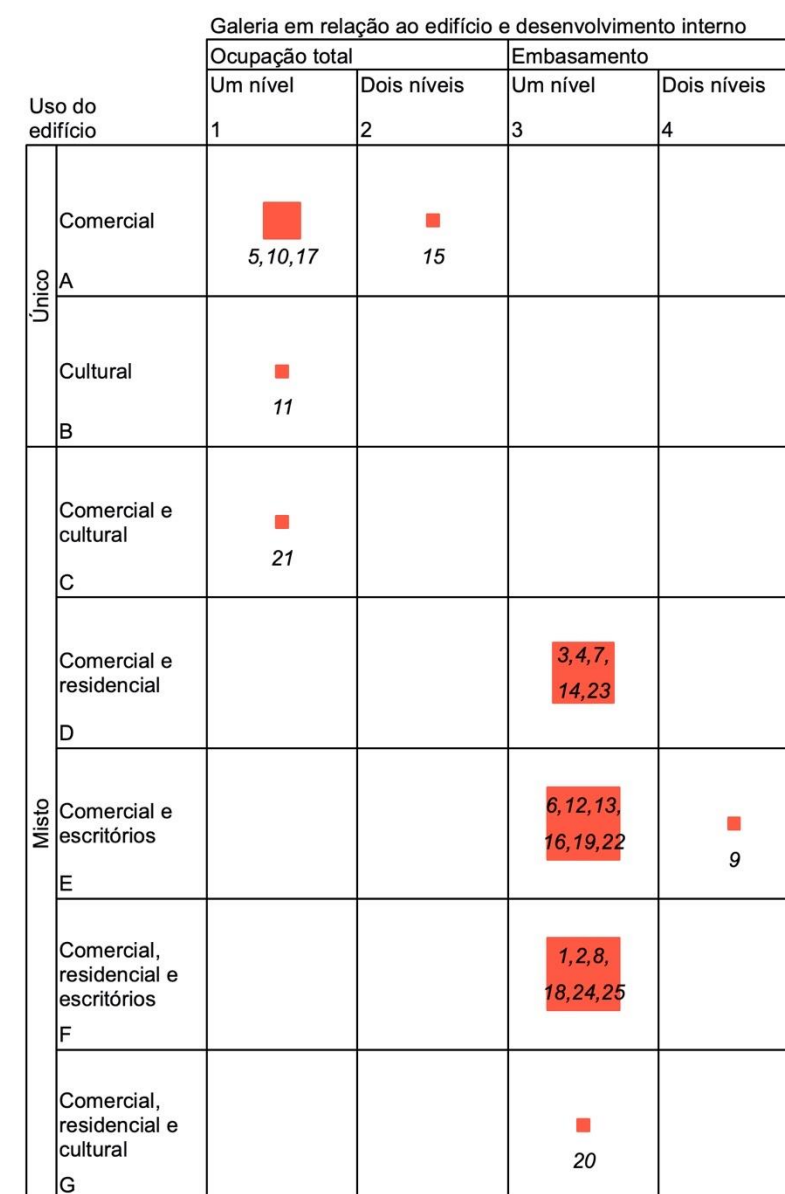
Nesta etapa, também foram explicitados os processos de implementação das galerias retratados no capítulo anterior. Ou seja, se elas foram fruto de reformas, união e ampliação de construções existentes, ou se já faziam parte da concepção projetual de seus edifícios. Observou-se que esta última natureza é a que contempla a maioria dos casos. E ainda, evidenciou-se a quantidade de unidades edificadas autônomas agrupadas por elas. As únicas que correlacionam mais de uma edificação são a Galeria Lustoza e a Galeria Andrade. Compreende-se que essas particularidades induzem diferentes variações de circulação, de geometria e dos dimensionamentos das passagens (Desenho 31 e Gráfico 12).

Gráfico 10- Inserção: matriz de variabilidade



Fonte: Autora (2022)

Gráfico 11- Inserção: matriz de frequência



Frequência

Galerias

- | | | | | |
|-----------------|-------------------------|-----------------------------|--------------------------|----------------------------|
| 1 Gal. Lustoza | 6 Gal. Tobias de Macedo | 11 Gal. Júlio Moreira | 16 Gal. General Osório | 21 Arc. de São Francisco |
| 2 Ed. Asa | 7 Ed. Vila Rica | 12 Exec. Center Everest | 17 Rua 24 Horas | 22 Gal. Glaser |
| 3 Gal. Andrade | 8 Ed. Tijuca | 13 Gal. Suíça | 18 Shopping Metropolitan | 23 Gal. Central Park |
| 4 Ed. Villanova | 9 Gal. Ritz | 14 Ed. Júlio Manfredini Jr. | 19 Gallery Exec. Center | 24 G. Guimarães & Cia |
| 5 Gal. Minerva | 10 Gal. Mário Romani | 15 Omar Square | 20 Gal. Pinheiro Lima | 25 Trav. David O. Carneiro |

Fonte: Autora (2022)

3.3.3 Circulação

As matrizes comparativas de circulação são organizadas horizontalmente pela diversidade em relação ao corte longitudinal de cada galeria, e verticalmente em planta. Ao longo da análise, percebeu-se que a configuração de circulação está relacionada tanto às condicionantes físicas, a topografia e geometria do lote, quanto às escolhas de projeto.

A leitura em corte visa estabelecer primeiramente se há a presença em desnível, se sim como essa diferença de altura é vencida: por rampa interna, por rampa externa, por escada no acesso, por escada interna, ou em uma combinação de rampa e escada. A maioria dos casos analisados apresentam desnível com rampa interna, numa frequência dez ocorrências. E cinco das galerias não apresentam desnível evidente. Esses parâmetros indicam para aqueles que não conhecem a área central de Curitiba como ela é relativamente plana.

Quatro dos objetos contém escada no acesso. Parte desses casos pode ser explicado pelo ainda vigente decreto Nº 555/1988 que estabelece que o nível pavimento térreo pode estar até 1,2 m acima do meio-fio ou da cota média do terreno. Em termos de economia espaço, escadas possuem vantagens sobre rampas ao ocuparem menos áreas para vencerem o mesmo desnível. Entretanto, as rampas se adequam melhor ao conceito contemporâneo de acessibilidade universal.

De maneira similar à categoria de implantação, o exame em planta tem como objetivo evidenciar a geometria dos fluxos internos e os de conexão urbana. Em nove dos casos a circulação acontece linearmente, em cinco em formato da letra T e em quatro de formato irregular.

Chegou-se ao número de 18 variações. Cada uma foi ilustrada por setas vermelhas desenhadas em isométrica, representando a combinação entre os dois parâmetros (Gráfico 13).

Percebe-se que a maioria das galerias são representadas pela variação A2, (desenvolvimento linear e desnível vencido por rampa interna) com um total de cinco exemplares. As demais galerias são divididas em 17 diferentes variações (Gráfico 14).

Lembrando que quanto mais fluído e sem obstáculos é a circulação, mais natural é o fluxo de pedestres, fato que pode influenciar no sucesso da galeria.

Portanto, a alta complexidade os padrões I4 (planta irregular e escada no acesso) e I6 (planta irregular e combinação mista de rampa e escada) podem inibir aqueles que não possuem uma intenção concreta de uso.

No exame do desenvolvimento cronológico, compreende-se que partir da galeria do Executive Center Everest (H4) inaugura-se um novo período em que a complexidade de circulação passa a ser explorada. Apesar das galerias Ritz (A5) e Júlio Moreira (A4) vencerem grandes desníveis, suas plantas são extremamente racionais. As variações de implantações mais complexas são a I6 (planta irregular e escada no acesso), exemplificada pelo Omar Square e a I4 (planta irregular e combinação de escada e rampa), que abrange tanto o Shopping Metropolitan quanto a Travessa David Olympio Carneiro. A Galeria Pinheiro Lima (A6) apresenta uma complexidade de desnível devido a natureza de reciclagem de edificações pré-existentes: a configuração em parábola da plateia do Cine Glória foi mantida no nível térreo, apesar do cinema em si ocupar atualmente o pavimento superior (Desenho 32 e Gráfico 15- Circulação: linha do tempo).

Gráfico 13-Circulação: matriz de variabilidade

Em planta	Em corte	Nível	Desnível				
			Rampa interna	Rampa acesso	Escada acesso	Escada interna	Misto
		1	2	3	4	5	6
Linear							
A							
Linear e em U							
B							
Angular							
C							
Angular e em U							
D							
Em L							
E							
Em F							
F							
Em Y							
G							
Em H							
H							
Irregular							
I							
Em T							
J							

Fonte: Autora (2022)

Gráfico 14- Circulação: matriz de frequência

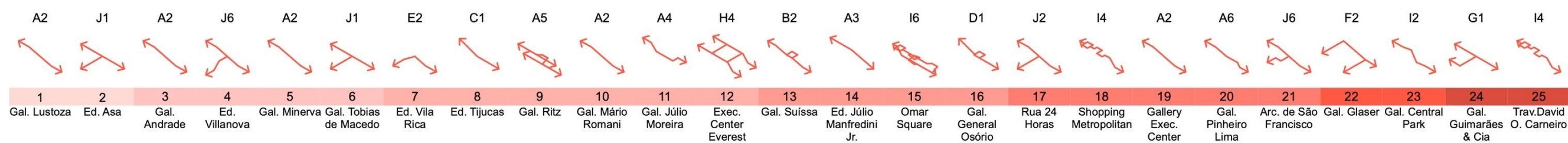
Em planta	Em corte	Nível	Desnível				
			Rampa interna	Rampa acesso	Escada acesso	Escada interna	Misto
		1	2	3	4	5	6
Linear							
A							
Linear e em U							
B							
Angular							
C							
Angular e em U							
D							
Em L							
E							
Em F							
F							
Em Y							
G							
Em H							
H							
Irregular							
I							
Em T							
J							

■ Frequência
■ Galerias

- 1 Gal. Lustoza 6 Gal. Tobias de Macedo 11 Gal. Júlio Moreira 16 Gal. General Osório 21 Arc. de São Francisco
- 2 Ed. Asa 7 Ed. Vila Rica 12 Exec. Center Everest 17 Rua 24 Horas 22 Gal. Glaser
- 3 Gal. Andrade 8 Ed. Tijuca 13 Gal. Suíça 18 Shopping Metropolitan 23 Gal. Central Park
- 4 Ed. Villanova 9 Gal. Ritz 14 Ed. Júlio Manfredini Jr. 19 Gallery Exec. Center 24 G. Guimarães & Cia
- 5 Gal. Minerva 10 Gal. Mário Romani 15 Omar Square 20 Gal. Pinheiro Lima 25 Trav. David O. Carneiro

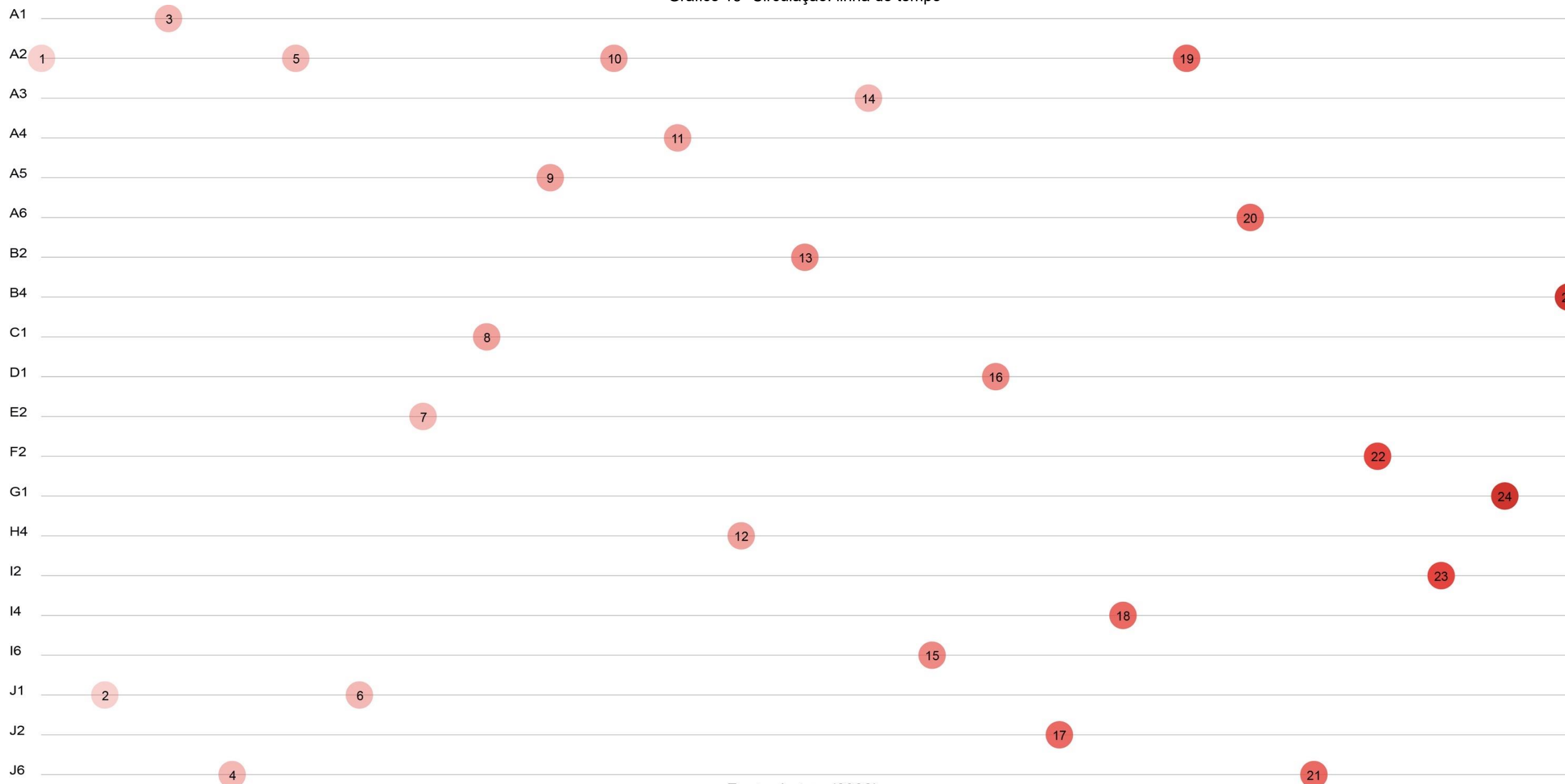
Fonte: Autora (2022)

Desenho 32- Circulação: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

Gráfico 15- Circulação: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

3.3.4 Programa

As galerias curitibanas possuem passagens em três variações de carregamento: simples com portas apenas em um dos lados, duplo com acessos em ambas laterais, e misto que combina as duas formas de carregamentos. Entende-se que a manifestação dessas variações partem tanto do tamanho do lote, quanto de decisões projetuais.

Dentre os artefatos arquitetônicos estudados o carregamento simples observado em apenas dois casos, já o misto em três. A grande maioria adota o carregamento duplo. Esta última configuração é mais econômica no sentido que a mesma passagem dá acesso ao dobro de ambientes do que no carregamento simples. E ainda promove a possibilidade de haver um maior envolvimento dos usuários com as bordas ao longo da passagem.

Nesta categoria também analisou-se dois programas específicos que podem interferir num maior ou menor fluxo de pessoas pela galeria comercial. Enquanto a circulação vertical que dá acesso aos demais pavimentos da edificação pode significar um motivo a mais para o uso da galeria, a presença de uma portaria pode desmotivar o uso desprezioso do espaço enquanto rota de atalho. Ambos os usos se referem em geral às galerias que se encontram no embasamento de seus edifícios.

A matriz de variabilidade que relaciona estes dois programas se organiza horizontalmente com os dados de circulação vertical, e verticalmente com as informações relativas à portaria. Há galerias sem ou com circulação vertical, e dentro deste último grupo aquelas em que os elementos de acesso à outros pavimentos estão conectados ou não à passagem. O mesmo princípio é aplicado à portaria: sem, e com conectada ou não à passagem (Gráfico 16).

Na sobreposição destes parâmetros, observou-se que os casos majoritariamente possuem circulação vertical e portaria ambas conectadas à passagem, com um total de 10 exemplares. Esta conclusão está de acordo com os dados da categoria de inserção anteriormente apresentada em que percebeu que há um predomínio de galerias enquanto embasamento de uma edificação(Gráfico 17).

A Galeria Suíssa introduz uma dinâmica de segregação espacial do térreo dos edifícios analisados, onde a circulação vertical é desassociada da passagem, variação A3. O Shopping Metropolitan inaugura o desmembramento também da portaria,

portanto a galeria de passagem não é mais o elemento central de acesso da edificação, variação C3. A partir da Galeria Glaser todos os casos são compostos por algum grau fragmentação dos espaços. Mesmo nos exemplares que apresentam circulação vertical agregada à passagem, a conexão é de apenas parte dos elementos de tráfego aos demais pavimentos. De maneira geral são de acesso aos subsolos, já que as legislações mais recentes de incêndio exigem a separação das rotas de fuga (Desenho 33 e Gráfico18).

Gráfico 16- Programa: matrizes de variabilidade

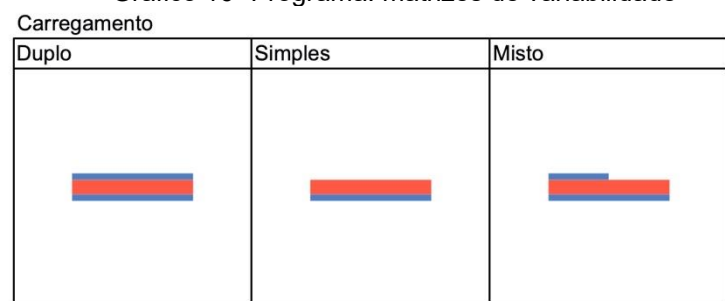
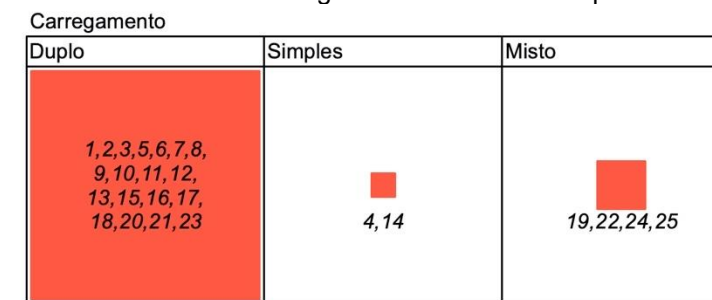


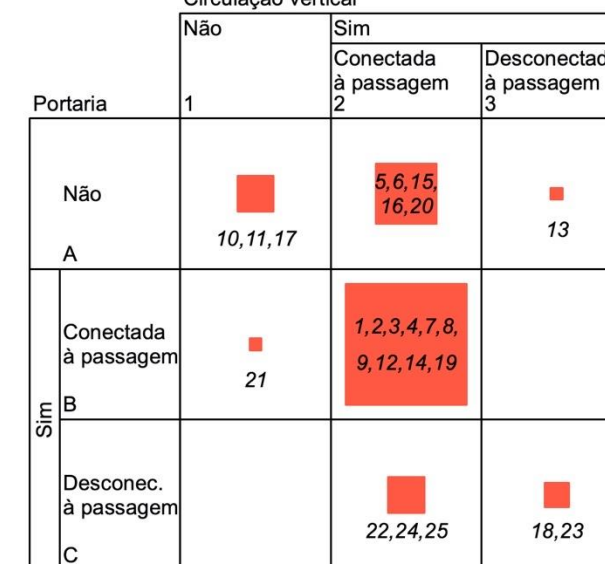
Gráfico 17- Programa: matrizes de frequência



Circulação vertical



Circulação vertical



Frequência

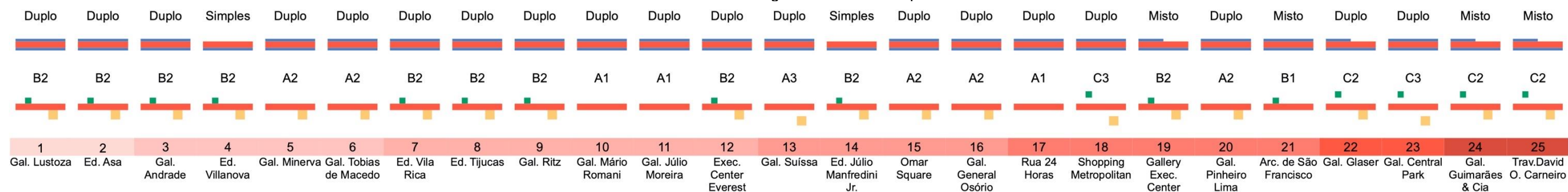
Galerias

- | | | | | |
|-----------------|-------------------------|-----------------------------|--------------------------|----------------------------|
| 1 Gal. Lustoza | 6 Gal. Tobias de Macedo | 11 Gal. Júlio Moreira | 16 Gal. General Osório | 21 Arc. de São Francisco |
| 2 Ed. Asa | 7 Ed. Vila Rica | 12 Exec. Center Everest | 17 Rua 24 Horas | 22 Gal. Glaser |
| 3 Gal. Andrade | 8 Ed. Tijuças | 13 Gal. Suíssa | 18 Shopping Metropolitan | 23 Gal. Central Park |
| 4 Ed. Villanova | 9 Gal. Ritz | 14 Ed. Júlio Manfredini Jr. | 19 Gallery Exec. Center | 24 G. Guimarães & Cia |
| 5 Gal. Minerva | 10 Gal. Mário Romani | 15 Omar Square | 20 Gal. Pinheiro Lima | 25 Trav. David O. Carneiro |

Fonte: Autora (2022)

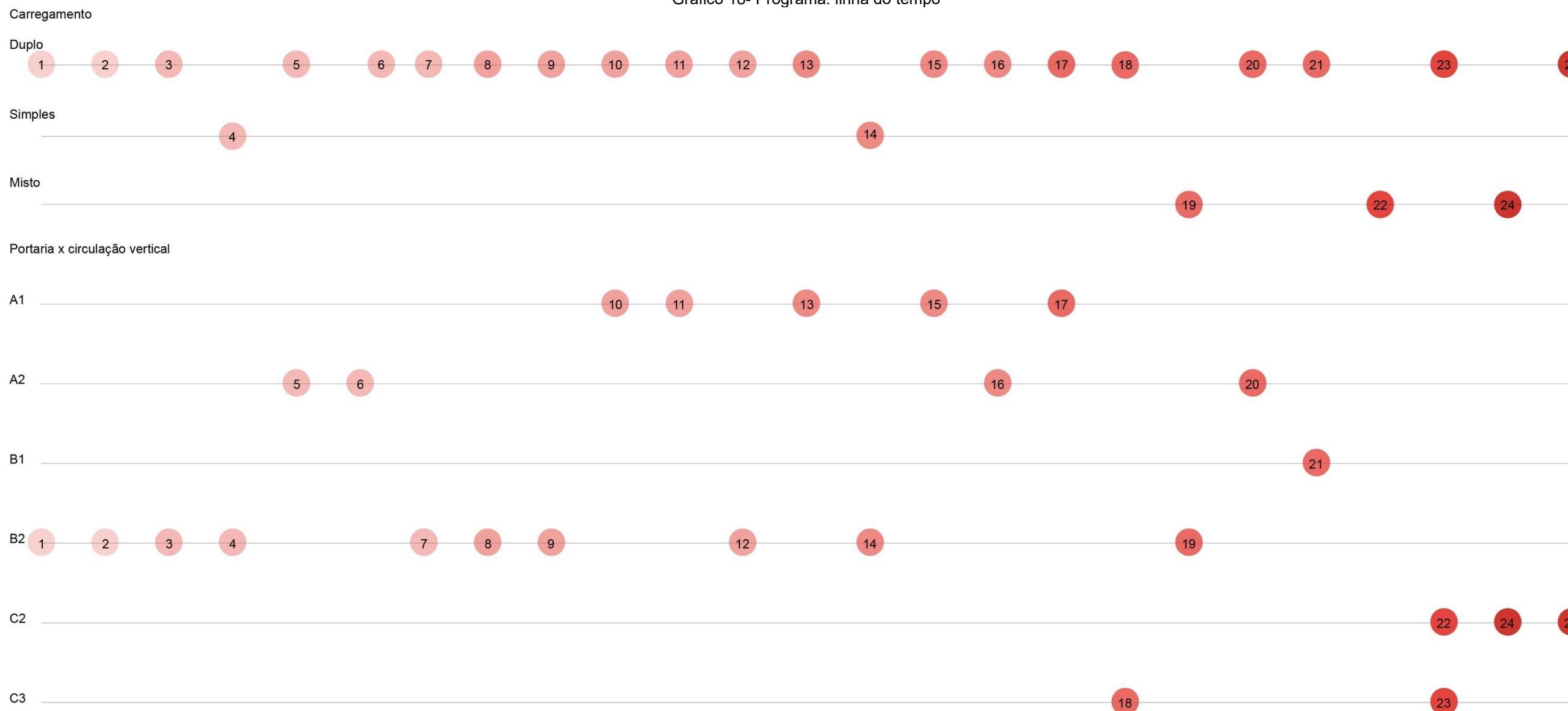
Fonte: Autora (2022)

Desenho 33- Programa: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

Gráfico 18- Programa: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

3.3.5 Interface

Nesta categoria analisou-se a relação de proporção tanto da ocupação do programa comercial, quanto da extensão de fachada ativa em relação ao perímetro da passagem de cada galeria.

Enquanto os três decretos de incentivo construtivos mais recentes indicam que pelo menos dois terços do perímetro da passagem deva ser composto por lojas, a legislação não instrui a respeito da composição das vitrines.

O gráfico a seguir expõe essas relações de proporcionalidades numa organização temporal. A primeira percepção é de que na maioria dos casos não há concordância entre as dimensões das bordas comerciais e as fachadas ativas. Em alguns cenários a diferença é bastante significativa, especialmente em oito das dez galerias mais antigas (Gráfico 19).

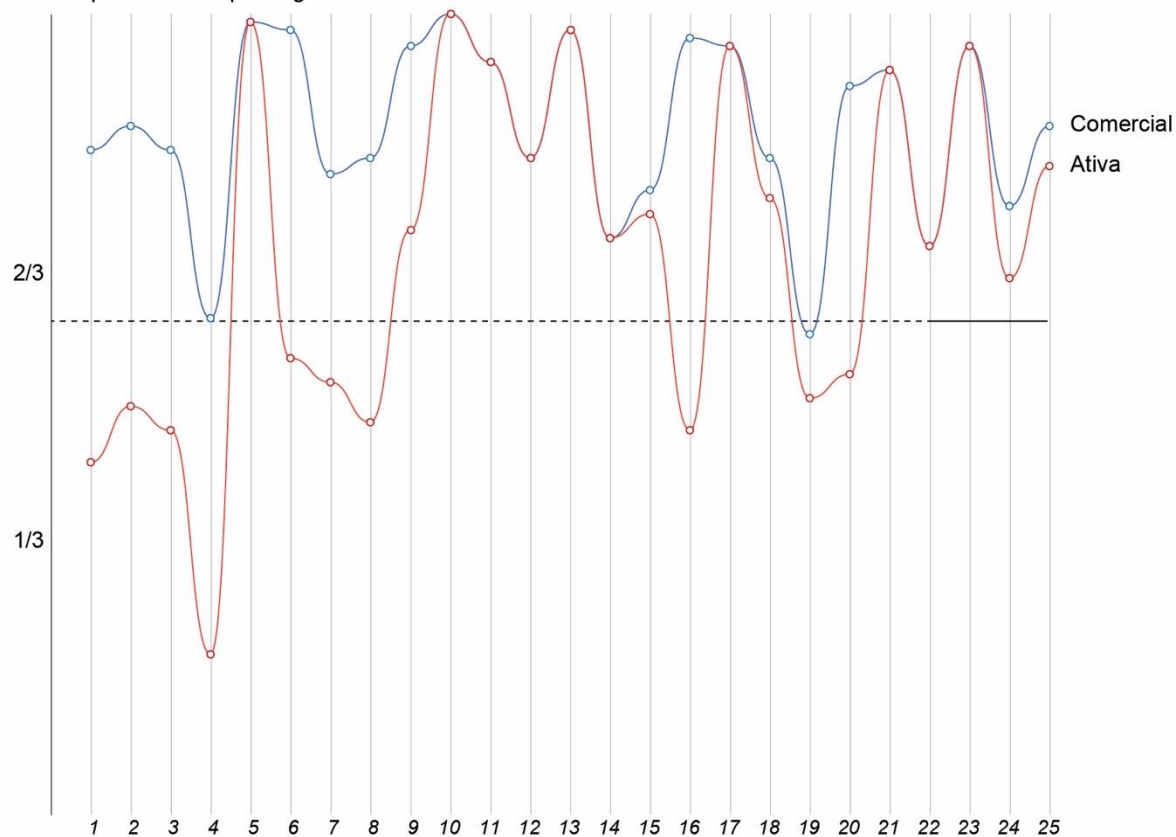
É interessante notar que ambas as galerias com maiores índices tanto de fachada comercial quanto de vitrines ocupam integralmente as edificações onde estão inseridas: Galeria Minerva e Galeria Mário Romani.

Apenas na galeria do Gallery Executive Center o índice de ocupação por lojas é menor de que dois terços da extensão da passagem. Entretanto, em dez casos a quantidade de vitrines é menor do que essa razão. A galeria do Edifício Villanova é a menos ativa internamente, e também com a menor ocupação de lojas.

Logo, afirma-se que a determinação legislativa não é suficiente para garantir o dinamismo no interior das galerias comerciais. Percebe-se que o arranjo das bordas internas parte muito mais das escolhas dos projetistas do que a partir de agentes externos. Entende-se que essas disposições podem ser consequência do sistema construtivo, dos apuros estéticos e da geometria da passagem.

Gráfico 19- Interface: linha do tempo

Interface / perímetro da passagem



1 Gal. Lustoza	6 Gal. Tobias de Macedo	11 Gal. Júlio Moreira	16 Gal. General Osório	21 Arc. de São Francisco
2 Ed. Asa	7 Ed. Vila Rica	12 Exec. Center Everest	17 Rua 24 Horas	22 Gal. Glaser
3 Gal. Andrade	8 Ed. Tijuca	13 Gal. Suíça	18 Shopping Metropolitan	23 Gal. Central Park
4 Ed. Villanova	9 Gal. Ritz	14 Ed. Júlio Manfredini Jr.	19 Gallery Exec. Center	24 G. Guimarães & Cia
5 Gal. Minerva	10 Gal. Mário Romani	15 Omar Square	20 Gal. Pinheiro Lima	25 Trav. David O. Carneiro

Fonte: Autora (2022)

3.3.6 Geometria

Em relação às forças antagônicas de direcionalidade e centralidade, e associação aos elementos da morfologia urbana observou-se duas variações de geometria das passagens: a primeira de rua, que configuram corredores; e a segunda uma composição mista entre rua e praça, arranjos de corredores e trechos espacialmente mais amplos.

Assim como em outros locais, as galerias comerciais de Curitiba estão majoritariamente configuradas enquanto vias urbanas, que variam de disposições mais simples até mais complexas. As variações que combinam morfologicamente rua e praça são derivações das conformações em corredores com a sobreposição das áreas centrais. Estes padrões são portanto ainda mais complexos.

Enquanto por um lado a complexidade espacial pode ser prejudicial para atuação como rota de atalho, por outro ela pode conferir um ganho no sucesso comercial da galeria, já que há um aumento do perímetro interno e os desvios de fluxos contribuem para uma diminuição da velocidade e retenção dos usuários.

Um segundo eixo de dados foi sobreposto a este primeiro parâmetro, em que se observou a presença de relações de simetria e modulação. Enquanto a simetria pode reforçar a ideia de mimetização de ruas, a modulação é capaz de conferir uma cadência ao caminhar. As variações geométricas são fruto das configurações dos lotes, dos carregamentos adotados e das intenções de projeto (Gráfico 20).

A maior parte dos exemplares são simétricos e modulares ao mesmo tempo, variedade A3. Este dado é indicativo de uma priorização da racionalidade de composição estrutural e de setorização dos espaços (Gráfico 21).

Através da análise cronológica, é curioso notar que as seis primeiras galerias apresentam uma constante alternância entre as configurações em rua linear e em rua em formato da letra T. E ainda, uma alternância em pares: o primeiro par é apenas simétrico, o segundo não possui relação de simetria e modulação, enquanto o terceiro apresenta ambas associações.

Uma nova configuração foi introduzida a partir da galeria do Edifício Vila Rica de formato em letra L. A primeira configuração mista de rua e praça está contida num dos pavimentos da galeria Ritz. Entretanto, é com a galeria do Executive Center Everest que se inaugura uma série de galerias com maior complexidade geométrica encerrada com a última galeria construída, Travessa David Olympio Carneiro cuja

variação é de rua e praça em formato irregular e sem relações de simetria e modularidade (Desenho 34 e Gráfico 22).

Gráfico 20-Geometria: matriz de variabilidade

		Ordem geométrica			
		Simétrico	Modular	Ambos	Nenhum
Formato		1	2	3	4
Rua	Linear				
	Em L				
	Em T				
	Em H				
	Irregular				
Rua e praça	Linear				
	Em L				
	Em T				
	Em T e L				
	Angular				
Irregular					

Fonte: Autora (2022)

Gráfico 21- Geometria: matriz de frequência

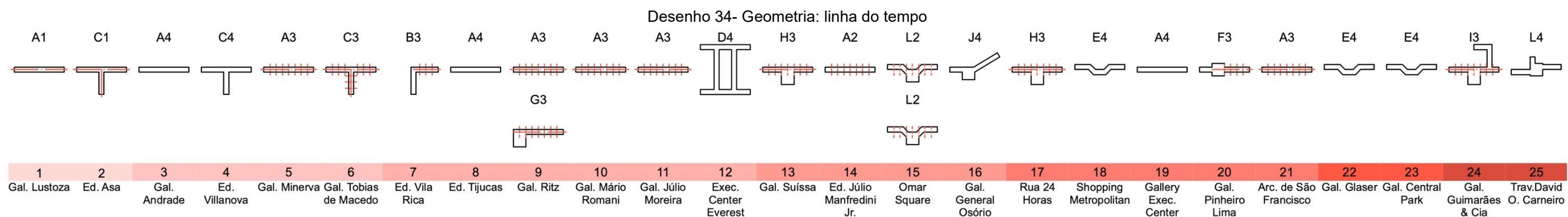
		Ordem geométrica			
		Simétrico	Modular	Ambos	Nenhum
Formato		1	2	3	4
Rua	Linear	1	14	5,9,10,11,21	3,8,19
	Em L			7	
	Em T	2		6	4
	Em H				12
	Irregular				18,22,23
Rua e praça	Linear			20	
	Em L			9	
	Em T			13,17	
	Em T e L			24	
	Angular				16
Irregular		15		25	

Fonte: Autora (2022)

■ Frequência

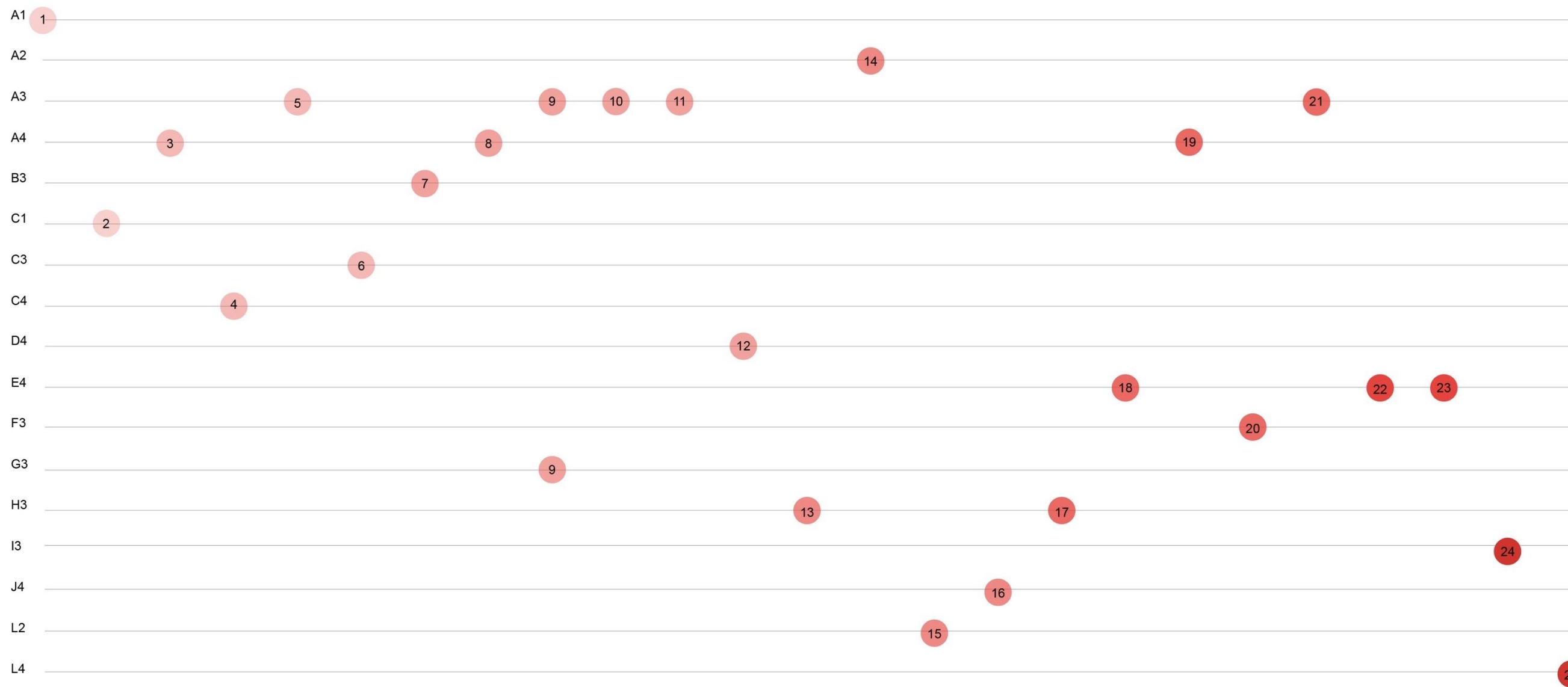
Galerias

- 1 Gal. Lustoza
- 2 Ed. Asa
- 3 Gal. Andrade
- 4 Ed. Villanova
- 5 Gal. Minerva
- 6 Gal. Tobias de Macedo
- 7 Ed. Vila Rica
- 8 Ed. Tijucas
- 9 Gal. Ritz
- 10 Gal. Mário Romani
- 11 Gal. Júlio Moreira
- 12 Exec. Center Everest
- 13 Gal. Suíssa
- 14 Ed. Júlio Manfredini Jr.
- 15 Omar Square
- 16 Gal. General Osório
- 17 Rua 24 Horas
- 18 Shopping Metropolitan
- 19 Gallery Exec. Center
- 20 Gal. Pinheiro Lima
- 21 Arc. de São Francisco
- 22 Gal. Glaser
- 23 Gal. Central Park
- 24 G. Guimarães & Cia
- 25 Trav. David O. Carneiro



Fonte: Autora (2022)

Gráfico 22- Geometria: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)

3.3.7 Dimensão

Na categoria de dimensão, considerou-se apenas os perfis transversais das galerias de passagem, sem informações de comprimentos e número de pavimentos dos ambientes do entorno.

Antes mesmo de se iniciar a análise comparativa, chegou-se a conclusão que as medidas mínimas determinadas por Alexander et al. (1977) não corresponde a realidade encontrada em Curitiba. Logo, nesta segunda etapa esta comparação foi descartada.

A fim de examinar o desenvolvimento espacial dos artefatos arquitetônicos estudados, os perfis foram desenhados numa mesma escala e dispostos em ordem cronológica. Aquelas galerias com mais de uma proporção espacial, tiveram seus cortes sobrepostos. Observou-se que as diferentes medidas dentro de uma mesma galeria são fruto da presença de desnível no lote, de adaptações posteriores à inauguração da galeria, da presença de edifícios previamente construídos e da geometria. Na representação gráfica, destacou-se ainda a configuração mínima estabelecida pela legislação pertinente a cada edifício (Desenho 35).

Os dados numéricos dos tamanhos das passagens foram organizados em três gráficos complementares. No eixo horizontal do primeiro gráfico foram dispostas as grandezas de largura e no eixo vertical as de altura. Aqui verificou-se as variações de proporções em ambos os sentidos. Nos dois gráficos seguintes os eixos foram desmembrados com a intenção de se observar o encadeamento das dimensões de largura e altura separadamente (Gráfico 23).

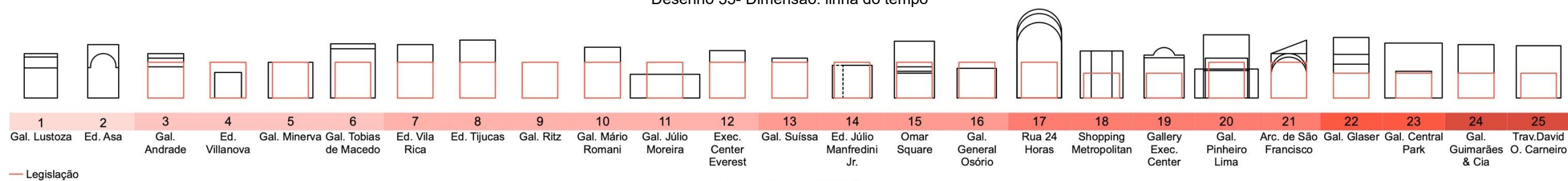
Nota-se que há uma grande concentração de exemplares com largura de quatro metros, dimensão mínima estabelecida por todas as legislações específicas decretadas em Curitiba. Dentro deste universo, os pés-direitos variam entre 2,8 m, o mínimo desde 1991, até quase 7 m. Apesar de não há padrão nos demais casos, a maioria deles estão acima das medidas relativas às duas primeiras leis, de quatro por quatro metros.

A maior proporção nos dois sentidos é encontrada num trecho da Galeria Central Park. A menor galeria em ambas as grandezas é a Galeria Andrade. A passagem mais estreita se encontra em trecho do Shopping Metropolitan. A condição de passagem subterrânea da Galeria Júlio Moreira condicionou sua configuração

como a mais baixa e mais larga. Já a segunda galeria consolidada pelo poder público, a Rua 24 Horas, apresenta os pés-direitos mais altos.

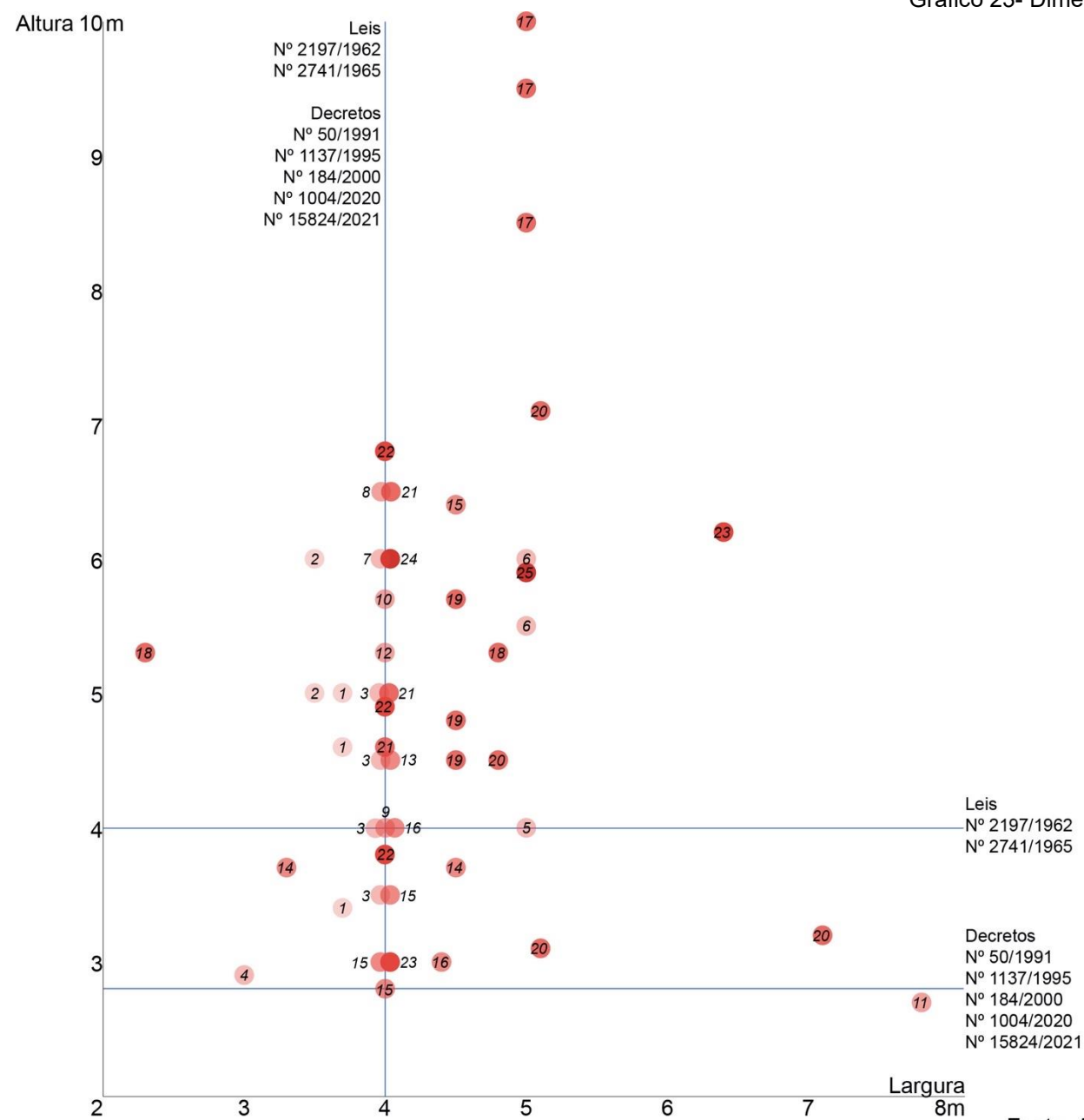
Não foi possível identificar uma sequência clara de desenvolvimento cronológico.

Desenho 35- Dimensão: linha do tempo

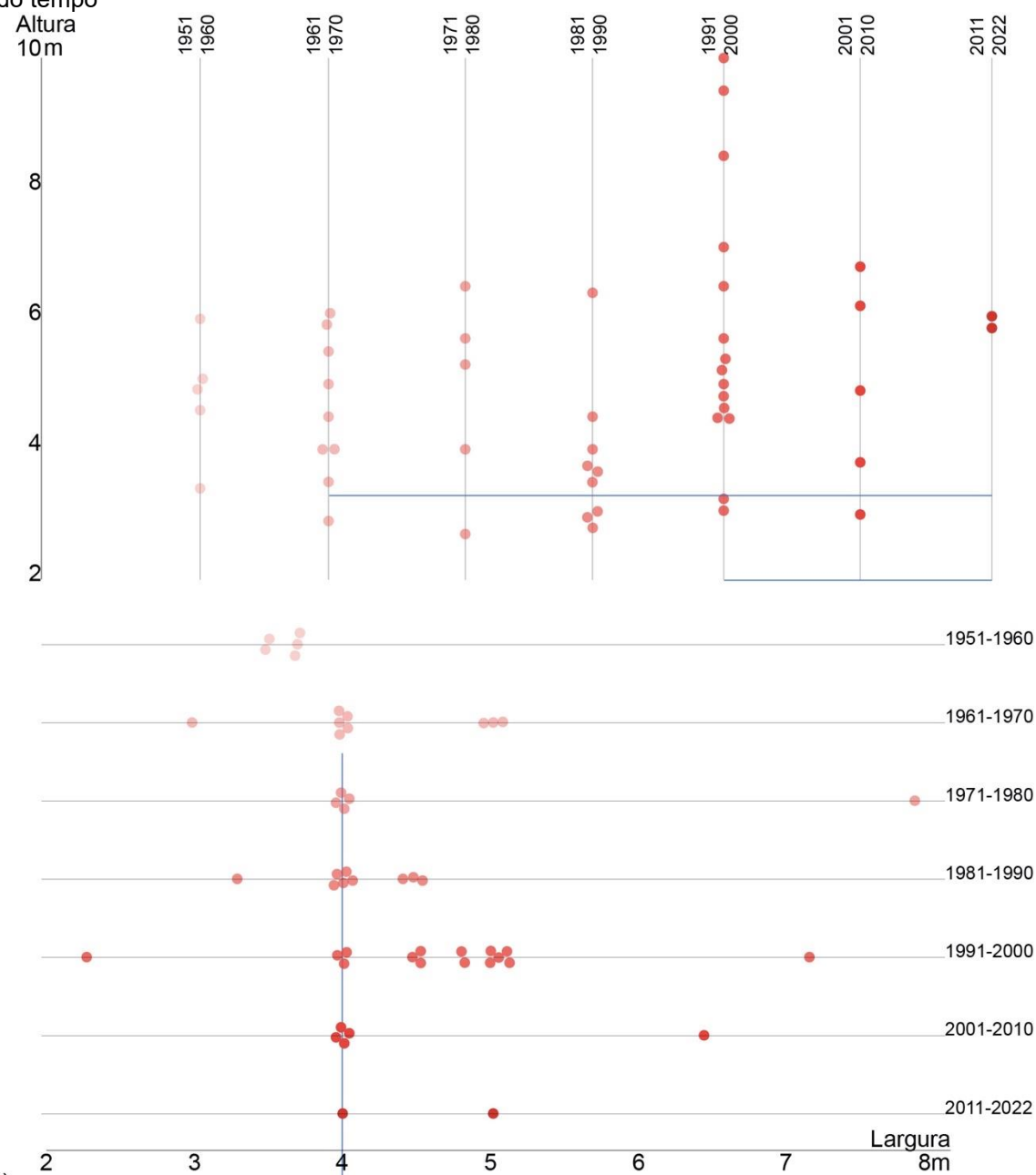


Fonte: Autora (2022)

Gráfico 23- Dimensão: linha do tempo



Fonte: Autora (2022)



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso investigativo, volta-se às questões iniciais de pesquisa e destaca-se os principais resultados descritos ao longo da dissertação.

Espaços singulares por sua ambiguidade entre edifício e via, entre o domínio público e privado, as galerias comerciais revelam a interdisciplinaridade entre a prática projetual e o corpo disciplinar da arquitetura e urbanismo. Além de desempenhar um papel relevante no contexto urbano, esse tipo também serve como parâmetro para resolver problemas arquitetônicos.

A análise de 25 galerias comerciais em Curitiba revela a complexa interação entre diversos temas e atores sociais ao longo do tempo. Estão, assim, relacionadas à dimensão histórica da morfologia urbana do centro da cidade. Essas galerias testemunham o crescimento da cidade, as dinâmicas sociais e econômicas, a mobilidade urbana, o imaginário cultural, e o papel do poder público e dos agentes imobiliários na configuração do espaço urbano.

Enquanto o prelúdio do tipo galeria comercial na cidade foi consequência da especulação imobiliária, a condição necessária para a estrutura permanecer é o amparo legislativo, que ganhou fôlego com as condições climáticas locais e as características topográficas da área central. Especula-se a necessidade desse amparo caso o poder público não tivesse coordenado o desenvolvimento urbano linear e a formação de subcentros. Portanto, o tipo é fruto de um fator cultural de construção de uma imagem de cidade, de uma ideia de centro humanizado.

Nota-se que há diversas variações do tipo de acordo com as categorias estabelecidos, e assim variadas maneiras de agrupar as galerias comerciais analisadas. De maneira distinta para cada um dos objetos arquitetônicos estudados, os dados de determinada categoria explicam a existência de certas variações em outra. Também observou-se que há um gradiente de flexibilidade projetual.

As variações de iniciativa, ou seja, da atuação dos dois principais agentes sociais produtores do espaço relacionados ao conjunto de galerias curitibanas, apontam para diferentes motivações e significados agregados às edificações. A grande maioria das galerias comerciais curitibanas é advinda dos promotores imobiliários, e assim elas estão majoritariamente relacionadas às relações comerciais e à potencialização o uso da terra, independente do período de construção. Por outro lado, as três galerias comerciais advindas do poder público estão mais relacionadas

aos interesses turísticos e culturais da construção de uma imagem de cidade, e portanto, distanciadas da identificação como espaços terciários. E ainda, essas galerias apresentam uma maior criatividade da utilização da estrutura formal, pois são as mais experimentais ao resolverem conjuntamente certos problemas urbanos.

Observou-se que a grande maioria das galerias curitibanas são fruto de projeto e agregam apenas uma edificação. As demais variações de condição existência provocam diversidade dentro de uma mesma galeria comercial nas categorias de circulação, programa, geometria e dimensão.

Já as variações de implantação são principalmente consequências das condições físicas do lote, que por sua vez dependentes das transformações do tecido urbano do centro de Curitiba. Esta categoria é a mais restritiva dentro do processo de projeto. Apesar da vasta gama de implantação, de maneira geral as galerias comerciais curitibanas possuem como característica a tradução direta, ou ao menos uma variação, do enunciado do tipo, ou seja, a ocupação de lote de meio de quadro e conexão de duas ruas.

Destaca-se a categoria de inserção como uma das mais relevantes dentre as estudadas, pois ela interfere nas manifestações espaciais relativas às demais categorias de circulação, do programa, da geometria e da dimensão. As galerias que atuam como um todo edificado dificilmente apresentam uma sobreposição de outros tipos, o que garante uma maior flexibilidade projetual. Já naquelas que atuam como parte de uma edificação, que são a maioria das galerias curitibanas, há a sobreposição de diversas estruturas formais deixando mais complexo o desenvolvimento do projeto.

Observou-se uma grande gama de variações da categoria de circulação, já que ela é passível de inter-relações tanto de fatores externos do projeto como a topografia e geometria do lote, quanto de fatores internos de decisões projetuais de programa e geometria. Os resultados chegados nesta categoria podem servir como insumo para futuras pesquisas tanto de avaliação do sucesso comercial de cada galeria quanto de caminhabilidade urbana.

Dentro da categoria de programa, concluiu-se que as diferentes manifestações de carregamento podem ser resposta tanto às características físicas do lote, quanto de decisões dos projetistas que tendem a preferir a solução mais econômica espacialmente de carregamento duplo. Ainda dentro dessa categoria, na análise da presença dos programas específicos de circulação vertical e portaria verificou-se que

os dados são consequência da inserção das galerias em seus edifícios. Já na conexão de tais programas à passagem, observou-se a metamorfose formal mais evidente ao longo do tempo: a fragmentação espacial dos edifícios de uso misto mais recentes, diferentemente daqueles mais antigos em que a galeria atuava como elemento agregador, e da mesma forma como a cidade passou a ser mais desintegrada a medida que o reino do privado foi se fortalecendo.

A categoria de interface é a mais maleável dentro do processo de projeto, já que as deliberações legislativas são ineficientes para assegurar a vitalidade interna das galerias comerciais. Assim, esse aspecto é submetido às decisões de projeto acerca do sistema construtivo e da geometria da passagem, e aos anseios estéticos.

Geometricamente, a maioria das galerias curitibanas se aproximam da configuração de corredores, e portanto da morfologia das vias urbanas. Também nota-se uma priorização da racionalidade tanto estrutural quanto de carregamento, pois grande parte dos exemplares são ao mesmo tempo simétricos e modulares. Cronologicamente, é interessante notar que os 14 primeiros exemplares são espacialmente mais simplificados, enquanto os 11 últimos mais complexos. Esses resultados podem ser consequência das transformações das linguagens arquitetônicas, aspecto não abordado por esta dissertação, porém um possível ponto de partida para futuras pesquisas.

Em relações aos dimensionamentos das galerias comerciais de Curitiba, verificou-se que as determinações legislativas foram extremamente determinantes na largura das passagens, pois há grande volume de exemplares mede quatro metros nessa grandeza. Já em relação a altura das passagens, concluiu-se que a legislação apenas representa uma base, portanto as variações são relativas aos desníveis dos lote, à inserção tanto em edificações previamente construídas quanto em embasamentos, e das decisões projetuais de geometria e de espacialidade.

Observou-se que certas soluções foram utilizadas em diferentes períodos. Portanto, como uma das características da manifestação do tipo em Curitiba é a capacidade de adaptação às condições particulares de cada galeria, sejam elas urbanas e/ou projetuais. Um processo de transformação que acompanhou crescimento e desenvolvimento da cidade, a alteração do imaginário urbano, as mudanças das interações socioespaciais, e as diferentes atuações dos agentes produtores do espaço.

Apesar de não ter sido possível estabelecer uma segmentação temporal clara que engloba todos os aspectos abordados, observou-se pontos de inflexão de aumento de complexidade das soluções, assim como o tecido urbano foi tornando mais complexo ao longo do tempo, inclusive através das próprias galerias. (Desenho 36 e Mapa 28).

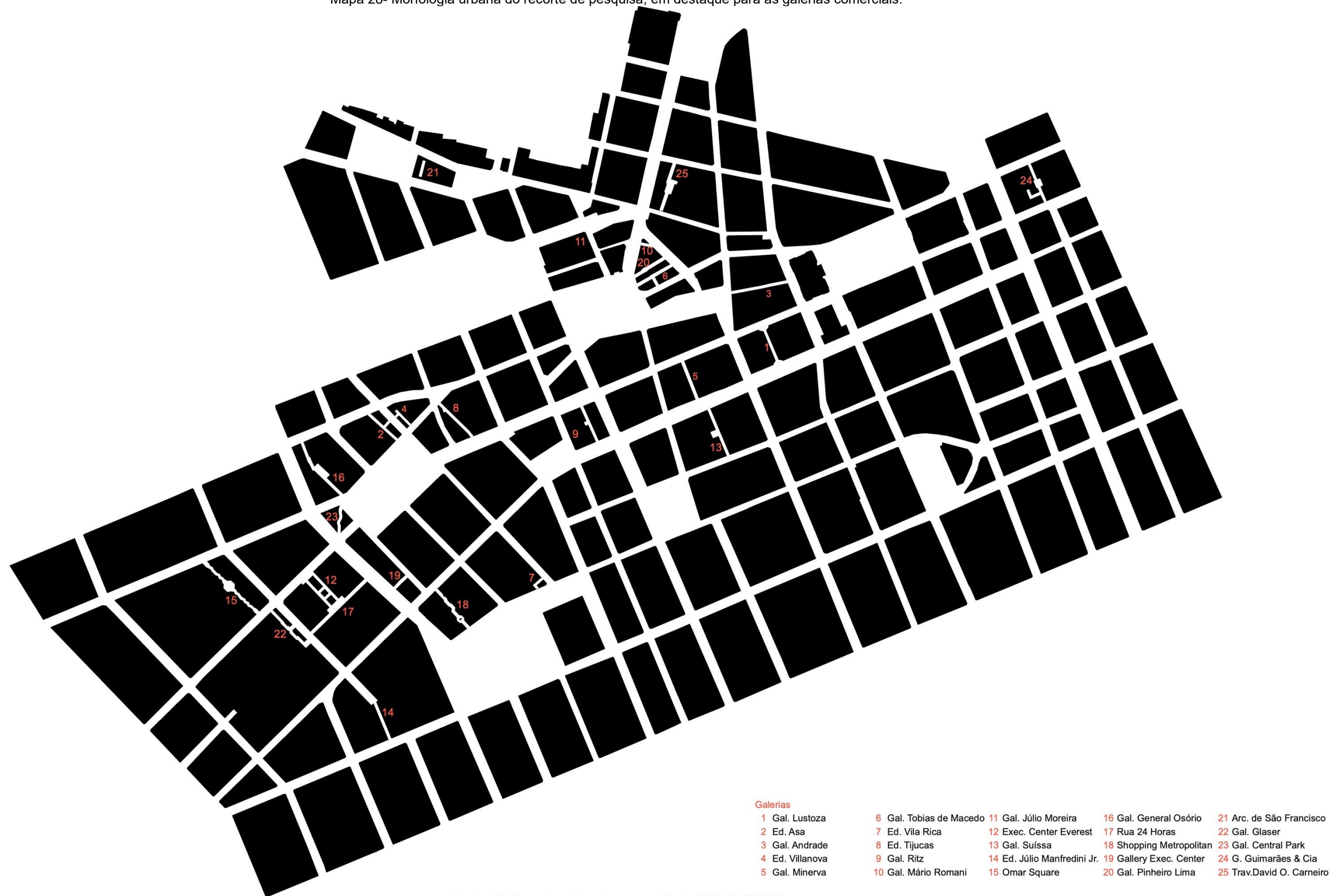
A abordagem de pesquisa adotada abrange alguns aspectos relativos as galerias comerciais de Curitiba, assim esta dissertação não esgota o tema. Pelo contrário, suscita-se outras pesquisas como: as transformação das linguagens arquitetônicas; as diferentes percepções entre espaço externo e interno relacionadas às características formais e de materialidade; avaliação do sucesso comercial vinculada à configuração e à localização da galeria; associação entre a caminhabilidade urbana e o tipo; e adoção do método de análise gráfica em outros tipos arquitetônicos.

Desenho 36- Síntese da análise arquitetônica-formal: destaque para os pontos de inflexões.

	privada										pública	privada										pública	privada	privada	privada	privada
Iniciativa	privada	privada	privada	privada	privada	privada	privada	privada	privada	privada	pública	privada	privada	privada	privada	privada	pública	privada	privada	privada	pública	privada	privada	privada	privada	
Condição de existência	Projeto ≥ 2 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto ≥ 2 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Reforma 1 ed.	Projeto 1 ed.	Reforma e ampl.	Reforma e ampl.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Reforma e união	Projeto 1 ed.	Reforma e ampl.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	Projeto 1 ed.	
Implantação																										
Inserção																										
Circulação																										
Programa carregamento																										
Programa circ. vert. port.																										
Geometria																										
Interface																										
Legislação																										
Dimensão																										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
	Gal. Lustoza	Ed. Asa	Gal. Andrade	Ed. Villanova	Gal. Minerva	Gal. Tobias de Macedo	Ed. Vila Rica	Ed. Tijucas	Gal. Ritz	Gal. Mário Romani	Gal. Júlio Moreira	Exec. Center Everest	Gal. Suíssa	Ed. Júlio Manfredini Jr.	Omar Square	Gal. General Osório	Rua 24 Horas	Shopping Metropolitan	Gallery Exec. Center	Gal. Pinheiro Lima	Arc. de São Francisco	Gal. Glaser	Gal. Central Park	Gal. Guimarães & Cia	Trav. David O. Carneiro	

Fonte: Autora (2022)

Mapa 28- Morfologia urbana do recorte de pesquisa, em destaque para as galerias comerciais.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IPPUC (2021)

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, S. Galerias comerciais sobrevivem ao tempo em Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/galerias-comerciais-sobrevivem-ao-tempo-em-curitiba-9wpmjd8q2a5xwmot7i7oqk5w6/>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

ALEIXO, C. A. P. **Edifícios e galerias comerciais**: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60. 283 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005. < Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-07012007-201920/pt-br.php>> Acesso em: 3 jul. 2020.

ALEXANDER, C. [et al.]. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.

_____, C. [et al.]. **A pattern language/Un lenguaje de patrones**. Ciudades, edificios, construcciones. Barcelona: Gustavo Gilli, 1980.

_____, C. [et al.]. **Uma linguagem de padrões. A Pattern Language**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ARANHA S/A. **Edifício Asa**: pavimento tipo do 6º ao 22º. Curitiba: [s/d]. Projeto

ARAÚJO. M. **Largo da Ordem**. Curitiba: 2021. Foto. Disponível em:<<https://kuula.co/post/7dpG4/collection/7IQ59>>. Acesso em 4 mai. 2022.

ARGAN, G. C. Sobre a tipologia em arquitetura. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1963]. cap. 5, p.268-273.

BARTH, L. The Complication of Type. *Typological formations: renewable building types and the city*, p. 159, 2007.

BANDINI, M. Typology as a Form of Convention. **AA Files**, n. 6, p. 73-82, 1984. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/29543402> >. Acesso em: 5 set. 2020.

BENJAMIN, W. **The arcades project**. Cambridge, Massachusets; London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999.

BENVENUTTI, A. F. ST 6 Transformações no centro: projetos de remodelação, desenvolvimento urbano e espaço público. **Anais ENANPUR**, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/2403>>. Acesso em: 2 out. 2020.

BOULEVARDIER. In: **Collins English Dictionary**, s/d. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/boulevardier>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

BRAIDA, F. As galerias comerciais na rede urbana, na imagem e no imaginário de Juiz de Fora e de Buenos Aires. **CES Revista**, [S. l.], p. 11-32, 2011. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/637>. Acesso em: 8 out. 2019.

BÚRIGO, A. (2021). Ecommerce explode durante pandemia, mas deve continuar crescendo no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2021/03/ecommerce-explode-durante-pandemia-mas-deve-continuar-crescendo-no-pais.shtml>> . Acesso em: 8 jun. 2021.

CABRAL, C.P.C. Da rua corredor ao centro comercial: tipologias comerciais em Porto Alegre dos anos 30 ao princípio dos 90. **Arqtexto**, Porto Alegre, n. 0, p. 31-43, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22142>>. Acesso em: 7. jul.2020.

CAROLLO, B. **Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo**. 191 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3240> >Acesso em: 7 mar. 2022.

CARVALHO, G. O. M. de. **As galerias de Juiz de Fora como fator decisivo de sua urbanidade**. Campinas, 2006. 94f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Centro de Ciências Exatas, Ambientais de Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/24/1/giuliano%20Orsi.pdf> >Acesso em: 3 jul. 2020.

CASTELLS, M. La urbanización dependiente en América Latina. **Imperialismo y urbanización en América Latina**, p. 7-26, 1973.

CASTRO, E. A. de; POSSE, Z. C. S. **Morar nas alturas**: a verticalização de Curitiba entre 1930 e 1960. 1. ed. Curitiba: 2017. ISBN 978-85-918867-1-5. Disponível em: <<https://www.memoriaurbana.com.br/morar-nas-alturas/livro/>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CASTRO, E. A. de ; SANTOS, M. G. R. Uma alternativa contemporânea de preservação pelo exame do Eixo Barão-Riachuelo em Curitiba, Brasil. **Patrimônio e Memória**, v. 17, n. 2, p. 50-75, 2021. Disponível em: < <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1326> >. Acesso em: 13 mai. 2022.

CLARK, R. H.; PAUSE, M. **Precedents in architecture**: analytic diagrams, formative ideas, and partis. John Wiley & Sons, 2012.

COLQUHOUN, A. Tipologia e metodologia de projeto. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1967]. cap. 5, p.274-283.

CORRÊA, R.L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. **Contexto**: A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo, 2011, v.1, p. 41-51.

COSTA, S. S. F. Galerias modernas no centro de São Paulo: Projeto, construção e preservação. **11º Seminário Docomomo BR: O campo ampliado do movimento moderno**, Recife, 2016. Disponível em: <http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2016/DOCO_PE_S12_FONTENELE.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2020.

COTRIM, M.; LARA, F.L.; GUERRA, A. Do edifício de uso misto ao edifício habitacional híbrido na América Latina: os casos de Lima, Caracas, Buenos Aires, Ciudad de México, Bogotá e São Paulo. **13º Seminário Docomomo BR**. Salvador, 2019. Disponível em: <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2020/04/119281.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

COTRIM, M. **Arquitetura e cidade : o edifício de uso misto e sua dimensão metropolitana na América**. Palestra proferida na disciplina de pós-graduação Cidade, Urbanismo e Urbanização na América Latina da Universidade Nacional de Brasília, 2020. 1 vídeo (1 hora 15 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yv4JBOGGv4&t=1s>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

_____. **Alvará de construção**. Nº 17200 B. 1964.

_____. **Alvará de construção**. Nº 17435 B. 1966.

_____. **Alvará de construção**. Nº 18166 B. 1966.

_____. **Alvará de construção**. Nº 18744 B. 1968.

_____. **Alvará de construção**. Nº 19557 B. 1969.

_____. **Alvará de construção**. Nº 19817 A. 1954.

_____. **Alvará de construção**. Nº 27944 A. 1959.

_____. **Alvará de construção**. Nº 28909 B . 1981

_____. **Alvará de construção**. Nº 32210 B . 1984

_____. **Alvará de construção**. Nº 35333 B . 1987

_____. **Alvará de construção**. Nº 35653 A . 1964

_____. **Alvará de construção**. Nº 35871 A. 1964.

_____. **Alvará de construção**. Nº 35906 A. 1964.

_____. **Alvará de construção**. Nº 38193 B . 1989

_____. **Alvará de construção**. Nº 38791 A. 1966.

_____. **Alvará de construção**. Nº 39205 A . 1966.

_____. **Alvará de construção**. Nº 41775 A. 1967.

_____. **Alvará de construção**. Nº 49391 B . 1999

_____. **Alvará de construção.** Nº 51960 A . 1972 a.

_____. **Alvará de construção.** Nº 51960 A . 1972 b.

_____. **Alvará de construção.** Nº 57654 A . 1975

_____. **Alvará de construção.** Nº 68599 A . 1980

_____. **Alvará de construção.** Nº 87351 A . 1987

_____. **Alvará de construção.** Nº 284657. 2009

_____. **Alvará de construção.** Nº 306380. 2011

_____. **Alvará de construção.** Nº 314851. 2012

_____. **Alvará de construção.** Nº 401461 B . 1993

_____. **Boletim.** Inscrição imobiliária: 01.0.0006.0056.00-1. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Boletim.** Inscrição imobiliária: 01.0.0047.0068.02-0. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Boletim.** Inscrição imobiliária: 01.0.0051.0262.00-8. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Boletim.** Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0337.00-7. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. Departamento de Urbanismo. **Planta da cidade de Curitiba:** Folha Centro-Norte. Curitiba: 1962. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0052.0118.00-8. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0044.0180.00-5. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0061.0576.02-0. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0016.0058.00-0. Disponível em:<<http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0022.0102.00-2. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0024.0012.00-1. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0033.0208.00-0. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0059.0184.00-8. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0336.00-4. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0337.00-7. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0062.00-2. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0036.0072.00-6. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0071.0316.02-0. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0036.0266.00-0. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0047.0352.00-2. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0047.0162.00-9. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0048.0194.00-8. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0066.00-2. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0059.0192.00-4. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0086.00-7. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0051.0030.00-6. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0012.0246.00-1. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0031.0198.00-2. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0059.0378.01-1. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0059.0203.00-4. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0070.0210.01-5. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.1.0025.0034.00-7. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

_____. **Consulta para fins de construção.** Inscrição imobiliária: 01.0.0053.0182.01-0. Disponível em:< <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/Default.aspx>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

_____. **Decreto nº 50**, de 8 de fevereiro de 1991. Institui incentivos construtivos para galerias comerciais e edifícios de uso habitacional na zona central. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/c/curitiba/decreto/1991/5/50/decreto-n-50-1991-institui-incentivos-construtivos-para-galerias-comerciais-e-edificios-de-uso-habitacional-na-zona-central?q=GALERIAS+COMERCIAIS>>. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. **Decreto nº 161**, de 26 de abril de 1982. Suprime miolo de quadra. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/lbgpj>>. Acesso em 13 abr. 2022.

_____. **Decreto nº180**, de 27 de janeiro de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela com medidas intermediárias, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 184**, de 3 de abril de 2000 a. Institui incentivos para galerias comerciais e edifícios de uso habitacional na zona central, estabelece condições para implantação de estacionamentos privativos e coletivos e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/c/curitiba/decreto/2000/19/184/decreto-n-184-2000-institui-incentivos-para-galerias-comerciais-e-edificios-de-uso-habitacional-na-zona-central-estabelece-condicoes-para-implantacao-de-estacionamentos-privativos-e-coletivos-e-da-outras-providencias?q=GALERIAS+COMERCIAIS>>. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. **Decreto nº 187**, de 3 de abril de 2000 b. Classifica os trechos viários que compõem o Setor Especial Preferencial de Pedestres - SE-PE e dá outras providências. Disponível em:< <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2010/00084695.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. **Decreto nº 330**, de 17 de fevereiro de 2021. Prorroga o prazo previsto no artigo 19 do Decreto Municipal n.º 180, de 27 de janeiro de 2021 e dá outras providências. Disponível em:< <https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 335**, de 17 de maio de 1996. Estabelece normas para localização de estacionamento coletivos e privativos nos locais que especifica e dá outras providências. Disponível em:< <http://leismunicipa.is/klpbh>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. **Decreto nº 380**, de 17 de fevereiro de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em:< <https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 520**, de 9 de março de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em:< <https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 555**, de 7 de dezembro de 1988. Dispõe sobre a conceituação e localização dos pavimentos denominados subsolo e térreo. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/pameg>>. Acesso em: 4 mai. 2022.

_____. **Decreto nº 565**, de 12 de março de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Alto de Alerta - Bandeira Vermelha, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 600**, de 19 de março de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Alto de Alerta - Bandeira Vermelha, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 630**, de 26 de março de 2021. Prorroga o prazo previsto no artigo 14 do Decreto Municipal n.º 600, de 19 de março de 2021 e dá outras providências. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 650**, de 3 de abril de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 730**, de 14 de abril de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 774**, de 13 de junho de 2020. Estabelece medidas restritivas às atividades e serviços essenciais e não essenciais como mecanismo de enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, decorrente do novo Coronavírus, de acordo com a situação epidêmica da COVID-19 e a situação de Risco Médio de Alerta – Bandeira Laranja – conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 810**, de 19 de junho de 2020. Estabelece medidas restritivas às atividades e serviços como mecanismo de enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, decorrente do novo Coronavírus, de acordo com a situação epidêmica da COVID-19 e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja - conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 871**, de 17 de setembro de 2015. Dispõe sobre a implantação da Área Calma, no âmbito do município de Curitiba. Disponível em:<<http://leismunicipa.is/ufker>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

_____. **Decreto nº 890**, de 18 de maio de 2021. (. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 940**, 21 de julho de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços, para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 940**, de 28 de maio de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Alto de Alerta - Bandeira Vermelha, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 960**, de 8 de junho de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Média de Alerta- Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 1 jul. 2021.

_____. **Decreto nº 990**, de 3 de agosto de 2020. Altera o Decreto Municipal n.º 940, de 21 de julho de 2020 e dá outras providências. Disponível em:<<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1004**, de 5 de agosto de 2020. Regulamenta os incentivos construtivos e prêmio na Zona Central- ZC e na Zona Centro Cívico- ZCC, artigos 35

e 78 da Lei Municipal nº 15.511, de 10 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://mid.curitiba.pr.gov.br/2020/00303812.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2020.

_____. **Decreto nº 1020**, de 23 de junho de 2021. Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba. Prorroga o prazo previsto no artigo 21 do Decreto Municipal n.º 960, de 8 de junho de 2021, e dá outras providências. Disponível em:<<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1070**, de 23 de junho de 2021. Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba. Prorroga o prazo previsto no artigo 21 do Decreto Municipal n.º 960, de 8 de junho de 2021, e dá outras providências.. Disponível em:<<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>> Acesso em: 1 jul. 2021.

_____. **Decreto nº 1080**, de 17 de agosto de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas às atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela - conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1130**, de 7 de julho de 2021. Dispõe sobre medidas restritivas às atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela - conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

_____. **Decreto nº 1137**, de 18 de dezembro de 1995. Institui incentivos construtivos para galerias comerciais e edifícios de uso habitacional na zona central. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/1995/113/1137/decreto-n-1137-1995-institui-incentivos-para-galerias-comerciais-e-edificios-de-uso-habitacional-na-zona-central>>. Acesso em: 2 out. 2020.

_____. **Decreto nº 1160**, de 4 de setembro de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços, para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja - com medidas intermediárias, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1180**, de 21 de julho de 2021. Prorroga o prazo no artigo 20 do Decreto Municipal n.º 1.130, de 7 de julho de 2021. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

_____. **Decreto nº 1270**, de 25 de setembro de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas às atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela - conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1350**, de 9 de outubro de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas às atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela - com medidas intermediárias, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1490**, de 6 de novembro de 2020. (Dispõe sobre medidas restritivas às atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco de Alerta - Bandeira Amarela - com medidas intermediárias, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em:

<<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1600**, de 27 de novembro de 2020. (2020). Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços, para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja - com medidas intermediárias, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1640**, de 4 de dezembro de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 1710**, de 17 de dezembro de 2020. Dispõe sobre medidas restritivas a atividades e serviços para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública, de acordo com o quadro epidêmico do novo Coronavírus (COVID-19) e a situação de Risco Médio de Alerta - Bandeira Laranja, conforme Protocolo de Responsabilidade Sanitária e Social de Curitiba. Disponível em: <<https://legisladoexterno.curitiba.pr.gov.br/AtosConsultaExterna.aspx?marcador=Covid-19%20Legisla%C3%A7%C3%A3o&auto=1>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 15824**, de 6 de abril de 2021. Dispõe sobre prêmios e incentivos construtivos no Município de Curitiba e dá outras providências. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/emyxf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. **Decreto-lei nº 9**, de 27 de outubro de 1941. Disponível em:<<https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/nossa-memoria/legislacao-1902-1945>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

_____. **Decreto-lei nº 46**, de 14 de maio de 1948. Dá a denominação de Coronel Menna Barreto Monclaro a uma das ruas da cidade. Disponível em:<<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1948/5/46/lei-ordinaria-n-46-1948-da-a-denominacao-de-coronel-menna-barreto-monclaro-a-uma-das-ruas-da-cidade>>. Acesso em: 24 fev. 2022

_____. **Lei nº 699**, de 16 de julho de 1953. Dispõe sobre o código de posturas e obras do município de Curitiba. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1953/70/699/lei-ordinaria-n-699-1953-dispoe-sobre-o-codigo-de-posturas-e-obras-do-municipio-de-curitiba-ficando-revogadas-as-leis-n-480-de-26-4-1917-lei-n-527-de-23-1-1919-lei-n-579-de-24-12-1920-lei-n-630-de-2-5-1924-lei-n-642-de-5-11-1924-lei-n-717-de-4-11-1928-lei-n-769-de-27-5-1929-decreto-n-29-de-14-7-1934-decreto-n-27-de-13-8-1935-decreto-n-28-de-13-8-1935-lei-n-50-de-25-1-1937-lei-n-76-de-26-10-1937-decreto-lei-n-8-de-5-4-1939-decreto-n-15-de-18-7-1939-decreto-n-19-de-3-8-1939-decreto-lei-n-9-de-27-10-1941-decreto-lei-n-20-de-15-1-1942-decreto-lei-n-21-de-15-1-1942-decreto-lei-n-25-de-20-2-1942-decreto-lei-n-77-de-28-7-1943-lei-n-17-de-24-2-1946-decreto-lei-n-146-de-9-9-1946-lei-n-57-de-3-6-1948-lei-n-105-de-2-8-1948-decreto-n-287-de-3-10-1948-lei-n-217-de-19-9-1949-lei-n-305-a-de-10-1-1951-lei-n-475-de-6-5-1952-lei-n-674-de-13-6-1953?q=GALERIAS+COMERCIAIS>>. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. **Lei nº 714**, de 31 de agosto de 1953. Regula os padrões para a construções na 1ª Zona do Município. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/mpieb>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. **Lei nº 2197**, de 20 de setembro de 1962. Regula a construção de galerias internas em edifícios. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1962/220/2197/lei-ordinaria-n-2197-1962-regula-a-construcao-de-galerias-internas-em-edificios?q=GALERIAS+COMERCIAIS>. Acesso em: 8 out. 2019.

_____. **Lei nº 2741**, de 31 de dezembro de 1965. Altera o artigo 2º, suprime o artigo 7º e o item II do artigo 11 da lei nº 2197/62. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1965/274/2741/lei-ordinaria-n-2741-1965-altera-o-artigo-2-suprime-o-artigo-7-e-o-item-ii-do-artigo-11-da-lei-n-2197-62>>. Acesso em: 2 out. 2020.

_____. **Lei nº 2828**, de 31 de julho de 1966. Institui o Plano Diretor de Curitiba e aprova as suas diretrizes básica, para orientação e controle do desenvolvimento integrado do município, revogando as leis nº 1875/60; 1951/60; 1908/60; 2100/61; 2123/62; 2154/62. Disponível em:< <http://leismunicipa.is/dplam>>. Acesso em 26 fev. 2022.

_____. **Lei nº 4199**, de 8 de maio de 1972. Dispõe sobre zoneamento urbano de Curitiba, e revoga os artigos 5º a 41 da Lei Nº 2828/66, o artigo 36 da Lei Nº 2942/66, e as leis 2995/67 e 3503/69.

_____. **Lei nº 5234**, de 10 de dezembro de 1975 b. Modifica a Lei Nº 4199/72 e dá outras providências. Disponível em:< <http://leismunicipa.is/mhpf>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. **Lei nº 9800**, de 3 de janeiro de 2000 c. Dispõe sobre o zoneamento e ocupação do solo no Município de Curitiba, revoga as leis nº 4199/72, 5234/75, 5263/75, 5490/76, 6204/81, 6769/85, 7068/87 e 7622/91, e dá outras providências. Disponível em:< <http://leismunicipa.is/dncpe>> . Acesso em: 26 fev. 2022.

_____. **Lei nº 14771**, de 17 de dezembro de 2015. Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Curitiba de acordo com o disposto no art. 30, § 3º, do Estatuto da Cidade, para orientação e controle do desenvolvimento integrado do município. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2015/1477/14771/lei-ordinaria-n-14771-2015-dispoe-sobre-a-revisao-do-plano-diretor-de-curitiba-de-acordo-com-o-disposto-no-art-40-3-do-estatuto-da-cidade-para-orientacao-e-controle-do-desenvolvimento-integrado-do-municipio>>. Acesso em: 2 out. 2019.

_____. **Lei nº 15511**, de 10 de outubro de 2019. Dispõe sobre o zoneamento, uso e ocupação do solo no Município de Curitiba e dá outras providências. Disponível em: <<https://mid.curitiba.pr.gov.br/2020/00304472.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CURITIBA, Secretaria Municipal da Saúde de. Sistema de monitoramento por bandeiras baliza novo programa de responsabilidade sanitária em Curitiba. **Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba**, Curitiba, 10 de junho de 2020. Disponível em: <<https://saude.curitiba.pr.gov.br/noticias/1557-sistema-de-monitoramento-por-bandeiras-baliza-novo-programa-de-responsabilidade-sanitaria-em-curitiba.html>>. Acesso em: 8 jun. 2022.

CURITIBA TURISMO. **Linha Turismo**. [s/d]. Disponível em:< <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linha-turismo/10>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

DIAS, F.S. **As galerias comerciais em Juiz de Fora após os anos 2000**: demandas, agentes e projetos. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: [https://www.ufjf.br/ambienteconstruido/files/2017/05/Disserta%
c3%a7%c3%a3o-Fabr%
c3%adcio-Dias.pdf](https://www.ufjf.br/ambienteconstruido/files/2017/05/Disserta%c3%a7%c3%a3o-Fabr%c3%adcio-Dias.pdf) > Acesso em: 3 jul. 2020.

DE CASTRO, A. C. V. Richard Morse e América Latina: circulação de conhecimentos, saberes múltiplos e a história cultural urbana (1960-1970). **IBEROAMERICANA. América Latina-España-Portugal**, v. 20, n. 74, p. 83-100, 2020.

DO RIO CALDEIRA, T. P. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos estudos CEBRAP**, v. 47, p. 155-76, 1997. Disponível em:< http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Enclaves-fortificados_segregacao-urbana.pdf >. Acesso em: 8 jun. 2021.

ĐOKIĆ, Vladan. Morphology and typology as a unique discourse of research. **SAJ: Serbian architectural journal**, v. 1, n. 2, p. 107-130, 2009. Disponível em: <<http://raf.arh.bg.ac.rs/handle/123456789/481>> . Acesso em: 24 out. 2020.

DUDEQUE, I.T. **Nenhum dia sem uma linha**: uma história do urbanismo em Curitiba. São Paulo, Brasil: Studio Nobel, 2010.

ESPAÇO CULTURAL GALERIA JÚLIO MOREIRA. [s/d]. Disponível em:<<https://www.curitiba.pr.gov.br/locais/espaco-cultural-galeria-julio-moreira/1103>> Acesso em: 1 jul. 2021

FLAT.COM.BR. **Hub**. [s/d]. Foto. Disponível em: <<https://www.flat.com.br/curitiba/hub>>. Acesso em: 4 mai. 2022.

FRITZSONS, E.; MANTOVANI, L. E.; WREGE, M. S. Os biomas e o clima das capitais do Brasil. **Embrapa Florestas-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2017. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1074431>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FONSECA, P. T. da. **Ruínas de São Francisco**: paisagens de resistência.

.106 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62082>>. Acesso em: 1 out. 2020.

GARCÍA, F. E. S. **A cidade reinventada**: o papel do turismo urbanístico em Curitiba. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/834.pdf>> . Acesso em: 1 jul. 2020.

GALERIA Glaser: conheça a história do comércio centenário. **Galeria Glaser**, Curitiba, 15 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://galeriaglaser.com.br/galeria-glaser/>>. Acesso em: 4 mai. 2022.

GEIST, J.F. **Arcades: the history of a building type**. Londres: MIT Press, 1985.

GNOATO, S. **Arquitetura do movimento moderno em Curitiba**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

GOOGLE EARTH, 2012. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/>> Acesso em: 11 mai. 2022.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. 2. ed. 2. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HORTA, E.; KÓS, J. **Experiências Urbanas nas Galerias de Copacabana**. 2013. Disponível em:<<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1803/1/E2051.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 1940-2010**. Até 1970 dados extraídos de: Estatísticas do século XX. Rio

de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1981, vol. 42, 1979. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

IRAZÁBAL, C. Desenho Urbano, Planejamento e Políticas de Desenvolvimento em Curitiba. En DEL RIO, V.; SIEMBIEDA, W.(Orgs). **Desenho Urbano contemporâneo no Brasil (179-197)**, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC. **Arcadas das Ruínas**. Curitiba: 1993. Projeto.

_____. **Arcadas das Ruínas**. Curitiba: 1994. Projeto.

_____. **Curitiba e arredores- Planta Preliminar de Arruamento**: Folha Centro. Curitiba: 1971. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Arruamento/Quadras. SIRGAS. 2021. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Calçadão. SIRGAS. 2021. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Praças e jardinetes. SIRGAS. 2021. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Eixos de rua. SIRGAS. 2021. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Divisa de Bairros. SIRGAS. 2018. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Lotes. SIRGAS. 2021. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Dados geográficos**. Shapefile. Zoneamento. SIRGAS. 2019. Disponível em: <<https://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Mapa de Arruamento**: Folha Centro. Curitiba: 1982. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Mapa de Arruamento**: Folha Centro. Curitiba: 1988. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Mapa de Arrumamento:** Folha Centro. Curitiba: 1993. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Mapa de Arrumamento:** Folha Centro. Curitiba: 1998. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Mapa de Arrumamento:** Folha Centro. Curitiba: 1999. 1 mapa. Escala 1:10.000. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Plano municipal de mobilidade urbana e transporte integrado.** 2008. Disponível em: < <http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=312>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Planos setoriais- mobilidade urbana e transporte integrado:** Diagnóstico. 2020. Disponível em: < <http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=312>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Projeto Revivendo Curitiba:** Rua Comendador Araújo. 1997. Disponível em: < https://ippuc.org.br/visualizar.php?doc=https://admsite2013.ippuc.org.br/arquivos/documentos/D596/D596_027_BR.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

_____. **Rua 24 horas.** Curitiba:[s/d]. Projeto.

_____. **Rua 24 horas - Rua Coronel Menna Barreto Monclaro.** Curitiba: 1984. Projeto.

_____. **Rua 24 horas.** Curitiba: 1989. Projeto.

_____. **Rua 24 horas.** Curitiba: 1990. Projeto.

_____. **Rua 24 horas.** Curitiba:1991. Projeto.

_____. **Rua Coronel Menna Barreto Monclaro.** Curitiba: 1971. Projeto. Escala: 1:500.

_____. **Ruas de pedestres, praças e largos na área central de Curitiba.** Curitiba: 2000.1 mapa. s/ escala. Disponível em: https://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm. Acesso em: 21 fev. 2022.

KIPNIS, J. 'Re-originating Diagrams'. In: **Peter Eisenman: Feints**, ed. by Silvio Cassarà, Milan: Skira, 2006, p. 196.

JACOBY, S. Type versus typology Introduction. **The Journal of Architecture**, v. 20, n. 6, p. 931-937, 2015 a.

_____. Typal and typological reasoning: a diagrammatic practice of architecture. **The Journal of Architecture**, v. 20, n. 6, p. 938-961, 2015 b. Disponível em < https://researchonline.rca.ac.uk/2014/1/Jacoby_Type%20vs%20Typology.pdf > . Acesso em: 2 set. 2020.

_____. **Drawing architecture and the urban**. John Wiley & Sons, 2016.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

LAWSON, B. **Como arquitetos e designers pensam**. Oficina de textos, 2015.

LEE, C.C.M.; JACOBY, S. Typological urbanism and the idea of the city. **Architectural Design**, v. 1, n. 81, p. 14-23, 2011.

LIMA, N.T. Habitação e infraestrutura urbana. **Estatísticas do século XX**, 2009.

LUCAS, R. **Research methods for architecture**. London: Laurence King Publishing Ltd, 2016.

LYRA, C.I. C. de O.; PARCHEN, R. C.; LA PASTINA FILHO, J. **Espirais do Tempo: Bens Tombados do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: 2006. Disponível em :< <https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/Pagina/Espirais-do-Tempo#:~:text=A%20%C3%A1rea%20tombada%20tem%20386,e%20a%20Ferrovia%20Curitiba%2DParanagu%C3%A1.>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MAHFUZ, Edson. Tradição e invenção (uma dialética fundamental). **Revista AU- Arquitetura e Urbanismo**, p. 70-4, 1987.

MATA BOTELLA, Elena. **El análisis gráfico de la casa**. Madrid: Tesis doctoral inédita. Universidad Politécnica de Madrid, 2002.

MARTÍ ARÍS, C. **Las variaciones de la identidad**. Ensayo sobre el tipo en arquitectura. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1993.

MARTÍN HERNÁNDEZ, M. **La tipología en la Arquitectura**. 1984. Tese de Doutorado. Disponível em:< <https://accedcris.ulpgc.es/bitstream/10553/1914/1/779.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MEINERS, W. E. M. D. A.; SILVA, R. A. G.; ROSANELI, A. F. Espaço público de propriedade privada em Curitiba (brasil): o Boulevard da Neo Superquadra. **Oculum Ensaio**, v. 17, 2020. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3517/351763475004/351763475004.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

MENEZES, F.Z. Em Curitiba, Galeria Júlio Moreira é um exemplo de espaço de arte subterrâneo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 abr. 2016. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/em-curitiba-galeria-julio-moreira-e-um-exemplo-de-espaco-de-arte-subterraneo-2g4llmgr7eel86561pa4ysivo/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

MONEO, R. On typology. **Oppositions** 13, 1978.

MONTANER, J.M. Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação. Editorial Gustavo Gili, 2017.

NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006. cap. 5, p.267-289.

NOGUEIRA, C. N. **Planejamento e preservação de centros urbanos**: análise da rua XV de Novembro em Curitiba (PR).106 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65629>>. Acesso em: 7 mai. 2020.

PAI, H. The diagrammatic construction of type. **The Journal of Architecture**, v. 20, n. 6, p. 1088-1104, 2015.

PARANÁ, Governo do Estado do. **Decreto nº 4301**, de 19 de março de 2020. Altera dispositivo do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Disponível em:<<https://leisestaduais.com.br/pr/decreto-n-4301-2020-parana-altera-dispositivo-do-decreto-no-4-230-de-16-de-marco-de-2020-que-dispoe-sobre-as-medidas-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-decorrente-do-coronavirus-covid-19?q=4301%202020>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. **Decreto nº 4311**, de 20 de março de 2020. Altera dispositivo do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/pr/decreto-n-4311-2020-parana-altera-o-decreto-n-4230-de-16-de-marco-de-2020-que-dispoe-sobre-as-medidas-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-decorrente-do-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 9 jun. 2021

_____. **Nota orientativa nº 34**, de 22 de maio de 2020. Medidas de prevenção e controle para shopping centres, centros comerciais e galerias. Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/arquivos/2205medidasshoppings.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2021

PECHMANN, J. **Galeria Julio Moreira**. 1973 a .

_____. **Galeria Julio Moreira**. 1974 .

_____. **Galeria Subterrânea Rua José Bonifácio**. 1973 b.

PEIXE, M.; TAVARES, S. A linguagem de padrões de Christopher Alexander: parâmetros projetuais para a humanização do espaço construído. **Arquitextos**, São Paulo, ano, v. 18, 2018. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6866>>. Acesso em: 1 out. 2021.

PERCICOTTI, S. **Condomínio Edifício Asa**. Curitiba: 1999. Projeto

PEREZ, J.L.S. **As galerias comerciais de Pelotas e a percepção de lugar**. 63 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/2272>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

PETERLINI, C. R. **A(re)construção de um lugar**: planejamento e apropriação do espaço no setor histórico de Curitiba. 209 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://nau.paginas.ufsc.br/files/2010/09/A-ReConstru%C3%A7%C3%A3o-de-um-Lugar.pdf>> Acesso em: 24 out. 2020.

Plano de Urbanização de Curitiba. *In*: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Boletim PMC**. Ano II, nº.12. Curitiba: Nov.dez.1942, Imprensa Gráfica Paranaense. p.10.

PROJETEEE- PROJETANDO EDIFICAÇÕES ENERGETICAMENTE EFICIENTES. **Estratégias bioclimáticas**: condições de conforto. Curitiba/PR. 2022. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/estrategias-bioclimaticas/?cidade=PR+-+Curitiba&id_cidade=bra_pr_curitiba-pena.intl.ap.838400_try.1969>. Acesso em: 29 mai. 2022

_____. **Estratégias bioclimáticas**: condições de conforto. Florianópolis/SC. 2022. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/estrategias-bioclimaticas/?cidade=SC+-+Florian%C3%B3polis&id_cidade=bra_sc_florianopolis-luz.ap.838990_try.1963>. Acesso em: 29 mai. 2022.

_____. **Estratégias bioclimáticas**: condições de conforto. Porto Alegre/RS. 2022. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/estrategias-bioclimaticas/?cidade=RS+-+Porto+Alegre&id_cidade=bra_rs_porto.alegre-filho.intl.ap.839710_try.1954>. Acesso em: 29 mai. 2022.

_____. **Estratégias bioclimáticas**: condições de conforto. Rio de Janeiro/RJ. 2022. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/estrategias-bioclimaticas/?cidade=RJ+-+Rio+de+Janeiro&id_cidade=bra_rj_rio.de.janeiro-galeao-jobim.intl.ap.837460_try.1963>. Acesso em: 29 mai. 2022.

_____. **Estratégias bioclimáticas**: condições de conforto. São Paulo/SP. 2022. Disponível em: <http://www.mme.gov.br/projeteee/estrategias-bioclimaticas/?cidade=SP+-+S%C3%A3o+Paulo&id_cidade=bra_sp_sao.paulo-congonhas.ap.837800_try.1954>. Acesso em: 29 mai. 2022.

ROSSI, A. **The architecture of the city**. Cambridge, Massachusets; London, England: MIT Press, 1984.

ROSANELI, A. F. et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 8, p. 359-374, 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/urbe/a/HfQ9PBqsKgpRGjdbBNBSx3p/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SATO, L.L. **Espaços compartilhados**: uma proposta para a democratização dos espaços livres de circulação no entorno da Praça Osório. 28 f. Artigo (Especialização

Projeto e Paisagem Urbana), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/53503>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SATURNINO, Rodrigo. O último suspiro do flâneur. **Recensio- Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 08, 2015. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

SILVA, Raquel; BIONDI, Daniela. Turismo e condições meteorológicas: o papel do clima sobre a demanda de visitação em um atrativo turístico de Curitiba, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, 2014. Disponível em: < <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2014a/MULTIDISCIPLINAR/O%20Turismo.pdf> >. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOBRE A RUA 24 HORAS. [S. l.], [2011]. Disponível em: <<http://rua24horas.com.br/sobre/>>. Acesso em: 8 out. 2019.

TEATRO UNIVERSITÁRIO DE CURITIBA – TUC. [s/d]. Disponível em:< <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/teatro-universitario-de-curitiba-r-tuc/>>. Acesso em: 06 out. 2021.

TEIXEIRA, L. E. F. [et al.]. Itinerário das galerias e marquises modernas de Florianópolis: arquitetura produzindo novas relações urbanas. **A: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**. "VII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Montevideo, junio 2015". Barcelona: DUOT, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2117/81333> Acesso em: 17 jul.2020

URBANIZAÇÃO DE CURITIBA S/A-URBS. **História do transporte**. [s/d]. Disponível em:< <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/historia-transporte>>. Acesso em: Acesso em: 14 abr. 2022.

VARGAS, H. C. **Espaço terciário: O lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. 2. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2018.

_____. O Papel das galerias comerciais na revitalização do centro de São Paulo, **Revista URBS**, São Paulo, v. 8, p. 41-49, 1998. Disponível em: < <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/08/1998-O-PAPEL-DAS-GALERIAS-COMERCIAIS.pdf> >. Acesso em: 8 out. 2019.

VELOSO, M. (2020). Arquitetura e enfrentamento de pandemias no século XXI. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 5(3), p.203-205. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/22696> >. Acesso em: 8 jun. 2021.

VIDLER, A. A terceira tipologia. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1976]. cap. 5, p.285-289.

WEIGERT, I. **Entre a preservação e o desenvolvimento: a Rua Riachuelo na Área central de Curitiba**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/70199/R%20-%20D%20-%20IVILYN%20WEIGERT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

ZARUCH. J. **Linha de turismo.** 2019. Disponível em: <<https://www.juliozaruch.com.br/tag/linha-turismo/>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

APÊNDICE - AS GALERIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Como registro histórico, considerando que momento em que esta pesquisa foi realizada, averiguou-se os impactos da pandemia da COVID-19 nas galerias comerciais através da investigação dos documentos oficiais municipais e estaduais que determinaram o funcionamento delas, relacionados às medidas sanitárias de distanciamento social

Nos últimos anos, no Brasil, vê-se um movimento de tendência de prevalência dos ambientes privatizados, fechados e monitorados, no caso da arquitetura comercial, exemplificado pelos *shopping centers*. Esse fenômeno é consequência de um enfoque político de controle do espaço, cuja justificativa é fomentada pelo medo obsessivo da violência. Portanto, a metrópole contemporânea brasileira é espacialmente fragmentada e pensada para a mobilidade a partir de veículos motorizados individuais, o que dificulta a circulação ativa de pessoas no ambiente urbano (DO RIO CALDEIRA, 1997; MEINERS; SILVA; ROSANELI, 2020).

A crise sanitária da COVID-19 fortaleceu radicalmente o domínio do privado na escala residencial, obviamente por conta das medidas distanciamento social para o controle da transmissão do vírus. Como o comércio depende da socialização de pessoas, as relações comerciais se modificaram com a pandemia (VARGAS, 2018). As vendas digitais cresceram 41% no Brasil em 2020 (BÚRIGO, 2021). E, ainda, a forma como as pessoas se movimentam no ambiente urbano foi afetado: nos momentos mais críticos da pandemia passou-se a circular pelas ruas apenas por conta de algum objetivo específico, o perambular pela cidade foi inibido. Esses três fenômenos impactam fortemente no uso das galerias comerciais, entendendo-as como locais de comércio e do flunar.

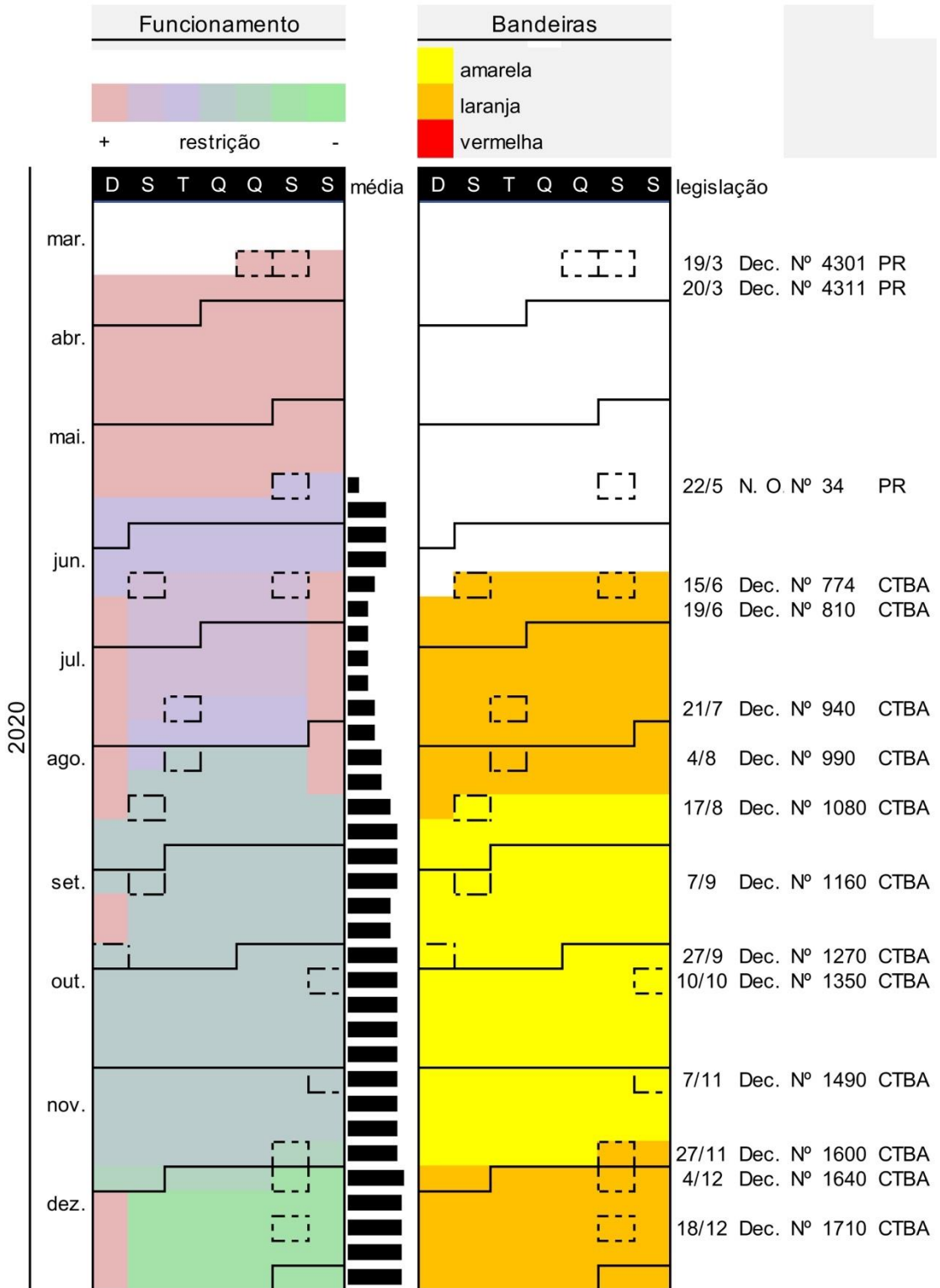
A partir de março de 2020, foi estabelecida uma sucessão de legislações tanto da Prefeitura Municipal de Curitiba quanto do Governo do Estado do Paraná que indicavam o funcionamento dos estabelecimentos comerciais, entre eles das galerias. Analisou-se em especial os documentos que indicam a possibilidade de passagem pelas galerias, em quais dias da semana e os horários. A última legislação que apresenta este critério foi emitida em julho de 2021.

Desde junho de 2020, em Curitiba passou-se a adotar um sistema de bandeiras, cujas cores indicam as estratégias de enfrentamento da crise sanitária. São três níveis, cada um correspondendo a uma cor: amarela correspondente às medidas

mais brandas, laranja àquelas intermediárias e vermelha às mais restritivas. A determinação da cor da bandeira era feita a partir de um sistema de notas de nove indicadores, que são divididos em dois grupos: capacidade de atendimento da rede de saúde e nível de propagação da doença (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE CURITIBA, 2020).

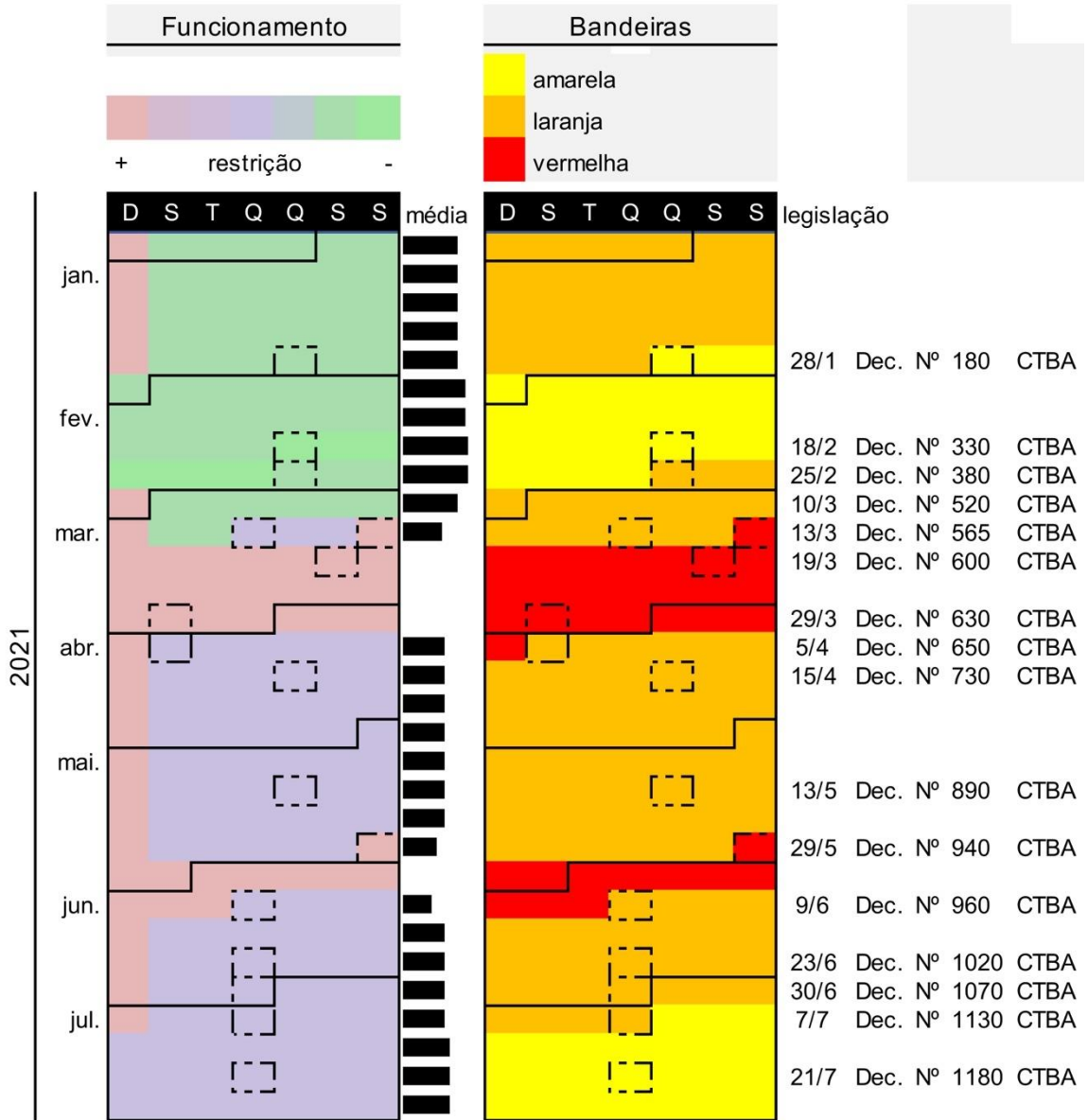
As figuras a seguir apresentam os calendários de 2020 e 2021. Foram locados os 31 documentos analisados, destacadas as cores das bandeiras, a graduação de restrição de funcionamento e a média de tempo semanal em que as galerias comerciais poderiam permanecer abertas. Ao longo dos 17 meses retratados, as regras de atividade foram mudadas 18 vezes, em 14 modalidades diferentes, variando de fechamento total à permissão de abertura com ou sem restrições (Figura 55 e Figura 56).

Figura 55- Calendário 2020: medidas sanitárias de combate à pandemia da COVID-19 relacionadas às galerias comerciais



Fonte: Autora (2022)

Figura 56- Calendário 2021: medidas sanitárias de combate à pandemia da COVID-19 relacionadas às galerias comerciais



Fonte: Autora (2022)

Ao analisar as figuras acima, ficou evidente que a determinação de abertura ou o fechamento de grande parte das legislações não foi baseada em critérios claros. Apesar de haver uma consistência de suspensão de atividades durante a vigência da bandeira vermelha, para as bandeiras amarela e laranja houve variações. Nos períodos de vigência de bandeira amarela, as regras de funcionamento das galerias variaram três vezes. Já nos períodos de bandeira laranja, as especificações mudaram oito vezes, demonstrando consistência apenas a partir do decreto municipal Nº 650, de abril de 2021.

A inconsistência entre o nível de bandeira e as regras de funcionamento demonstra uma provável pressão das associações comerciais sobre a prefeitura de Curitiba. Como se pode observar que no mês de dezembro no período antes do Natal, apesar da vigência da bandeira laranja, o horário permitido de funcionamento é um dos maiores dentre as 14 modalidades: os estabelecimentos comerciais poderiam funcionar por 13 horas diárias, de segunda-feira a sábado.

Analisando os textos, tanto dos decretos municipais de incentivo construtivo de galerias comerciais, incluindo o mais recente, advindo da Lei Nº 15824/ 2021, quanto das legislações relativas ao funcionamento desses espaços no âmbito da pandemia do COVID-19, pode-se observar que há uma divergência na maneira como as secretarias municipais de Curitiba entendem a natureza desse tipo arquitetônico.

De um lado, a Secretaria Municipal de Urbanismo e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) justificam a existência dos incentivos através do discurso de promover a ampliação, a diversificação e a qualificação de áreas de circulação de pedestres em espaços de uso público. Embora determinem que a maior parte do perímetro da galeria deva ser ocupado por lojas, a justificativa dos estímulos para construção do tipo não está pautada no aumento da oferta comercial. Portanto, é uma visão compatível com o entendimento de que as galerias são espaços de uso público de propriedade privada, atalhos para pedestres e áreas de transição.

Por outro lado, as legislações relacionadas ao enfrentamento da crise sanitária, emitidas pela Secretaria Municipal da Saúde, demonstram uma visão de que as galerias são lugares essencialmente comerciais, relacionando-as a outros tipos de função similar, como centros comerciais, lojas de ruas e *shopping centers*.

Ainda é difícil mensurar quais serão os impactos a longo prazo da pandemia da COVID-19 para as galerias curitibanas, decorrente tanto das medidas de restrição

de funcionamento, quanto das possíveis mudanças nas relações comerciais e urbanas.

Dois cenários se delineiam: o primeiro seria a manutenção da prevalência do reino do privado no ambiente residencial, a casa como refúgio e fortaleza que agrega todas as atividades de lazer e trabalho; pelo predomínio da mobilidade a partir de veículos individuais motorizados; e pelo crescimento do *e-commerce*. Nesse cenário, as galerias podem deixar de existir, por não funcionarem nem como rede de circulação de pedestres, nem como locais de trocas comerciais, mas apenas como sistema de acesso aos pavimentos superiores das edificações onde estão inseridas.

O segundo cenário seria uma resposta de oposição à privação e à limitação da circulação, da utilização dos espaços públicos e da socialização. Aqui forma-se um equilíbrio entre a esfera pública e a privada, e por isso as galerias comerciais provavelmente fariam mais sentido do que os *shopping centers*. Pois, o tipo galeria comercial manifesta um franco contato com a rua, promovendo uma maior liberdade de ir e vir, o que estimula a mobilidade ativa através do caminhar. E ainda, apresenta uma melhor ventilação natural dos espaços internos (VELOSO, 2020). Tal cenário só seria possível se vier acompanhado de um fortalecimento do comércio local.

Espera-se que o futuro se direcione para esse segundo cenário, não apenas pelas galerias comerciais em si, mas sobre o que elas representam e suas lições arquitetônicas. Segundo Hertzberguer (2006), o tipo galeria comercial evidencia que é possível haver um equilíbrio, através da arquitetura, entre abertura e fechamento dos espaços, em que o limiar entre o público e o privado não seja evidente, mas algo meramente administrativo. Para ele, o domínio privado pode ser mais acessível ao se tornar menos fortificado, enquanto o domínio público pode ser mais sensível às individualidades dos usuários. O autor ainda reforça que esse equilíbrio despolarizado é reflexo de uma sociedade aberta, como a dos Países Baixos. Entende-se ainda que o tipo evidencia a importância da agregação disciplinar entre a arquitetura e o urbanismo. Portanto, almeja-se que o período pós-pandemia em Curitiba seja de experiências urbanas e arquitetônicas mais democráticas.